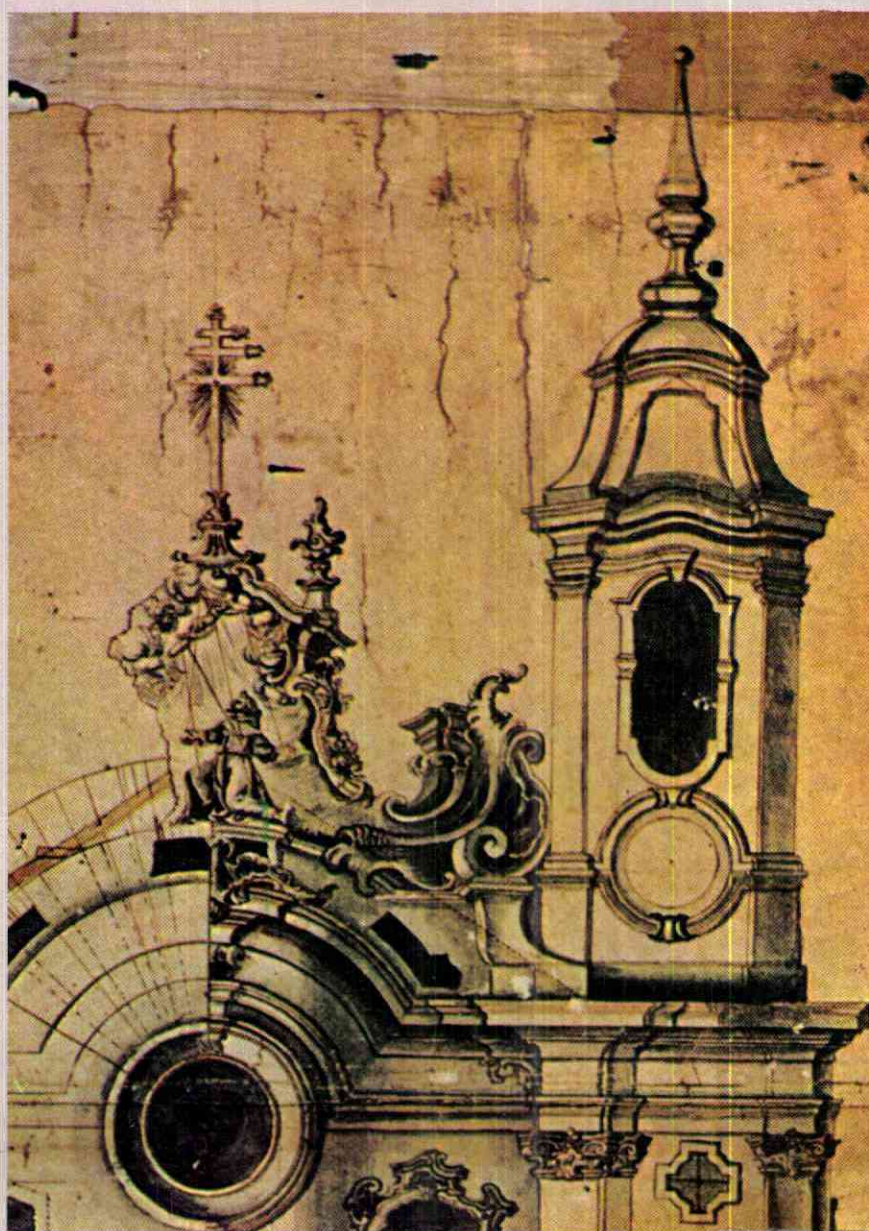


Affonso Ávila
João Marcos Machado Gontijo
Reinaldo Guedes Machado

BARROCO MINEIRO GLOSSÁRIO DE ARQUITETURA E ORNAMENTAÇÃO

3ª edição revista e ampliada
Ensaio introdutório de Affonso Ávila



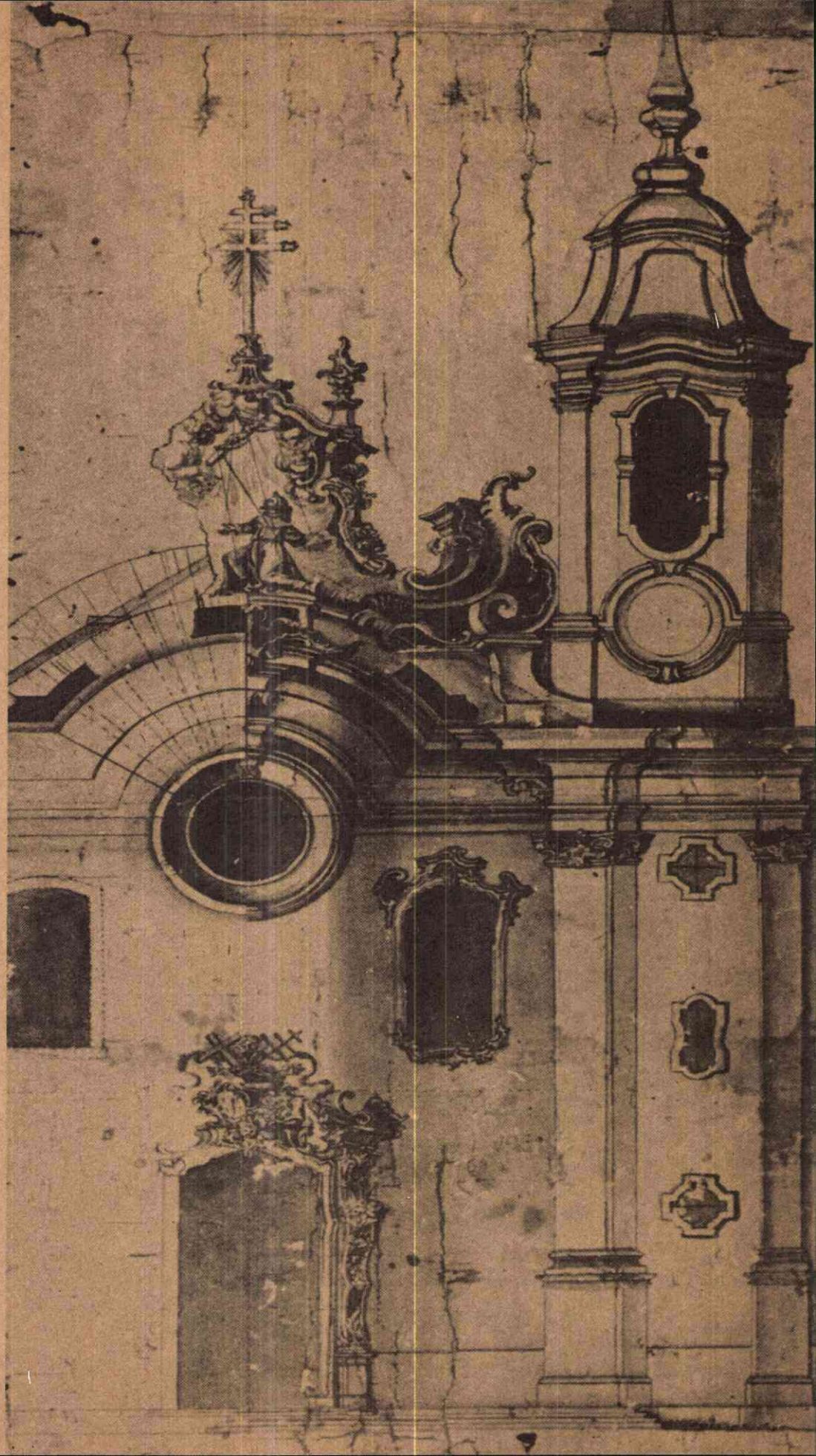
HEIRO
ERATS

Coleção
MINEIRIANA
Série Obras de Referência

Recebi do Cíndico
Normas do Procurador
alopta da obra do 2º
artº devido para esta
V.ª Pica 22 de 20

da Orde 3. del. Fran.
Corenta Oytaua de ouro
do da Capeta mor e por
dem. Letra avinal
n.º 81792

Fr. Fran. Lis



BARROCO MINEIRO GLOSSÁRIO DE ARQUITETURA E ORNAMENTAÇÃO

APOIO CULTURAL

F A P E M I G

Governador

EDUARDO AZEREDO

Secretário de Estado do Planejamento e Coordenação Geral

WALFRIDO MARES GUIA

Presidente da Fundação João Pinheiro

ROBERTO BORGES MARTINS

Diretora do Centro de Estudos Históricos e Culturais

ELEONORA SANTA ROSA

ISBN 85-85930-08-X

Ávila, Affonso

A958b Barroco mineiro glossário de arquitetura e ornamentação / Affonso Ávila, João Marcos Machado Gontijo, Reinaldo Guedes Machado; ensaio introdutório de Affonso Ávila. -- 3.ed.rev. e ampl. -- Belo Horizonte : Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996.

232p. : il (Coleção Mineiriana)

I. Arquitetura barroca-Minas Gerais-Dicionários. 2. Arte barroca-Minas Gerais-Dicionários. I. Ávila, Affonso. II. Gontijo, João Marcos Machado. III. Machado, Reinaldo Guedes. IV. Título. V. Série.

CDD: 709.33

CDU: 7.034.7(815.1) (03)

Elaborada pela Divisão de Planejamento e Divulgação da Biblioteca Universitária da UFMG.

MT
12(03)
A9082
3. x d.

Affonso Ávila
João Marcos Machado Gontijo
Reinaldo Guedes Machado

BARROCO MINEIRO GLOSSÁRIO DE ARQUITETURA E ORNAMENTAÇÃO

3ª edição revista e ampliada
Ensaio introdutório de Affonso Ávila

Sistema Estadual de Planejamento
Fundação João Pinheiro
Centro de Estudos Históricos e Culturais

Belo Horizonte
1996

Coleção
MINEIRIANA
Série Obras de Referência

CONSELHO EDITORIAL

Affonso Ávila, Affonso Romano de Sant'Anna, Amílcar Vianna Martins Filho, Ângela Gutierrez, Antônio Octávio Cintra, Aluísio Pimenta, Angelo Oswaldo de Araújo Santos, Bernardo Mata Machado, Celina Albano, Cyro Siqueira, Clélio Campolina Diniz, Douglas Cole Libby, Fábio Lucas, Fábio Wanderley Reis, Fernando Correia Dias, Francisco Iglésias, Gerson de Brito Mello Boson, Guy de Almeida, Hindemburgo Chateaubriand Pereira Diniz, Isaías Golgher, Jarbas Medeiros, João Antônio de Paula, José Aparecido de Oliveira, José Bento Teixeira de Salles, José Ernesto Ballstaedt, José Israel Vargas, José Murilo de Carvalho, Júlio Barbosa, Lucília de Almeida Neves Delgado, Luis Aureliano Gama de Andrade, Maria Efigênia Lage de Resende, Maria Antonieta Antunes Cunha, Miguel Augusto Gonçalves de Souza, Norma de Góes Monteiro, Otávio Soares Dulci, Orlando M. Carvalho, Paulo Tarso Flecha de Lima, Paulo Roberto Haddad, Paulo de Tarso Almeida Paiva, Pio Soares Canedo, Roberto Martins, Roberto Brant, Rui Mourão, Vera Alice Cardoso, Vivaldi Moreira, Walter Moreira Salles.



F.J.P. BIBLIOTECA



60001736

SERIE OBRAS DE REFERENCIA

Coordenação editorial

ELEONORA SANTA ROSA

Projeto gráfico e arte

SEBASTIÃO NUNES

Produção executiva

ROSELI RAQUEL A. FREIRE DOS SANTOS

Desenhos

JOÃO MARCOS MACHADO GONTIJO

Fotografia (Acervo FJP)

EULER ANDRÉS

GEORGE HELT

MAURÍCIO ANDRÉS RIBEIRO

abcdefghijklm
nopqrstuvwxyz

Ch. Rand

BARROCO MINEIRO
GLOSSÁRIO DE ARQUITETURA
E ORNAMENTAÇÃO

O QUE É O BARROCO MINEIRO

Este *Glossário* foi por nós organizado, em equipe com os arquitetos João Marcos Machado Gontijo e Reinaldo Guedes Machado, na sua versão preliminar, com a finalidade de servir de orientação para os levantamentos de vistoria e inventário de Bens Culturais procedidos, dentro do Programa de Recuperação de Cidades Históricas de Minas Gerais, pelos técnicos da Fundação João Pinheiro. Com a sua utilização, procurava-se dar maior homogeneidade às análises de descrições de edificações religiosas e civis, de modo a evitar, quanto possível, duplicidade ou imprecisões de terminologia.

Entretanto, logrou o trabalho repercussão mais ampla e acima de seu alcance imediato, ficando patenteado um interesse bastante generalizado pela mais larga utilidade informativa e didática que o mesmo poderia apresentar, se divulgado em tiragem capaz de atender a uma demanda maior de pessoas voltadas para a importância da matéria aqui codificada. A Fundação João Pinheiro decidiu, em consequência, promover, com apoio de instituições atuantes no mesmo campo de vocação cultural e em compatível padrão gráfico, edições de mais dilatado alcance deste elucidário técnico-artístico.

Levando-se em conta a nova destinação do trabalho, foi ele acrescido de algumas centenas de verbetes, de modo a oferecer um leque mais abrangente de informes sobre o chamado Barroco Mineiro, suas técnicas construtivas, seus processos arquitetônicos e de ornamentação e os vários aspectos históricos, artísticos e materiais que os envolvem e caracterizam. Na elaboração geral dos verbetes, foram pesquisadas fontes originais de consulta, a exemplo de documentos de contrato de obras do século XVIII ainda existentes em arquivos oficiais ou religiosos, sendo também consultados estudos de diversos especialistas, fontes todas elas devidamente mencionadas na bibliografia que vem ao fim do volume.

Buscando ajustá-las às características principais do diversificado acervo artístico-arquitetônico que confere dimensão de grandeza à atividade criativa desenvolvida em Minas Gerais no período da mineração do ouro e do diamante, as definições são sempre que possível seguidas de exemplos relativos às obras representativas desse acervo. Esta orientação não impede, entretanto, que muitos dos verbetes contenham informações genéricas aplicáveis ao entendimento mais extensivo de toda a arquitetura e arte brasileira da mesma época ou que traduzam aspectos teóricos de âmbito ainda mais geral, porém imprescindíveis ao adequado conhecimento

do fenômeno barroco-rococó. Procurou-se, por outro lado, enriquecer o *Glossário* com variado material ilustrativo, seja em desenho, seja em fotografia, salientando-se neste particular a reprodução de alguns riscos ou plantas originais da época e que chegaram até nossos dias, publicando-se também, como apêndice, uma listagem de pesos e medidas vigentes no período colonial.

Esgotadas que foram as duas edições levadas a efeito em 1979 e 1980 – a primeira, impressa no Rio de Janeiro, com o co-patrocínio da Fundação Roberto Marinho, e a segunda, dentro dessa mesma parceria, em São Paulo, com a participação da Companhia Editora Nacional –, passaram a Fundação João Pinheiro e os autores deste *Glossário* a estudar e obviar recursos para o lançamento de uma terceira edição. As tiragens anteriores, embora somando a cifra considerável de 7.000 exemplares, excepcional para projetos editoriais da espécie, atingiram consumo integral em curto espaço de anos, vindo a obra a ter posteriormente acesso, para novos interessados das áreas universitárias e de pesquisa, apenas em bibliotecas especializadas. Com a criação, porém, da Coleção Mineiriana, empreendimento de notável repercussão pelos títulos já lançados em diferentes linhas de abordagem e interpretação da história e realidade mineiras, a atual administração da Fundação João Pinheiro, através de sua Presidência e do Centro de Estudos Históricos e Culturais, incluiu sabiamente em seu programa a série editorial Obras de Referência. A escolha, para inaugurá-la, desta terceira edição de *Barroco Mineiro/Glossário de Arquitetura e Ornamentação*, vem constituir fato sobremaneira louvável e significativo, pois recoloca afinal em circulação trabalho que se tornou consulta bibliográfica fundamental e obrigatória não somente para os currículos de cursos de arquitetura, artes e história, porém mais extensivamente para todos os que buscam a compreensão da própria formação cultural brasileira. Na presente reedição, procedemos a revisões e adições ainda que poucas que se requeriam, sendo também convenientemente atualizada a bibliografia básica sobre o barroco, particularmente o de Minas.

*

* *

Antes de penetrar-se no universo semiótico aqui verbatizado em seu repertório e vocabulário de criatividade artístico-formal e de expressão simbólico-cultural, parece-nos justificável e útil que, em auxílio aos que consultam este livro, dissertemos ainda que sucintamente sobre o que é o barroco, o barroco brasileiro, o barroco-rococó mineiro. Sinalize-se para isso, inicialmente, que fixar a origem semântica da palavra *barroco* exigiu atenção e pesquisa de muito obstinado erudito, mas achamos que hoje, para nós, é inteiramente irrelevante querer esclarecer se o termo que acabou batizando o estilo surgiu, por analogia, da denominação de uma forma rebuscada de raciocínio escolástico ou da sugestão de uma pérola de conformação irregular, conhecida por nome parecido, levada à Europa pelos navegadores luso-espanhóis. Interessa muito mais saber que, dentro do conceito de barroco, temos – para o estudioso e o entendimento geral de nossos dias – a idéia definidora daquilo que exprime e dá sentido, ao longo de extenso período da história

cultural do Ocidente, a uma atitude filosófica, estética e existencial do homem europeu, do homem latino-americano.

O barroco, nessa perspectiva, compreende um fenômeno bem amplo, vinculado tanto às lutas religiosas entre reformistas e contra-reformistas, quanto à expansão mercantilista decorrente das grandes navegações. No primeiro caso, o barroco responderia à necessidade de uma reação dos países católicos ao crescente alastramento do protestantismo, que se dava com risco da própria hegemonia política e espiritual de Roma e das nações por ela lideradas. O novo estilo, caracterizado pela exuberância das formas e pela pompa litúrgico-ornamental, atuaria como instrumento ao mesmo tempo de afirmação gloriosa do poder temporal da Igreja e de impacto persuasório sobre uma mentalidade social que se debatia entre os valores da tradição católica e a filosofia renascentista que liberava suas novas verdades. Por seu turno, a descoberta de outros continentes, ampliando os horizontes da terra e confirmando cientificamente as proposições das novas verdades, representaria tanto a conquista de maior campo geográfico para o trabalho contra-reformista dos países católicos, especialmente a missão de catequese confiada aos jesuítas, como também a abertura de um espaço potencial para o desenvolvimento criativo das formas do novo estilo, que triunfariam por dois séculos em toda a América ibérica.

Os primeiros estudiosos do barroco limitaram sua atenção à criação plástica, a um fenômeno formal que eles não distinguiam senão como categoria própria das artes visuais: da arquitetura, da pintura, da escultura. Essa posição evoluiria, no entanto, para uma visão global do mesmo fenômeno, que outros estudiosos passariam a identificar também na literatura, no teatro, na música e mesmo em toda a vida social do período, tornando possível falar-se do caráter de uma idade barroca, de uma concepção barroca do mundo, de uma ideologia religiosa do barroco. Mas foi naquele ângulo inicial de abordagem que Heinrich Wölfflin logrou individualizar os traços estilísticos fundamentais do barroco, a partir da análise comparativa com os paradigmas formais do classicismo renascentista. Em vez da antiga estrutura clássica, apoiada em elementos de linearidade, de rigidez dos planos, de delimitação rigorosa das formas, de autonomia e claridade absoluta dos objetos, o especialista alemão divisaria uma nova estrutura na arte barroca, estrutura de maior liberdade e desenvoltura, apoiada na prevalência do pictórico, no desprezo da linha, no movimento das massas, na dimensão e integração em profundidade dos planos, numa abertura de forma onde os componentes plásticos se interpenetram e confundem em gradações de contorno e claridade, visando sempre a uma única unidade que é a concepção final do conjunto. Impondo assim a quebra do equilíbrio clássico, a arte barroca instaurou uma nova linguagem plástica na arquitetura, na pintura, na escultura, mas não o fez em razão tão-só de um novo processo de composição explicado apenas pelos seus aspectos externos e imediatos.

Esse novo procedimento do artista haveria por certo de refletir uma contingência histórico-filosófica do homem da época. Mas como compreender no barroco uma arte de abertura, uma arte de liberação das formas, se a conjuntura em que vivia o artista subjugava a individualidade do homem a forças de coerção como o religiosismo contra-reformista ou o absolutismo político? Está aí, a nosso ver, o

desafio mais fascinante do barroco, a instância de permanência e atualidade de sua lição. Ao mesmo tempo que condicionado a fatores de uma realidade envolta muitas vezes em sufocante obscurantismo, o barroco soube encontrar, em meio aos fantasmas da inquisição e do poder absoluto dos reis, a válvula de escape do jogo criativo, do jogo ritual, deles fazendo uma grande resposta subjetiva ou coletiva. Porque toda a vida barroca, seja na arte, na liturgia religiosa ou no ritualismo social, se animará sempre de um sentido lúdico, em que as formas de repressão da consciência jogam em permanente contradição com as formas irreprimíveis da paixão humana. Daí a dualidade essencial do barroco, o comportamento paradoxal do homem da época, o dilaceramento íntimo do seu artista, do seu escritor, a presença cambiante do claro-escuro, que não será só um elemento de artifício formal do jogo de luz e sombra da pintura barroca, mas a própria metáfora de todo um modo de formar artístico, de toda uma visão do mundo.

Para nós brasileiros falar do barroco é falar de nossa própria origem cultural, de nossa própria formação histórica, das raízes de nossa maneira própria e íntima de ver, de sentir, de exprimir uma peculiar experiência do real que a arte só faz transfundir e sublimar. Porque o barroco está de muito perto ligado a um modo peculiar de ser que aqui aportou com os povoadores portugueses e cedo se amoldou à nossa realidade tropical e americana. Inseparável da ideologia que forjou a nossa primeira sociedade e os nossos primeiros valores – o religiosismo contra-reformista dos jesuítas –, o barroco não ficou limitado, porém, às formas exteriores de um estilo arquitetônico ou do revestimento ornamental do rito católico. Ele sintetizava, como já vimos, as forças de interioridade bastante características do homem do período e delas impregnou por isso todas as manifestações da nossa incipiente vida cultural e social. Transplantado em pleno vigor do Seiscentos para a Bahia e a faixa litorânea do Nordeste, onde se ergueram os nossos primeiros templos de suntuosidade típica do estilo, o barroco acompanhou a corrida do ouro e acabou por insular-se em Minas, aqui alcançando grandeza e autonomia criativa e fazendo demorar por todo o século dezoito a prevalência de suas formas. É o tônus barroco que anima o *inteiro organismo* da sociedade mineradora – as suas festas públicas, as suas solenidades religiosas, o cenário de formas e cores onde elas decorrem.

Mas não será possível compreender-se a peculiaridade de cultura da Minas colonial sem antes conhecer um pouco a história da antiga capitania do ouro e do diamante. Já no curso das primeiras explorações do território, empreendidas pelos bandeirantes e por baianos e portugueses, o espírito religioso presidia sempre as longas marchas através do sertão, conduzindo cada bandeira ou grupo imagens dos santos da devoção particular de seus chefes e componentes, imagens comumente transportadas em oratórios portáteis que serviam como altares improvisados nas missas e orações. Quando as expedições alcançavam o local indicado para as primeiras prospecções e o ouro começava a aflorar nos rios e morros, cuidava-se imediatamente da ereção de toscas capelas, nas quais aquelas imagens passavam a ser regularmente cultuadas. Em torno desses templos a princípio humildes, mas enriquecidos pouco a pouco de alfaia e talha dourada, surgiam então pequenos aglomerados humanos, núcleos muitas vezes de futuras e prósperas vilas. À medida que os arraiais pioneiros prosperavam com a ativação da mineração e do comércio, seus habitantes procuravam dotá-los de

templos de maiores proporções, esmerando-se também na sua decoração interior. A importância de um povoado e o espírito religioso de seus moradores eram demonstrados pela imponência e suntuosidade ornamental das igrejas matrizes. Ao lado da arraigada religiosidade do colonizador português e de seus descendentes brasileiros, concorria para o caráter monumental emprestado aos templos mineiros a *própria orientação até então seguida pela Igreja Católica, que, conforme ficou visto, buscava enfatizar o poder temporal da religião através da pompa e do brilho exterior do culto.*

Dai o aspecto espetaculoso que assumiam as principais celebrações litúrgicas, quando toda a população das vilas mineiras parecia tomada de um êxtase ao mesmo tempo festivo e religioso, bem ao feitio de sua alma originariamente barroca. Nesses frequentes momentos de suspensão da faina mineradora, podia-se sentir, no ambiente meio feérico dos templos revestidos de ouro, entre os acordes da música sacra e as imagens rebuscadas dos sermonistas, como o homem setecentista das Minas ainda estava preso ao estilo de vida barroco. E se as festas do calendário litúrgico da Igreja, com destaque para as de Corpus Christi, de Semana Santa ou consagradas aos padroeiros de vilas e paróquias, impregnavam-se de tal brilhantismo, mais suntuosas seriam naturalmente as festas marcadas pela sua excepcionalidade. Algumas se tornaram realmente memoráveis, incluindo-se entre os maiores acontecimentos da espécie na vida colonial brasileira. É o caso das solenidades que assinalaram, no ano de 1733 em Vila Rica, a inauguração da nova Matriz do Pilar e que foram narradas pelo cronista barroco Simão Ferreira Machado. As festividades, desenroladas durante vários dias, tiveram seu ponto máximo na procissão de trasladação do Santíssimo da Capela do Rosário para a igreja que então se inaugurava. O longo cortejo constituiu uma colorida trama coreográfica, só comparável talvez em grandiosidade aos desfiles do moderno carnaval carioca. Viam-se em trajes de gala as inúmeras irmandades locais com seus estandartes e santos padroeiros, precedidas de conjuntos musicais, grupos de dançarinos, carros alegóricos e figuras mitológicas a cavalo. As ruas se achavam ornamentadas de arcos e guirlandas, com as casas alcatifadas de colchas e cortinas nas janelas, formando toda a vila verdadeiro palco de um *happening* monumental. Luminárias, castelos de fogos, serenatas, cavalhadas, corridas de touro e três noites de comédias completavam o festival barroco.

Já nos primórdios da mineração, quando o ouro ainda aflorava nos grandes depósitos aluvionais, e sob impulso natural do fervor religioso das populações pioneiras e do gosto inato pela pompa ornamental do culto, encontrou a arte ambiente propício a uma imediata expansão em níveis até então desconhecidos na colônia. Já nas duas décadas iniciais do século XVIII, acoiravam a Minas Gerais mestres-de-obras experimentados e artistas de comprovados recursos, responsáveis pela edificação e ornamentação dos primeiros templos. São desse período igrejas impregnadas da beleza decorativa própria do barroco de reminiscência seiscentista, a exemplo da matriz de Nossa Senhora da Conceição e da Capela do Ó, construídas em Sabará entre 1710 e 1720. Pouco se sabe de seus artífices, mas detalhes ornamentais, de gosto chinês, fazem supor se tratasse de portugueses que o teriam assimilado nas possessões do oriente. Nessa altura começariam a organizar-se as corporações de ofícios, disciplinando e impulsionando as diversas especializações. Surgiriam depois

construções de maior ambição arquitetônica, evidenciando uma busca de afirmação autônoma. Os canteiros de obras e oficinas se transformam então em verdadeiras escolas de iniciação e aperfeiçoamento, preparando os arquitetos, entalhadores e escultores que marcariam com seu talento a posterior fase de grandeza da arte colonial mineira.

A arquitetura religiosa mineira obedeceu, de início, ao partido tradicional do primeiro barroco brasileiro, a que alguns autores convencionaram chamar barroco jesuítico. Construídas de taipa e madeira, as igrejas apresentavam uma estrutura pesada e fachadas de linhas modestas, reservando-se a ênfase ornamental para o interior, a exemplo da Matriz de Sabará e da Sé de Mariana. A integração do elemento decorativo ao espírito arquitetural se daria com Antônio Francisco Pombal, ao planejar o interior monumental da Matriz do Pilar de Ouro Preto. Papel renovador na concepção propriamente arquitetônica seria, no entanto, o de Manuel Francisco Lisboa, irmão do referido Pombal, com o risco das matrizes de Antônio Dias de Ouro Preto (1727) e de Caeté (1756), bem como da Igreja do Carmo de Ouro Preto (1766), belo edifício já em alvenaria que assinalará, com as modificações do risco da fachada e a elegante talha de sua ornamentação interior, o advento do rococó de fins do século. Esse arquiteto Manuel Francisco Lisboa, português de nascimento, deixou a marca de sua longa atuação pessoal tanto na construção civil, quanto na religiosa, formando mesmo importante escola em nossa arquitetura, tendo como principal discípulo seu filho Antônio Francisco, o Aleijadinho, criador genial da obra-prima que é a Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto. É nesta igreja que se afirma, na plenitude, uma imaginação arquitetônica já de feição brasileira, liberada das soluções em partido quadrangular. Adotam-se formas de maior leveza e harmonia, apoiadas no movimento das massas e na fantasia escultural da fachada. Nas linhas desse novo estilo, outros templos são construídos ou modificados em fins do século XVIII, destacando-se também o trabalho dos arquitetos e mestres-de-obras Francisco de Lima Cerqueira, em São João del-Rei, e José Pereira Arouca, em Mariana.

A suntuosidade decorativa do interior das igrejas completa e acentua o aspecto monumental da arquitetura religiosa em Minas. A obra de talha dos altares e o acabamento ornamental dos primeiros templos, com a exuberância do seu revestimento em ouro, ainda denunciam o preciosismo do barroco seiscentista. É Francisco Xavier de Brito, escultor e entalhador vindo da Igreja da Penitência do Rio de Janeiro, que introduz em Minas as linhas de um novo gosto formal com a talha da capela-mor da Matriz do Pilar de Ouro Preto, nas alturas de 1746. Sua influência se faz logo sentir na decoração de outras igrejas, através de exímios entalhadores como Felipe Vieira e Jerônimo Félix Teixeira, que a partir de 1756 trabalham na Igreja de Santa Efigênia e na Matriz de Antônio Dias, ambas em Ouro Preto. A talha da Matriz de Caeté, devida a José Coelho de Noronha, traduz nas alturas de 1758 uma evolução em que o "estilo Brito" se alivia de certo rebuscamento. É provavelmente nesse canteiro de obras de Caeté que o Aleijadinho exercita seus primeiros passos na talha, dali partindo para a implantação do rococó, que ele fará culminar na magnífica capela-mor da Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto. O novo estilo do ornato em *rocaille*, fazendo descontrair o velho ornamento barroco numa linguagem decorativa aberta agora na leveza e alegria dos seus motivos e formas, triunfará como as próprias

tendências do pensamento clarificado e racionalista de fins do século XVIII. E o rococó se expandirá em obras como as de Francisco Vieira Servas, nas igrejas do Rosário de Mariana e Carmo de Sabará, e em retábulos de aliviada beleza existentes nas igrejas de Bom Jesus de Congonhas, São José e Carmo de Ouro Preto, Carmo de Mariana e São Francisco de Assis de São João del-Rei, remarcados alguns deles pelo traço pessoal do Aleijadinho.

Também na escultura, em madeira ou pedra-sabão, manifestou a arte colonial de Minas a sua poderosa singularidade. A estatuária e a imaginária sagradas, as figuras ornamentais de arcadas, lavabos, púlpitos e altares, bem como o relevo trabalhado das portadas, incluem peças que impressionam sempre pela força de concepção plástica. Conjunto como a São Francisco de Assis de Ouro Preto, onde – segundo Germain Bazin – a arte do ocidente atingiu um lance superior de unidade e originalidade, mostra a perfeita adequação da escultura à grandeza arquitetônica. O gênio do artista mineiro, ali perpetuado pelo Aleijadinho, ainda alçaria mais um voo de superior criatividade nas esculturas monumentais dos Passos e dos Profetas em Congonhas, com que o célebre mulato encerraria magistralmente o prolongado ciclo do barroco no Brasil. Companheiro do Aleijadinho na decoração de muitas de nossas igrejas, outro artista de porte excepcional – Manoel da Costa Ataíde – daria, pela mesma época, e depois do trabalho pioneiro dos pintores Manuel Rebelo e Souza, João Baptista de Figueiredo e João Nepomuceno Correia e Castro, dimensão também notável à pintura mineira, com os painéis ou tetos de São Francisco de Assis de Ouro Preto, do Caraça (a Ceia) e das matrizes de Itaverava, Ouro Branco e Santa Bárbara. E um tal florescimento das artes não ocorreria apenas em determinados centros, nem o valor das obras conservadas até nossos dias se limita aos exemplos referidos. A atividade artística, quase sempre anônima ou executada em equipe, cobriu toda a rota da mineração. Primorosos trabalhos em arquitetura, talha, escultura, pintura, mobiliário ou alfaia podem ser vistos também em Tiradentes (cuja grandiosa matriz recebeu a contribuição do Aleijadinho), Serro (com destaque para a pintura de Silvestre de Almeida Lopes), Diamantina (onde pontificou o pintor José Soares de Araújo), Prados, Cachoeira do Campo, Passagem de Mariana, Barão de Cocais, Brumal, São Bartolomeu, Catas Altas do Mato Dentro e outras velhas localidades.

O caráter singular, a força de expressão cultural e a grandeza artística da chamada civilização do ouro em Minas Gerais não está documentada apenas nos monumentos religiosos vistos isoladamente. A atmosfera, o ambiente, o contexto peculiar em que vivia a sociedade mineradora podem ser ainda hoje visualizados nas velhas cidades que, apesar das naturais transformações impostas durante os séculos XIX e XX, conservam, na imagem urbana e arquitetônica, a antiga tipicidade colonial. É assim em Mariana, Diamantina, Tiradentes, Serro, São João del-Rei ou Sabará, como também em outras localidades que, à época da mineração, não alcançaram a mesma importância econômica, social e demográfica dessas cidades, mas que ostentam ainda hoje, quase intocada, a paisagem própria do século XVIII. Nenhuma cidade colonial mineira, entre maiores ou menores, logrou, no entanto, manter com tamanha integridade e coerência a sua inteira imagem setecentista como manteve e mantém Ouro Preto. Sede do governo da capitania por todo um século (título que conservou por quase todo um outro século como capital da província e do estado), a antiga Vila

Rica beneficiou-se, sem dúvida, em sua formação e seu desenvolvimento no período propriamente colonial, da circunstância de ter sido um dos primeiros e mais intensos núcleos de mineração do ouro e de se ter convertido, em razão disso, no centro das decisões administrativas do território mineiro.

Fatores ainda de ordem econômica, mas já então de natureza negativa e conseqüentes da decadência da mineração, fizeram com que Ouro Preto não alterasse mais, de modo substancial, a personalidade urbana e arquitetônica com que nasceu e se desenvolveu no século do ouro. Graças a isso, e às condições excepcionais em que se formou, ela pôde, mais do que suas irmãs mineiras ou outras cidades brasileiras de reminiscência colonial – Parati, no estado do Rio de Janeiro, Alcântara, no Maranhão, São Cristóvão, em Sergipe, Penedo, em Alagoas, Olinda, em Pernambuco, Cachoeira, na Bahia, ou mesmo a zona do Pelourinho, em Salvador – vir a constituir-se hoje, na opinião dos técnicos da UNESCO, no exemplo de maior autenticidade ainda existente, pelo conjunto e unidade, da civilização urbana aqui implantada pelos colonizadores portugueses. Daí o interesse com que aquele organismo internacional encarou o problema da preservação de Ouro Preto, elevando-a, em 1981, à condição de Cidade Monumento Universal.

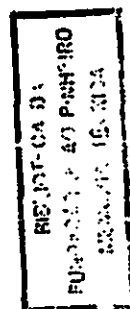
Descoberta em fins do século XVII a área onde se situa a cidade, a sua ocupação já se efetivaria imediatamente na primeira década do século seguinte, distribuindo-se os habitantes pioneiros em núcleos esparsos, localizados estrategicamente nos morros ou às margens de córregos em que era maior a afluência do ouro. Em 1711, ao ser erigida oficialmente a vila, os arraiais primitivos já se encontrariam interligados e daí por diante se desenvolve naturalmente o seu curioso tecido urbano, tal como substancialmente o vemos hoje, entrecortado de becos, travessas e ladeiras, com as ruas principais acompanhando o desenho topográfico dos morros e córregos. A população cresce rapidamente e as primeiras capelas já não atendem às necessidades religiosas dos habitantes, que nas alturas de 1730 erguem os edifícios definitivos das duas matrizes: Nossa Senhora do Pilar e Conceição de Antônio Dias.

Entre 1730 e 1760, a vila já estava urbanamente definida e grandes obras públicas são exigidas, construindo-se, então, já num padrão de engenharia que revela desejo de fixação e permanência social, o Palácio dos Governadores, os inúmeros e bem ornamentados chafarizes, as sólidas pontes de cantaria. As primitivas construções particulares de canga ou pau-a-pique começarão, pouco depois, a dar lugar a prédios com reforço de alvenaria e maiores requintes de acabamento. A população, já mineira por uma ou duas gerações, adquire certa consciência local e de conforto social e busca reunir recursos para empreendimentos urbanos, arquitetônicos e artísticos de maior vulto. Até os fins do século, a vila tem melhorado o seu arruamento, com praças e ruas pavimentadas de pedra. Estão construídas ou em fase de conclusão, dentre outras, as belas igrejas do Rosário, do Carmo e de São Francisco de Assis, terminando-se também a construção da Casa dos Contos e prosseguindo a da Casa de Câmara e Cadeia, enquanto uma Casa da Ópera se encontrava inaugurada desde 1770, sendo hoje o mais antigo teatro da América do Sul.

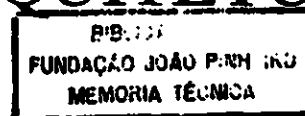
Se Ouro Preto é a cidade-síntese, a cidade-documento que nos entrega, na sua coerência e autenticidade, a imagem viva de uma cultura, de um estilo civilizador, de um modo de ser que marcaram toda uma decisiva época da formação mineira, da formação brasileira, a arte-síntese, a arte-documento que melhor exprimiu todos os valores e tendências que então aqui se manifestaram e prevaleceram não poderá ser outra senão a arte do Aleijadinho. A ela já nos referimos de passagem, acentuando o papel exponencial desse artista mineiro, desse artista mulato, nos lances de evolução de nossa arquitetura, de nossa talha, de nossa escultura. Mas não será demais, ou melhor, será natural e justo que finalizemos esta dissertação com uma referência ao significado maior que a obra de Antônio Francisco Lisboa apresenta como o instante de afirmação da vontade criativa brasileira, longamente trabalhada pela evolução do barroco em nosso país, e o amadurecimento de uma linguagem plástica que logra atingir com ele a autonomia de uma verdadeira *fantasia nacional*. A arte do Aleijadinho, assimilando heranças formais e lições de técnicas de toda a anterior experiência plástica luso-brasileira, repensando com elas talvez a própria soma de tradições da arte ocidental, da arte cristã, soube, mais do que a arte de qualquer outro criador brasileiro de sua época, encontrar a expressão adequada para uma sensibilidade já moldada por novos estímulos e condicionamentos. Toda a instância contraditória de uma sensibilidade nova, de um homem novo, parece animar a arte paradoxal mas superior de Antônio Francisco. Solene mas descontraída e alegre em São Francisco de Assis de Ouro Preto, ela é também solene, mas já então dramática e passional em Congonhas. Evoluindo de uma aprendizagem formal barroca para uma equação rococó das formas antes de São Francisco de Assis, ele inverte audaciosamente essas etapas evolutivas em Congonhas e volta a ser passional e barroco, apocalíptico e barroco, porque o que ele tinha a exprimir ali era a Paixão e a reflexão bíblica. Dual, contraditório, dilacerado, o Aleijadinho é bem o barroco encarnado na dimensão humana e criativa de uma perplexidade mineira, brasileira.

AFFONSO ÁVILA

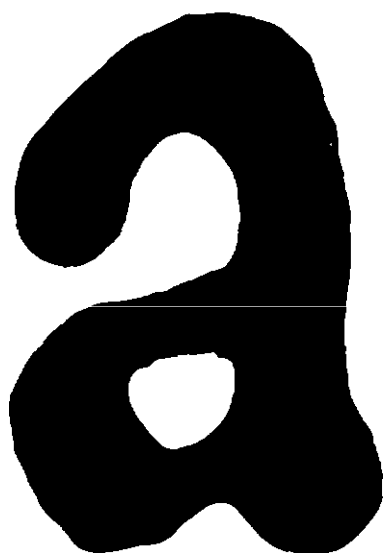
abcdefghijklm
nopqrstuvwxyz



I
GLOSSÁRIO DE AROUITETURA







ABÓBADAS

ABA

1. Saliência do TELHADO, que aparece além de sua prumada externa.
2. Faixa lisa com que, pelo lado inferior, se arrematam as CIMA-LHAS.

ABALCOADO

Em forma de BALCÃO ou que o possui. Diz-se principalmente de SACADAS e MUXARABIS.

ABÓBADA

Cobertura de secção curva.
(Figs. 1, 1-A, 1-B, 1-C, 1-D)

ABÓBADA DE ARESTA

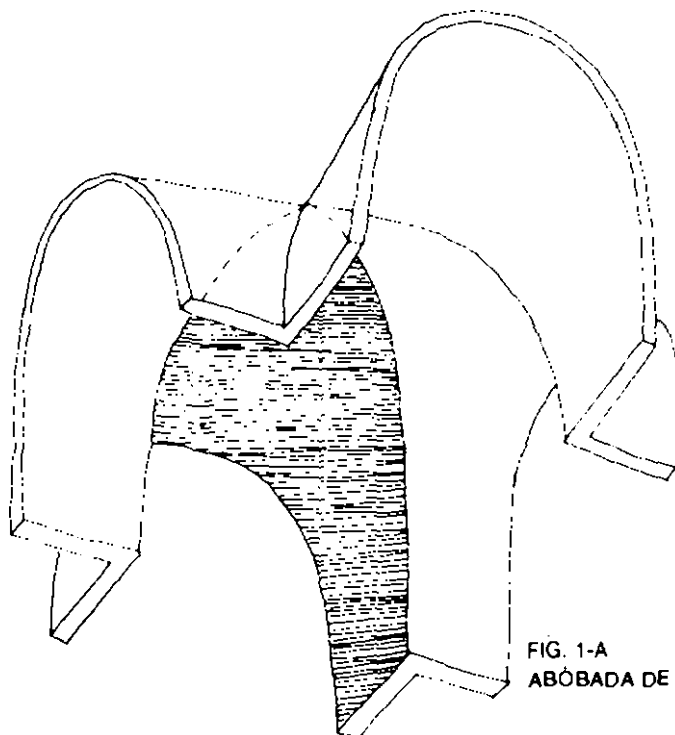
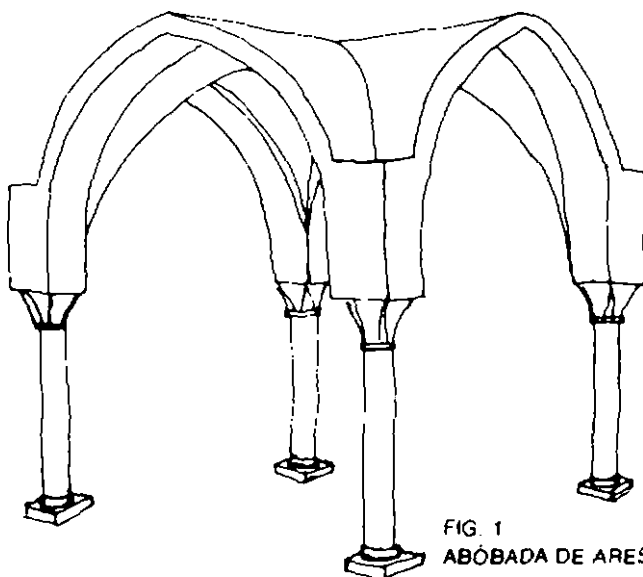
É a que resulta da intersecção de duas ABÓBADAS DE BERÇO de igual altura, cortando-se em ângulo reto.
(Figs. 1, 1-A)

ABÓBADA DE BERÇO

Abóbada gerada pelo deslocamento de uma semicircunferência ou de secção semicircular.
(Fig. 1-B)

ABÓBADA FACETADA

Diz-se da ABÓBADA formada por planos.
(Fig. 1-C)



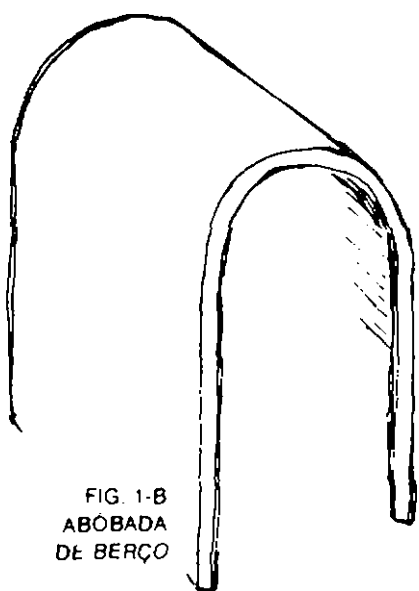


FIG. 1-B
ABOBADA
DE BERÇO

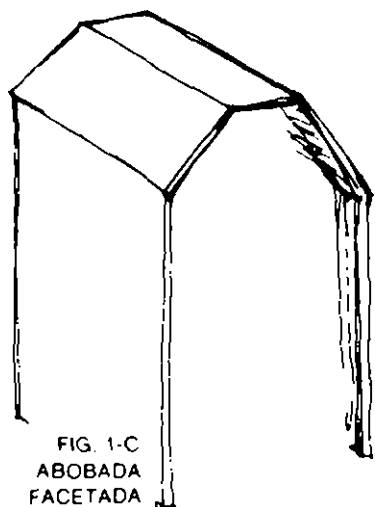


FIG. 1-C
ABOBADA
FACETADA

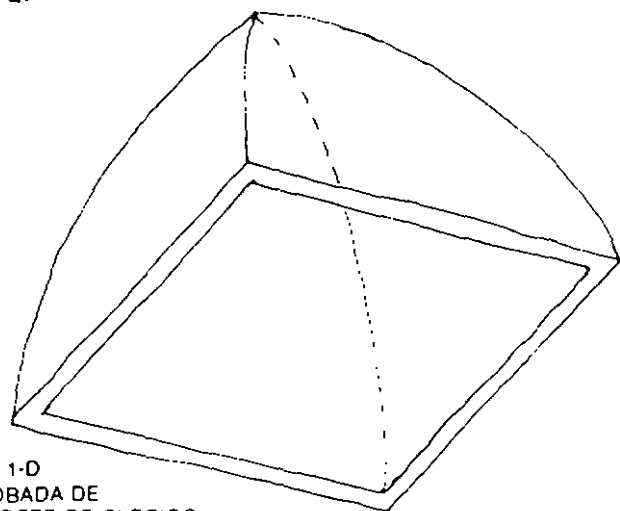


FIG. 1-D
ABOBADA DE
BARRETE DE CLÉRIGO

ABOBADILHA

ABÓBADA em forma de semicilindro, construída geralmente de tijolos e usada na edificação de sobrados.

AÇOTÉIA

TERRAÇO ou EIRADO por cima de casas ou torres.

ADOBE OU ADOBO

Grande tijolo de barro seco ao sol. Na sua confecção, ao barro bem amassado às vezes eram adicionadas palha, crina, etc., para aumentar a resistência.

ADRO

Pátio, à frente ou em torno das igrejas, geralmente cercado por muros baixos.

ADUELA

1. Pedra talhada que compõe os ARCOS ou ABÓBADAS.
2. Peças de sentido vertical dos quadros de portas e janelas que recebem as FOLHAS. Diz-se também da face interna destas peças. (Figs. 18, 22)

ADUFA

FASQUIAS de madeira, superpostas e intervaladas. Ver também o verbete VENEZIANA.

AGENCIAMENTO

Tratamento de um determinado sítio ou aspecto de uma construção.

ÁGUA

Nome dado ao plano do TELHADO. Ver COBERTURA. (Fig. 2)

ÁGUA-FURTADA

1. SÓTÃO, TRAPEIRA ou MANSARDA.
2. Abertura na cobertura.
3. Cômodo entre o TELHADO e o FORRO, dotado de janelas sobre o telhado. Ver também MANSARDA.

ÁGUA-MESTRA

ÁGUA de forma trapezoidal, num telhado retangular, de quatro águas. Ver também os verbetes COBERTURA e TACANIÇA. (Fig. 2)

AGULHA

1. Arremate piramidal ou cônico, de pequena base e grande altura, que aparece geralmente no coroamento agudo de torres de igrejas. Ver também o verbete CORUCHEU.
2. Diz-se igualmente de peça cilíndrica de madeira empregada no travamento do TAIPAL para as construções de TAIPA DE PILÃO.

AJUNTOURADO

Feito com o emprego de JUNTOUROS. Nas especificações para a construção da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, aparece a palavra sob a grafia *ajuntouvido*. Ver também o verbete JUNTOURO.

ALBÍNEO (ALVÍNEO)

O mesmo que ALVANEL.

ALÇADO

Elevação ou projeção vertical, em desenho de uma fachada ou outra parte de uma construção. (Fig. 18)

ALÇAPÃO

Porta ou tampa horizontal, que se fecha de cima para baixo, nivelada com o ASSOALHO, dando comunicação para um SÓTÃO, pavimento inferior ou porão. Diz-se também do respectivo vão.

ALCATRUZ

Conduto de água que, nas localidades antigas de Minas, era geralmente feito de pedra, com assentamento em cal e areia e juntas betumadas ou ligadas por cal preta e azeite de mamona.

ALCOVA

Quarto de dormir sem janelas e sem aberturas diretas para o exterior.

ALGEROZ

1. Cano, de pedra, metal ou alvenaria, que dá vazão às águas do TELHADO.
2. BEIRAL formado de diversas ordens de telhas sobrepostas, muito usado em construções de São João del-Rei. Ver também o verbete BEIRA-SEVEIRA.

ALICERCE

Maciço de ALVENARIA que serve de base às paredes de um edifício.

ALIZAR

Peça de madeira que cobre a junta entre a OMBREIRA de porta ou janela e o paramento das paredes.
(Fig. 22)

ALIZAR DE ORELHAS

Diz-se do ALIZAR que apresenta ressaltos nos cantos.

ALJUBE

Cárcere ou prédio de prisão especialmente destinado a recolhimento de réus condenados pela justiça eclesiástica. A lenda de ter existido em Mariana um Aljube, que seria o atual prédio do Museu Arquidiocesano, não é historicamente procedente como comprova a documentação a respeito do referido edifício. Este foi construído com a destinação específica de Casa Capitular, ou seja, de sede do Cabido ou assembleia dos cônegos.

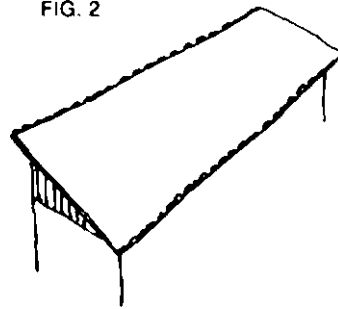
ALMOFADA

Relevo, quase sempre trabalhado, na superfície plana de vedações, móveis, etc. Diz-se porta ou janela de almofada as constituídas por engradamento que suporta painéis ou relevos almofadados. Ver também o verbete ALMOFADA na parte de ORNAMENTAÇÃO deste Glossário.

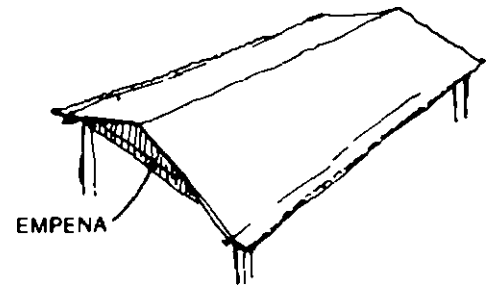
(Figs. 19, 28, 29)

ÁGUAS

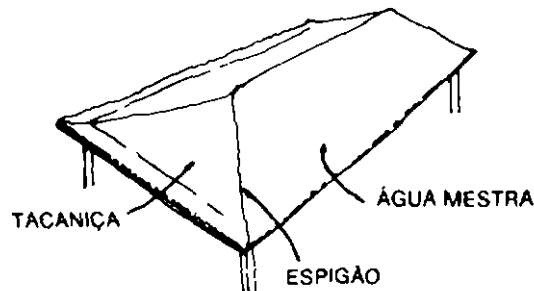
FIG. 2



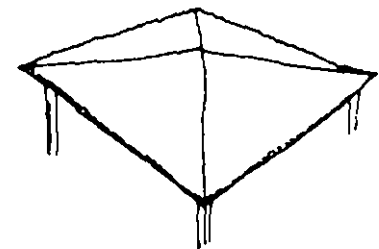
1/2 ÁGUA



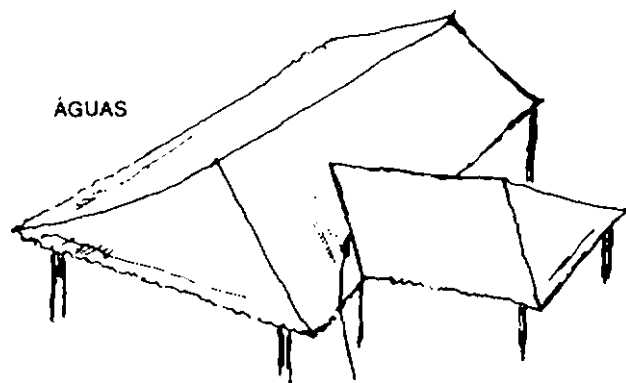
2 ÁGUAS
OU CANGALHA



3 ÁGUAS



4 ÁGUAS



RINÇÃO

ARCO ABATIDO

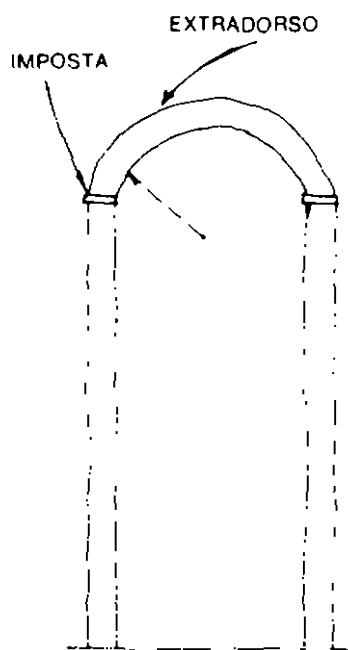


FIG. 3

ARCO PLENO

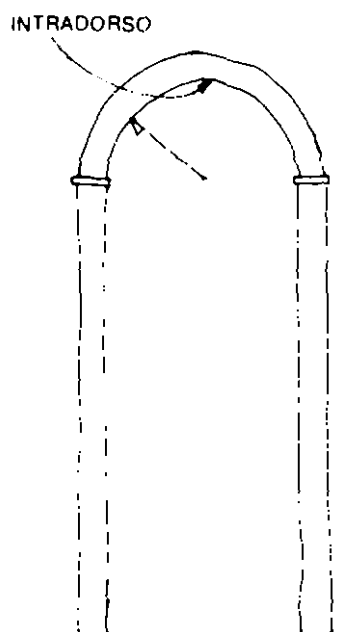


FIG. 4

ALMOTACE

Juiz eleito pelos Senados das Câmaras, que tinha por função fiscalizar pesos e medidas, preços de gêneros, limpeza e conservação de bens públicos, etc. A ele competia também decidir sobre autorizações e demandas relativas às obras de construção. Usava-se igualmente a grafia *almotacel*.

ALPENDRE

Espécie de PÓRTICO, com teto sustentado por PILASTRAS, COLUNAS ou ARCADAS, à frente ou entrada de uma edificação.

ALVANEL

O pedreiro que trabalha em obra de ALVENARIA.

ALVENARIA

Obras compostas de pedras ou tijolos, ligadas ou não por meio de argamassa.

ALVENARIA DE ADOBE

Vedações, paredes, CÚPULAS, constituídas de ADOBE, onde estes são assentados e emboçados com barro, podendo receber reboque de cal e areia. Podem formar PAREDES ESTRUTURAIS.

ALVENARIA DE PEDRA

Muro ou parede, de larga espessura, constituídos de pedra, podendo ser de pedra seca e dispensando argamassa; de pedra e barro com argamassa de terra; ou de pedra e cal, com argamassa de cal e areia.

(Fig. 13)

AMOURISCADO (AMORISCADO)

Tipo de telhado em que uma ou mais fiadas de telhas são seguras de lado a lado com argamassa.

APAINELADO

Superfície composta de ALMOFADAS ou PAINÉIS definidos por molduras.

(Fig. 16)

APAINELADO POR CORDÕES (FORRO)

Tipo de FORRO, em PAINÉIS ou CAIXOTÕES, com suas seções delimitadas por FILETES de madeira.

APARELHADA

Diz-se da peça de pedra ou madeira, desbastada, lavrada ou aplainada, geralmente destinada a trabalhos de acabamento mais cuidadoso. Ver também o verbete CANTARIA.

APICOADO

Desbastado de forma tosca, a picão.

APILOADO

Diz-se do terreno ou piso batido ou calçado com pilão ou soquete.

AQUEDUTO

Construção para conduto de água. Em Ouro Preto, a palavra era usada para denominar a base de apoio, em CANTARIA ou ALVENARIA, do encanamento dirigido a CHAFARIZES ou outras construções.

ARCADA

Série de arcos contíguos; abertura em forma de ARCO.

(Fig. 39)

ARCARIA

O mesmo que ARCADA.

ARCO

Elemento de construção em forma de curva, destinado a ligar vãos entre dois apoios constituídos por COLUNAS, PILARES ou PILASTRAS.

ARCO ABATIDO

Diz-se do ARCO formado por segmento de círculo menor que 180°.

(Fig. 3)

ARCO AVIAJADO

Aquele cujo perfil constitui uma curva policêntrica, formada de arcos de círculo e que se apóia em IMPOSTAS de níveis diferentes. Exemplo: ARCO que sustenta a escadaria lateral do antigo Palácio dos Governadores, em Ouro Preto, que dá acesso à capela.

(Fig. 5)

ARCO-CRUZEIRO

Arco de entrada da CAPELA-MOR. Ver o verbete próprio na parte de ORNAMENTAÇÃO deste Glossário.

(Figs. 27, 27-B, 39, 40)

ARCO DE MEIO PONTO
O mesmo que ARCO PLENO.

ARCO PLENO
Diz-se do ARCO que tem o perfil de uma semicircunferência.
(Fig. 4)

ARQUITETURA DO PERÍODO COLONIAL MINEIRO

CONSTRUÇÕES RELIGIOSAS

No processo de evolução da arquitetura religiosa do século XVIII em Minas, as principais igrejas podem ser genericamente classificadas segundo o esquema seguinte de divisão em fases:

a) 1.^a fase — Até cerca de 1740 — **FRONTISPÍCIO** simples, em linhas retangulares, com toda a ênfase ornamental concentrada no interior das igrejas, geralmente construídas em TAIPA ou ADOBE (ex. Igreja de St.^o Amaro, Brumal);

b) 2.^a fase — M/m 1740/1760 — Frontispício ainda em linhas retangulares, mas já com a presença de elementos ornamentais em CANTARIA; estrutura da construção em ALVENARIA DE PEDRA; ornamentação interior menos intensa, com prevalência do elemento escultórico (ex. Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em Caeté);

c) 3.^a fase — A partir de 1760/1770 — Frontispício e corpo da NAVE em PARTIDO curvilíneo, TORRES recuadas e redondas com ricas PORTADAS em escultura ROCOCÓ; construções em pedra de alvenaria e cantaria, com a presença ornamental de PEDRA-SABÃO; decoração interior sóbria e elegante, em linhas rococó (ex. Igrejas de São Francisco de Assis, em Ouro Preto e São João del-Rei). Algumas igrejas da 3.^a fase ora enfatizam apenas o partido curvilíneo (ex. Igreja do Rosário, em Ouro Preto), ora conjugam os antigos partidos retangulares com o programa ornamental rococó do frontispício (ex. Igreja do Carmo, em Sabará) ou chegam a assimilar formas curvilíneas e recuadas nos planos das torres (ex. Igreja do Carmo, em Mariana). Por tudo isso, pode-se falar em fase barroco-rococó relativamente à 3.^a fase da arquitetura religiosa em Minas.

ESCADA DE ACESSO À
CAPELA DO ANTIGO PALÁCIO
DOS GOVERNADORES, EM
OURO PRETO.



FIG. 5

d) 4.^a fase — A partir de fins do século XVIII ou de inícios do XIX — Volta ao partido retangular dos frontispícios e as linhas mais rígidas e pesadas, ao gosto NEOCLÁSSICO. É desse período a Igreja de São Francisco de Paula, em Ouro Preto. No curso do século XIX, várias igrejas setecentistas têm os seus frontispícios reconstruídos, algumas procurando ainda imitar elementos tradicionais de partidos do século XVIII, a exemplo das Matrizes de Nossa Senhora do Pilar e da Conceição de Antônio Dias, em Ouro Preto, outras adotando mais francamente a tendência neoclássica, a exemplo da Matriz de Nossa Senhora do Pilar (atual Catedral), em São João del-Rei.

Quanto às pequenas construções religiosas — as CAPELAS urbanas ou rurais —, obedecem elas, de início, a partido bem simples, em taipa ou adobe. Os frontispícios eram bastante singelos,

sem torres, com o alto da EMPENA funcionando à maneira de FRONTÃO, encimado por pequena cruz (ex. Capela de Santo Antônio, em Pompéu, distrito de Mestre Caetano, Sabará). Na metade do século XVIII, algumas capelas, principalmente nos arredores de Ouro Preto, foram reconstruídas em alvenaria de pedra, no mesmo partido, embora mais elaborado. Sem torres, passaram a apresentar CAMPANÁRIOS isolados, dando ao conjunto da construção uma graça arquitetônica singular, a exemplo das Capelas do Padre Faria e de Sant'Ana, São Sebastião, São João, Piedade e Bom Jesus das Flores, estas últimas no chamado Morro de Ouro Preto. Ao fim do mesmo século, surgem as capelas de torre única, ao centro do frontispício, a exemplo da Mercês de Cima, em Ouro Preto. Por essa mesma época, reformam-se ou se constroem capelas com frontispícios chanfrados,

ESCOLA DE MINAS — OURO PRETO
ANTIGO PALÁCIO DOS GOVERNADORES

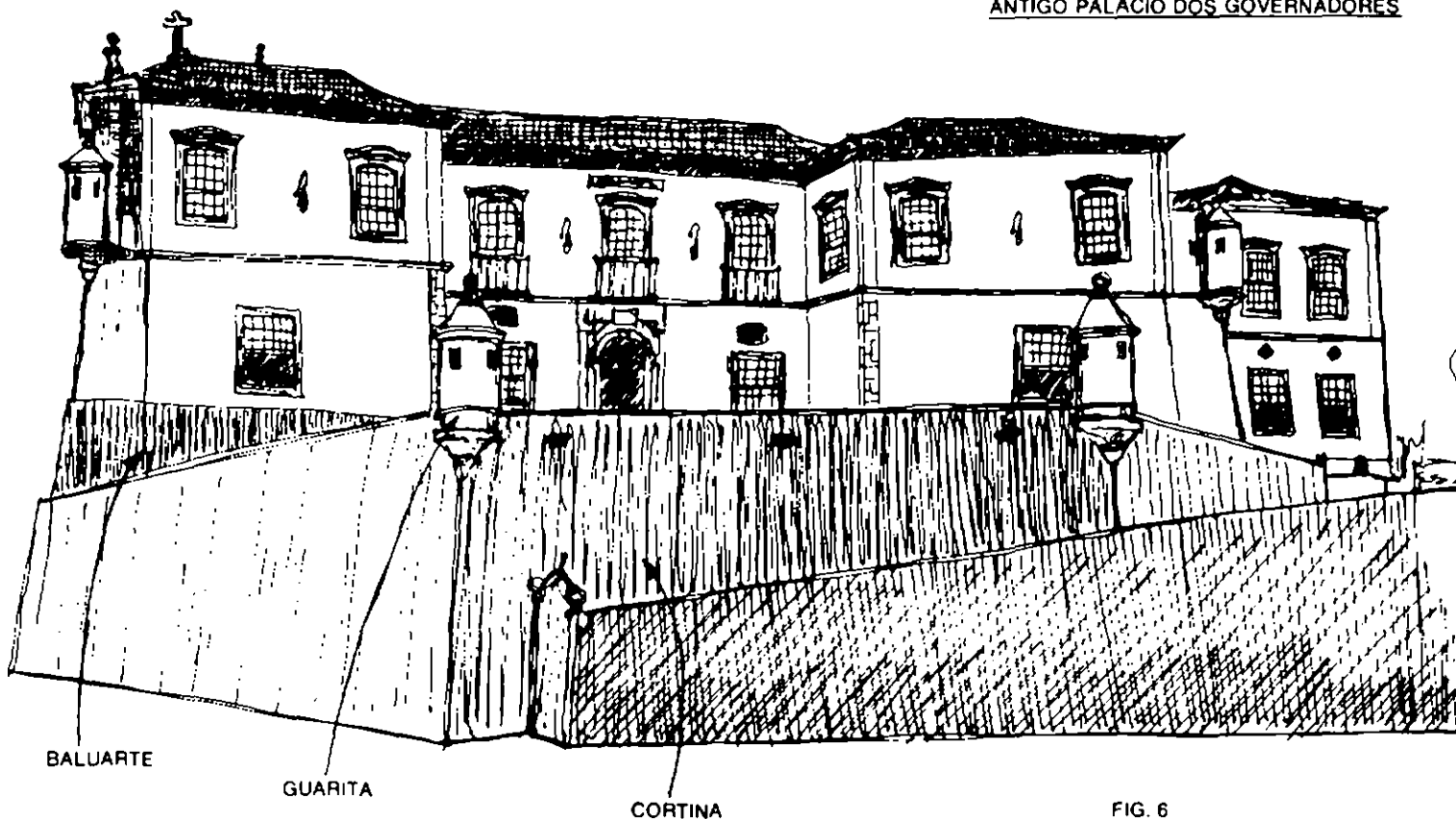


FIG. 6

recurso que alguns autores atribuem ao desejo de se conferir maior movimentação às fachadas, dentro do espírito peculiar ao **BARROCO**. O exemplo mais característico é a Capela de Nossa Senhora do Ó, em Sabará, cujo modelo de planta de base octogonal se repetirá em capelas de Caeté, Itabira, Nova Era, Conceição do Mato Dentro, Serro, Mariana, etc. Na região compreendida entre Diamantina e Minas Novas, a arquitetura religiosa, notadamente das capelas, *mostrará soluções próprias*, às vezes bastante inusitadas como as capelas de São José, em Minas Novas, e de Nossa Senhora da Saúde, em Chapada do Norte. (Fotos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7)

ARQUITETURA DO PERÍODO COLONIAL MINEIRO

EDIFICAÇÕES OFICIAIS E RESIDÊNCIAS

Para a arquitetura civil, torna-se mais difícil uma classificação esquemática. Dentre as principais construções da espécie do século XVIII em Minas, deve-se observar que:

a) o Palácio dos Governadores (atual Escola de Minas), em Ouro Preto (1741/47), obedece ao partido construtivo de fortins militares;

b) a Casa de Câmara e Cadeia de Mariana (RISCO de 1762) apresenta um partido *de sobriedade e equilíbrio*, mas com alguma ênfase do elemento ornamental;

c) a Casa dos Contos, em Ouro Preto (conclusão 1787), e a Casa Capitular (hoje Museu), em Mariana (início 1770), documentam um partido que procura conjugar o peso da estrutura de vulto em pedra com uma tendência barroco-rococó de realce do elemento ornamental;

d) a Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto (hoje Museu da Inconfidência), iniciada em 1784 e concluída por volta de 1841, introduz francamente na arquitetura mineira do período o partido de proporções rígidas e elegância contida do estilo neoclássico.

A arquitetura residencial não apresenta grandes diferenciações estruturais e ti-

pológicas nas várias regiões e localidades de origem setecentista. Na primeira metade do século XVIII, predominaram as construções de taipa, com **GUARNIÇÕES** dos **VÃOS** em madeira e **VERGAS** retas, quer nas casas térreas, que eram em maior número, quer nos prédios assobradados, que começavam a surgir. Nas alturas de 1750, quando em Ouro Preto se terminava a construção do Palácio dos Governadores, algumas alterações se verificam por sua influência nos processos e materiais construtivos. Com a maior estabilização da vida econômica e urbana, cresce o número de prédios residenciais de maior vulto, passando a ser comuns os **SOBRADOS**, de acabamento mais cuidado, com estrutura integral ou parcial de alvenaria de pedra, **SACADAS ISOLADAS** ou **CORRIDAS** com **PARAPEITOS** de ferro e maior ocorrência de vãos, nos quais as vergas, muitas vezes encimando guarnições de **CANTARIA**, recebem formas curvas ou alteadas. Os **BEIRAIS** de **CACHORROS** mais simples cedem, por outro lado, lugar a beirais em **CIMALHA**, de trabalho mais apurado. Algumas residências, de caráter mais nobre, recebem melhor acabamento interno, surgindo, embora como raridade, tetos pintados e **SALAS-CAPELAS INTERNAS** (exemplo: Solar do Padre Correia, atual Prefeitura de Sabará). Conjuntos homogêneos de sobrados e casas térreas residenciais de típica arquitetura colonial ainda se conservam em cidades como Ouro Preto, Serro, Tiradentes, Diamantina, etc. Nas áreas rurais, ainda subsistem também antigas sedes de fazendas, amplas construções geralmente assobradadas, com grandes varandas e compartimentos anexos para serviços. Uma das mais notáveis edificações desse tipo é a denominada Fazenda do Rio São João, no atual município de Bom Jesus do Amparo.

(Fotos 8, 9, 10, 11)

ARQUITETURA (OU ESCULTURA) DO EFÊMERO

Construção, de função efêmera, para cenários de festas públicas ou religiosas. Exemplo: mausoléu a D. João V, erguido na Igreja do Pilar de S. João del-Rei, 1750/1 (ver reprodução em ÁVILA, *O Lúdico*).

ARRANQUE

1. Primeira ADUELA de ARCO que se apoia diretamente na IMPOSTA.
2. Diz-se também da parte inicial de um CORRIMÃO, geralmente trabalhado. Nas especificações para a construção da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, a palavra aparece sob a grafia *arenque*.
(Fig. 12)

ARRIMO

Muro de maior espessura, destinado a proteção de aterros ou encostas.

ARRUAMENTO

A disposição ou organização das ruas e das edificações situadas ao longo das mesmas.

ARTESÃO

1. Operário, artífice, oficial ou artista que exerciam, mediante habilitação, determinado ofício manual.
2. Paineis quadrangulares ou poligonais, com ornato ou moldura, para aplicação em tetos, ABÓBADAS, ARCOS, etc. Daí a expressão teto ou FORRO ARTESOADO.

ARTESOADO

Tipo de FORRO trabalhado. O mesmo que CAIXOTÃO.
(Fig. 39)

ASA DE MINHOTO

O mesmo que RABO DE MINHOTO.

ASNAS

Ver PERNAS.

ASPA

Cruzamento de peças em forma de X, para assegurar a estabilidade de armações ou estruturas. Diz-se também *cruzeta de aspa*.

ASSOALHO

Piso ou pavimento de madeira.

ASSOBRADADA

Diz-se de uma construção, com piso elevado do chão, formado de ASSOALHO.

ÁTRIO

Entrada ou VESTÍBULO de uma igreja ou construção civil.

AUTO DE ARREMATAÇÃO

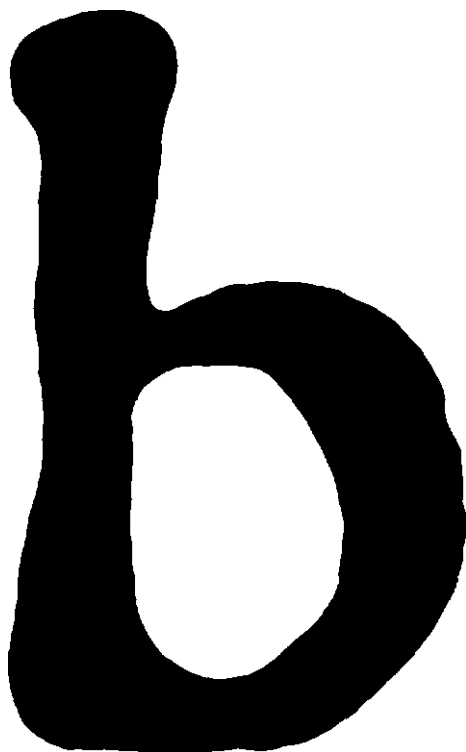
Documento contratual que estabelece as condições técnicas de execução de uma obra de construção ou ornamentação, bem como a remuneração correspondente. Diz-se também *auto de rematação*.

AVAOAMENTO

Segundo Paulo Thedim Barreto, em estudo sobre a Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, é o mesmo que BALANÇO ou saliência.

AZIMBRE

Ver o verbete CIMBRE.



BACIA

1. Base de pedra ou madeira, sacada da parede e que serve de apoio a GUARDA-CORPOS de PÚLPITOS, VARANDAS, BALCÕES, etc.

2. Diz-se também de certo tipo de TANQUE de CHAFARIZES, geralmente côncavo e de forma elíptica.

(Figs. 8, 51)

BALANÇO

Saliência não apoiada das construções, ficando sua projeção horizontal fora do perímetro determinado pelos elementos de sustentação da estrutura.

BALAÚSTRE

Elemento vertical, em forma de coluna ou pilar, para sustentação de CORRIMÃO, PEITORIL, etc.

(Fig. 42)

BALCÃO

Sacada, geralmente com BALAÚSTRES, em fachadas de pisos superiores das construções, à qual se tem acesso por uma JANELA RASGADA POR INTEIRO.

BALDRAME

1. Nome dado ao embasamento de ALVENARIA, CANTARIA ou ENSILHARIA. Localizado entre o ALICERCE e o nascimento das paredes. Vamos encontrar no caso de pavimentos elevados do solo.

2. Diz-se também de VIGA de madeira nas estruturas independentes, de onde partem as paredes ou onde as mesmas se apóiam.

(Fig. 13)

BALIZA

Estaca ou objeto usados para demarcar limites de construções ou ARRUA-MENTO. A observância de balizas para esse fim era regularmente exigida por disposições dos Senados das Câmaras.

BALUARTE

Construção alta, sustentada por muralhas; fortaleza. Pode-se falar em baluarte com relação ao antigo Palácio fortificado dos Governadores em Ouro Preto (atual Escola de Minas).

(Fig. 6)

BANDEIRA

Folha ou CAIXILHO, na parte superior de porta ou janela, geralmente fixos, de madeira ou envidraçados.

(Fig. 20-A)

BARBACÃ

1. Espécie de muro, que se construía diante das muralhas, ou frestas nas mesmas para observação.

2. Fresta ou orifício aberto em muro de ARRIMO, para permitir escoamento de água.

BARRETE DE CLÉRIGO (ABÓBADA DE)

ABÓBADA formada por quatro triângulos curvilíneos, cujos vértices se encontram num ponto central. É às vezes chamada simplesmente *barrete*.

(Fig. 1-D)

BEIRAL

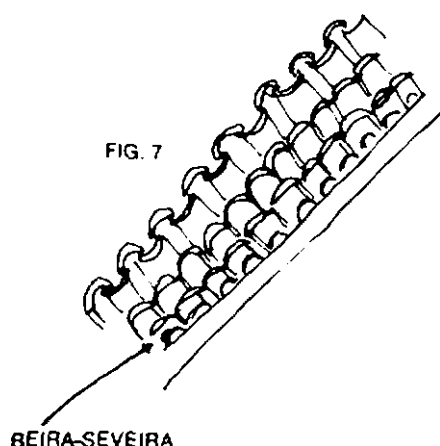


FIG. 7

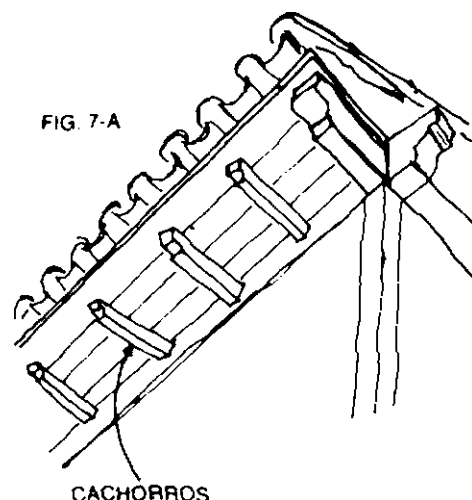


FIG. 7-A

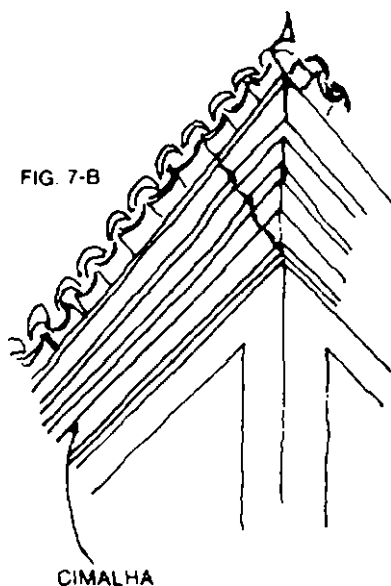


FIG. 7-B

BARRO-DE-MÃO

O mesmo que PAU-A-PIQUE.

BARROTE

Trave grossa de madeira, de secção transversal e retangular, geralmente com as dimensões aproximadas de 17 x 7 cm, destinada ao vigamento de AS-SOALHO ou de TESOURA, TERÇA, CUMEEIRA e FRECHAL de TELHADO. É maior do que o CAIBRO e menor do que a VIGOTA.

BASTIAO

O mesmo que BALUARTE.

BATENTE

Rebaixo ou OMBREIRA, onde se encaixam as FOLHAS dos VÃOS. (Fig. 22)

BATISTÉRIO

Lugar onde, nas igrejas ou capelas, fica a pia do batismo. (Fig. 27-B)

BEIRA-SEVEIRA

Beiral constituído por camadas de telhas, que, embutidas na ALVENARIA das paredes, se projetam sucessivamente. O mesmo que *beira-sob-beira*, *beira-sobeira* ou triplíce telha. Ver também o verbete BEIRAL. (Fig. 7)

BEIRADA

O mesmo que BEIRAL.

BEIRAL

1. Saliência do TELHADO sobre as paredes exteriores de um edifício, para atender à sua proteção.
2. Última fiada das telhas do telhado. Apresenta-se de diversas formas: CIMALHA, CAIBRO CORRIDO, CACHORRO, BEIRA-SEVEIRA. (Figs. 7, 7-A, 7-B)

BETUME

Composição de cal, azeite, breu e outros ingredientes que, à maneira de *betume*, se usava para vedar condutos de água ou tapar juntas nas pedras. Com a grafia *batume*, aparece em 1772 nas condições para a construção das ABÓBADAS da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto.

BICA

Nos CHAFARIZES e LAVABOS, é o cano através do qual são abastecidos de água. Nos exemplos mais trabalhados dessas obras, as bicas partem geralmente de ornatos em forma de CARANCAS, peixes, golfinhos, etc. (Figs. 8, 44)

BICAME

Conduto de água que, nas construções do período colonial mineiro, era geralmente de madeira ou TELHÕES embutidos.

BICO

Diz-se do CORUCHÉU de uma TORRE que se assemelha à forma de bico.

BIQUEIRA

Telha ou tubo de metal que sobressai em relação à fachada do edifício e por onde escoam as águas de chuva. Ver também o verbete GÁRGULA.

BISEL

Corte ou chanfradura na extremidade de uma peça de madeira.

BITOLA (VITOLA)

Padrão usado de determinada medida para elementos ou peças de uma construção.

BOCELÃO

Moldura grossa, de forma geralmente redonda, na base de uma COLUNA. Diz-se também *bocel*. (Fig. 45-A)

BOMBARDA

Espécie de canhão antigo, grosso e curto, para arremesso de grandes bolas de ferro ou de pedra. Fala-se em GÁRGULAS em forma de *bombardas*, com relação às existentes na fachada da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto. (Fig. 34)

BOM-SERÁ

Seqüência de casas de *parede-meia*, de modesto feitio e acabamento, a exemplo dos *bons-será* existentes das ruas Barão do Ouro Branco e Alvarenga, em Ouro Preto. Segundo tradição oral, cor-

rente naquela cidade, a expressão teria se originado de comentário popular, feito à época da construção desses conjuntos, nestes termos: "Já que vão morar juntos, *bom será* que não briguem ..."

(Foto 12)

BONECA

Saliência de ALVENARIA, onde se fixa o MARCO das portas. O mesmo que *espaleta*.

BOTARÉU

Contraforte ou PILASTRA maciça, para reforçar PAREDE ou ARCOS.

BROQUEADO

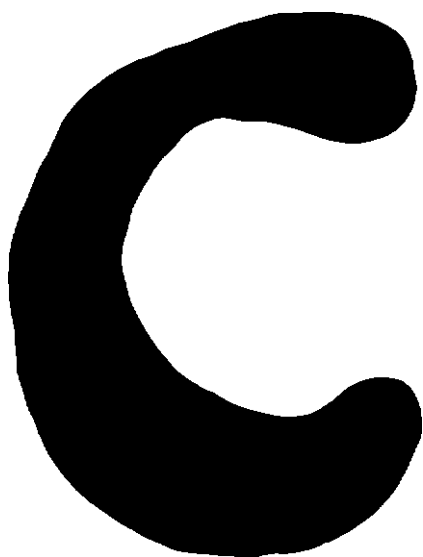
Aberto ou furado com broca. Nas condições datadas de 1772 para a construção das ABÓBADAS da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, estipulava-se que fosse "*broqueada* no centro, uma pedra quadrada, a fim de receber o *ferro achavetado*"; etc. Ver também o verbete CHAVETA.

BURRO

Apoio de madeira que sustenta os BALDRAMES. (Fig. 13)

BUZINOTE

Pequeno pedaço de cano destinado ao escoamento das águas em BALCÕES ou TERRAÇOS.



FRECHAIS, nas **TERÇAS** e nas **CUMEEIRAS**, para servir de sustentação às **RIPAS**, **GUARDA-PÓS** e **TELHAS**. (Fig. 33)

CAIBRO CORRIDO

Tipo de **BEIRAL** de madeira com estrutura aparente. Apresenta, à vista, os **CAIBROS** se projetando além do plano da parede. Note-se que são os **CAIBROS** que se projetam aparentemente, não se confundindo com **CACHORROS**.

Ver **CAIBRO**.

CAIXA DE ESCADA

Espaço ocupado pelas escadas de uma construção, em toda a sua altura, desde o pavimento inferior até o último.

CAIXA DO TEATRO

A parte do teatro onde ficam o palco, camarins, etc. Exemplo: *caixas* das antigas Casas da Ópera ainda existentes em Ouro Preto e Sabará.

CAIXÃO

1. Cercadura em tábuas dos **VÃOS** composta de **ADUELAS** e **ALIZARES**. 2. Diz-se do **FORRO** dividido em partes retangulares por meio de **VIGAS** que se cruzam.

CAIXILHO

Obra de carpintaria, serralheria etc., que serve para sustentar e guarnecer vidros, **ALMOFADAS** de madeira, etc. Estes quadros de madeira ou metal estruturam geralmente superfícies de vidro.

(Fig. 19)

CALCETAMENTO

Calçamento ou revestimento feitos com pedras justapostas.

CAL DE REGADA

Diz-se da cal regada com água. O mesmo que cal extinta.

CALHA

1. Diz-se da porta ou janela que tem a sua **FOLHA** composta de tábuas justapostas verticalmente. 2. Conduto de águas pluviais dos telhados.

(Figs. 19, 28-A)

CABECEIRA

1. Peça que guarnece outra, sob forma de contraforte. 2. A parte de um edifício oposta à sua entrada.

CABEIRA

A peça que arremata um **TABUADO**.

CACHIMBO

Peça de **FERRAGEM** da dobradiça, em que entra o **LEME** de porta ou janela. (Fig. 15)

CACHORRO

1. Peça, geralmente de madeira, que se apoia no **FRECHAL**, em balanço, para sustentar o **BEIRAL** do telhado. 2. Peça de madeira ou de pedra, igualmente em balanço, para apoiar a **BACIA** de **SACADA** ou de **BALCÃO**. (Fig. 7-A)

CAIAÇÃO

Processo rústico de pintura, à base de água e cal, associado ou não a pigmentos coloridos.

CAIBRO (S)

Peças de madeira, de secção retangular, que, nos **TELHADOS**, se apoiam nos

CÁLICE

BACIA ou TANQUE de CHAFARIZ em forma de cálice.

CAMARINHA

ALCOVA ou quarto de dormir, geralmente ao centro da casa e às vezes se elevando sobre as coberturas, à maneira de MIRANTE ou TORREÃO.

CAMBOTA

Forma semicircular no molde para armação de ARCOS ou ABÓBADAS.

CAMPA

Pedra superior das sepulturas rasas, de pedra, tábuas ou outro material. Frequentemente forma parte do piso das igrejas antigas, onde se faziam sepultamentos.

CAMPANÁRIO

Pequena torre, com duas, três ou quatro sineiras, uma em cada face, e separada do corpo da igreja. Exemplo: campanário da capela do Padre Faria, em Ouro Preto.

CANGA

Minério de ferro, usado para alvenarias. Com ele foram feitas as paredes de muitas capelas e também das primeiras habitações do chamado Morro de Ouro Preto.

CANGALHA

Nome dado à cobertura de duas ÁGUAS.
(Fig. 2)

CANIÇADA EM REBOQUE

Espécie de PAU-A-PIQUE empregada nas antigas construções de Minas Gerais, armada em gradeamento de canas ou caniços entrelaçados, com reboco.

CANO REAL

Cano grande, de alimentação de água ou canalização de esgotos.

CANTARIA

Obra de pedra aparelhada. Era geralmente usada nos elementos ou partes mais nobres das construções antigas em Minas Gerais.

CANTEIRO

O oficial ou mestre que lavra as pedras de CANTARIA ou o escultor que realiza obras com esse tipo de material.

CANTIL

1. Instrumento de CANTEIRO, para alisar pedras. 2. Instrumento de carpinteiro, para esquadriar tábuas a serem ajustadas pelos lados.

CANTO

Pedra grande e APARELHADA, geralmente para servir no CUNHAL de um edifício; esquadria de pedra.

CAPEADO

1. Revestido, pavimentado. 2. Trabalho de construção revestido de CAPEIAS.

CAPEIA

Pedra grande destinada a revestimento da parte superior de paredes.

CAPELA

1. Construção religiosa de pequeno porte, geralmente sem torres ou com apenas uma. 2. Na nomenclatura eclesiástica, são também chamadas de *capelas* quaisquer templos que não sejam igrejas matrizes. 3. Recinto de uma igreja onde fica um altar particular. Ver também o verbete ARQUITETURA DO PERÍODO COLONIAL MINEIRO — CONSTRUÇÕES RELIGIOSAS.
(Fotos 5, 6, 7)

CAPELA-MOR

Capela principal, onde fica o ALTAR-MOR de uma igreja.
(Figs. 27, 27-B)

CAPISTRANA

Faixa de lajes, assentadas entre o piso de SEIXO ROLADO, nas vias públicas, mais comumente no centro destas vias.
(Fig. 26)

CAPITEL

Remate de COLUNA, sua parte superior. Geralmente é esculpida.
(Figs. 45, 48)

CARAMANCHÃO

Construção simples, composta de pilares e cobertura geralmente em RIPAS,

usada em quintais ou jardins, para trepadeiras, parreiras, etc. Seu uso foi introduzido nas residências de Ouro Preto no século XIX.

CARAPINA

Carpinteiro; oficial de carpintaria.

CASA BANDEIRANTE

Entre as mais antigas edificações residenciais de caráter estável construídas em Minas Gerais, contavam-se as chamadas *casas bandeirantes*, assim designadas por terem sido introduzidas pelos primeiros povoadores paulistas. Sua PLANTA, de PARTIDO retangular, obedecia ao plano geral da casa térrea, típica de São Paulo na época, compondo-se de larga VARANDA central, ladeada por dois cômodos, destinados geralmente à capela e a um quarto de hóspede. Desenvolviam-se, a partir destes, duas alas de quartos reservados à família, tendo ao centro as dependências de sala e serviços. Dois exemplos de *casa bandeirante* ainda se conservam no município de Ouro Preto, sendo um deles a sede da Fazenda do Manso e o outro, provavelmente mais antigo, uma construção parcialmente arruinada situada na localidade de Amarantina.

CASA DE ESCOTEIRO

Quarto de hóspedes, de acesso fácil e independente, destinado ao abrigo ou pousada de viajantes.

CASA DOS CAIXÕES

Dependência anexa a uma construção religiosa, geralmente junto à SACRISTIA, e destinada a armários para guarda de apetrechos do culto ou documentos. Em Mariana, no contrato de construção da Casa Capitular (hoje Museu), José Pereira Arouca assumiu o compromisso de construir, e realmente o fez, a "Casa dos Caixões" num compartimento de ligação entre os prédios da referida Casa Capitular e da Catedral.

CAVILHA

Peça de madeira ou metal, curta como PREGO, com cabeça numa extremidade e geralmente fenda na outra, destinada a unir ou segurar peças de madeira ou outro material.

(Fig. 32)

CEMITÉRIO DE GAVETAS

Diz-se popularmente dos cemitérios com urnas sobrepostas em paredes. São ainda bastante comuns e utilizados em Minas Gerais. Exemplos: cemitérios da Igreja de São Francisco de Assis, em São João del-Rei, e da Igreja do Carmo, em Sabará.

CEGA

1. Diz-se de uma parede sem VÃOS. 2. Por outro lado, designa-se como *faixa cega* um intervalo, de sentido horizontal, entre duas séries de vãos ou entre uma delas e o BEIRAL de uma construção.

CHAFARIZ

Construção que apresenta uma ou mais BICAS, por onde corre água potável. Em Minas Gerais, os chafarizes ainda remanescentes do período colonial são, geralmente, construídos em apurado trabalho de ALVENARIA e CANTARIA. Exemplos: Chafariz dos Contos, em Ouro Preto, e Chafariz de São José, em Tiradentes.

(Fig. 8)

CHAPUZ

Pedaco de madeira, chumbado na parede, para fixação de alguma peça com prego. Diz-se também *hucha*.

CHARNEIRA

Ligação de duas peças móveis, de metal ou madeira, encravadas uma na outra e unidas por um eixo, geralmente em janelas do tipo RÔTULA ou GELOSIA. Dobradiça.

CHAVE

Fecho ou parte mais alta de uma ABÓBADA, ARCO, VERGA, etc.

CHAVETA

1. Peça de ferro para segurar a CAVILHA. 2. Haste em que se articulam dobradiças.

CIMALHA

Arremate superior da parede que faz a concordância entre esta e o plano do FORRO ou do BEIRAL. No FRONTISPÍCIO das igrejas, diz-se, por analogia, da CORNIJA que corresponde às cimalhas das fachadas laterais, como se fosse seu prolongamento.

(Figs. 7-B, 17, 18)

CHAFARIZ DOS CONTOS.
NA PRAÇA REINALDO O. ALVES DE BRITO.
EM OURO PRETO.

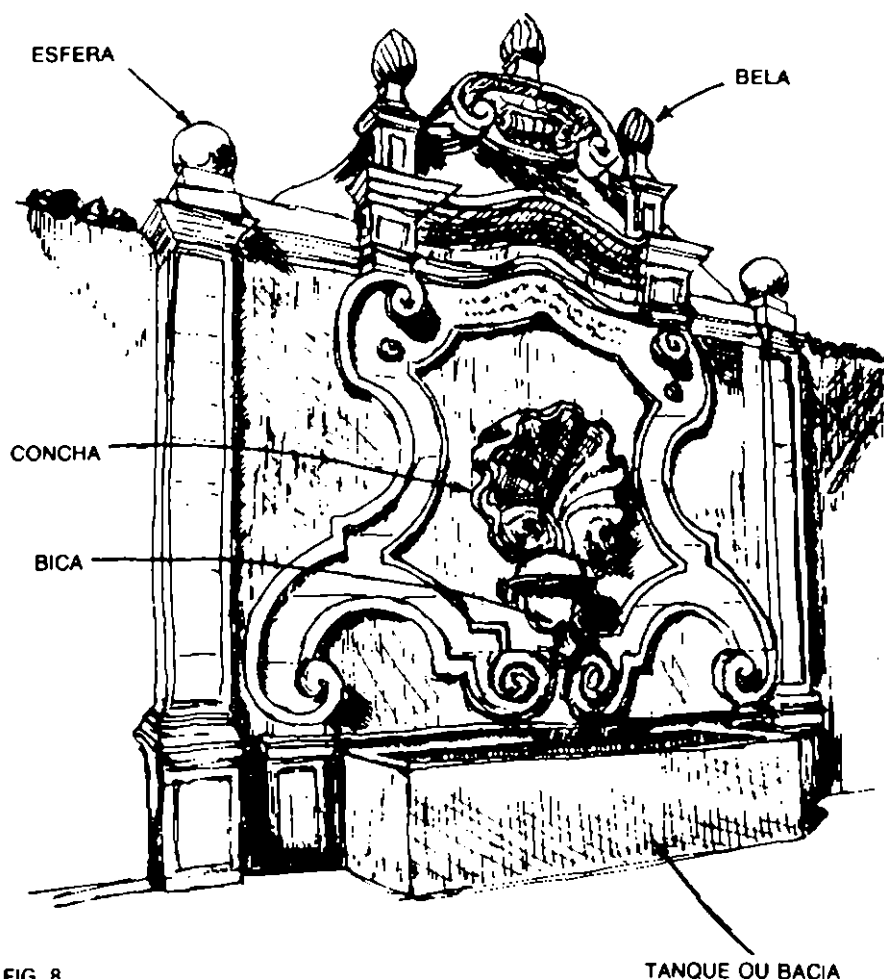


FIG. 8

CIMALHA ERGUIDA À ROMANA

1. Expressão usada por Alpoim nas especificações para construção do antigo Palácio dos Governadores, em Ouro Preto, relativamente às CIMALHAS previstas para JANELAS RASGADAS POR INTEIRO e PORTADAS. 2. Na antiga terminologia arquitetônica, chamava-se também de "romano" um tipo de folhagem do FRISO.

CIMALHA REAL

Cimalha ou arremate de parede interna, ao nível do teto, de função geralmente mais ornamental do que de estrutura. Em muitas igrejas mineiras, a cimalha real da CAPELA-MOR, trabalhada em TALHA e PINTURA, dá continuidade ao ENTABLAMENTO do ALTAR-MOR, estendendo-se às duas paredes laterais do cômodo ou recinto (ex. capela-mor da Igreja do Bom Jesus de Matozinhos do Serro).

CIMBRE

Armação de madeira que serve de molde e suporte durante a construção de ARCOS e ABÓBADAS e que, depois, é retirada. Nas condições datadas de 1772 para a construção das abóbadas da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, aparece a grafia *azimbre*. Ver também o verbete CAMBOTA.

CLARABÓIA

Abertura em cima de uma construção destinada à iluminação. Ver também o verbete ÓCULO.

COBERTURA

Toda a parte que cobre um edifício. Pode se limitar a um só plano quando é denominada "meia-água" ou 2, 3, 4 ou mais planos, denominados, respectivamente, cobertura de 2, 3, 4 ou mais águas. Constituída pelo TELHADO e todo o madeiramento que o sustenta.

COCHICHOLO

1. Pequena casa térrea, de fachada reduzida a apenas dois VÃOS: uma porta e uma janela. 2. Casinhola ou aposento muito apertado. Por corruptela, diz-se também *cochicho* ou *cochichó*.

COIFA

Chaminé em forma de campânula, usada em certos fogões, a exemplo do existente na Casa dos Contos, em Ouro Preto, onde a peça aparece em balanço, apoiada sobre VIGAS.

COLUNA

Elemento de sustentação com secção circular. Em algumas ORDENS arquitetônicas, a coluna é composta de base, FUSTE e CAPITEL.

Ver também o verbete COLUNA na parte de ORNAMENTAÇÃO deste Glossário.

(Figs. 45, 45-A)

COMUA

Antiga denominação do cômodo destinado à latrina ou privada.

CONSISTÓRIO

Sala localizada geralmente na parte posterior das igrejas, no piso superior, acima da SACRISTIA, onde se reuniam os religiosos.

(Fig. 27-A)

CONTRAFEITO

VIGA de madeira pregada na extremidade mais baixa dos CAIBROS ou entre esses e as extremidades do BEIRAL, concordando-o com o plano da cobertura. Esta concordância recebe o nome de GALBO DO CONTRAFEITO.

(Fig. 9)

CONTRAFRECHAL

Peça de madeira, colocada sobre o FRECHAL ou LINHA de uma TE-SOURA, acima das paredes, para receber os CAIBROS.

(Fig. 33)

CONVERSADEIRA

Assento construído ao lado da janela, rasgada por dentro logo abaixo do PEI-TORIL. As conversadeiras podem ser de madeira, de CANTARIA ou da própria ALVENARIA da parede. Ver também o verbete JANELA DE AS-SENTO.

(Fig. 20)

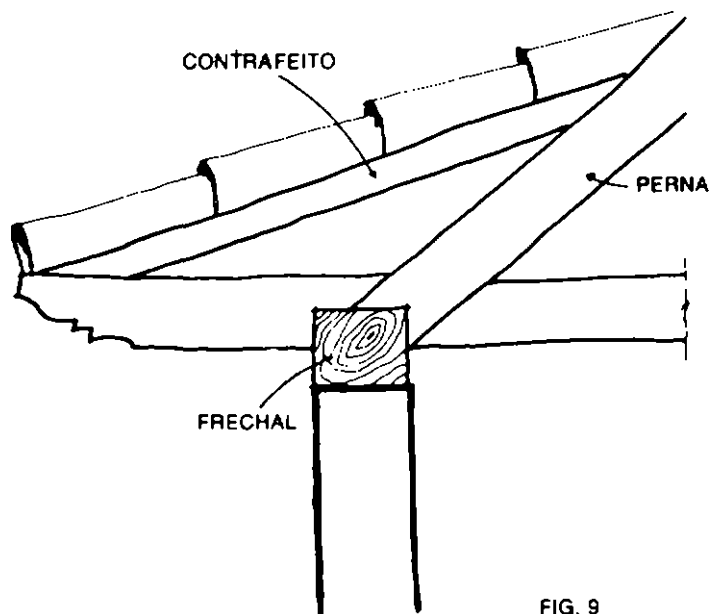


FIG. 9

COPIAR

1. Varanda coberta contígua à casa ou à igreja; espécie de ALPENDRE. 2. TACANIÇA. 3. Telhado de 3 ou 4 ÁGUAS sem CUMEEIRA.

(Foto 13)

COPIARA

O mesmo que COPIAR ou TACANIÇA.

CORDÃO

Fieira ou série de peças de CANTARIA, ALVENARIA, etc. Cordel.

CORDEAR

1. Tomar com cordas as medidas de uma construção. 2. Dar direção reta aos muros, paredes, ruas, etc.

CORNIJA

Moldura sobreposta, formando saliências na parte superior da parede, móvel, etc. Arremate. Ver também os verbetes **ENTABLAMENTO** nas partes de **ARQUITETURA** e de **ORNAMENTAÇÃO** deste Glossário.

(Fig. 17)

CORO

BALCÃO situado por cima da porta central de entrada da igreja, destinado a abrigar os cantores em cerimônias religiosas.

(Fig. 27-A)

CORRIMÃO

1. Peça ao longo e ao lado de uma escada, para se firmar a mão. 2. **BARROTE** que sustenta os **BALAÚSTRES** e serve de encosto ou **PARAPEITO** nos **GUARDA-CORPOS**.

CORTINA

Nas especificações feitas por Alpoim para a construção do Palácio dos Governadores de Ouro Preto (atual Escola de Minas), trata-se de muro ligando dois **BALUARTE**s ou fortificações altas do tipo ali existentes.

(Fig. 6)

CORUCHÉU

Ornamento geralmente de pedra que coroa fachadas, **TORRES** ou **FRONTÕES** dos edifícios. **PINÁCULO**.

(Fig. 18)

COUCEIRA

Parte da porta sobre que se pregam as dobradiças. Coice da porta.

COXIA

Numa igreja, é o espaço compreendido entre as paredes laterais da nave e as fileiras formadas pelos bancos. Geralmente, é delimitado por **BALAUSTRADAS** ou **CANCELOS**.

CRIPTA

Galeria subterrânea que, em alguns conventos e igrejas, se destinam ao sepultamento de religiosos. Exemplos: criptas da Catedral de Mariana, onde estão as catacumbas dos bispos locais, e do Colégio do Caraça.

CRIVO

O espaço entre as **REIXAS** de engradamento das **GELOSIAS**.

CRUZEIRO

1. Grande cruz, erguida nos **ADROS**, cemitérios, largos, praças, etc. Alguns cruzeiros apresentam a forma conhecida como "Cruz dos Martírios", que traz os instrumentos do suplício de Cristo. 2. A parte da igreja compreendida entre a **CAPELA-MOR** e a **NAVE** central. Ver também o verboete **ARCO-CRUZEIRO**.

(Fig. 46)

CUMEEIRA

Diz-se da parte mais alta dos telhados, onde têm início as **ÁGUAS**, ou da peça estrutural que a forma. Ver também o verboete **COBERTURA**.

(Fig. 33)

CUNHAL

Ângulo externo e saliente, formado por duas paredes convergentes, podendo ser de madeira, pedra ou massa, conforme o sistema construtivo adotado. Quando a estrutura é de madeira, o cunhal se compõe de **ESTEIOS** aflorados. Quando de pedra, seja de **ALVENARIA** e massa ou de **CANTARIA**, sempre aparece ressaltado da parede. Alguns cunhais, especialmente os de massa do século XIX, costumam apresentar decoração em relevo.

(Fig. 13)

CUNHAL EM QUILHA DE NAVIO

Algumas construções antigas, de esquina, principalmente em Ouro Preto, apresentam interessante tipo de cunhal, que, partindo de uma aresta ou quina viva, se abre a uma certa altura em forma de uma quilha de navio. Exemplo: casa com **NICHO EXTERNO** ou **ORATÓRIO**, na esquina das ruas Ber-

nardo de Vasconcelos e dos Paulistas,
na referida cidade.
(Fig. 10)

CÚPULA

Parte superior, semi-esférica, em cobertura de alguns edifícios. Em algumas igrejas e capelas mineiras do século XVIII, ocorre a existência de FORROS (ex. capela-mor da Sé de Mariana) e coberturas de TORRES em forma de cúpulas.

CUTELO

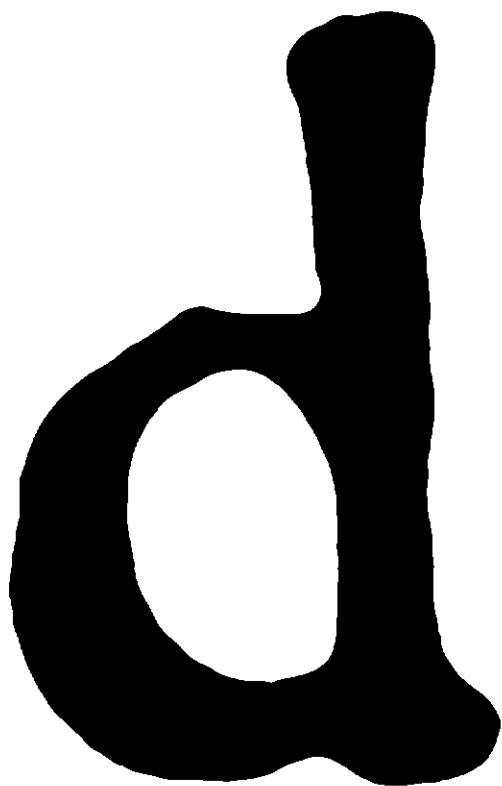
Maneira de dispor os TIJOLOS na construção de uma PAREDE, ou PISO, apoiando-os sobre uma das quatro faces mais estreitas. Geralmente nos ARCOS estruturais, ou ABÓBADAS, os tijolos estão *dispostos a cutelo*, o que resulta na formação de INTRADORSO pela sucessão das faces menores de cada tijolo.
(Fig. 25)

CUNHAL EM QUILHA DE NAVIO

FIG 10

CASA NA ESQUINA DA RUA BERNARDO
DE VASCONCELOS COM A DOS PAULISTAS —
OURO PRETO





DARDO DE JÚPITER

Espécie de emenda usada em trabalhos de carpintaria, em forma de dardo.

DEGRAUS DE CONVITE

Degraus iniciais de uma escada, antes do seu primeiro PATAMAR.

(Fig. 12)

DEMÃO

Cada uma das camadas de revestimento, CALÇAÇÃO ou tinta que se dá a uma determinada superfície.

prumada de uma parede, a fim de amarrarem outras paredes que a ela se juntam.

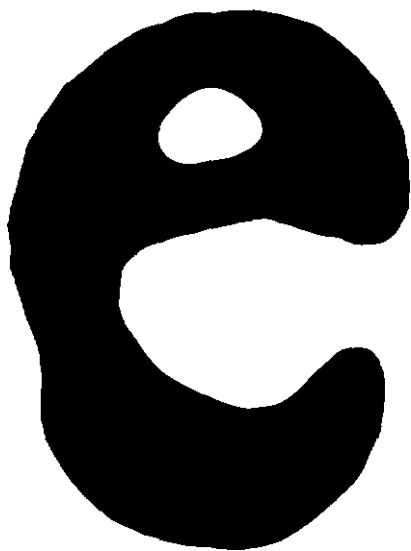
DENTAÇÕES

Segundo Paulo Thedim Barreto, em estudo sobre a Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, trata-se da série de pedras colocadas de forma saliente para fora da

DINTEL

VERGA horizontal ou reta. O mesmo que LINTEL.

(Fig. 35)



EIRADO

Ver o verbete **TERRAÇO**.

EMBARBAR

Encaixar, encasar. Diz-se com relação ao assentamento das **VIGAS** no madeiramento do **TELHADO**.

EMBASAMENTO

Parte inferior de um edifício destinada à sua sustentação.
(Fig. 18)

EMBOÇAMENTO

Assentamento com argamassa de uma telha côncava a outra ou, principalmente, das **TELHAS** da **CUMEEIRA** ou **ESPIGÃO**.

EMBOCAR

Ligar por argamassa umas telhas às outras, de modo a evitar que as mesmas se desloquem pela ação do vento ou sofram infiltração de água. Ver também o verbete **EMBOÇAMENTO**.

EMBOÇO

A primeira camada de argamassa que se assenta na parede antes do **REBOCO**.

EMPENA

1. Parte superior triangular, acima do forro, fechando o vão formado pelas duas **ÁGUAS** da cobertura. 2. Por extensão, a parede lateral. 3. Nas fachadas principais, especialmente em igrejas, a empena é denominada **FRONTÃO** e quase sempre aparece com trabalhos ornamentais.
(Fig. 2)

ENGRA

Canto formado por duas paredes; quina.

ENGRADAMENTO

Estrutura para parede, em madeira cruzada, destinada a ser preenchida com barro ou **ADOBE**.

ENLEITAMENTO

Diz-se do processo de abertura de *leito* ou cavidade para assentamento de pedras ou tijolos.

ENRELHADA

Diz-se de porta ou janela reforçadas com relhas, ou seja, com peças de madeira destinadas a evitar que as respectivas folhas se empenem.

ENSAMBLAR

Reunir, juntar, encaixar ou entalhar peças de madeira ou outro material. Em documento de 1771, alusivo à construção da Igreja do Carmo, em Sabará, há referência ao ensablamento de "pedras com ferro e chumbo".

ENSILHARIA

Pedra com face aparente aparelhada.

ENSOLEIRAMENTO

Parte da parede logo acima do **ALICERCE** e ao nível do chão. Diz-se também *elegimento*.

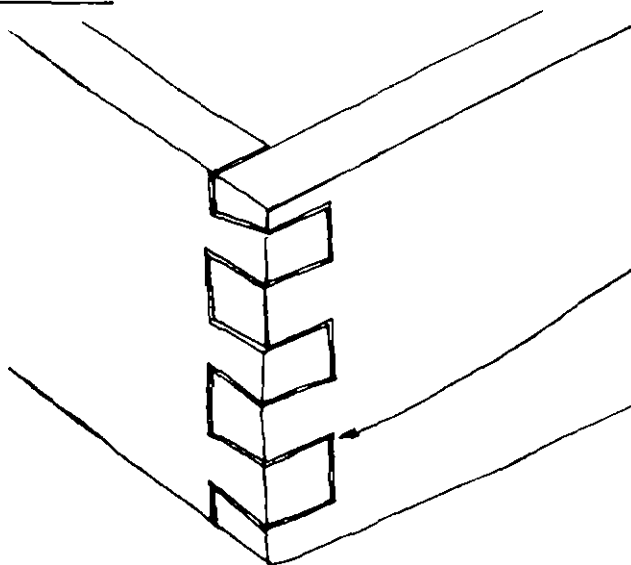
ENSUTADO

Demarcado com a **SUTA**.

ENTABLAMENTO

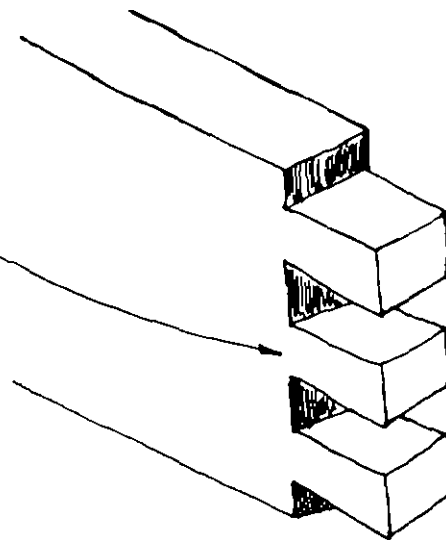
A parte dos edifícios acima das **PLASTRAS** ou das **COLUNAS**. Ver também o verbete **ENTABLAMENTO** na parte de **ORNAMENTAÇÃO** deste Glossário.
(Fig. 45)

ENCAIXES



MALHETE

FIG. 11



ENTORNO

1. Toda área circundante de uma construção. 2. O conjunto de todos os elementos, área verde, construções vizinhas, anexas, etc., que interferem em sua paisagem.

ENVASAMENTO

Base de uma COLUNA, CUNHAL ou PILASTRA. Ver também o verbete EMBASAMENTO.

ENXOVIA

Cárcere ou cela no primeiro pavimento ou porão de uma construção penitenciária.

EPÍSTOLA (LADO DA)

Lado direito do interior da igreja, visto da entrada principal em direção ao ALTAR-MOR.

ESCADA DE PIÃO

Escada em forma espiralada, dita também de *caracol*.

ESCARVA

Encaixe na madeira ou outro material por onde se emendam duas peças. Usava-se antigamente a grafia *escarba*.

ESCÓCIA

Moldura côncava, entre duas convexas, que faz parte da base de uma COLUNA. O mesmo que NACELA. (Fig. 45-A)

ESCODADO

Lavrado com *escoda*, tipo de martelo dentado usado pelos CANTEIROS para alisar pedra.

ESCOPRO (LAVRADO A)

Diz-se do trabalho executado com o emprego do escopro, instrumento de ferro e aço para lavar pedra, madeira, etc.

ESCORA DE REMO

A expressão *escora de remo* aparece nas condições datadas de 1772 para a construção das ABÓBADAS da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto. Por dedução, entende-se tratar-se de peça em forma de *remo*, com função de segurança no madeiramento de estrutura de uma abóbada.

ESCURO

Segundo definição de José Wasth Rodrigues, tratava-se, nas construções antigas, de espécie de folha de porta ou janela que, por dentro, as fechava hermeticamente.

ESPELHO

1. A face vertical do degrau de uma escada. 2. Diz-se também de uma superfície plana numa parede, num CHAFARIZ, etc. Ver também os verbetes PANO e TREMÓ.

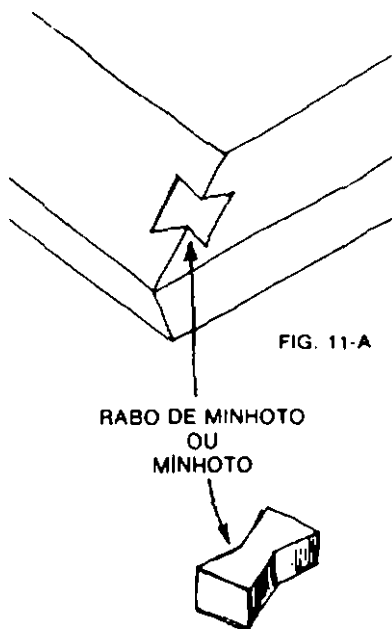
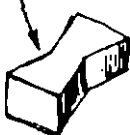


FIG. 11-A

RABO DE MINHOTO
OU
MINHOTO



ESPIGÃO

1. Encontro saliente, em desnível, de duas ÁGUAS do TELHADO.

2. Diz-se também da linha oblíqua de ligação entre a CUMEEIRA e a BEIRADA.

(Fig. 2)

ESQUADRIA

Designação genérica para indicar portas, CAIXILHOS, VENEZIANAS, etc.

ESQUADRIADO

Delimitado a ESQUADRO, em ângulo reto. No contrato alusivo à construção da Casa da Câmara e Cadeia de Mariana, a palavra aparece com a grafia do tempo: *esquadrjado*.

ESQUADRO (COLOCADO EM)

Qualquer elemento ou superfície de uma construção ou objeto feitos segundo o rigor do esquadro, instrumento com que se medem ou traçam ângulos retos e linhas perpendiculares.

ESTEIO

Piça vertical, de madeira, pedra ou ferro, usada para sustentar parte da PAREDE, teto ou edificação.

(Fig. 13)

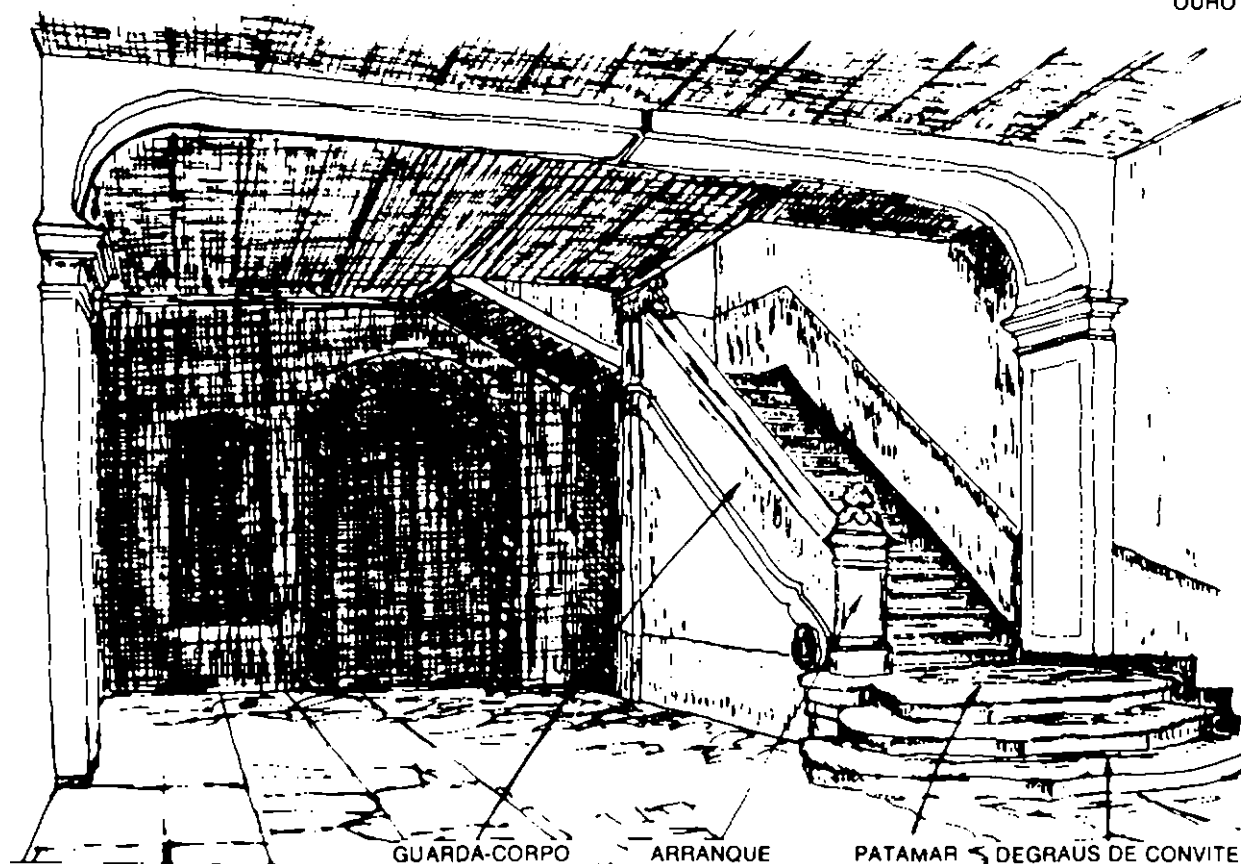
ESTEIRA

Tipo de material feito de fibras trançadas, podendo ou não formar desenhos, usado para forros e outros elementos da construção. No primeiro caso, aparece em planos inclinados, acompanhando a declividade do TELHADO, ou em planos horizontais. Ver também o verbete URUPEMA.

LANÇO DE ESCADA

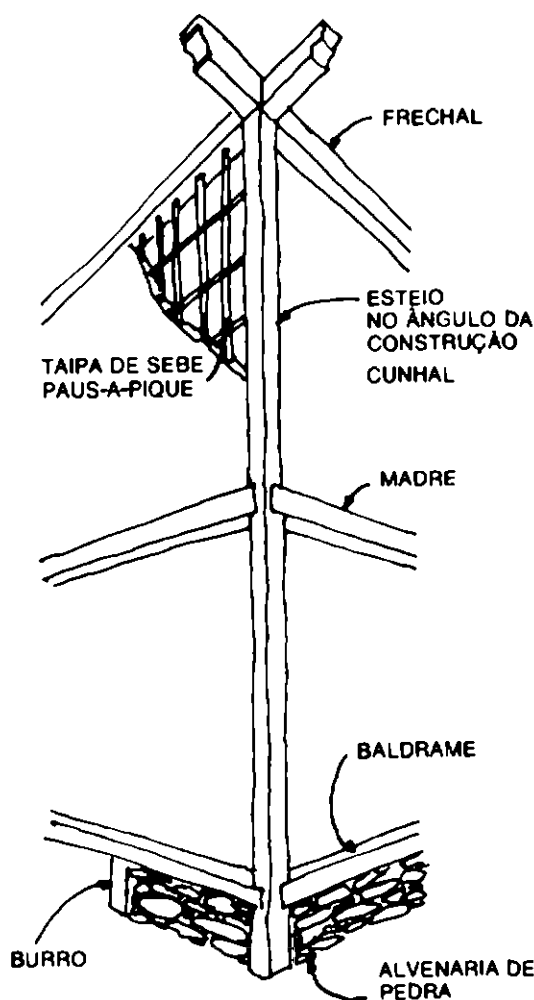
VESTIBULO DA CASA DOS CONTOS —
OURO PRETO

FIG. 12



ESTRUTURA

FIG. 13



ESTILOBATO

Plano ou, mais propriamente o último degrau de uma escadaria no qual se apóia uma colunata.

ESTRUTURA

Parte da construção destinada à sustentação, geralmente constituída de PILARES e VIGAS. Há casos em que as paredes servem de sustentação, recebendo o nome de PAREDES ESTRUTURAIS.

(Fig. 13)

ESTRUTURA AUTÔNOMA

Uma construção é dita de estrutura autônoma quando o seu esqueleto de sustentação é formado de VIGAS, PILARES ou outros elementos estruturais, não recebendo as paredes de vedação qualquer carga ou cobertura. Em Ouro Preto, os pilares desse tipo de estrutura eram, às vezes, apoiados em EMBASAMENTO de pedra, para evitar a umidade do terreno prejudicial à madeira.

ESTUQUE

Argamassa feita de gesso ou cal, areia fina ou pó de mármore, revestindo trançado de metal ou TRELIÇA de madeira que se usam como PAREDES secundárias, FORROS e ornamentos.

(Fig. 14)

EVANGELHO (LADO DO)

Lado esquerdo do interior da igreja, visto da entrada principal em direção ao ALTAR-MOR.

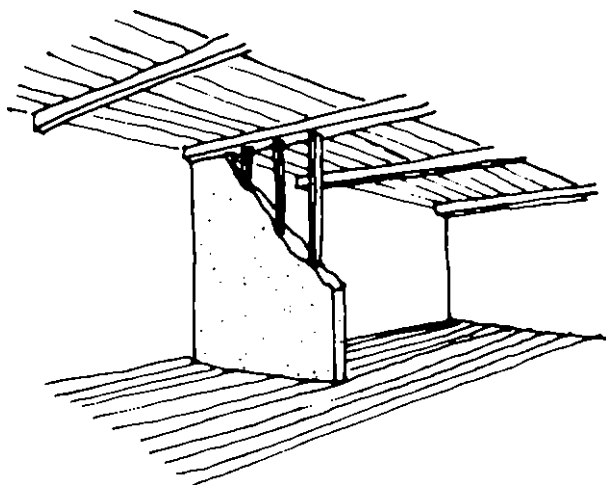
EXTRADORSO

Superfície exterior, convexa, de uma ABÓBADA ou ARCO. Numa forma construtiva, é o oposto de INTRADORSO.

(Fig. 3)

ESTUQUE

FIG. 14





FÁBRICA DA IGREJA

Diz-se dos rendimentos aplicados ao culto, manutenção ou reparos de uma igreja. Por extensão, o cômodo dessa construção religiosa destinado a guardar móveis e documentos da *fábrica*.

FAMINÉ

Em documento de 1783, alusivo às obras de reforma do desaparecido Palácio dos Governadores em Cachoeira do Campo, a palavra *faminé* é usada como corruptela de CHAMINÉ.

FASQUIA

1. Talisca ou ripa de madeira. 2. Elemento componente das TRELIÇAS. (Fig. 23)

FASQUIADOS POLEGADA CHEIA POR VAZIA

Nas especificações feitas por Alpoim para a construção do antigo Palácio dos

Governadores em Ouro Preto, tratava-se de ESTUQUES feitos de FASQUIAS pregadas com espaçamento de uma polegada.

FERRAGEM

Conjunto ou porção de peças de ferro empregadas em certos elementos da construção, a exemplo de fechaduras, espelhos de fechaduras, trincos, ferrolhos, ALDRAVAS, puxadores, dobradiças, argolas de bater, etc.

(Fig. 15)

FERRO

No período colonial mineiro, o ferro era em boa parte fabricado em forjas locais e rudimentares, das quais provinha geralmente a matéria prima com que os ferreiros confeccionavam peças de uso geral nas construções, a exemplo de fechaduras, PREGOS, dobradiças, etc., bem como instrumentais de mineração. Também ocorria a importação de ferro estrangeiro, vindo de preferência da Espanha, Suécia, Inglaterra, etc. O aparecimento de BALAÚSTRES ou grades de ferro nos BALCÕES e SACADAS de Ouro Preto, em substituição aos anteriores feitos de madeira, ocorreu na segunda metade do século XVIII.

FINTA

Espécie de tributo que, no período colonial, os Senados das Câmaras impunham aos moradores das vilas ou cidades, visando geralmente ao custeio de obras públicas.

FOCINHO

Parte mais saliente na extremidade de um CACHORRO ou do degrau de uma escada.

FOLGURA

Largura. A palavra aparece sob a grafia *fogura* nas especificações para a construção da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana.

FOLHA

Parte móvel das portas, janelas, etc.

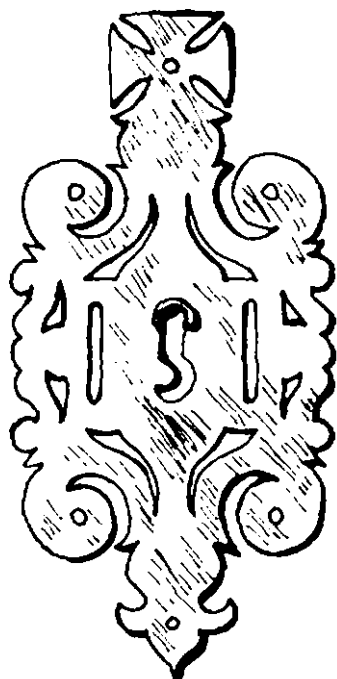
FORRO

Teto ou revestimento interno da parte superior dos cômodos de uma construção.

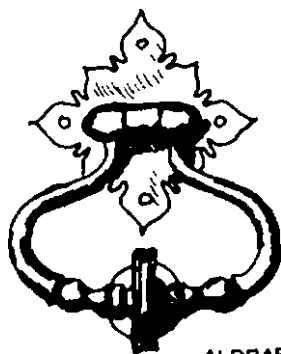
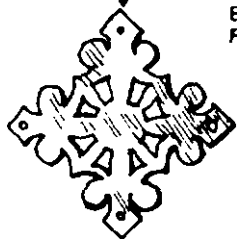
(Fig. 16)

FERRAGEM

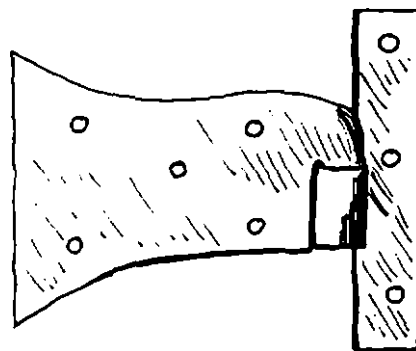
FIG. 15



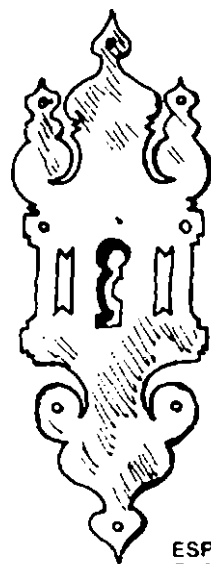
ESPELHO DE
FECHADURA



ALDRABA



DOBRADIÇA TIPO
LEME — CACHIMBO



ESPELHO DE
FECHADURA

FRECHAL

VIGA que arremata o topo das PAREDES, servindo de apoio aos CAIBROS e ao VIGAMENTO do TELHADO.
(Figs. 9, 13)

FRESTA

Abertura estreita na PAREDE, menor do que a janela e maior do que a SETEIRA, para iluminação e ventilação.

FRISAS

Seqüência de lugares num teatro, correspondendo à primeira galeria quase ao nível da platéia. Exs.: frisas das antigas Casas da Ópera ainda existentes em Ouro Preto e Sabará.
(Foto 14)

FRONTAL (PAREDE DE)

Parede externa, de pouca espessura, geralmente de meio-tijolo.

FRONTÃO

Espécie de EMPENA que serve para coroar a parte central do FRONTISPÍCIO da igreja, quase sempre trabalhada e encimada ao meio por uma cruz. Costuma-se falar também em frontão com relação ao coroamento de outros edifícios ou REMATE do RETÁBULO, portas, janelas, etc.
(Figs. 17, 18)

FRONTÃO ABERTO

Diz-se do FRONTÃO que tem um ÓCULO ou abertura no TÍMPANO.
(Fig. 18)

FRONTÃO ONDULADO

FRONTÃO cujo contorno se define, na parte superior, por linhas curvas.
(Fig. 18)

FRONTISPÍCIO

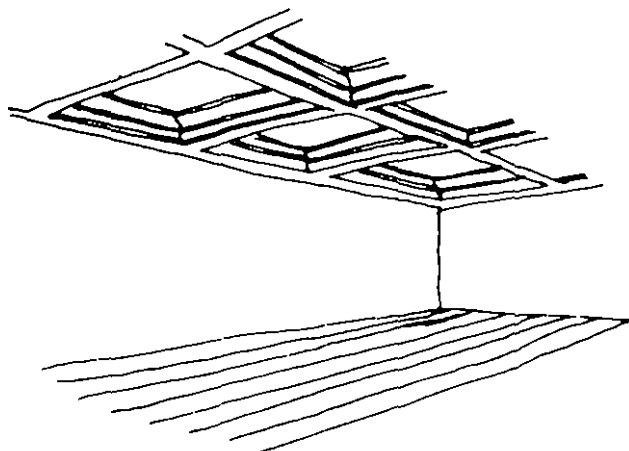
Fachada principal. Frontaria.
(Fig. 18)

FUSTE

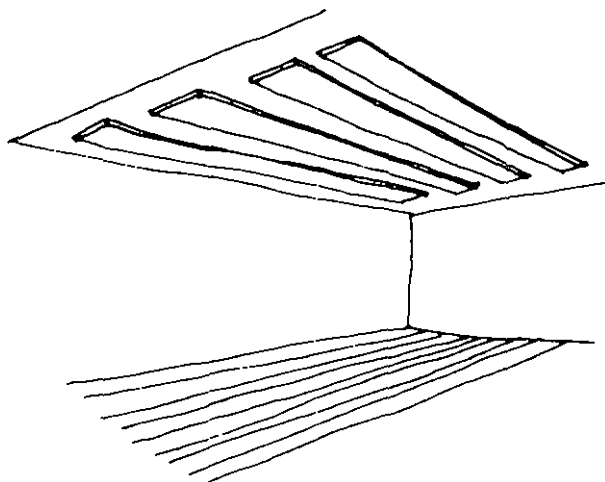
Parte principal da COLUNA, entre o CAPITEL e a base.
(Fig. 45)

FORROS

FIG. 16



APAINELADO



SAIA E CAMISA

FRONTÃO

IGREJA DO ROSÁRIO -
OURO PRETO

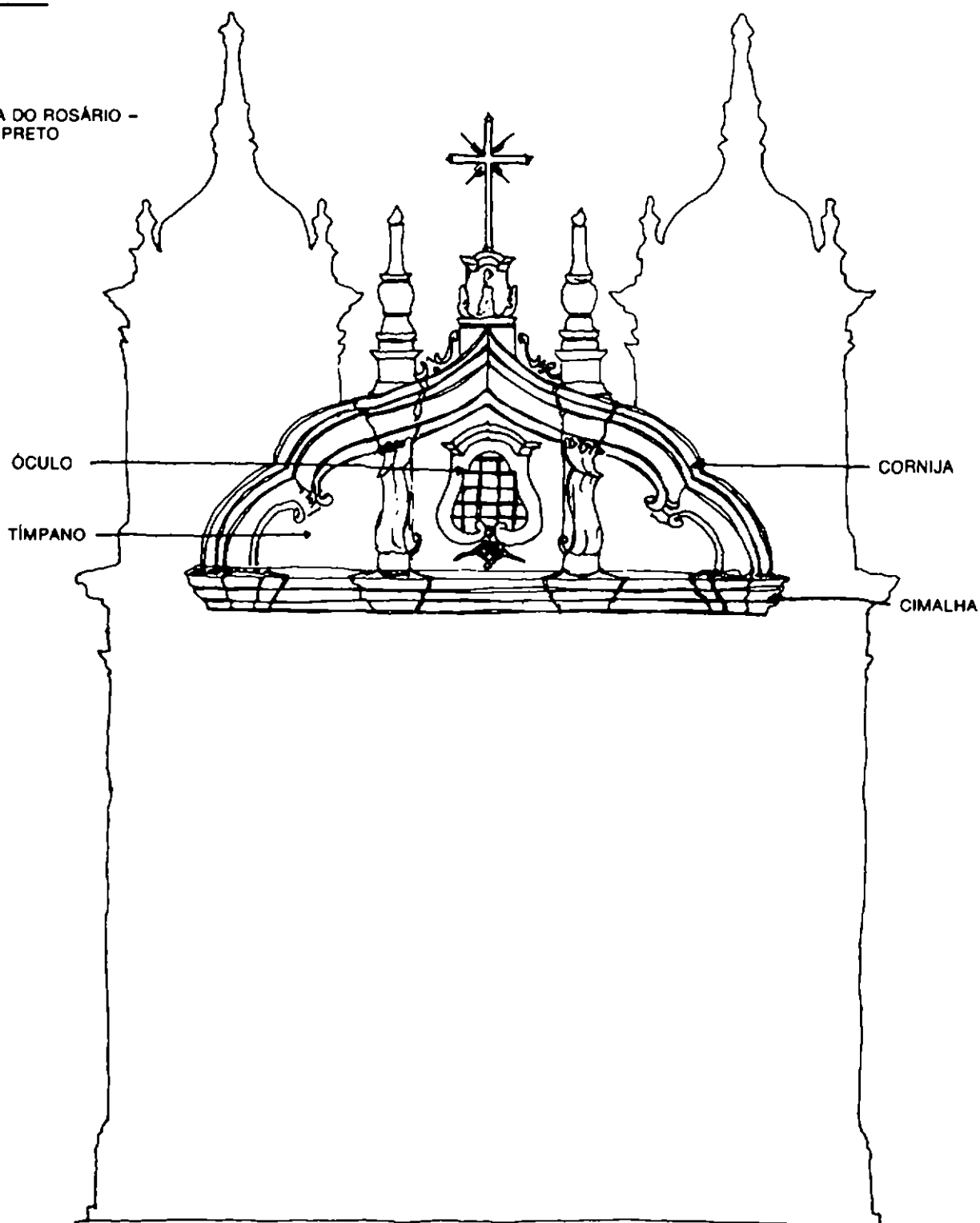


FIG. 17

FRONTISPÍCIO

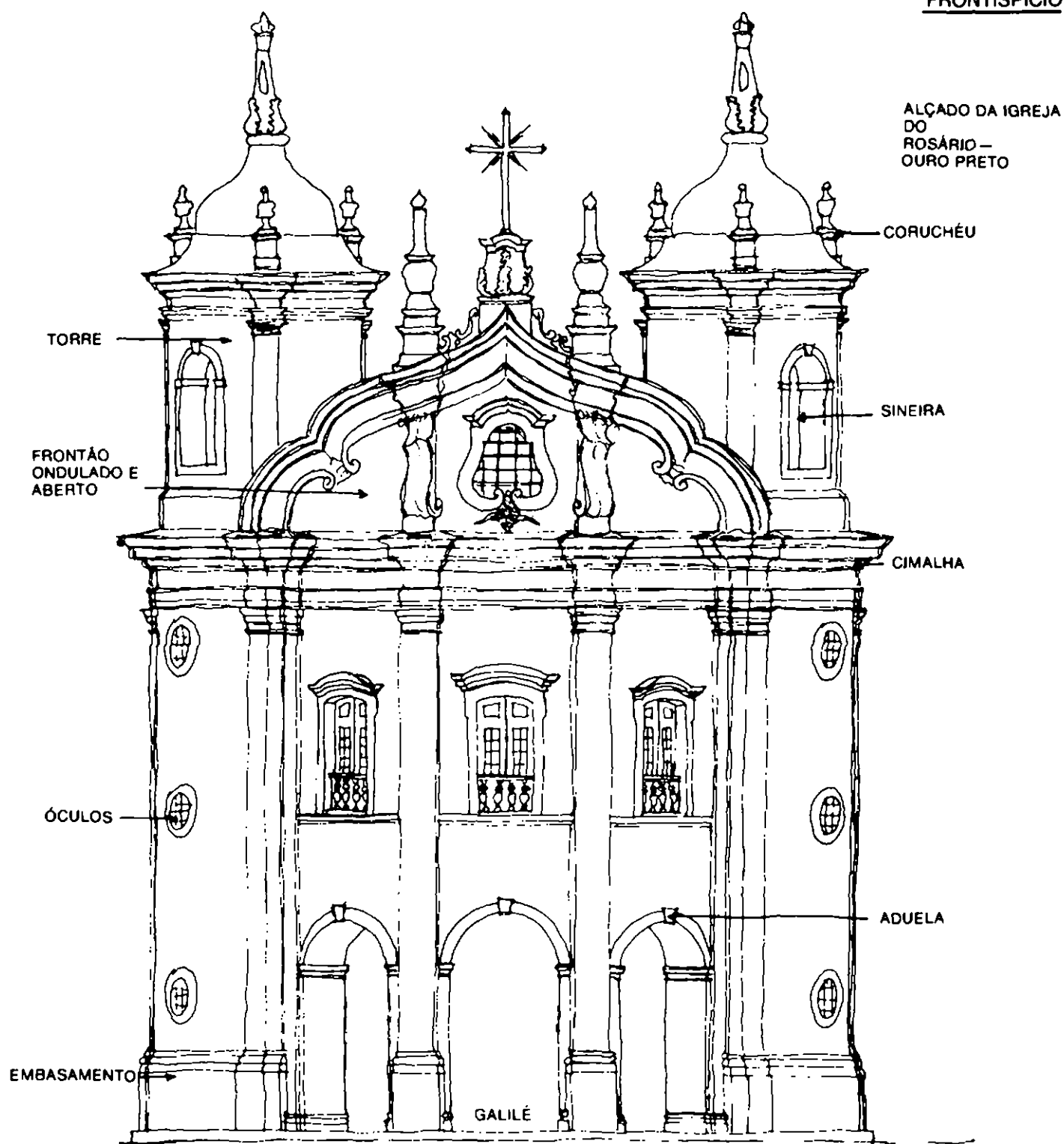


FIG. 18



GALBO DO CONTRAFEITO

Curvatura das extremidades do TELHADO, gerada pelo uso do CONTRAFEITO, determinando declividade menor na COBERTURA até às BEIRADAS.

GALGADA

Diz-se da PAREDE de um edifício levantada em plano paralelo com uma construção que lhe fica próxima ou contígua, servindo-lhe para isso de referência.

GALILÉ

Galeria entre a parede do FRONTISPÍCIO e as portas da NAVE, em algumas igrejas. Em Minas Gerais, são raras as construções religiosas que apresentam esse espaço de entrada, dando-se como exemplo principal a Igreja do Rosário, em Ouro Preto. Ver também o verbete NÁRTEX. (Figs. 18, 27)

GAMELA

FORRO em forma de gamela, constituído geralmente por quatro painéis inclinados e um horizontal retangular. (Foto 15)

GÁRGULA

1. Abertura por onde corre a água de um CHAFARIZ ou fonte. 2. Cano estreito na CIMALHA do TELHADO para dar saída às águas pluviais. Nas condições datadas de 1772, para a construção das ABÓBADAS da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, aparece a grafia *garvola*, enquanto em documento semelhante, datado de 1795 e relativo à construção da Igreja do Carmo da mesma cidade, lê-se *garbula*. Ver também o verbete ALGEROZ. (Fig. 44)

GATO

Piça de ferro que, em PAREDE, muro, etc., une e segura duas pedras de CANTARIA.

GELOSIA

Painel ou FOLHA de janela ou porta preenchida por TRELIÇA de madeira. (Fig. 19).

GIGANTE

Contraforte para escora ou ARRIMO de determinado muro ou PAREDE de uma construção. Fala-se em *gigante do chafariz* com relação ao seu PANO ou parede de ALVENARIA ou CANTARIA.

GRADIL

Armação de ferro ou outro material, em forma de grades, para vedação ou proteção. A introdução de gradis de ferro em SACADAS em Ouro Preto se deu provavelmente na construção do Palácio dos Governadores, disseminando-se, porém, o seu uso a partir da segunda metade do século XVIII. Eram, a princípio, de ferro batido, sendo mais tarde adotados os de ferro laminado. Ver também o verbete FERRO.

GRAVATIL

Instrumento em forma de triângulo, com que se faz a fêmea de um entalhe. Em documento alusivo à construção da Igreja do Carmo, em Ouro Preto, e citado por Francisco Antônio Lopes,

aparecem as grafias *esgravetil* e *esgravatil*.

GUARDA-CORPO

Proteção de meia altura feita na beira de escadas, VARANDAS, SACADAS, PATAMARES, PÚLPITOS, etc. Podem ser cheios ou vazados.

(Fig. 12)

GUARDA-PÓ

Forro sobreposto aos CAIBROS, composto de tábuas e abaixo das telhas.

GUARITA

TORRE ou abrigo nos ângulos de uma construção fortificada, destinado às sentinelas. Ex.: Guaritas do antigo Palácio dos Governadores em Ouro Preto.

(Fig. 6)

GUARNIÇÃO

1. Peças de enquadramento de um VÃO de porta ou janela, ou seja, OMBREIRA, VERGA, SOBREVERGA, etc., trazendo ornato ou cuidado trabalho de arremate. 2. Camada de cal ou GESSO com que se branqueiam as paredes depois de rebocadas.

GUIEIRO

Pequena FASQUIA ou RIPA de madeira que serve de guia para o movimento da janela de GUILHOTINA.

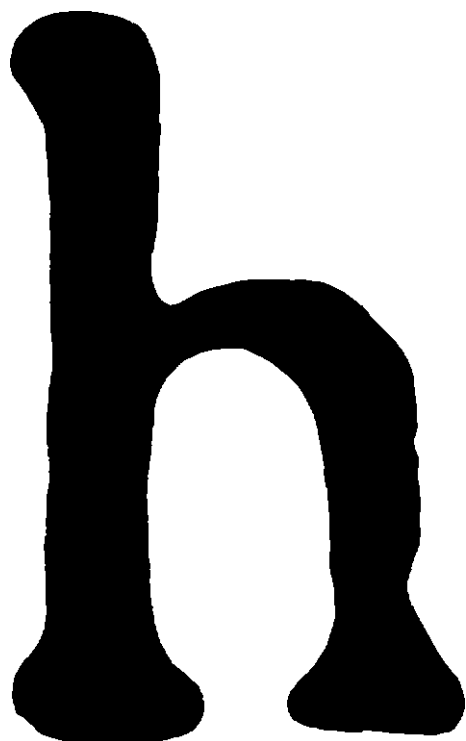
GUILHOTINA

Tipo de janela onde os CAIXILHOS correm verticalmente.

(Fig. 19)

GUINETE

Cordão de pedras grandes, assentadas a pique e usado como ARRIMO ao calçamento de ruas, a fim de evitar desbarrancamento, geralmente em trechos não delimitados por edificações.



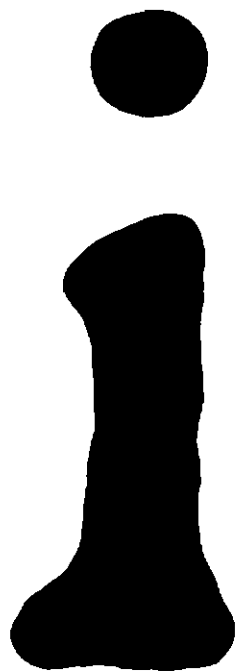
HASTE

Elevação de um SOCO, pouco ressaltada da prumada da parede. Segundo Paulo Thedim Barreto, teria a função de revigorar o EMBASAMENTO e proteger a ALVENARIA da parede contra a umidade do solo.

HOSPÍCIO DA TERRA SANTA

Construção conventual destinada a abrigar os Frades Esmoleres da Ordem Franciscana da Terra Santa ou dos Santos Lugares. Foi o único tipo de estabelecimento conventual masculino autorizado a funcionar em Minas Gerais no período colonial. Ainda hoje existem os prédios desses antigos Hospícios ou hospedarias em Ouro Preto e Sabará. Também possuíram esses estabelecimentos franciscanos as cidades de São João del-Rei, Diamantina, Campanha e Araxá, esta já no século XIX.

(Foto 16)



IMPOSTA

Elemento saliente ao alto do PÉ-DIREITO de uma PAREDE, em que se assenta a pedra inicial de um ARCO. É às vezes constituído por uma moldura em forma de CONSOLO.

(Fig. 3)

INTERCOLÚNIO

Espaço entre COLUNAS.

INTRADORSO

Superfície interior, côncava, da ABÓBADA ou do ARCO. Numa forma construtiva, é o oposto de EXTRADORSO.

(Fig. 4)

ITACOLOMITO

Tipo de rocha, variedade flexível de quartzito. Ocorre em grande quantidade na região próxima a Ouro Preto, tendo sido largamente empregado nas construções do período colonial mineiro, a

partir da edificação do antigo Palácio dos Governadores (atual Escola de Minas). Diferencia-se da PEDRA-SABÃO pela coloração e textura, aparecendo em tons amarelados ou róseos avermelhados.

JIRAU

1. Armação de madeira sobre a qual se edificam casas, para evitar a água e a umidade. 2. Espécie de estrado de madeira que serve para depósito no interior dos cômodos.

JUIZ DE OFÍCIO

Mestre designado por uma Corporação de Ofícios para examinar aqueles que, numa dada profissão mecânica, desejavam se habilitar a exercer por conta própria a respectiva atividade. Exemplo: juizes dos ofícios de pedreiro (ALVANEL, CANTEIRO, etc.), carpinteiro (CARAPINA), pintor, etc.

JUNTA DE PICAÓ MIÚDO

Rejuntamento de um piso ou qualquer construção de CANTARIA ou LAJEADO, feito a PICAÓ miúdo ou martelo curvo.

JUNTA SECA

1. Tipo de junta que não apresenta nenhum encaixe entre os elementos em que eles estão apenas encostados. 2. Diz-se de muro, PAREDE ou qualquer peça de ALVENARIA na qual não se empregou argamassa para rejuntamento dos TIJOLOS, pedras, etc. (Fig. 31)

JUNTA TOMADA A BREU

A expressão é referida em documento relativo ao Chafariz dos Contos, em Ouro Preto. Trata-se de processo de impermeabilização, obtido pelo rejuntamento a breu das pedras de CANTARIA do TANQUE.

JUNTOURO

Peça de pedra que atravessa completamente uma PAREDE, às vezes ultrapassando sua espessura, servindo como elemento de amarração com outras paredes. (Fig. 21)

JANELA DE ASSENTO

Janela que possui CONVERSADEIRA. (Fig. 20)

JANELA RASGADA POR INTEIRO

Aquela que se abre até o nível do pavimento dando frente para uma SACADA ou um GUARDA-CORPO entalado. Ver também o verbete PORTA-SACADA. (Fig. 19)

JANELA-SINEIRA

Ver o verbete SINEIRA.

JANELAS

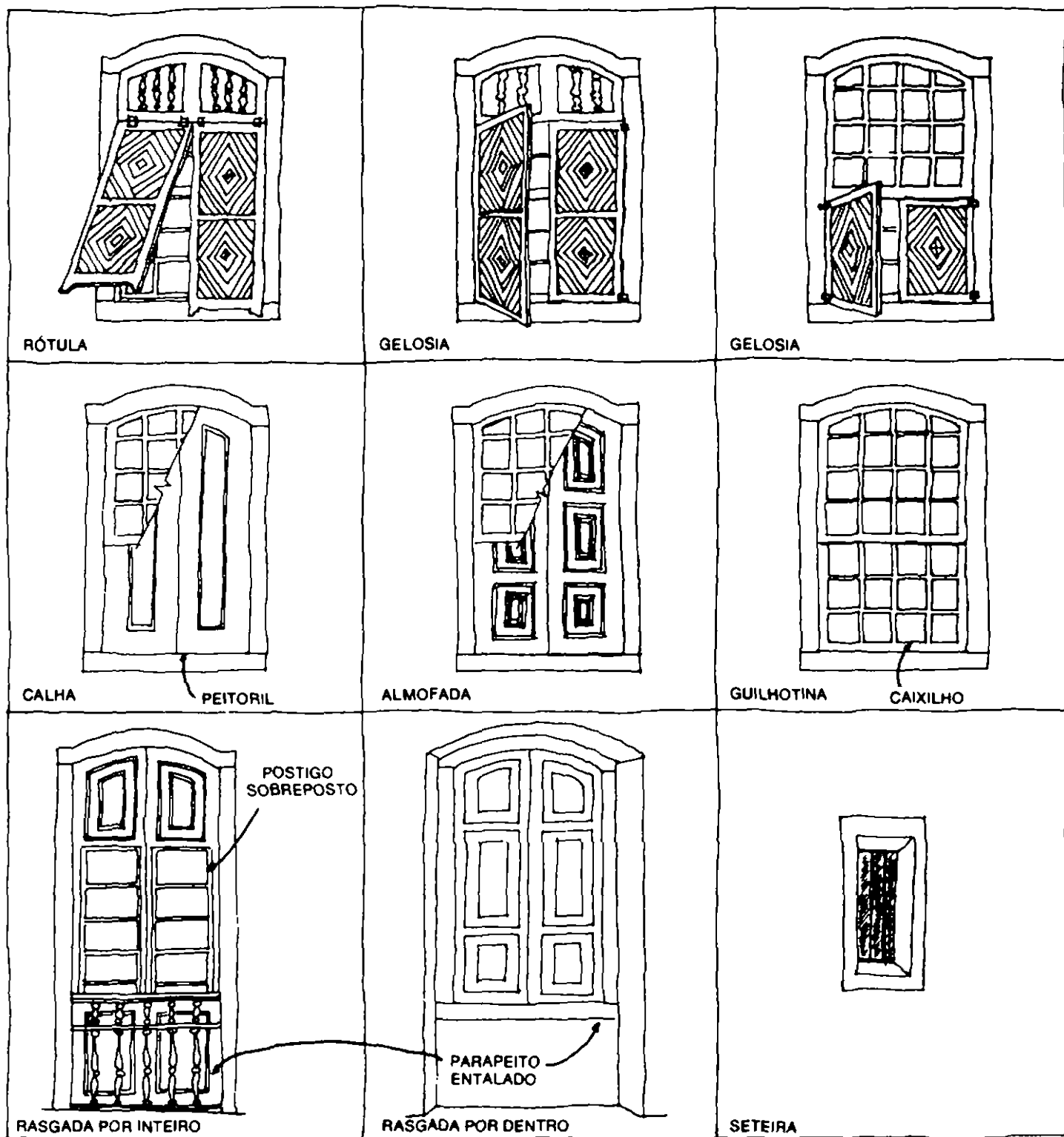


FIG. 19

JANELA DE ASSENTO

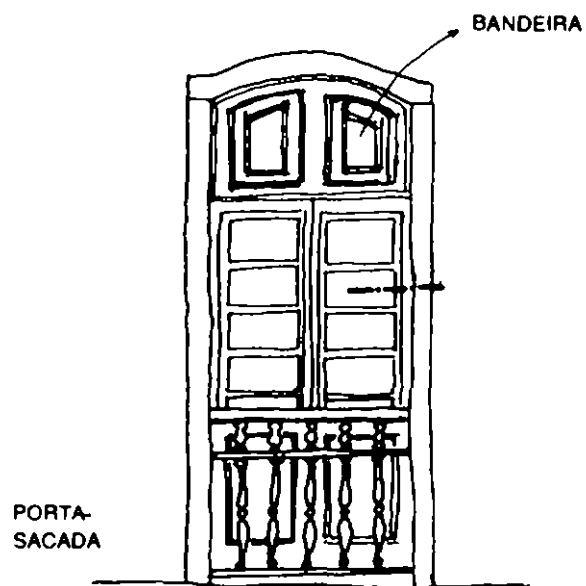


FIG. 20-A

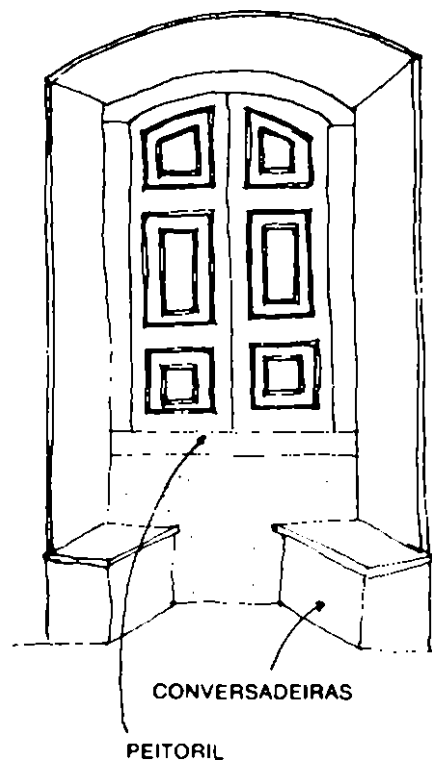


FIG. 20

JUNTOURO

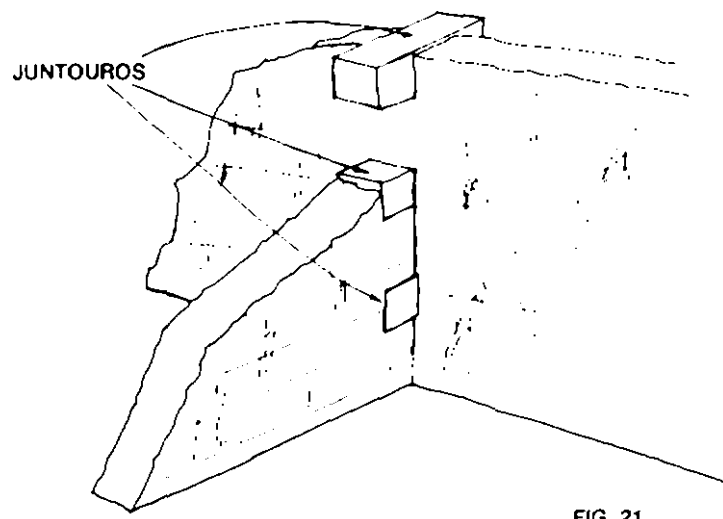


FIG. 21



LACRIMAL

Face vertical de uma **CORNIJA**, que é terminada por pequeno sulco ou pingadeira e destinada a impedir o escoamento da água da chuva pelo **ENTABLAMENTO**, **PILASTRA** ou **PAREDE**.

LADRILHO CERÂMICO

Peças para revestimento de **PISOS**, ou **PAREDES**, de barro cozido. Diferencia-se do **TUOLO** comum pelas dimensões, qualidade de acabamento e maior resistência.

LADRILHO HIDRÁULICO

Peças para revestimento de **PISOS**, obtidas pela prensagem hidráulica de argamassa de cimento. Podem apresentar-se na cor natural do cimento ou em outras cores.

LAJEADO

Tipo de pavimentação que consiste de placas de pedra assentadas com argamassa de barro.

(Fig. 26-A)

LANCIL

Laje de **CANTARIA**, comprida e delgada, para pavimentação, **OMBREIRAS** e **VERGAS**.

LANÇO

1. Parte de uma escada, formada por sequência de degraus. 2. Sequência de edificações de um mesmo conjunto ou lado de rua.

(Fig. 12)

LANTERNA

Espécie de pequena **TORRE** sobre os **TELHADOS**, com função de iluminação. Ocorre em algumas construções antigas de Minas Gerais. O mesmo que lanternim.

LAVABO

Pequena **BACIA** ou **CHAFARIZ** com uma **BICA**. Nas igrejas é geralmente situado na **SACRISTIA** ou no corredor que liga esta à **CAPELA-MOR**. Alguns lavabos das igrejas do período colonial mineiro constituem verdadeiras obras-primas de arte, a exemplo dos de autoria do Aleijadinho existentes nas sacristias das Igrejas do Carmo e de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, ambos em **PEDRA-SABÃO**.

(Foto 17)

LAVRADO DE ISCODA

A expressão é usada no contrato alusivo à construção da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana. Ver o verbete **ESCODADO**.

LEME

1. O ferro da dobradiça que se engasta no vão da fêmea, geralmente chumbado na **PAREDE** e sobre o qual se articulam as **FOLHAS** de janela ou porta. 2. Macho da dobradiça. Ver também o verbete **PERNO**.

(Fig. 15)

LINHA

Trave ou BARROTE horizontal, da parte inferior da TESOURA, que se apóia nos FRECHAS, ou diretamente nas PAREDES, onde assentam as PERNAS. Ver também o verbete TESOURA.

(Fig. 33)

LINTEL

O mesmo que DINTEL.

LIOZ (MÁRMORE OU PEDRA DE)

1. Pedra calcária, branca e rija, empregada na CANTARIA de edifícios ou na escultura de estátuas. 2. Por extensão, a pedra ou face lavrada da cantaria, voltada para a parte exterior de um edifício, ao contrário de TARDOZ.

LIVEL

Nível. Pode-se referir igualmente a uma peça assente em plano horizontal. Ver também o verbete OLIVEL.

LOJA

Parte térrea de uma construção, com abertura direta para a rua, geralmente destinada a depósito ou estabelecimento comercial. Nas casas de SOBRADO do período colonial mineiro, as partes térreas costumavam compor-se externamente de uma série de portas à maneira de lojas.

LONCA

Tira de couro raspado, usado na amarração do ENGRADAMENTO do PAU-A-PIQUE.

LOUVAÇÃO

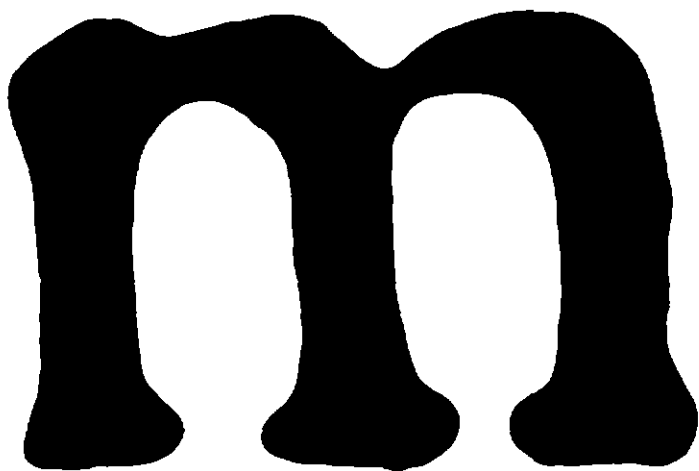
Parecer ou laudo expedido pelo LOUVADO designado para avaliação de determinada obra.

LOUVADO

Pessoa designada, por autoridades ou partes contratantes, para examinar e avaliar o exato cumprimento das condições estipuladas para uma obra de construção ou trabalho similar e a respectiva execução. No período colonial mineiro, os *louvados* eram sempre escolhidos entre mestres ou oficiais especializados no ramo relativo à obra em exame.

LUNETAS

ÓCULO ou fresta, circular ou oval, que se abre nas PAREDES, ou em lados da ABÓBADA, para iluminação de um edifício.



MACHO E FÊMEA

Tipo de encaixe entre duas tábuas onde a saliência de uma peça (MACHO) encaixa na reentrância de outra peça (FÊMEA), ambas cavadas ao longo da espessura das ditas peças.

(Fig. 31)

MACIÇADA

Diz-se de parede construída de forma que a ALVENARIA, de pedra ou outro material, se apresente compacta e bem travada.

MADEIRAS

A madeira foi um dos materiais de uso mais intenso e diversificado nas técnicas construtivas e obras de ornamentação do período colonial mineiro. Os AUTOS DE ARREMATACÃO e condições de execução de contratos da época são fontes de informações preciosas sobre as madeiras de lei mais empregadas e respectiva utilização. Com base em alguns desses documentos, pode-se mencionar um quadro, ainda que resumido, de exemplos de qualidades e aplicações de várias madeiras, levando-se em conta principalmente a região de Ouro Preto e Mariana.

1. Elementos construtivos

1.1. Esteios e cunhais: AROEIRA e BRAÚNA (BARAÚNA)

1.2. Madeiramento de telhados:

BAGRE (Casa Capitular de Mariana), CANDEIA, CANELA, CANELA PRETA, CANGERENA (CANGERANA), GENDIAÍBA (Casa Capitular), GUAPEVA (GUAPEBA, ANDIROBA, JENDIROBA), LICORAMA (Palácio dos Governadores, em Ouro Preto), PEÚNA (PEÚVA, IPÊ, PAU-D'ARCO), SUCUPIRA (SICUPIRA), TOBU (Casa Capitular) e UPIÚNA (Palácio dos Governadores).

1.3. Assoalho: BAGRE, BARAÚNA, CANELA PARDA, CEDRO e SUCUPIRA.

1.4. Campas de igrejas: BRAÚNA e JACARANDA PRETO.

1.5. Forros: CANELA PARDA, CEDRO e VINHÁTICO.

1.6. Escadas: CANELA PARDA.

1.7. Cambotas ou formas para arcos e abóbadas: CANELA PRETA e CEDRO.

1.8. Vigas do assoalho de coro de igreja: AROEIRA e PEROBA.

2. Esquadrias

2.1. Caixilhos: CEDRO, PINHO NACIONAL e PINHO DE RIGA.

2.2. Janelas e portas: BRAÚNA, CANELA, CANELA PARDA, CANELA PRETA, CEDRO, JACARANDA VERMELHO, SUCUPIRA.

3. Ornamentação

- 3.1. Altares ou retábulos: CEDRO.
- 3.2. Balaustradas de igrejas: JACARANDÁ.
- 3.3. Castiçais: CEDRO e JACARANDÁ VERMELHO.
- 3.4. Imaginária: CEDRO.
- 3.5. Molduras: CEDRO.
- 3.6. Tarjas de arco-cruzeiro: CEDRO.

4. Mobiliário

- 4.1. Arcas: JACARANDÁ, VINHÁTICO e XIMBÓ (citado por J. Wasth Rodrigues)
- 4.2. Armários: JACARANDÁ.
- 4.3. Bancos trabalhados de igreja: JACARANDÁ.
- 4.4. Mesas: CEDRO e JACARANDÁ.

MADRE

Viga horizontal de madeira, para assento de BARROTES, geralmente servindo de apoio ao PISO de um pavimento intermediário.
(Fig. 13)

MAINEL

1. Pilarete ou pequeno PILAR, dividindo em duas luzes frestas ou janelas geminadas. 2. PARAPEITO ou CORRIMÃO de escada.

MALHETE

Cavidade ou encaixe nas extremidades de duas peças de madeira, a fim de se adaptarem com justeza.
(Fig. 11)

MANSARDA

Cômodo coberto por ÁGUA de telhado com duas inclinações. A mais alta de bom PONTO e a metade inferior, quase vertical. Ver ÁGUA-FURTADA.

MAO-FRANCESA

Peça de apoio, em posição inclinada, destinada a diminuir o vão dos BALANÇOS e VIGAS e que aparece geralmente entre os PENDURAIS e as PERNAS das TESOURAS e nos BEIRAIS. Ver também o verbete TESOURA.
(Fig. 33)

MARCO

Parte fixa das portas e janelas que garante o VÃO na qual estão articuladas as FOLHAS de vedação.
(Fig. 22)

MÁRMORE DO OJÓ

O emprego do mármore dolomítico foi bastante raro no período colonial mi-

neiro. Segundo alguns autores, o utilizado no portal do antigo Palácio dos Governadores (atual Escola de Minas) proveio das jazidas de mármore branco existentes na localidade de Ojô, a cerca de dois quilômetros da cidade de Ouro Preto.

MASSAME

1. Argamassa simples, de cascalho, terra e cal, para receber o assentamento de pisos de pedra ou ladrilho. 2. O material resultante da demolição de uma construção.

MATA-BURRO

Fosso cavado e intervalado com traves, em estradas ou à entrada de determinado recinto, para evitar a passagem de animais. Muito usado em ADROS de igrejas, às vezes com a presença de traves em cuidado trabalho de CANTARIA, a exemplo do existente à frente da Capela do Padre Faria, em Ouro Preto.

MATAÇÃO

Pedra de grande vulto, proveniente da decomposição de uma rocha. Em Ouro Preto, os matações de ITACOLOMITO eram abundantemente aproveitados na confecção de CANTARIA para obras de construção.

MATA-JUNTA

Qualquer RIPA para tapar a junta entre tábuas.
(Fig. 31)

MEDIDAS

Ver APENDICE.

MEIA-LARANJA

Ornato ou outro elemento em forma de meia esfera.

MESTRE-DE-OFÍCIO

Profissional habilitado, mediante exame de licença, a exercer a responsabilidade de determinado ramo de ofício, de acordo com as regras do *Regimento dos Oficiais Mecânicos*, vigente no reino de Portugal já no século XVI. Exemplos: *mestre-de-obras*, *mestre-pintor*, *mestre-carpinteiro*, etc.

MEZANINO

Andar pouco elevado entre dois andares altos. Exemplo: *mezaninos* do LANÇO de SOBRADOS da Praça Tiradentes, em Ouro Preto, conhecido como Conjunto Alpoim, por ser o seu projeto atribuído a esse engenheiro militar português. Trata-se de influência italiana.

MINHOTO

Ver o verbete **RABO DE MINHOTO (JUNTA DE)**.
(Fig. 11-A)

MIRANTE

Parte alta de uma construção, acima dos **TEIHADOS** e abrindo-se para o exterior através de janelas. Segundo Silva Telles, a função dos mirantes seria a observação à distância, como também melhor aproveitamento da ventilação natural nos países tropicais. Exemplo: *mirante* da Casa dos Contos, em Ouro Preto. Ver também o verbete **TORREAO**.
(Foto 18)

MODINATURA

O conjunto das molduras de uma construção, segundo o respectivo caráter de uma dada **ORDEM ARQUITETONICA**.

MOITÃO

Instrumento de madeira ou metal, que consta de duas chapas ovais unidas, atravessadas por um eixo, e que se destina a facilitar o levantamento por uma corda, de materiais de uma construção.

MOLEDO

Rocha decomposta em calhaus ou saibro grosso; terra mole.

MOLÍTICO

Diz-se de elemento construtivo maciço, a exemplo de **PAREDES** grossas de sustentação.

MONTANTE

Estrutura de ferro ou madeira nos **CAIXILHOS** de vidro. Diz-se também da moldura de porta ou janela.

MOSAICO

Revestimento decorativo de **PAREDES** ou **PISOS** em que se formam desenhos

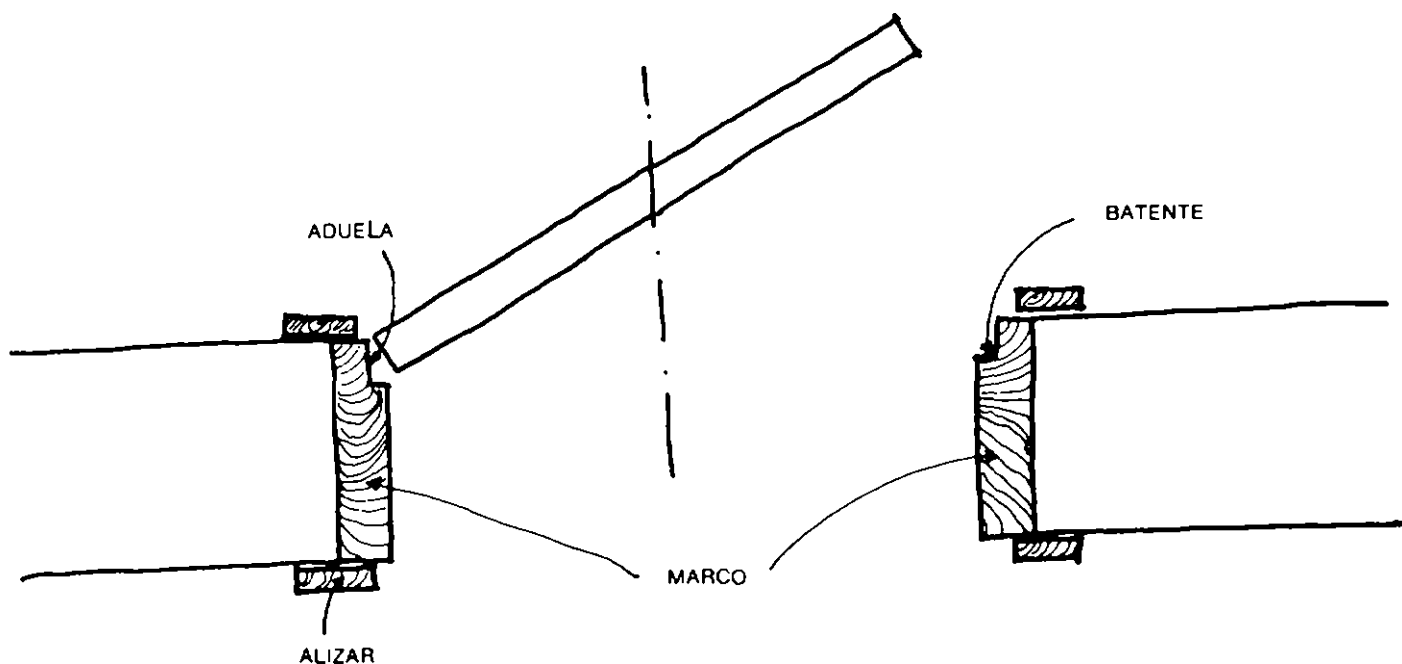
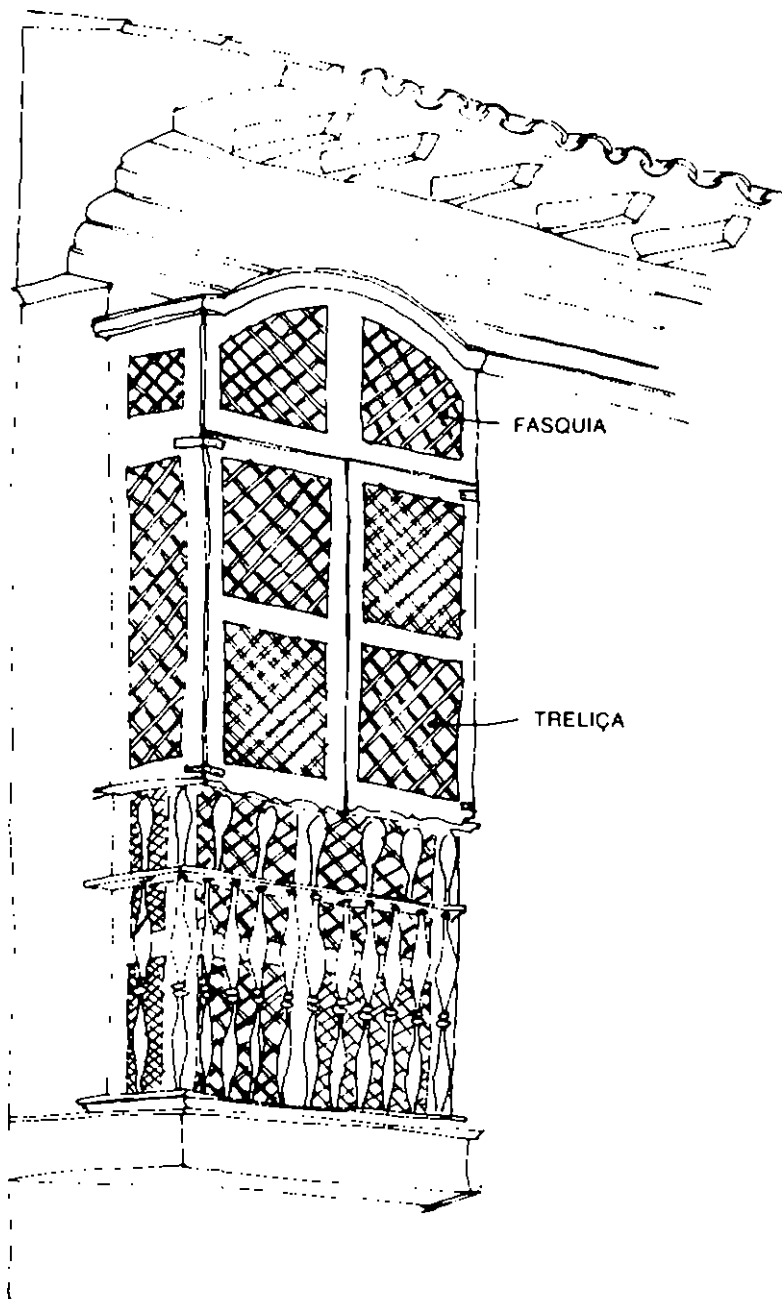


FIG. 22

MUXARABI

FIG. 23

CASA À RUA FRANCISCO SA —
DIAMANTINA



com pequenos pedaços de pedras ou outros materiais.

MOURÃO

ESTEIO grosso, de madeira, muito usado em andaimes ou cercas.

MOURISCA (TORRE À)

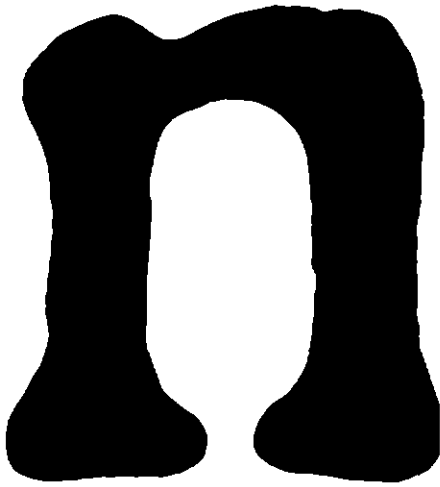
Diz-se de certas torres de igrejas mineiras do período colonial, cujo coroamento lembra formas de torres de mesquita. Exemplo: cobertura bulbácea da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Catas Altas do Mato Dentro. (Foto 19)

MURETA

Muro baixo. GUARDA-CORPO.

MUXARABI ou MUXARABIÊ

BALCÃO mourisco protegido, em toda a altura da janela, por grade de madeira (TRELIÇAS) de onde se pode ver sem ser visto. Seu uso foi comum na arquitetura colonial mineira, mas o único exemplar autêntico da espécie que ainda resta, encontra-se em SOBRADO de Diamantina. (Fig. 23)



NACELA

O mesmo que ESCÓCIA.

NÁRTEX

Espécie de VESTÍBULO transversal, que precede a NAVE de uma igreja, separada por COLUNAS, GRADIL ou PAREDE. Exemplo: nártex da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Catas Altas do Mato Dentro. Ver também o verbete GALILE.

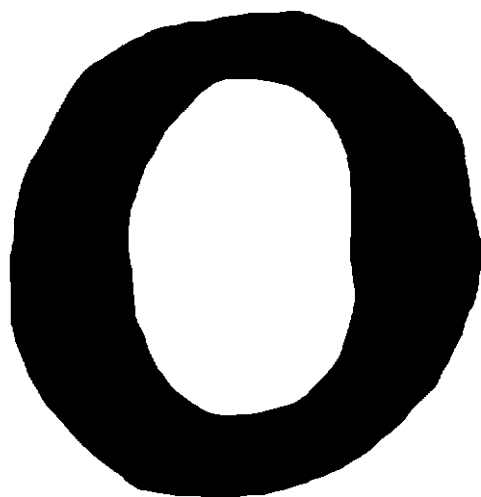
NAVE

Parte interna da igreja desde a entrada até a CAPELA-MÓR. Denomina-se nave central quando esse espaço é subdividido por PILARES, COLUNAS ou ARCOS. Neste caso, aparecem naves laterais, como no exemplo da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Sabará.

(Figs. 27, 27-B)

NOVICIADO

Parte ou anexo de um edifício religioso onde se recolhem ou reúnem os noviços de uma ordem ou confraria. A palavra aparece, por exemplo, em documento de 1777 alusivo à construção da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, em Mariana.



ÓCULO

Em arquitetura religiosa ou civil, é uma abertura ou janela circular ou elíptica, destinada à passagem de ar ou de luz. Por vezes, assume formas variadas, para efeitos também decorativos. (Figs. 17, 18, 24)

OGIVA

Perfil formado por dois arcos de círculo que se cruzam de acordo com certo ângulo. Diz-se:

OGIVA EQUILÁTERA quando cada arco contém o centro do outro;

OGIVA ABATIDA ou REBAIXADA quando os centros estão contidos dentro da figura;

OGIVA EM LANCETA ou ELE-VADA quando os centros estão do lado de fora dos arcos.

OITÃO ou OUTÃO

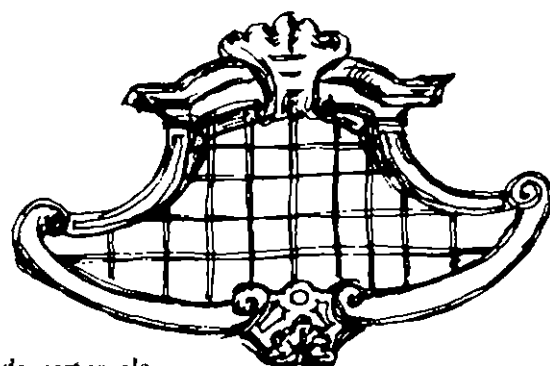
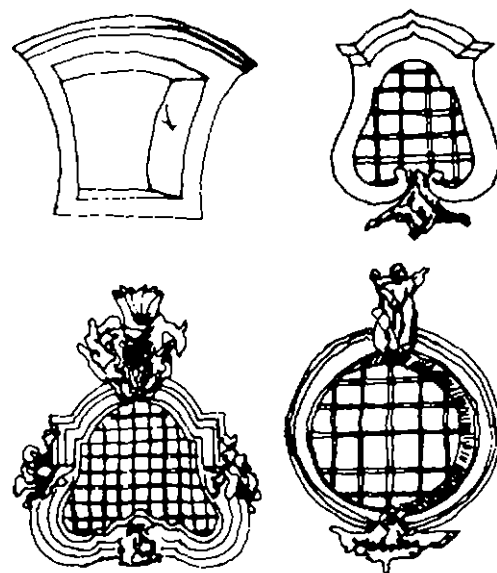
O mesmo que EMPENA.

OLHAL

Cada um dos vãos ou aberturas de ARCOS entre PILARES de pontes, ARCADAS, etc.

OLHO-DE-BOI

Pequeno ÓCULO.



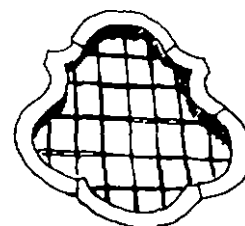
OLIVEL

Nível ou horizontalidade de certos elementos construtivos ou de partes de um terreno.

OMBREIRA

Cada uma das peças verticais das portas e janelas que sustentam as PADIEIRAS ou VERGAS. UMBRAL.

(Fig. 28-A)

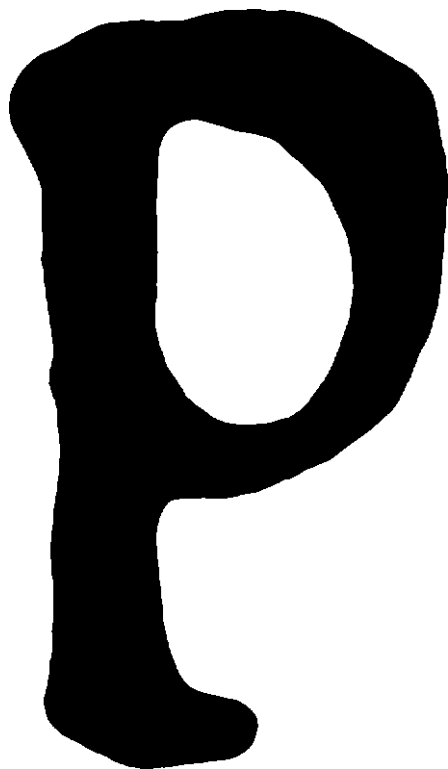


OMBREIRAS GEMINADAS

Par de OMBREIRAS, unidas em fachadas, cujos VÃOS são bastante próximos. Ocorre com frequência em construções da antiga rua Direita, em Ouro Preto. A expressão é usada por Diogo de Vasconcellos para designar também a ombreira dupla da porta principal da Igreja de São Francisco de Assis, da mesma cidade.

(Foto 25)

FIG. 24



PADIEIRA

O mesmo que VERGA.

PAIOL

1. Casa ou depósito destinados ao armazenamento de pólvora.
2. Depósito ou tulha para milho ou outros produtos agrícolas.

PALIÇADA

1. Tapume ou cerca de paus fincados na terra para defesa de algum reduto.
2. Cerca ou grade dupla, recheada de barro e fibras vegetais ou outros materiais, que lhe conferem estabilidade e resistência.

PANO

Lanço ou secção de muro ou PAREDE em construção que tem mais de uma face.

PANO DE PEITO

O mesmo que PEITORIL.

PAPO-DE-ROLA (ou de POMBA)

Segundo Paulo Thedim Barreto, em seu trabalho sobre a Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, trata-se de uma moldura côncava para cima e convexa para baixo, usada nos coroamentos e nas CORNIJAS. É chamada, às vezes, de GARGANTA. Ver também o verbete PEITO-DE-POMBA.

PARAPEITO

Ver PEITORIL.

(Fig. 19)

PAREDE

Mação que forma as vedações externas e as internas de um edifício. Vedação de qualquer espaço. Pode ter, além da função de vedação, a de sustentação. Geralmente são feitas, quanto ao sistema construtivo, de: ALVENARIA DE ADOBE, ALVENARIA DE PEDRA, PAU-A-PIQUE ou TAIPA DE SEBE, TAIPA DE PILÃO.

(Fig. 25)

PAREDE ESTRUTURAL ou PAREDE ESTRUTURADA

PAREDE que, além de se constituir em vedação, suporta por toda sua extensão as cargas da construção. É maciça e geralmente de TAIPA DE PILÃO, ALVENARIA DE PEDRA, TIJOLOS ou ADOBE.

PAREDE DE MEIA-VEZ

O mesmo que PAREDE DE MEIO-TIJOLO.

(Fig. 25)

PAREDE DE MEIO-TIJOLO

Parede cuja reduzida espessura resulta do assentamento a CUTELO do TIJOLO.

(Fig. 25)

PAREDE DOBRADA

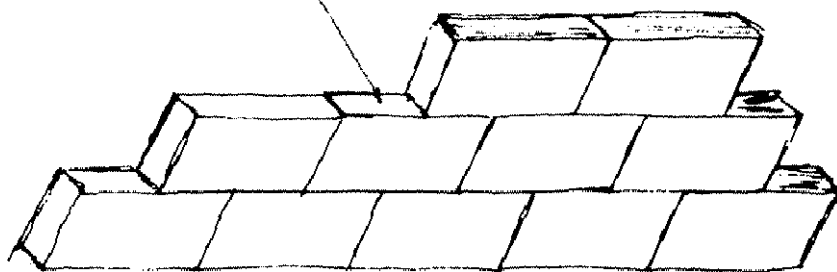
Parede cuja espessura corresponde ao comprimento de um TIJOLO ou à largura de dois, somada ao respectivo revestimento.

(Fig. 25)

PAREDE

FIG. 25

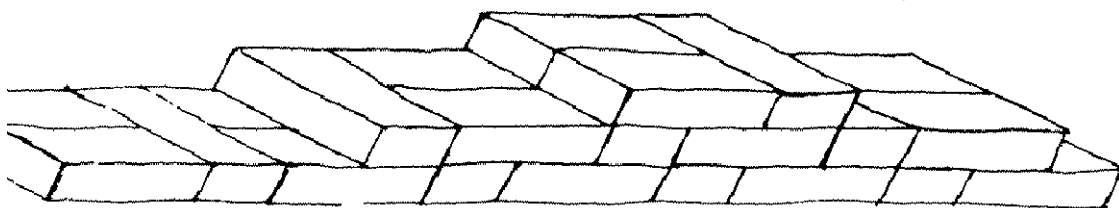
TIJOLO A CUTELO



PAREDE DE MEIO-TIJOLO
OU MEIA-VEZ



PAREDE SINGELA



PAREDE DOBRADA

PAREDE-MEIA

Parede divisória entre dois prédios, pertencendo em comum à estrutura de ambos. Por extensão, diz-se *casas de parede-meia*, isto é, casas geminadas.

PAREDE SINGELA

Parede cuja espessura corresponde à largura de um TIJOLO, somada ao respectivo revestimento.
(Fig. 25)

PAREDES MESTRAS

As paredes de uma construção que recebem maior carga e que nas edificações antigas, principalmente da segunda metade do século XVIII em Ouro Preto, eram geralmente de ALVENARIA DE PEDRA.

PARTIDO

Organização geral de uma edificação, forma de distribuição e articulação dos espaços; por extensão, a distribuição dos cheios e vazios de fachadas. Através do partido de uma edificação pode-se identificar um estilo.

PASSADIÇO

Corredor de comunicação que dá passagem de um para outro edifício ou de uma para outra peça de um mesmo prédio. Em Minas Gerais, é famoso o passadiço em madeira da rua da Glória, em Diamantina, ligando, por sobre aquela via pública, os dois prédios do atual Colégio Nossa Senhora das Dores, um dos quais conhecido como Casa da Glória.
(Foto 20)

PASSO

Pequena capela que abriga esculturas ou pinturas representando cenas da paixão de Cristo. Em Minas Gerais, é notável a série de capelinhas de Passos de Congonhas, com esculturas da autoria de Aleijadinho.

PATAMAR

Piso de certa largura no começo ou fim de uma escada ou ainda entre os respectivos LANÇOS. Na PLANTA original e especificações da construção da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, os patamares ao ar livre da escada de entrada são também referidos como PÁTIOS.
(Fig. 12)

PÁTIO

1. Área descoberta, na entrada ou no interior de uma construção, ou junto a ela.
2. ÁTRIO. VESTÍBULO. Às vezes, denominava-se *pátio* também um PATAMAR descoberto e mais extenso de uma escada, como ocorre na descrição da planta da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana (1762).

PAU-A-PIQUE

Tipo de vedação obtido pelo revestimento de grades de varas de madeira por argamassa de barro. Resulta em PAREDES leves, com cerca de 15 cm. de espessura. O mesmo que TAIPA DE SEBE. Ver também o verbete TAIPA.
(Fig. 13)

PAUS DE PEITO

As travessas superiores de madeira de um PEITORIL.

PEDESTAL

Base em pedra, metal, madeira, etc., destinada a sustentar uma COLUNA, uma estátua ou peça ornamental.

PÉ-DIREITO

1. Distância entre o PISO e o FORRO de um pavimento.
2. Elemento vertical das estruturas, ESTEIO.

PEDRA ESCORRIDA

Pedra lavrada a ESCOPRO.

PEDRA-SABÃO

Esteatita, silicato de magnésio que se apresenta em forma de pedra mole, de cor cinza ou, às vezes, azul ou esverdeada. A pedra-sabão, de grande ocorrência na região central de Minas, foi largamente utilizada na escultura ornamental religiosa do período colonial.

PEDRAL

CORTINA de ALVENARIA DE PEDRA, usada para correção de nível, à maneira de ARRIMO em PATAMAR, completado por escada de acesso, entre a rua e a entrada de uma edificação.

PEDRA SECA

Pedra usada em muros ou PAREDES, assentada à maneira de JUNTA SECA.

PEDRAS SEM VENTO NEM QUEBRAS

A expressão se refere às pedras de CANTARIA inteiriças e sem falhas, totalmente maciças, preferidas para serviços finos de acabamento. Tal se deu, por exemplo, na construção da Igreja do Carmo, em Ouro Preto.

PEGAO

Obra de ALVENARIA DE PEDRA, a exemplo de um grande PILAR, que serve para reforçar um muro ou PAREDE ou para sustentação de ARCO, ABÓBADA, fonte, etc.

PEITO-DE-POMBA

Diz-se da forma convexa da extremidade dos CACHORROS.

PEITORIL

Superfície horizontal, para apoio, na parte inferior de uma janela. Por extensão, o muro ou o elemento cheio ou vazado, de meia altura, que protege os VÃOS. MURETA, PARAPEITO, PANO DE PEITO.
(Figs. 19, 20)

PELOURINHO

Coluna geralmente de pedra, erguida na praça principal de uma vila ou cidade do período colonial, junto à qual eram expostos ou açoitados os criminosos, bem como divulgados os editais públicos ou abertas as arcas dos pelouros, isto é, dos votos para escolha dos membros dos Senados da Câmara. Os pelourinhos foram extintos durante o Império. Em Minas Gerais, um exemplo desse antigo marco das vilas e cidades pode ainda ser visto em Caeté. Situa-se num jardim ao lado do Grupo Escolar João Pinheiro e se compõe de coluna de pedra encimada por um globo, ao centro de quatro outras colunas idênticas à do meio, e traz inscritas algumas letras quase desaparecidas. Foi erguido presumivelmente em 1772. Também São João del-Rei conserva seu antigo pelourinho, reconstituído na Praça Barão do Itambé.

PENDURAL

1. Peça que serve para suspender outra.
2. Elemento vertical das TESOURAS, sustentado pelas PERNAS, que sus-

pende a LINHA e onde se apóiam as MÃOS-FRANCESAS. Ver também o verbete TESOURA.
(Fig. 33)

PERFIL

Delineamento ou linha de contorno de um corpo construtivo, segundo a sua largura e altura. Diz-se, por extensão, *perfis* com relação às fachadas de um edifício.

PERNAS

Peças principais com que se forma a TESOURA, inclinadas segundo a declividade do TELHADO e apoiadas na LINHA. O mesmo que ASNAS. Ver também o verbete TESOURA.
(Fig. 33)

PERNO

Pequeno eixo cilíndrico de ferro sobre o qual se movimentam as portas de determinadas construções.

PERPIANHO

Pedra que acompanha a largura de uma parede, tendo APARELHADAS em CANTARIA as suas quatro faces.

PERSIANA

Espécie de GELOSIA ou RÓTULA de FASQUIAS móveis, que se abre para fora e se levanta por meio de cordéis.

PESTANAS

Prolongamentos em certas VERGAS ou SOBREVERGAS, à maneira de bordas salientes e destinadas a proteger as janelas contra a chuva.

PETIPÉ

1. Escala, régua ou simplesmente linha esticada com divisões, destinadas à medição de nível ou superfície em sentido horizontal.
2. Escala de reduções indicada em mapas.

PICÃO

Instrumento usado pelo CANTEIRO para lavar pedras de modo tosco.

PILAR

Elemento estrutural de sustentação que trabalha a compressão.

PILASTRA

Diz-se das COLUNAS ou PILARES integrados às paredes, apresentando-se ligeiramente salientes.
(Fig. 50)

PINÁCULO

Ver CORUCHÉU

PINÁSIO

FASQUIA ou filete de madeira que, nos CAIXILHOS das portas e janelas, serve para segurar e separar os vidros.

PIRÂMIDE

Sólido de base poligonal e de lados triangulares com um único vértice comum. Entre nós, antigamente, foi comum dar-se o nome de *pirâmide* aos obeliscos. Muitas das igrejas e capelas mineiras do período colonial apresentavam CORUCHÉUS em forma de *pirâmides*.

PISO

Chão. O nome do piso é dado de acordo com a pavimentação. Entre outros encontramos, na arquitetura tradicional, pisos de TERRA BATIDA, TIJOLOS, TABUADO, CORRIDO, SEIXO ROLADO, MÁRMORE, LADRILHOS CERÂMICOS e HIDRAULICOS, CAMPAS.
(Figs. 26, 26-A, 26-B)

PISO DE MÁRMORE

Tipo de pavimentação composta de lajes de mármore.

PISO DE TIJOLOS

Tipo de pavimentação, onde são assentados sobre terra socada, em argamassa, tijolos de barro cozido.

PLANTA BAIXA

Representação gráfica do corte de uma obra feito horizontalmente. Nos edifícios é convencional considerar este corte um pouco acima do PEITORIL das janelas do pavimento térreo.
(Figs. 27, 27-B)

PLATAFORMA

Base de terra elevada e plana, geralmente contida por ALVENARIA ou outro material, sobre a qual se assentam certos tipos de construção, a exemplo de CHAFARIZES.

PLATIBANDA

Espécie de mureta, de ALVENARIA, maciça ou vazada que, no topo das paredes, serve para, encobrindo as ÁGUAS dos telhados ou protegendo terraços, compor ornamentalmente uma fachada. Exemplo: *platibanda* em balaustrada da antiga Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto (atual Museu da Inconfidência).

PÓ DE CARVÃO

Segundo se deduz das condições datadas de 1772 para a construção das ABÓBADAS da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, usava-se o *pó de carvão* peneirado, associado à cal, para dar tonalidade escura a determinados acabamentos de REBOCO.

POIAL

Lugar onde se põe ou assenta alguma coisa. No CHAFARIZ, é a parte ao lado do TANQUE ou BACIA, geralmente em pedra lavrada, onde se colocam os vasos, potes ou outros recipientes.

PONTA DE DIAMANTE

Ornato semelhante ao talhe do diamante lapidado, muito usado no arremate em saliência das ALMOFADAS de FOLHAS de portas ou janelas do período colonial mineiro. O mesmo que *bico de diamante*. Exemplo: almofadas centrais da porta principal do NÁRTEX da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Catas Altas do Mato Dentro.

PONTALETE

Pau a prumo, destinado a sustentar algum teto, PAREDE ou estrutura.

PONTO

Inclinação da ÁGUA do telhado.

PORTADA

Grande porta, enquadrada por composição ornamental. Exemplo: portada da Igreja do Carmo, em Ouro Preto, atribuída ao Aleijadinho.
(Fig. 29)

PISOS

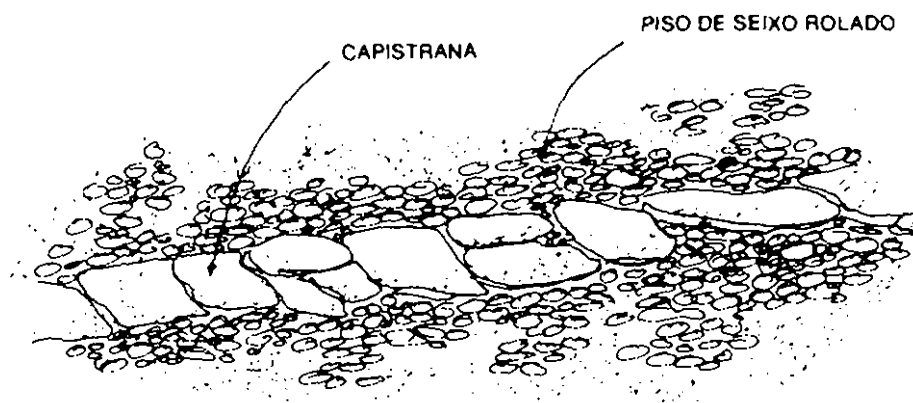
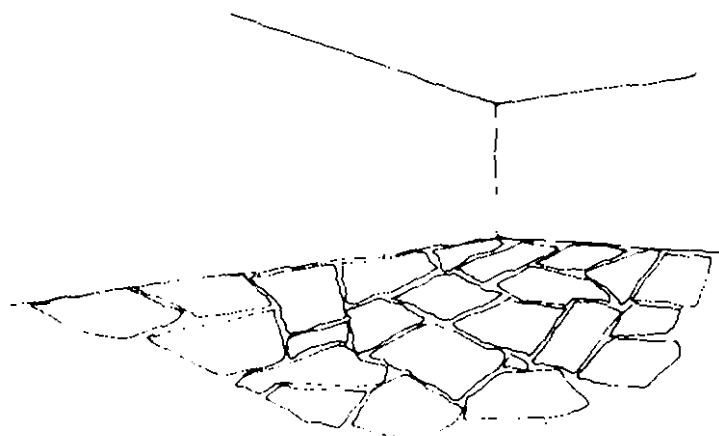
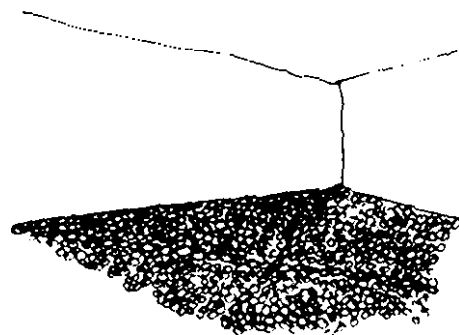


FIG. 26



LAJEADO

FIG. 26-A



SEIXO ROLADO

FIG 26-B

IGREJA DO ROSÁRIO — OURO PRETO
PLANTA BAIXA

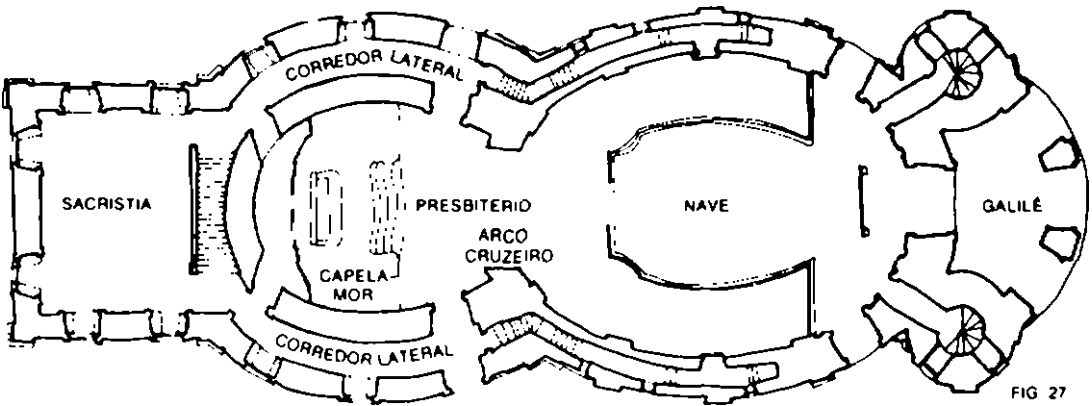


FIG 27

FIG. 27

IGREJA DO ROSÁRIO — OURO PRETO
PLANTA 2.º PAVIMENTO

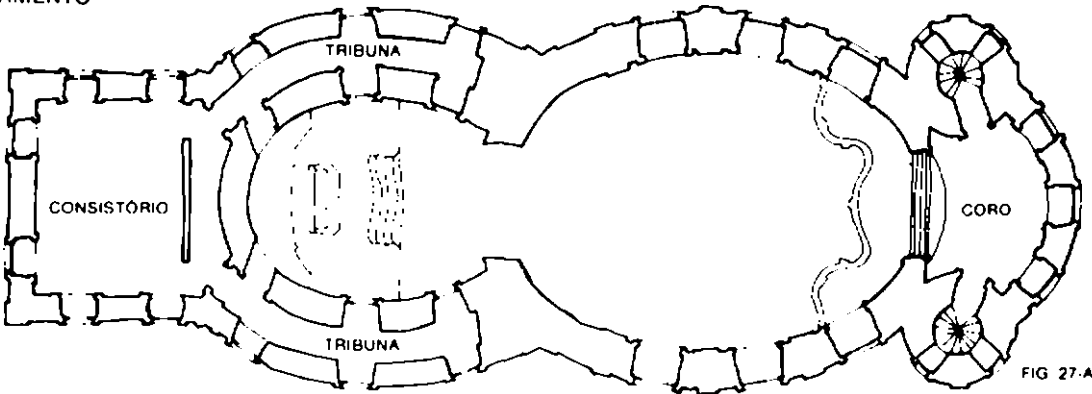


FIG 27-A

FIG. 27-A

PLANTA BAIXA

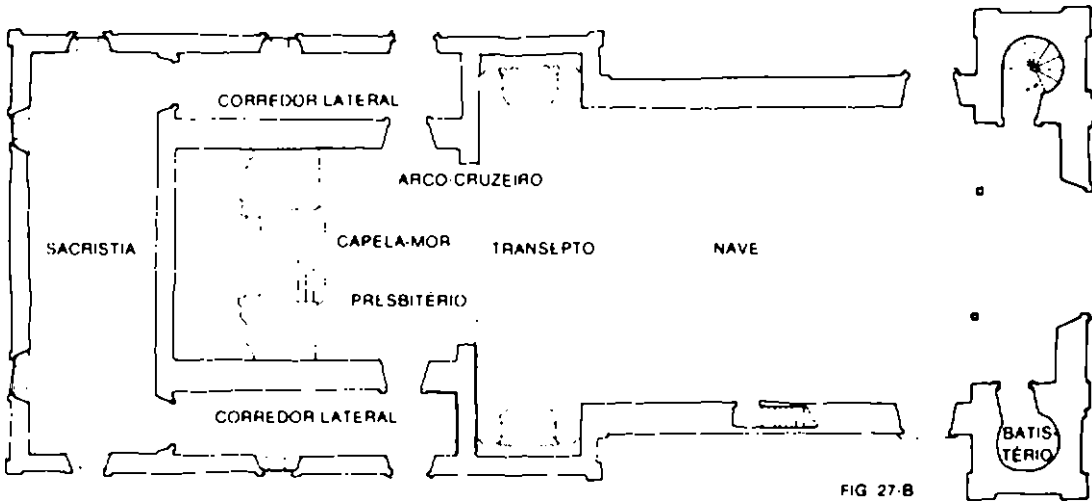


FIG 27-B

FIG. 27-B

PORTAS

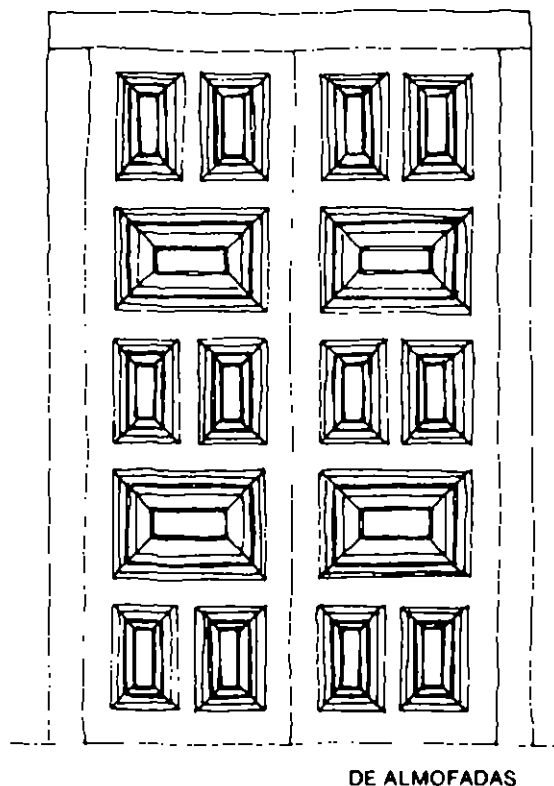


FIG. 28

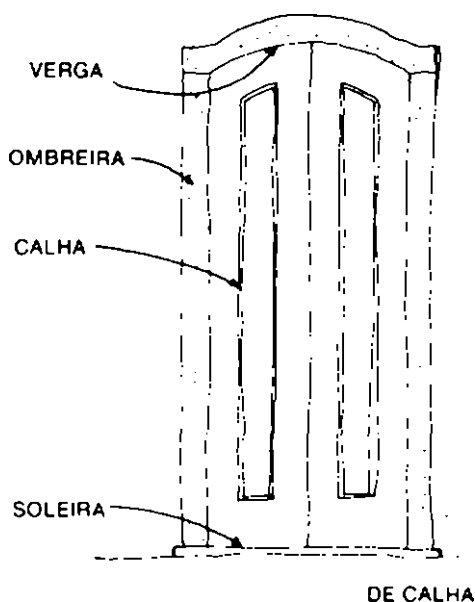


FIG. 28-A

PORTAL

1. A porta principal ou conjunto de portas principais de uma igreja ou outro edifício, geralmente artisticamente trabalhadas. Fala-se em *portal toscano* com relação à porta principal do antigo Palácio dos Governadores (atual Escola de Minas), em Ouro Preto.
2. Diz-se, por extensão, do FRONTIS-PÍCIO ou fachada do edifício onde fica a porta principal. Ver também os verbetes PORTADA e PÓRTICO.

PORTA-SACADA

JANELA RASGADA POR INTEIRO, com GUARDA-CORPO de balaustrada entalado ou não ao plano da parede. (Fig. 20-A)

PORTA TRAVESSA

Porta da fachada lateral de uma edificação.

PÓRTICO

1. Espaço coberto-aberto ou parcialmente fechado-formando a entrada e parte central de uma fachada de igreja ou outro edifício, usualmente com COLUNAS separadas.
2. PORTADA. Ver também o verbete PORTAL.

POSTIGO

1. FOLHA cega de porta ou janela aposta à folha que fecha o VÃO. Quase sempre complementa portas ou janelas, de VENEZIANA ou vidro.
2. Folha cega que complementa as janelas de CAIXILHOS de vidro, dotando o vão de um segundo fechamento. Neste caso se articula diretamente com o MARCO. (Figs. 19, 20-A)

PRATELEIRAS EM ATERRO

PATAMARES ou platôs, guarnecidos por muros de ARRIMO e destinados a corrigir a topografia de um terreno, especialmente em áreas ocupadas por jardins de lotes residenciais em active. Exemplo: jardim em prateleiras ou patamares do antigo sobrado do Barão de Saramenha, na rua Quintiliano Silva, em Ouro Preto.

IGREJA DO CARMO — OURO PRETO

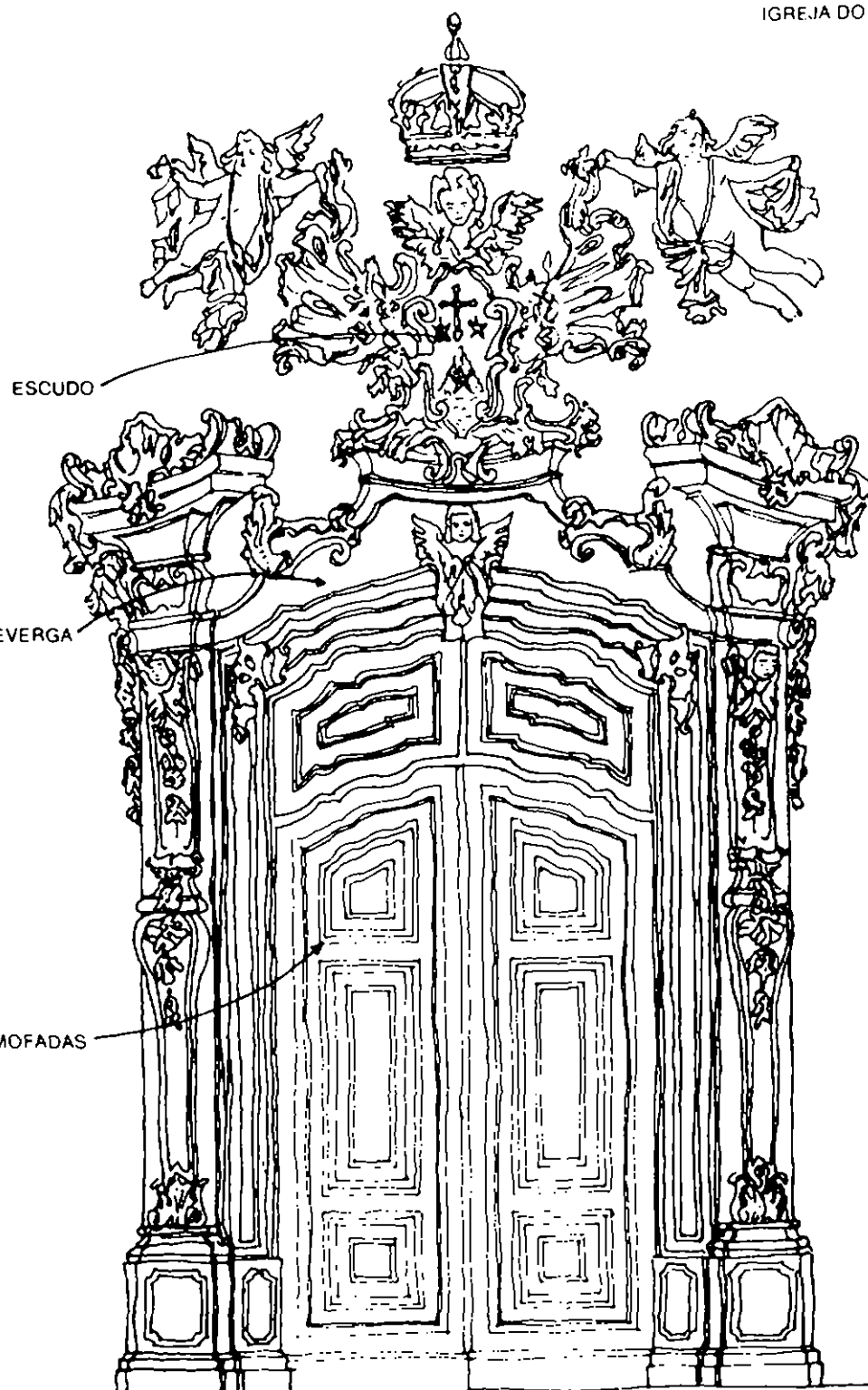


FIG. 29

PREGOS

O uso dos pregos de ferro já era comum em Minas Gerais na altura de 1713, quando o Senado da Câmara de Vila Rica, diante do alto preço cobrado para o material pelos mestres ferreiros, resolveu fixar tabela relativa aos vários tipos de pregos, ou seja: *pregos carbrais*, *pregos ripais*, *pregos caixaís*, etc. Como se deduz, o material era então mais freqüentemente empregado no madeiramento dos TELHADOS.

PRESBITÉRIO

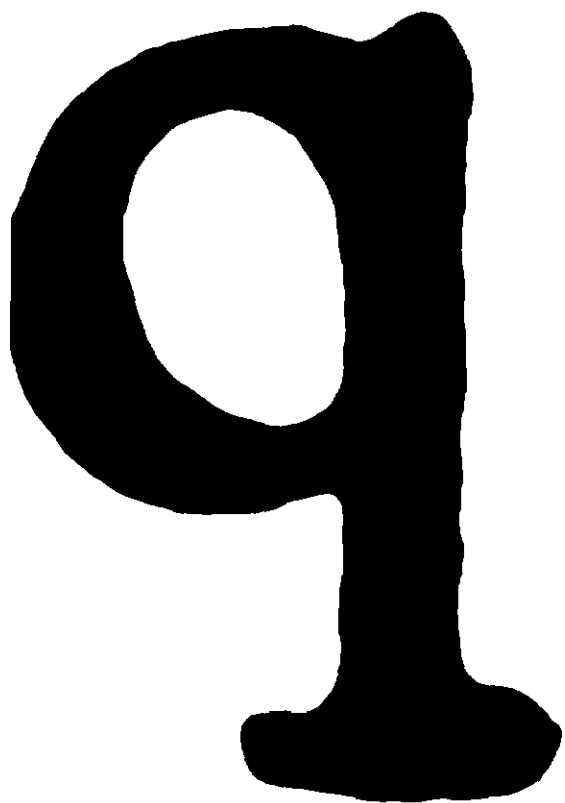
Parte elevada da CAPELA-MOR de uma igreja.
(Figs. 27, 27-B)

PROSPECTO

Plano traçado de um edifício.

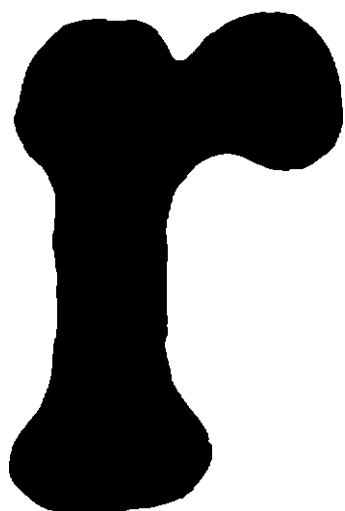
PUXADO

O acréscimo de qualquer construção, não previsto em sua PLANTA original e quase sempre destinado a serviços.



QUARTELA

Peça que sustenta outra em determinada estrutura, a exemplo de suportes de CORRIMÃO. Ver também verbete do mesmo título, na parte de ORNAMENTAÇÃO. No documento alusivo à construção da Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, a palavra aparece sob a grafia *quartilha*.



RABO DE MINHOTO (JUNTA DE)

Peça de madeira constituída de dois trapézios unidos pela base menor, destinada a garantir a *ngidez* da junção de duas peças maiores. Sua função corresponde à do GATO nos trabalhos de CANTARIA.

(Fig. 11-A)

RAMADA

Espécie de TELHEIRO rústico, geralmente coberto de ramos e destinado ao abrigo de gado ou outras finalidades.

RAMPADO

1. Em forma de rampa.
2. O mesmo que PEDRAL.

REBITE

Cilindro de metal, com cabeça, destinado a unir duas peças de metal. Antigamente, era, de modo geral, usado sob o processo de uma volta dada à ponta de um PREGO.

REBOCO

Argamassa de cal e areia ou, modernamente, cimento e areia, para revestimento de PAREDES e outras partes da construção, alisando-as e preparando-as para recebimento de CAIAÇÃO ou pintura. Ver também o verbete EMBOÇO.

REFENDIDO

1. Lavrado em relevo.
2. *Diz-se* de trabalho em que há *refendimento*, ou seja, escultura em alto-relevo.

REIXA

Tábua ou barra de ferro, de pequenas dimensões, usada no gradeamento de janelas, para vedação ou iluminação. Por extensão, diz-se da própria grade. Usa-se também a grafia REXA.

RELHA

Ver o verbete ENRELHADA.

REPRESA

Espécie de CACHORRO ou CONSOLÓ, para sustentar ARCOS, OGIVAS, CIMALHAS, ou alguma peça ornamental. A palavra é usada em documento de 1771, alusivo à construção do FORRO da SACRISTIA da Igreja do Carmo, em Ouro Preto.

REPUXO

1. CHAFARIZ construído de modo a que a água se eleve em jacto.
2. BOTAREU ou encosto que sustém um pé de ARCO.

RÊS-DO-CHÃO

Pavimento de uma casa ao nível do solo ou da rua; casa térrea. Usava-se, antigamente, como sinónimo também de LOJA.

RESPALDO

Remate ou acabamento de um plano vertical, por exemplo, PAREDE, ALVENARIA, ENSOLEIRAMENTO, etc.

RETRETE

Privada, latrina ou lugar reservado onde se situa. Ver também o verbete COMUA.

REXA

Ver o verbete REIXA.

RINCÃO

1. Ângulo reentrante e em declive, formado pelo encontro de duas ÁGUAS de um TELHADO.
 2. A CALHA que recolhe as águas no aludido encontro.
- (Fig. 2)

RIPA

1. Peça de madeira sobre os CAIBROS, onde se assentam as TELHAS.
2. Pedaco de madeira estreito e comprido. sarrafo.
(Fig. 33)

RISCO

Desenho, PROSPECTO ou plano de uma construção, um RETÁBULO ou alguma outra obra. Dada à dificuldade do papel de desenho na época, os riscos eram, muitas vezes, delineados nas próprias paredes das obras em construção, a exemplo do plano da fachada da Igreja de São Francisco de Ouro Preto, que ainda se conserva no seu CONSISTÓRIO, e do relativo a um dos altares da Igreja do Carmo da mesma cidade, também conservado, em escala natural, igualmente no consistório. Entre os documentos mais preciosos para a história da arte colonial mineira, contam-se, no entanto, alguns riscos em papel que chegaram até nosso tempo, entre os quais, desenhos do Aleijadinho para a Igreja de São Francisco de São João del-Rei (hoje no Museu da Inconfidência) e de outros arquitetos para as antigas Casas de Câmara e Cadeia de Mariana e de Ouro Preto.
(Fotos: 21, 22, 23, 47)

RODAPÉ

Faixa de madeira, tijolo, etc., na parte inferior das paredes, para protegê-las contra atritos ou estragos decorrentes de serviços de limpeza.

RODO

Segundo Francisco Antônio Lopes, seria uma espécie de guincho para levantar pesos. Ver também o verbete MOITÃO.

ROSCA

Referência feita por Alpoim, nas especificações para construção do antigo Palácio dos Governadores, em Ouro Preto, a uma forma de assentamento de ARCOS de tijolos.

RÔTULA

Tipo de FOLHA de janela que se articula em torno de um eixo horizontal superior.
(Fig. 19)

ROTUNDA

Edifício em forma de círculo coberto por CÚPULA semi-esférica. Costuma-se chamar *rotunda* a parte interior elíptica da Matriz do Pilar, em Ouro Preto.

RÚSTICO

Diz-se feito *em rústico* a forma tosca do revestimento de uma superfície.



SAIA-E-CAMISA

FORRO composto de tabuas colocadas em ressalto e rebaixos, sendo, as em ressalto, chamadas saias. As tabuas têm largura geralmente uniforme e este tipo de forro é sempre arrematado por ABA ou CIMA-BA (Fig. 16)

SALA-CAPELA INTERNA

Recinto de uma construção civil em que existe um altar ou um oratório, onde são feitas celebrações religiosas. Exemplo: sala-capela do antigo solar do Padre Correia, em Sabará (atual Prefeitura Municipal)

SAMBLAGEM

Ver o verbete ENSAMBLAR

SANCAS

O mesmo que BEIRAL

SACADA

Parte da construção que se projeta em BALANÇO da superfície da fachada (Figs. 30, 30-A)

SACADA CORRIDA

Diz-se daquela a qual corresponde mais de uma porta de acesso, ou várias JANELAS RASGADAS POR INTEIRO. (Fig. 30-A)

SACADA ISOLADA

Por oposição, diz-se daquela a qual corresponde uma única porta de acesso, ou uma JANELA RASGADA POR INTEIRO (Fig. 30)

SACRISTIA

Cômodo da igreja em que se guardam os PARAMENTOS e mais objetos do culto. Nas primeiras igrejas mineiras, elas se localizavam ao lado da CAPELA MOR. Mais tarde passaram a se localizar atrás desta, e a ela se ligando por corredores laterais. Possuíam sempre entradas independentes (Figs. 27, 27-B)

SAGUÃO

Cômodo de um edifício localizado na entrada e destinado a passagem VESTIBULO

SANGRADOURO

Lugar por onde, numa instalação de água, a mesma é recebida ou escoada

SANGUE-DE-BOI

1. Tinta de cor vermelha carregada, usualmente empregada na pintura dos elementos de madeira das construções — CUNHAIS, portas, janelas, balaustradas, etc., no período colonial mineiro
2. O sangue-de-boi, em seu estado natural, era muitas vezes utilizado como elemento aglutinante em argamassa a base de barro

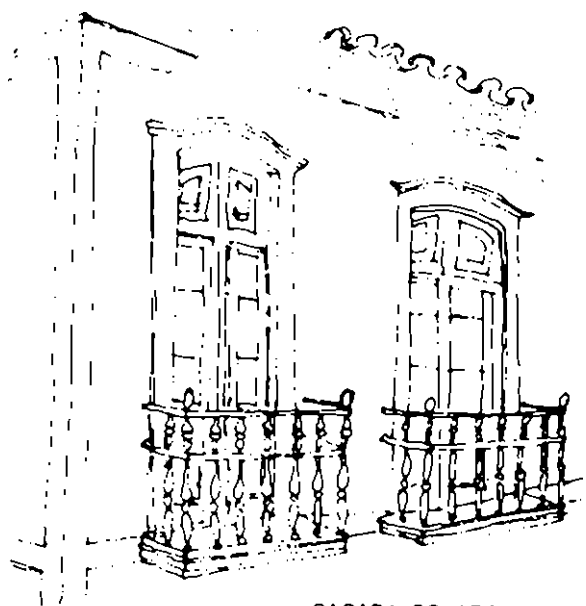
SAPATA

1. Parte do ALICERCE mais larga do que as PAREDES que sobre ele se assentam
2. Peça de madeira, ao alto de um PILAR, para reforço ou equilíbrio da trave que sobre a mesma se assenta

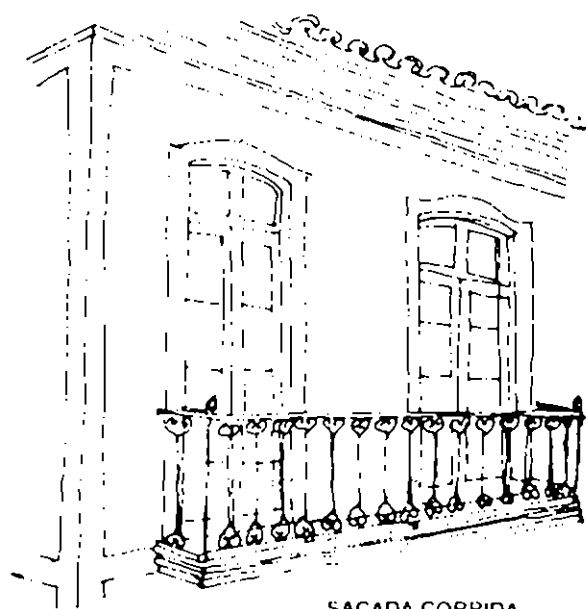
SEBE

1. Cerca de estacas ou RIPAS entrelaçadas, para vedação de terreno
2. Estrutura da mesma natureza, usada na construção de PAREDES de TAIPA. Ver os verbetes TAIPA DE SEBE e PAU-A-PIQUE

SACADAS



SACADA ISOLADA



SACADA CORRIDA

FIG 30

FIG 30-A

SEIXO ROLADO

Tipo de pavimentação que consiste no assentamento de pedras de rio, redondas, sobre o barro ou argamassa, às vezes aparecendo em desenhos geométricos de duas cores, com influência moçárabe. Esta última forma é bastante comum em SAGUÃOS ou PÁTIOS internos de SOLARES ou edificações de maior nobreza do período colonial mineiro. Exemplos: saguão do SOBRADO da Rua Alvarenga, 56/58, em Ouro Preto, e salas térreas do Museu do Ouro, em Sabará.

(Figs. 26, 26-B; foto 24)

SERPENTINA

Diz-se de certa rocha ou pedra, com veios esverdeados, mineral de silicato de magnésio, usada em construções do período colonial mineiro, a exemplo de CANTARIA existente na Casa de Câmara e Cadeia de Mariana.

SETEIRA

Pequena abertura estreita e vertical, geralmente dando para compartimentos secundários, principalmente nos cômodos de escadas, TORRES e porões.

(Fig. 19)

SIMPLES

Armação de madeira que serve de molde para construção de ARCOS e ABOBADAS. Forma paralela: *simples*.

SINEIRA

Vão, onde se colocam os sinos em TORRES, CAMPANÁRIOS, etc. Quando fechado por FOLHAS, diz-se JANELA-SINEIRA, a exemplo dos VÃOS das TORRES da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Conceição do Mato Dentro.

(Figs. 18, 34)

SOALHO

O mesmo que ASSOALHO.

SOBRADO

1. Pavimento de madeira ou ASSOALHO, pavimento superior de uma construção.

2. Por extensão, diz-se de uma edificação de dois ou, em certos casos, de mais pavimentos.

(Foto 9)

SOBREARCO

Pequeno ARCO construído sobre a VERGA de um VÃO. Às vezes se dá essa denominação à própria VERGA.

SOBREPORTA

1. Parte superior da PORTADA, geralmente ornamentada.
2. BANDEIRA da porta.

SOBREVERGA

Trabalho ornamental que, sobre as mesmas, acompanha as VERGAS ou PADIEIRAS de portas, janelas, etc.

(Fig. 29)

SOCALCO

Base de construção, em terreno inclinado, com enchimento de terra ou outro material e apoiado em ARRIMO, de forma a obter-se um plano nivelado.

SOCO

Base quadrangular de um PEDESTAL ou de algum outro elemento arquitetônico.

(Fig. 45-A)

SOLAR

Casa ou herdade de família nobre. Por extensão, casa de residência, de maiores dimensões, com requintado acabamento arquitetônico.

(Foto 8)

SOLARENGO

Diz-se de prédio residencial com características de SOLAR.

SOLEIRA

Parte inferior das portas no nível do pavimento, servindo de apoio às OMBREIRAS. Geralmente é de material diferente do piso do cômodo a que dá acesso.

(Fig. 28-A)

SÓTÃO

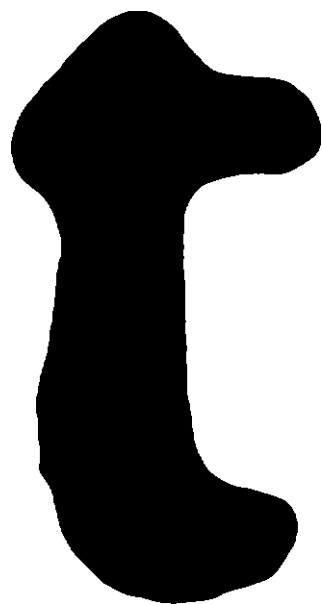
O mesmo que ÁGUA-FURTADA.

SUMIDOURO

Abertura profunda por onde escoar a água. Escadouro.

SUTA

Instrumento com que se demarcam ângulos no terreno. Espécie de FSQUADRO de peças móveis.



TABIQUE

PAREDE delgada, de madeira revestida ou não, destinada à separação de cômodos adjacentes.

TABUADO CORRIDO

PISO de tábuas geralmente largas e contínuas.

TABUADO LISO

Tipo de **FORRO**, composto de tábuas colocadas no mesmo plano topo a topo. (Fig. 31)

TACANIÇA

Plano de **TELHADO** ou **ÁGUA** de superfície triangular. Aparece nas coberturas com três ou mais águas, entre os **ESPIGÕES**. (Fig. 2)

TAÇA

A **BACIA** de um **CHAFARIZ**, **LAVABO**, etc. Ver também o verbete **CÁLICE**.

TAIPA

Parede feita de barro socado ou mole, misturado a outros materiais, que lhe emprestam maior plasticidade e resistência, a exemplo de cal, areia, cascalho, fibras vegetais, estrume animal, etc. Recebe várias denominações, como indicam os dois verbetes que se seguem.

TAIPA DE PILÃO

É o sistema em que as **PAREDES** são maciças, constituídas apenas de barro socado. Pode incluir em sua espessura reforços longitudinais de madeira. Ao barro são misturados, frequentemente, estrume, fibras vegetais e cascalho. A espessura é sempre superior a 40 centímetros. Diz-se de *formigão* a taipa a que se associa cascalho ou pedra.

TAIPA DE SEBE

O mesmo que **PAU-A-PIQUE**, ou ainda *barro de mão*, *taipa de mão*, *taipa de pescoção*, *taipa de sapapo*. (Fig. 13)

TAIPAL

Cada uma das tábuas, entre as quais se calça o barro, na construção de uma **PAREDE** em **TAIPA DE PILÃO**. (Fig. 32)

TALÃO

Moldura de superfície, parte côncava, parte convexa.

TALHA-MAR

Construção de **ALVENARIA**, de forma angular, colocada sob uma ponte, para quebrar a força das correntes de água.

TALUDE

Superfície inclinada, resultante de uma escavação do terreno. Por extensão, qualquer porção de terreno em plano inclinado.

TANQUE

No **CHAFARIZ**, diz-se geralmente da parte destinada a receber a água que jorra das **BICAS**. É, as vezes, denominado também **BACIA**. (Fig. 8)

TAPAGEM

O mesmo que **IAPUME**.

TIPOS DE ENCAIXE USADOS EM FORRO DE TABUADO LISO

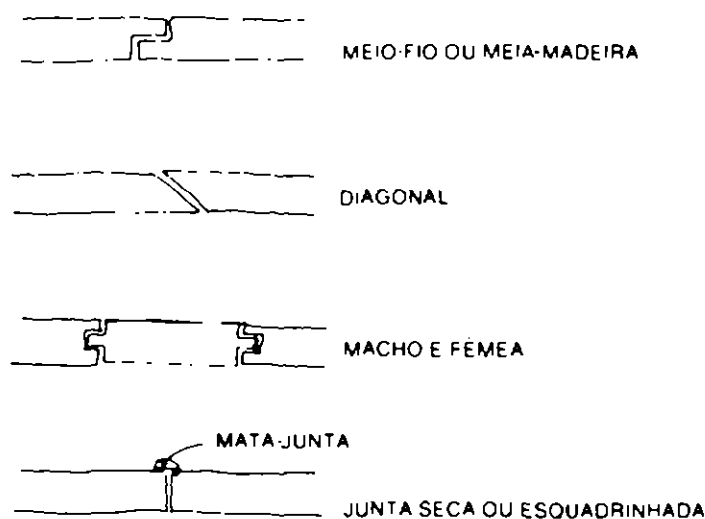


FIG. 31

TAPAMENTO (TIJOLO DE)

O TIJOLO pouco largo, utilizado em PAREDES divisórias e que não recebem carga.

TAPANHOACANGA

O mesmo que CANGA. Termo de uso corrente em Minas Gerais, na época colonial.

TAPUME

Cerca ou vedação de um terreno, feita de madeira, estacas, etc.

TARDOZ

Face tosca da peça de CANTARIA voltada para o lado interior da PAREDE.

TARUGO

Espécie de torno ou prego usado para ligar duas peças de madeira ou outro material.

TELHA

A princípio, as primitivas construções do período colonial mineiro eram cobertas simplesmente de colmo ou sapé. Segundo alguns autores, a primeira olaria ou fábrica de telhas de barro surgiu em Manana, no ano de 1713. Eram telhas de forma curva ou de aparente meio cilindro, que se tornaram conhecidas como *coloniais* ou, em alguns casos, de *canal*.

TELHADO

Parte externa da cobertura de um edifício. Conjunto de TELHAS que cobrem uma construção. Ver ÁGUA. (Fig. 2)

TELHÃO

Tipo de TELHA, de maior tamanho, usado geralmente na cobertura de paredes ou muros. Era usado também como conduto de água para CHAFARIZES.

TELHA-VÁ

TELHADO sem FORRO.

TELHEIRO

Área ou galpão abertos ou parcialmente fechados, com cobertura de TELHA-VÁ, geralmente usados como depósito, oficina ou para abrigo de fornos.

TERÇA

Viga intermediária da cobertura, situada entre a CUMEEIRA e o CONTRAFRECHAL, sendo paralela a eles. Ver TESOURA. (Fig. 33)

TERRA BATIDA

Tipo rústico de PISO feito de terra soçada.

TERRAÇO

Espaço descoberto e utilizável, sobre uma edificação, e cujo PISO substitui o TELHADO. Aparece também em algumas construções religiosas, a exemplo da Igreja de São José, em Ouro Preto. O mesmo que EIRADO.

TERRAPLENO

1. Depressão ou cavidade de solo, preenchidas de terra ou outro material, para tornar plano o terreno. 2. Diz-se, também, do solo terraplenado de uma

obra de fortificação, a exemplo dos BALUARTES do antigo Palácio dos Governadores, em Ouro Preto.

TESOURA

Armação de VIGAS, de madeira, metal ou mistas. Destina-se a sustentar a COBERTURA. Compõe-se de LINHAS, PERNAS, PENDURAS e MÃOS-FRANCESAS.

(Fig. 33)

TESTADA

1. Trecho do logradouro correspondente à frente de um prédio.

2. Linha convencional que demarca a separação entre um terreno ou construção e o logradouro onde se situam.

TIÇÃO

Diz-se, *assentado a tição*, o TIJOLO ou laje colocados com a parte mais longa para o fundo e a mais estreita voltada para a face externa de PAREDE, PISO, etc.

TIJOLO

Peça de barro cozido, geralmente em forma de paralelepípedo, usada com variadas finalidades em obras de construção. Nas vilas e cidades mineiras do período colonial, o tijolo veio a substituir a TAIPA e o ADOBE nas estruturas das PAREDES. Seu emprego, pelo alto custo, limitava-se, de início, a PISOS, ABÓBADAS, ARCOS, etc., tendo sido introduzido em Ouro Preto na construção do Palácio dos Governadores (1741/1747) e também nas obras das TORRES da Igreja do Carmo.

TÍMPANO

Parte do FRONTÃO delimitado pelas suas linhas de contorno.

(Fig. 17)

TIRANTE

Peça de madeira ou metal submetida à tração.

TOMBAMENTO

Segundo a legislação brasileira, consubstanciada basicamente no Decreto-Lei n.º 25, de 30 de novembro de 1937, que organizou a proteção do patrimônio histórico e artístico, o tombamento é uma figura jurídica destinada a assegurar a preservação de bens culturais

imoveis e móveis que constituem a chamada "memória nacional". O tombamento tem processos legais próprios e os seus efeitos são disciplinados e fiscalizados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Os bens, objeto dessa medida legal, quando por ela juridicamente alcançados, são inscritos em um ou mais dos quatro Livros do Tombo previstos no artigo 4.º da referida lei e assim definidos:

1.º — Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, referente às "coisas pertencentes às categorias de arte arqueológica, etnográfica, ameríndia e popular", monumentos naturais, sítios e paisagens;

2.º — Livro do Tombo Histórico, referente às "coisas de interesse histórico e às obras de arte histórica", inclusive bibliotecas, arquivos e museus;

3.º — Livro do Tombo das Belas Artes, referente às "coisas de arte erudita nacional ou estrangeira";

4.º — Livro do Tombo das Artes Aplicadas, referente às "obras que se incluem na categoria das artes aplicadas, nacionais ou estrangeiras".

Os tombamentos de bens culturais podem ser de nível nacional, quando decretados pelo IPHAN, ou de nível estadual, quando decretados por órgãos congêneres do Estado, a exemplo do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG). O acervo histórico-artístico pode ainda ser objeto de proteção municipal, no caso de municípios que possuam legislação específica para esse fim, a exemplo de Ouro Preto.

TORRE

Parte saliente de uma edificação civil ou religiosa, de sentido vertical. Nas igrejas, geralmente, as torres tem como função principal abrigar os sinos. Em Minas Gerais existe grande variedade de tipos de torres que se diferenciam pelas formas de cobertura e da planta. Exemplo: cilíndrica — na Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto; com planta octogonal — na Igreja de Nossa Senhora do Carmo de São João del-Rei; com planta retangular — Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Sabará.

(Figs. 18, 34)

TORREÃO

Espécie de TORRE no ângulo ou alto de um edifício e essencialmente integrado ao respectivo corpo de construção. Exemplos: torreões das antigas Casas de Câmara e Cadeia de Ouro Preto e Mariana, ou mesmo o chamado MIRANTE da Casa dos Contos, em Ouro Preto.

(Foto 18)

TRAÇA

O mesmo que PLANTA, RISCO ou desenho de uma obra ou construção.

TRAÇO POR IGUAL

Processo de assentamento de TIJOLOS ou ladrilhos, em que se observa traçado simples, de linhas continuas, na colocação das peças.

TAIPAL

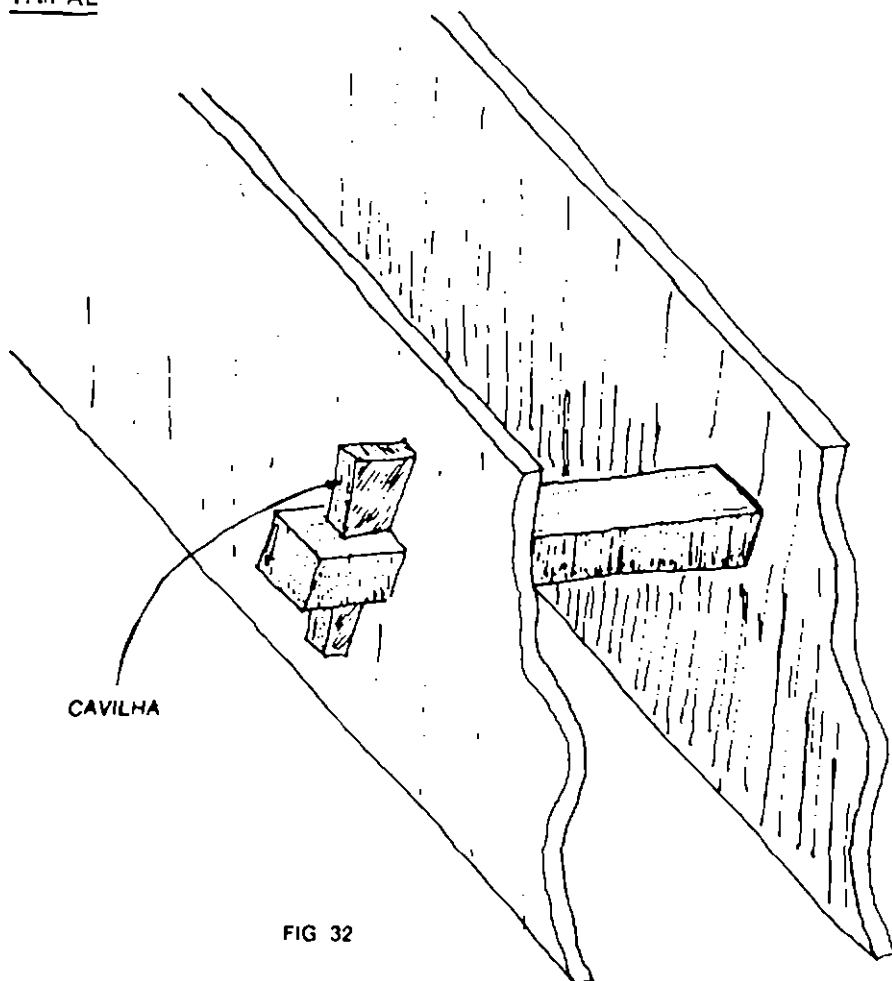


FIG 32

TRANSEPTO

Galeria transversal que numa igreja separa a NAVE CENTRAL da CAPELA-MOR, formando os braços da cruz nos templos que apresentam essa disposição. Em Minas, o transepto ocorre raras vezes em igrejas do século XVIII. Exemplo: transepto da Sé de Mariana. (Fig. 27-B)

TRÂNSITO

Passagem ou corredor, ligando cômodos ou partes de uma construção.

TRAPEIRA

O mesmo que ÁGUA-FURTADA.

TRAVEJAMENTO

Conjunto de traves do madeiramento de um TELHADO ou ASSOALHO. Ver também o verbete VIGAMENTO.

TRELIÇA

Diz-se de uma estrutura ou armação formada de pequenas FASQUIAS cruzadas, apresentando espaços abertos. Muito usada em vedação de VÃOS nas construções do período colonial mineiro.

(Fig. 23)

TRIBUNA

Lugar reservado e elevado, com abertura em janelas ou VARANDAS, para assistir às cerimônias religiosas. Nas igrejas mineiras do século XVIII, as tribunas se localizam mais geralmente nas laterais da CAPELA-MOR. Pode-se falar, igualmente, em tribuna do CORO e tribuna do PÚLPITO. Ver também o verbete TRIBUNA DO TRONO na parte de ORNAMENTAÇÃO deste Glossário.

(Fig. 27-A)

TROLHA (REBOCO A)

REBOCO alisado com uma espécie de pa de madeira e plana, também usada pelo pedreiro para colocar a argamassa de que se vai servindo.

TROMBA DA CHAMINÉ

Cano da chaminé, que encaminha a fumaça para fora dela e que em parte se eleva acima do corpo da construção.

TESOURA

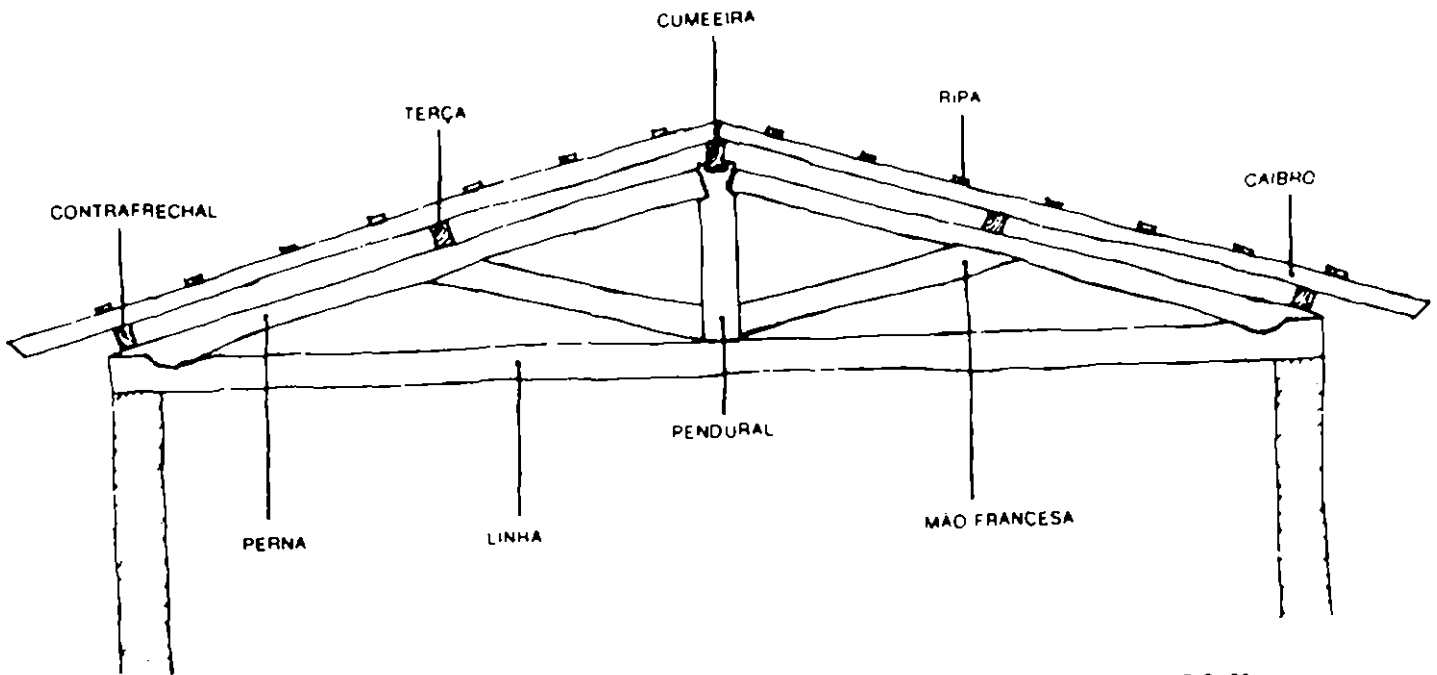


FIG 33

TORRES

IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS -
OURO PRETO

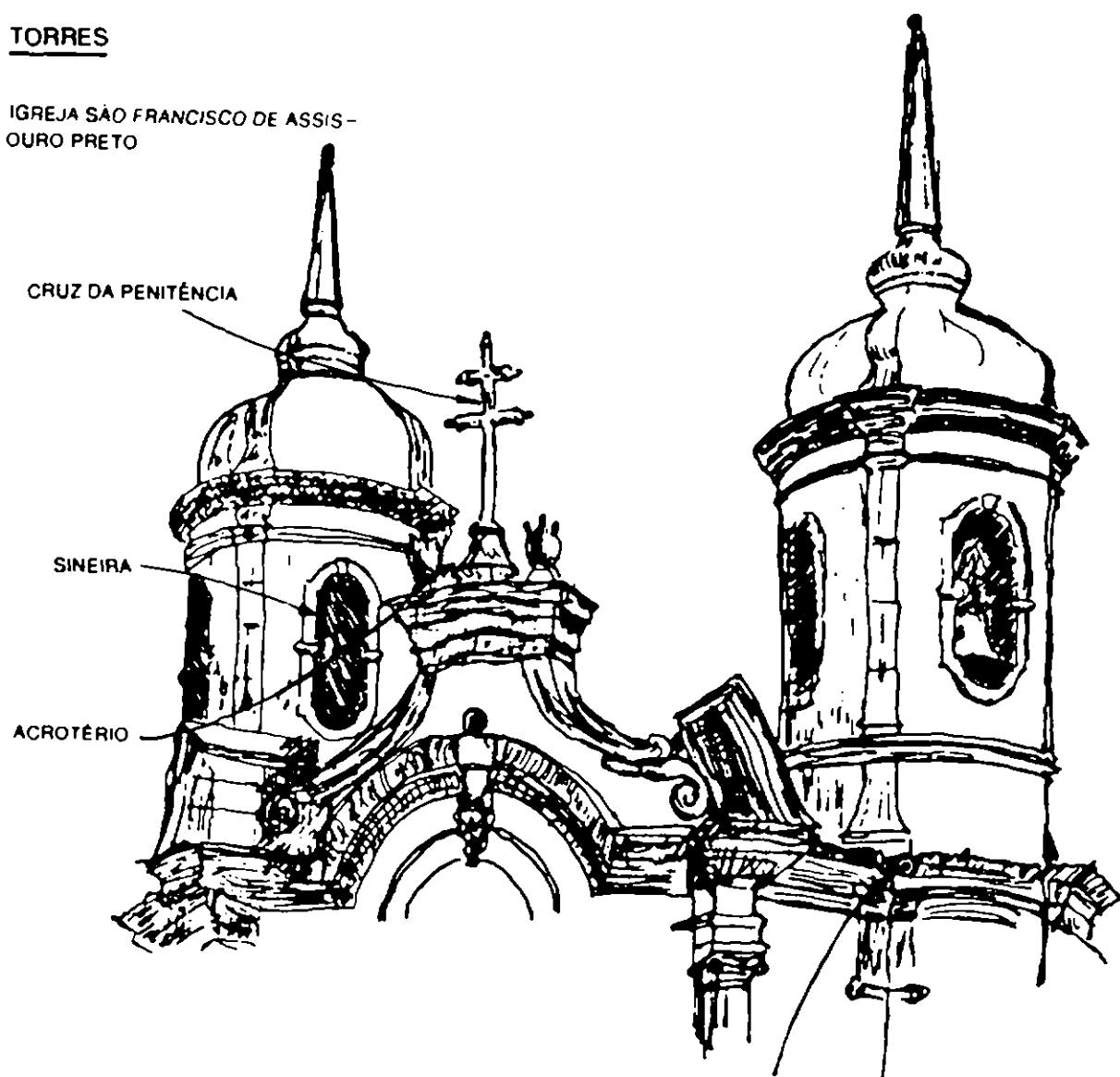


FIG 34

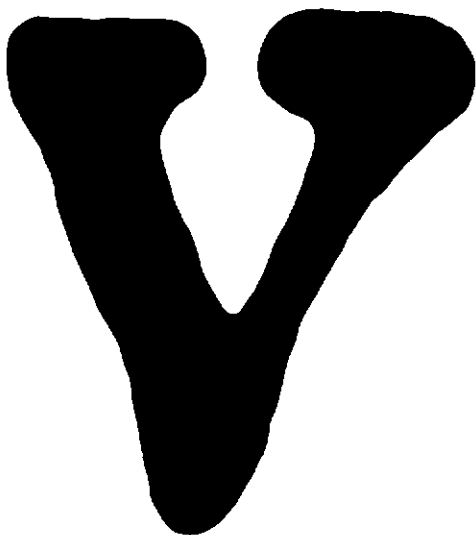
u

UMBRAL

OMBREIRA de uma porta.

URUPEMA

Vedação de teto, PAREDES, janelas, SACADAS, etc., feita com esteira semelhante à urupema, isto é, espécie de peneira em trama de fibra vegetal. Quando empregada em sacadas ou ABALCOADOS, substitui as TRELIÇAS da GELOSIA. Ver também o verbo ESTEIRA.



VENEZIANA

FOLHA de janela e porta com palhetas inclinadas, deixando entre si, espaços para ventilação. Sua introdução em Minas Gerais data, presumivelmente, da segunda metade do século XIX.

VERGA

Peça de madeira ou CANTARIA que se apoia nas OMBREIRAS, em portas, janelas, etc., para sustentar a PAREDE acima do VAO. No período colonial mineiro, aparecem inicialmente em forma *reta* ou de *nível*, tendo evoluído depois, com a sua adoção no Palácio dos Governadores, em Ouro Preto, para a forma *alteada* ou em *canga-de-boi*. Mais tarde, os arcos das vergas se tornaram francamente *curvos*. No século XIX, com o advento do gosto neogótico, surgiram as vergas *ogivais* ou *em ponta* em Ouro Preto e outras localidades. O mesmo que PADIEIRA. (Fig. 35)

VALÁDIO

TELHADO de telhas soltas, em que não se empregou cal ou argamassa.

VÃO

Vazio, abertura em uma parede. Os vãos se dividem em portas, janelas, ÓCULOS, SETEIRAS, etc.

VÃO CAMPANÁRIO

O mesmo que SINEIRA.

VÃOS GEMINADOS

Vãos contíguos de uma mesma parede, às vezes aproveitando como GUARNIÇÃO intermediária, um mesmo ESTEIO ou OMBREIRA. Ver também o verbete OMBREIRAS GEMINADAS. (Foto 25)

VARANDA

1. Construção apoiada e aberta dos edifícios, protegida pelo prolongamento da COBERTURA. Guarnição vazada. 2. Gradeamento de SACADAS ou JANELAS RASGADAS POR INTEIRO.

VARÃO DE FERRO EM CRUZ

Peça de ferro, em formato de cruz, destinada a preencher vazio ou fresta em PAREDE.

VESTÍBULO

O mesmo que SAGUÃO.

VIDRAÇA

Caixilho com vidros para janela, porta, ou outros VÃOS. Por tratar-se de material importado e de difícil transporte pela fragilidade, o vidro demorou a ser introduzido nas construções mineiras do período colonial. As primeiras referências à sua utilização datam de meados do século XVIII, quando os documentos aludem ao seu emprego em OCULOS da Catedral de Mariana e nas vedações do Palácio dos Governadores (atual Escola de Minas), em Ouro Preto. A partir daí, a sua utilização se generaliza em Minas Gerais.

VIGA

Peça de sustentação horizontal, em madeira, ferro, aço, concreto ou pedra.

VIGAMENTO

Conjunto de VIGAS de uma construção ou de suas partes, tais como: PISOS, PAREDES, TELHADOS, etc.

VIGOTA

Pequena VIGA; sarrafão.

VOLTA (PEÇAS DE)

As pedras que formam a parte circular do ARCO ou da ABÓBADA, a partir da pedra imediata ao CAPITEL ou à CIMALHA ou a partir da IMPOSTA. Nas especificações para a construção do antigo Palácio dos Governadores, em Ouro Preto, Alpoim se refere a *voltas de cordel e voltas redondas*.

VOSIL

Ver o verbete BOCELAÇÃO.

VERGAS

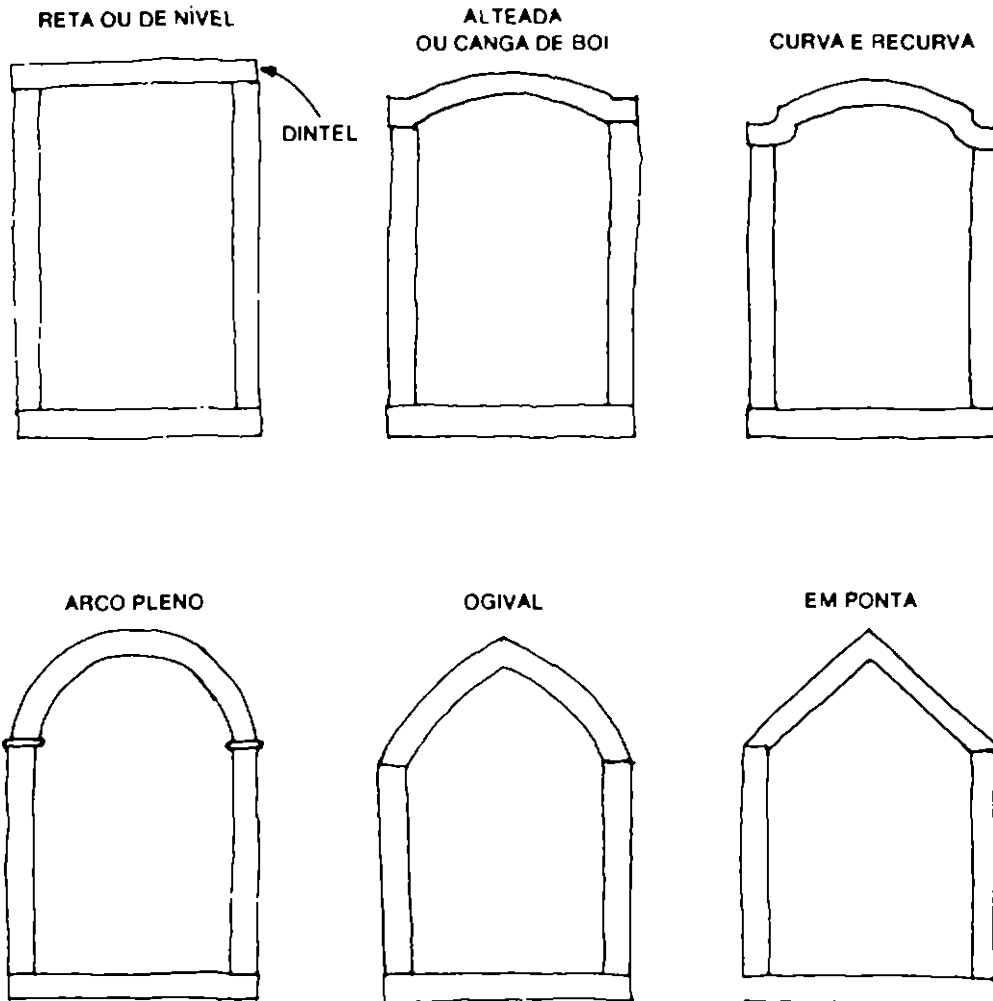


FIG 35



ZIMBÓRIO

A parte superior, geralmente convexa, que arremata o EXTRADORSO das CÚPULAS. Em contrato datado de 1746, e referido por Carlos Del Negro, Francisco Xavier de Brito arrematou a "obra de talha da CAPELA-MOR e zimbório" da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto.

ARQUITETURA

Documentação Fotográfica

1. BRUMAL — Igreja de Santo Amaro — Arquitetura Religiosa — 1.ª fase



2. CAETÉ — Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso —
Arquitetura Religiosa — 2.^a fase



3. SÃO JOÃO DEL-REI — Igreja de São Francisco de Assis
— Arquitetura Religiosa — 3.ª fase





4. OURO PRETO — Igreja de São Francisco de Paula —
Arquitetura Religiosa — 4.ª fase



5. POMPEU (município de Sabará) — Capela de Santo Antônio
(anterior a 1730)

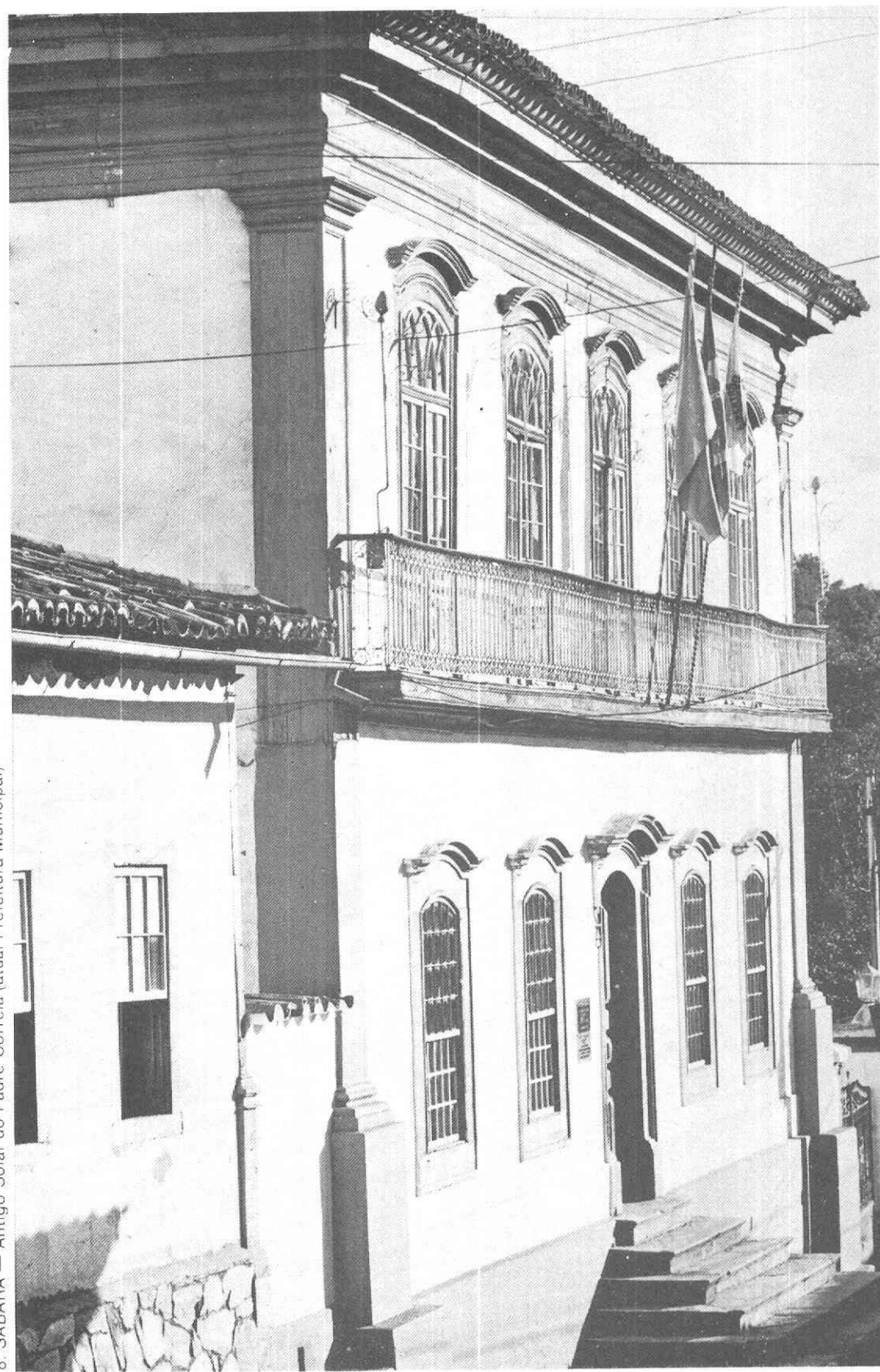
6. OURO PRETO — Capela do Padre Faria (cerca de 1740)





7. SABARÁ — Capela de Nossa Senhora do Ó (Construção primitiva-1717)
Frontispício chanfrado de fins do século XVIII

8. SABARÁ — Antigo Solar do Padre Correia (atual Prefeitura Municipal)



9. MARIANA — Sobrado do Barão de Pontal





10. SÃO JOÃO DEL-REI — Antiga Casa da Intendência

11. BOM JESUS DO AMPARO — Fazenda do Rio São João



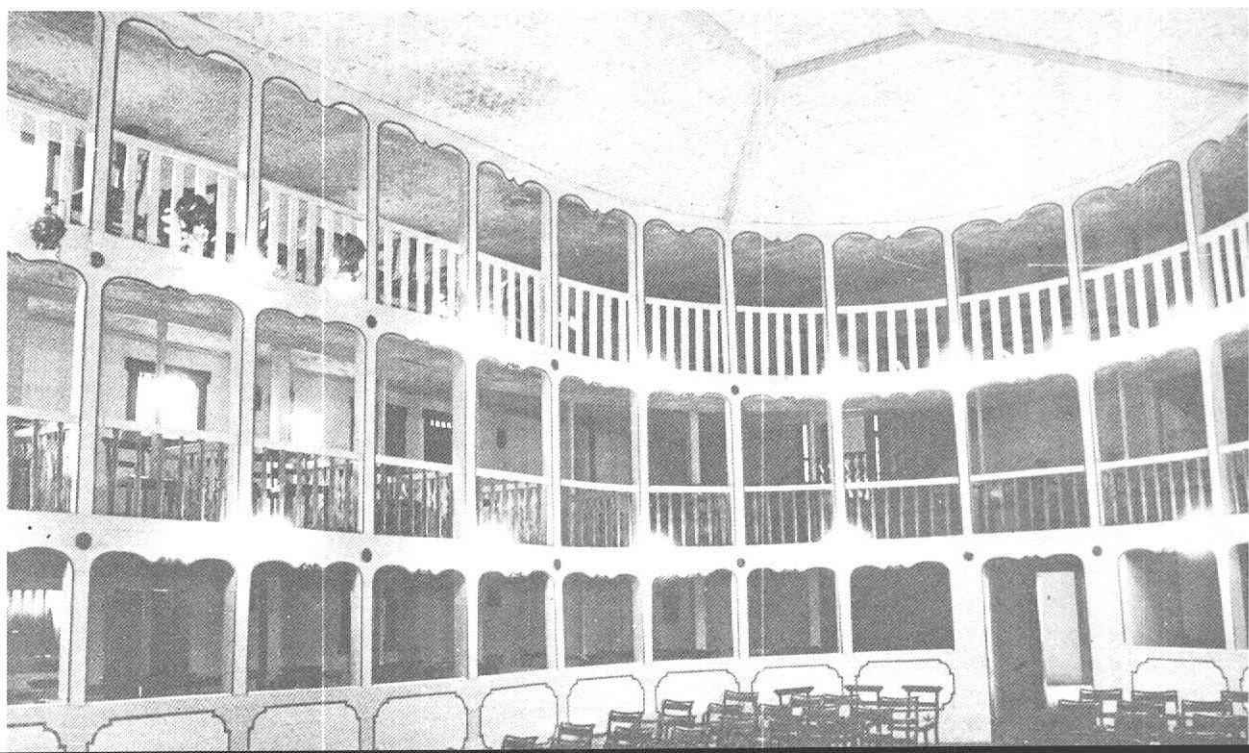
OURO PRETO — “Bom-Será” da rua Barão do Ouro Branco

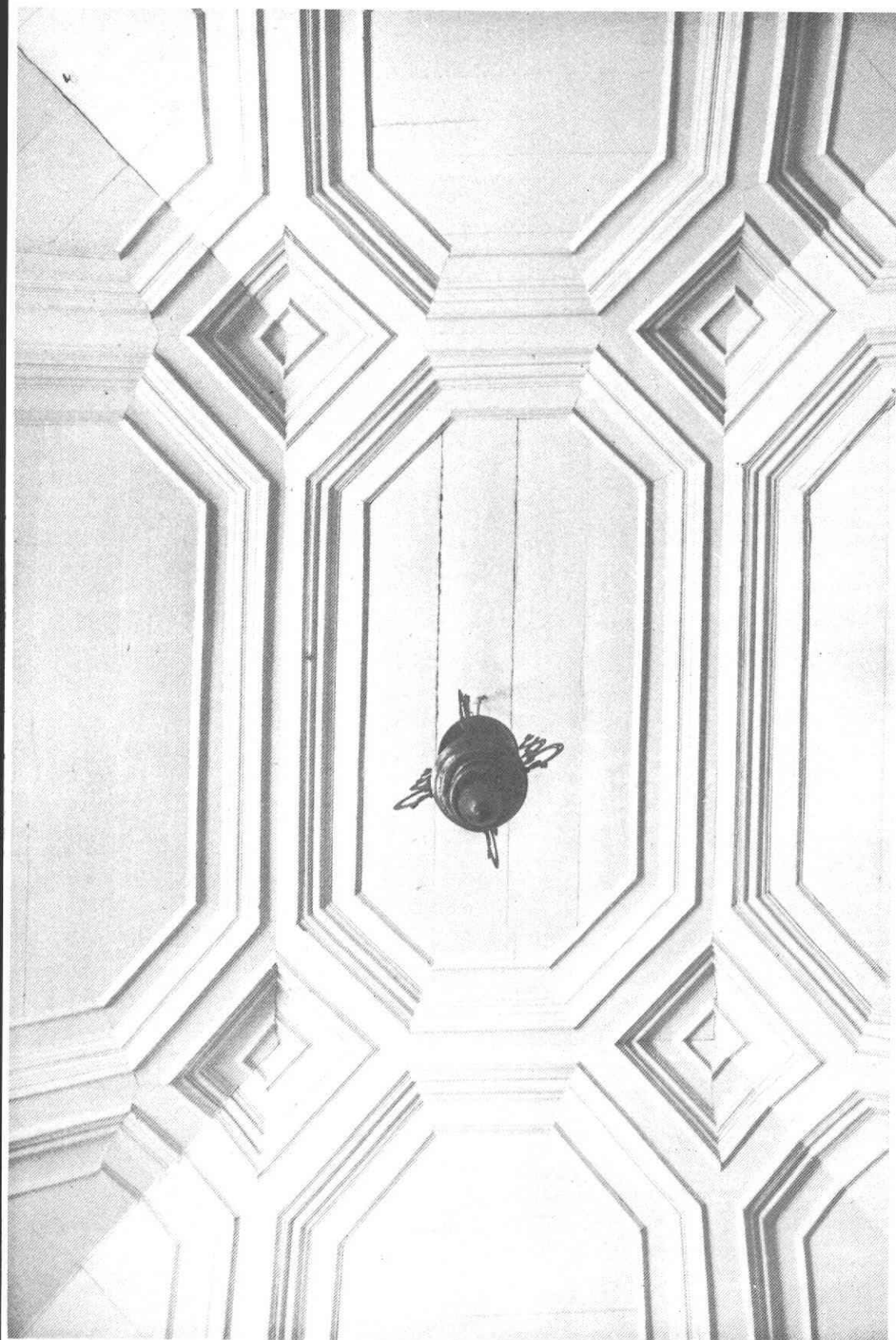




13. MINAS NOVAS — Capela de São José, com copiar

14. SABARA — Teatro (antiga Casa da Ópera) — Frisas

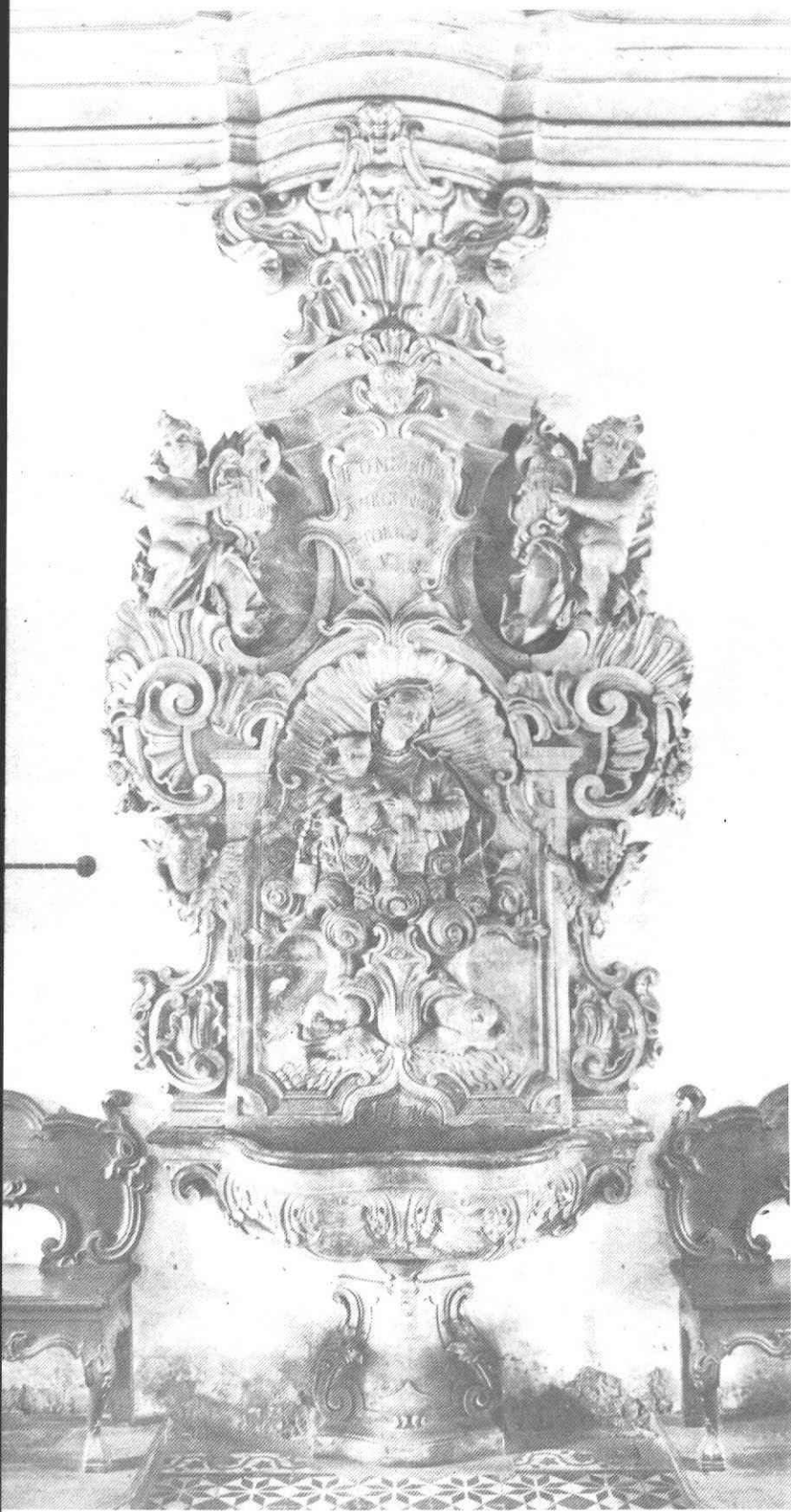




15. OURO PRETO — Pouso do Chico Rei — Teto em gamela

16. SABARÁ — Hospício da Terra Santa





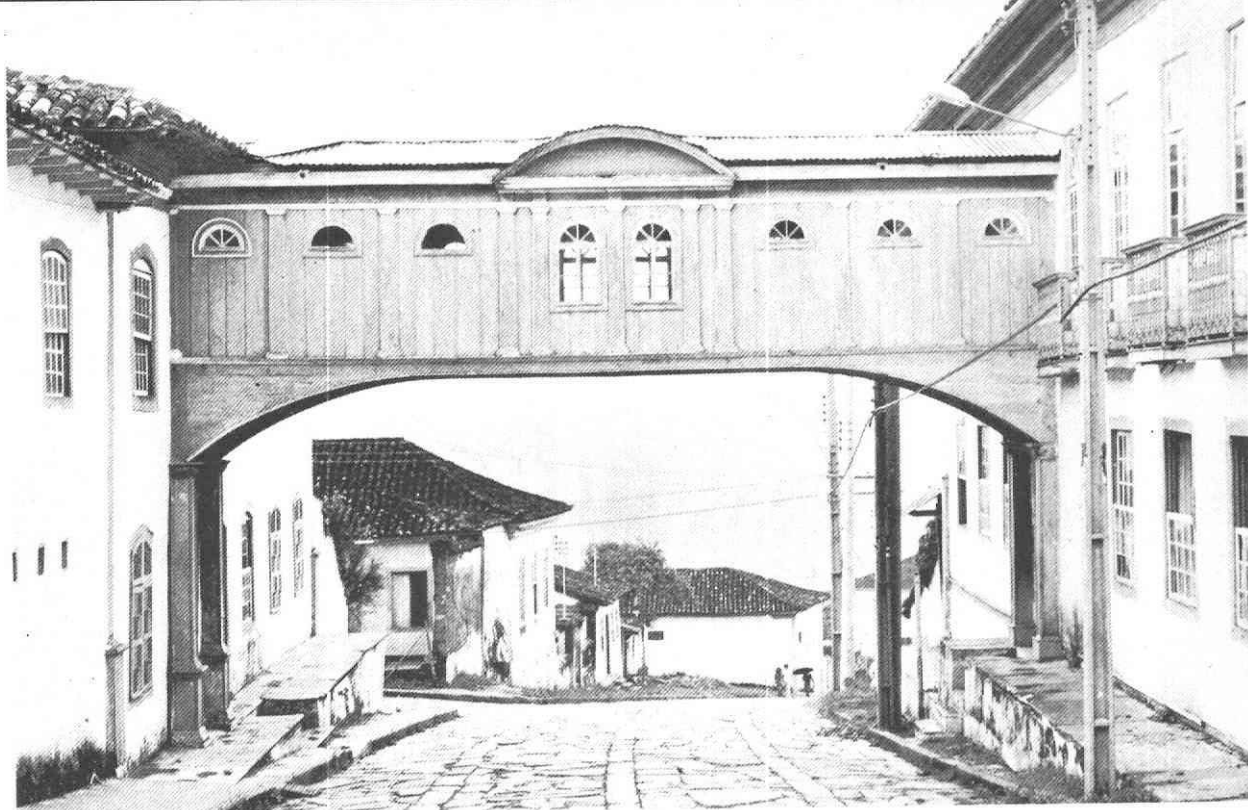
17. OURO PRETO — Igreja de Nossa Senhora do Carmo —
Lavabo da sacristia (Aleijadinho)

18. OURO PRETO — Casa dos Contos, com seu mirante ou torreão



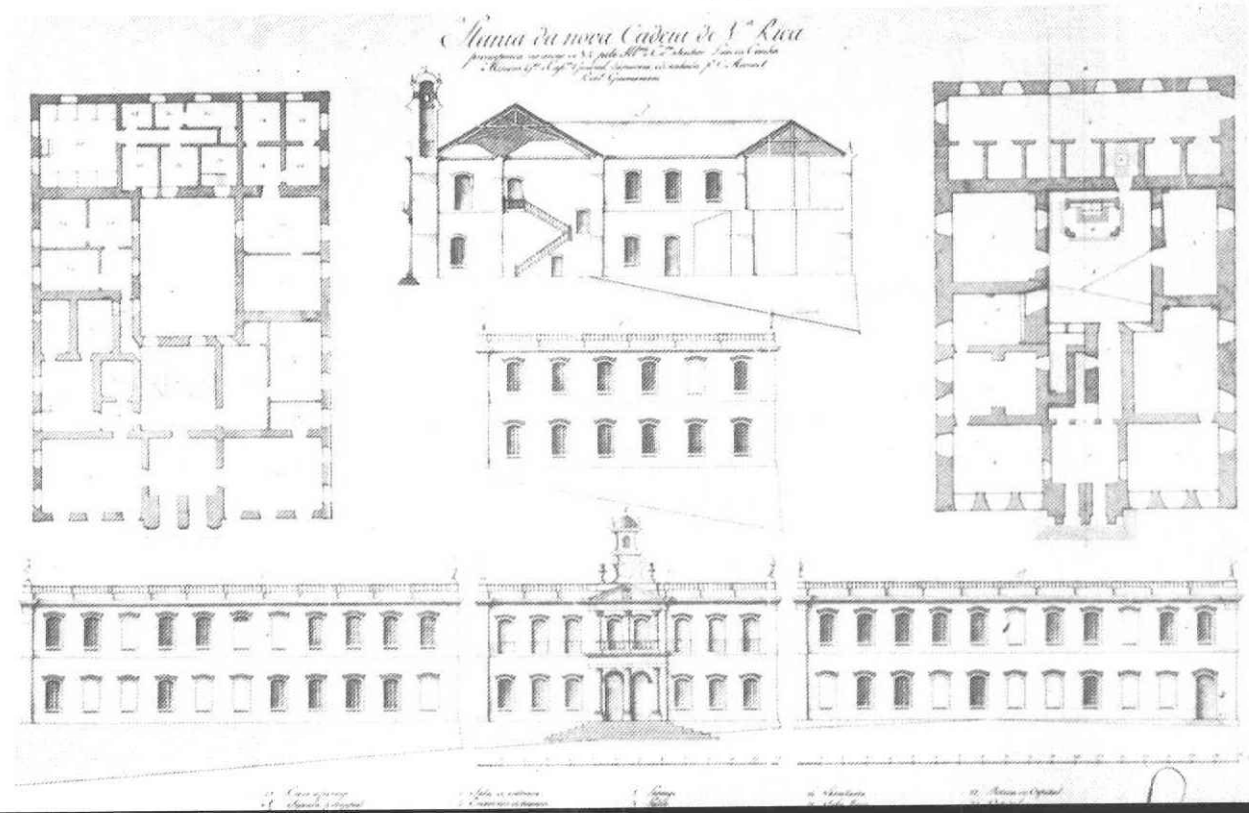


19. CATAS ALTAS DO MATO DENTRO — Matriz de Nossa Senhora da Conceição, com torres à mourisca



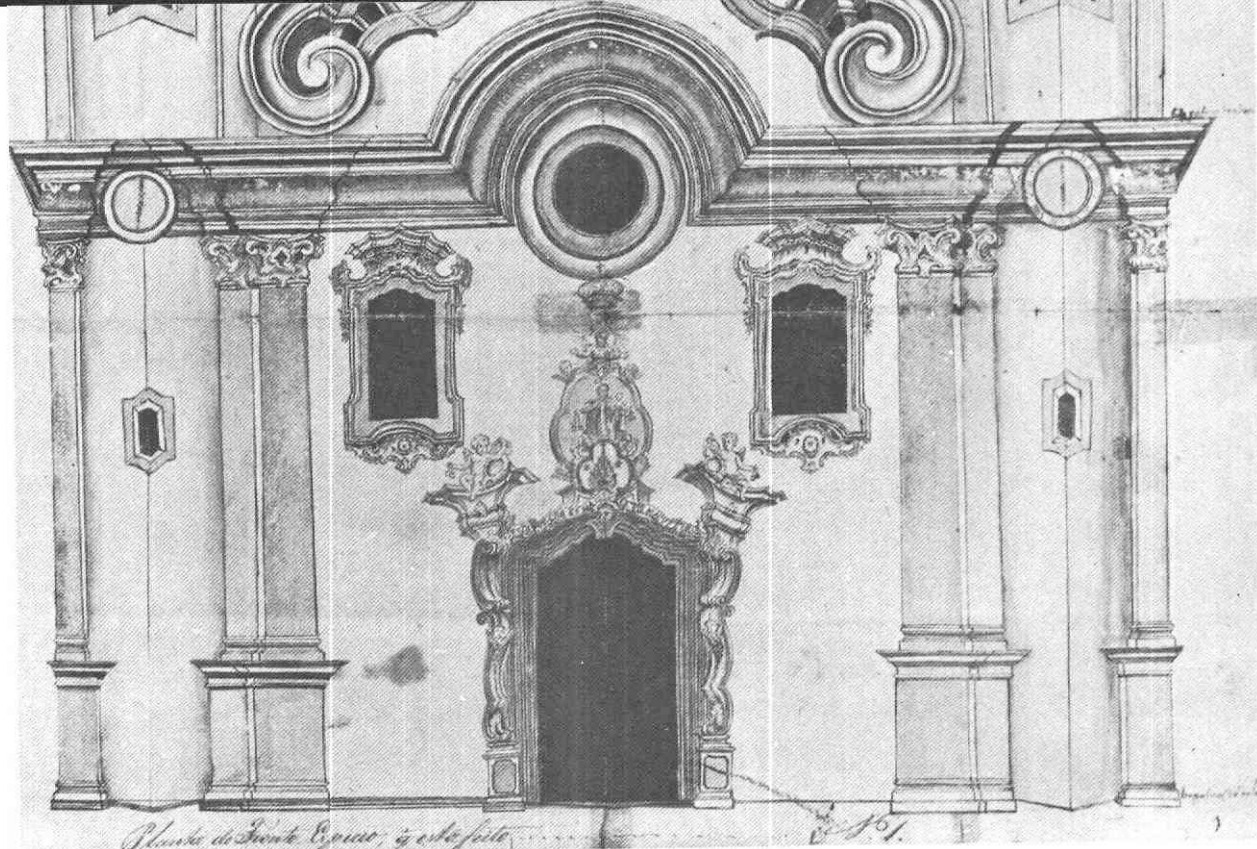
20. DIAMANTINA — Passadiço da rua da Glória
(Colégio Nossa Senhora das Dores)

21. OURO PRETO — Riscos da antiga Casa de Câmara e Cadeia
(atual Museu da Inconfidência) — Início da construção-1784
(Original do Arquivo Histórico Ultramarino — Lisboa)



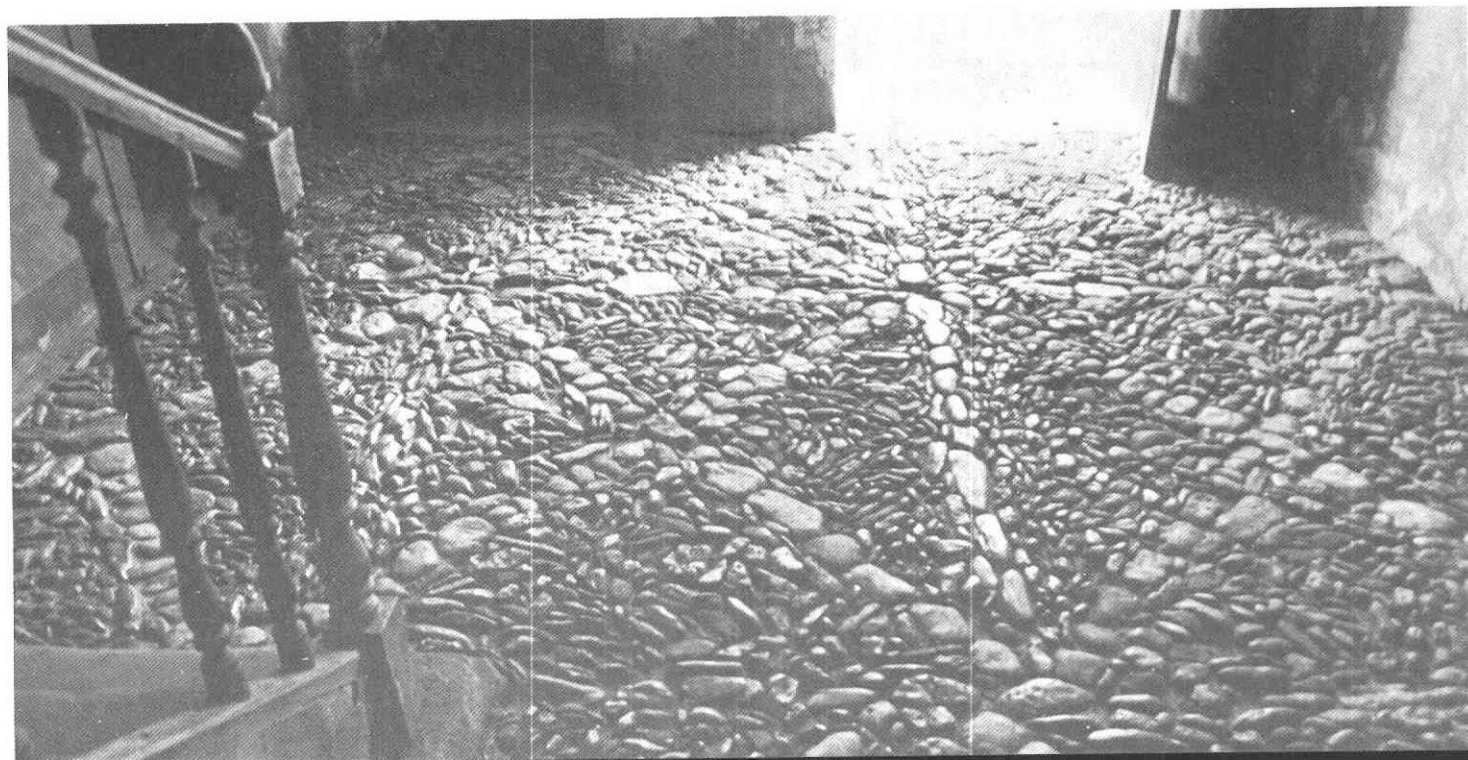


22. Risco de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, para a igreja de São Francisco de Assis de São João del-Rei (Original do Museu da Inconfidência — Ouro Preto)



23. Risco para a igreja do Carmo de São João del-Rei, atribuído ao Aleijadinho (Original do Museu da Inconfidência — Ouro Preto)

24. OURO PRETO — Piso do saguão do sobrado da rua Alvarenga, 56/58, em seixos rolados



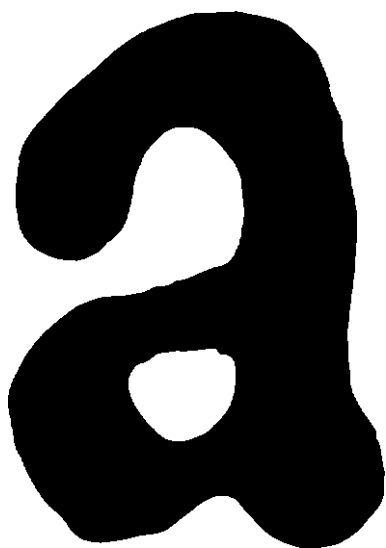
25. OURO PRETO — Rua Conde de Bobadela, antiga rua Direita — Sobrados com vãos geminados.



**abcdefghijklm
nopqrstuvwxyz**

GLOSSÁRIO DE ORNAMENTAÇÃO^{II}





ÁBACO

1. Parte superior do **CAPITEL** de uma **COLUNA**, geralmente quadrangular. 2. Pedra ou placa metálica, quadrangular, de revestimento ou ornamentação de **PARFDE**.

(Fig. 48)

ABAIXA-VOZ

DOSSEI, que cobre o **PULPITO**, para efeito de acústica durante as prédicas do sacerdote. Guarda-voz.

(Fig. 36)

ACANTO

Motivo decorativo, presente originalmente no **CAPITEL CORINTIO**, que representa folha do acanto espinhoso. O uso do motivo em acanto foi generalizado na ornamentação em **TALHA** do período barroco.

(Fig. 37)

ACROTÉRIO

1. Ponto mais elevado ou cimo de uma construção. 2. Pequeno **PEDESTAL**, geralmente sem ornato, colocado no **FRONTÃO** ou em **PLATIBANDAS** como suporte de cruz, de estatuas ou outras peças escultóricas.

(Fig. 34)

ADUELA

Peça encurvada de madeira correspondente ao **ARCO** ou **ARQUIVOLTA** na estrutura do **COROAMENTO** ou **REIMATE DO RETABULO**.

(Fig. 53)

ALCATIFAS

Tapetes, colchas ou toalhas bordados em cores diferentes. No período colonial era costume enfeitá-se de *alcátifas* as janelas das casas, por ocasião de festividades religiosas. Esse tipo de ornamentação é, ainda hoje, bastante comum em festas de velhas cidades mineiras.

ALDRABA (ALDRAVA)

Tranqueta de metal para abrir e fechar as portas, levantando, abaixando ou girando o ferrolho.

(Fig. 15)

ALFAIAS

Peças de uso em missa e outros rituais do culto religioso, confeccionadas em metal e outros materiais. Nas mais ricas igrejas do século XVIII em Minas, as principais alfaias eram geralmente de ouro ou prata, a exemplo de castiçais, turbulós, aspersórios, etc. Ver também o verbete **PARAMENTOS**.

ALGUIDAR

Vaso de barro ou metal, baixo, em forma de cone invertido, destinado a vários usos domésticos.

ALMOFADA

Peça de madeira, em relevo, sobre a superfície de porta ou janela e encaixada como adorno. Geralmente apresenta forma geométrica (ex. porta da Igreja do Carmo, de Mariana), mas em algumas igrejas mineiras (ex. porta da Igreja de São Francisco de Assis, de Mariana) apresenta desenho simbólico ou figurativo. A almofada ocorre também em **PULPITOS**, **ARCAZES** (**CÔMODAS**) e outras peças de mobiliário. Ver também o verbete **ALMOFADA** na parte de **ARQUITETURA** deste Glossário.

(Figs. 19, 28, 29)

ABAIXA VOZ

PULPITO DA NAVE —
SANTUÁRIO DO BOM JESUS
DE MATOZINHOS —
CONGONHAS



FIG. 36

ACANTO

SANTUÁRIO B. J. DE MATOZINHOS –
PORTADA –
CONGONHAS



ALMOFARIZ

Utensílio doméstico, de pedra, metal ou madeira, de forma côncava, destinado a triturar ou apiloar alimentos e outras substâncias sólidas.

ALTAR-MOR

Altar ou RETÁBULO principal de uma igreja ou capela, apostado à parede de fundo da CAPELA-MOR e destinado às imagens ou relíquias do respectivo orago ou santo padroeiro.

(Foto 26)

ÂMBULA

Vaso em que, nas igrejas, se guardam os santos óleos.

AMPULHETA

Instrumento antigo, constituído por dois vasos cônicos de vidro, que se comunicam no vértice por pequeno orifício pelo qual escoava certa quantidade de areia, num processo de medição do tempo. Na simbologia ornamental, a ampulheta representa a vida, em oposição à CAVEIRA, que representa a morte. Nesse sentido, os dois símbolos aparecem no belo LAVABO de PEDRA-SABÃO da SACRISTIA da Igreja de São Francisco em Ouro Preto, da autoria do Aleijadinho.

ANDOR

Suporte de madeira, com varais de segurar, e geralmente ornamentado, no qual se transportam imagens nas procissões.

ANJO

O anjo é elemento ornamental dos mais comuns em RETÁBULOS e ARCOS-CRUZEIROS de igrejas mineiras. A escultura de anjos começa a aparecer em retábulos da fase de transição (cerca de 1710) do ESTILO NACIONAL PORTUGUÊS (1.ª fase do barroco em Minas) para o ESTILO DOM JOÃO V (2.ª fase do barroco em Minas). Na fase ROCOCÓ (3.ª fase do barroco em Minas ou fase do Aleijadinho), os anjos desaparecem das COLUNAS e PILASTRAS, passando a figurar de preferência em PORTADAS, ARCOS-CRUZEIROS, CÚPULAS de CAPELA-MOR ou, algumas vezes, em CO-ROAMENTOS de RETÁBULOS. Os tipos mais comuns de anjos, na orna-

mentação religiosa em Minas, são os *querubins* ou *serafins*, pequenos e com ou sem asas, lembrando alegres meninos, ou os *arcangjos*, figuras maiores lembrando adolescentes ou adultos jovens, sendo geralmente desta espécie os anjos músicos e os ANJOS TOCHEIROS. Há casos de anjos singulares, de feições e busto femininos (ex. Museu de Tiradentes), ou com traços orientais (ex. capela de Santo Antônio, em Pompéu, Município de Sabará).

ANJO TOCHEIRO

Escultura de anjo, portando TOCHEIRO ou CASTIÇAL grande para velas. Pode ser uma peça de escultura autônoma (ex. Santuário do Bom Jesus, em Congonhas) ou inserida no RETÁBULO (ex. Capela do Rosário, em Cuiabá, Município de Sabará).

ANJO VOANTE

Escultura de anjo em atitude ou postura de voo.

APARADOR

Peça de mobília de sala de jantar, em forma de mesa ou fechada com prateleiras e portas. Era, às vezes, denominada também BUFETE.

ARANDELA

1. Peça redonda, ordinariamente de vidro onde se fixa a vela e que recebe os pingos desta. 2. Braço ou pendente colocado na parede para receber vela ou lâmpada elétrica.

ARBALETA

Coroamento, em forma dessa arma medieval (ou de canga de boi), característico dos retábulos de Francisco Vieira Servas. Exemplo: Carmo, em Sabará.

ARCA

Caixa de madeira, reforçada de placas de ferro e cadeado, para guarda de objetos, dinheiro ou ouro. (Fotos 34, 37)

ARCADA

Sequência de arcos próximos, ou construção em forma de arco. Em Minas Gerais, são notáveis as arcadas de separação entre a NAVE central e as naves

laterais da Matriz de Sabará, trabalhadas em TALHA característica da 1.ª fase do barroco mineiro.

(Fig. 39)

ARCAZ

Grande ARCA ou CÔMODA com gavetões, que, nas igrejas, é geralmente colocada nas SACRISTIAS para guardar PARAMENTOS e outros acessórios religiosos. Em algumas igrejas mineiras, esse tipo de móvel apresenta rico trabalho em TALHA: ex. arca da Igreja do Carmo, em Ouro Preto.

(Foto 27)

ARCO-CRUIZEIRO

ARCO que separa a NAVE central e a CAPELA-MOR na parte da igreja denominada CRUIZEIRO. Nas igrejas da 1.ª metade do século XVIII em Minas, o arco-cruzeiro é geralmente de madeira revestida de trabalhos em TALHA. Nas da 2.ª metade, o arco-cruzeiro já é de pedra de CANTARIA. Na chave (eixo) do arco-cruzeiro aparecem, sobrepostas, composições escultóricas com ESCUDOS, ANJOS e outras figuras, quase sempre alusivas ao patrono ou invocação da igreja. Junto ao arco-cruzeiro, a maioria das igrejas possui dois altares, no alinhamento ou em viés. São os chamados altares ou RETÁBULOS do arco-cruzeiro.

(Figs. 39, 40)

ARCOS CONCÊNTRICOS

O mesmo que ARQUIVOLTAS concêntricas. Peças de madeira, na disposição de arco e tendo sempre um mesmo centro ou eixo ao alto, em trabalho de talha ornamental, que formam o REMATE ou COROAMENTO de RETÁBULOS, especialmente os do chamado ESTILO NACIONAL PORTUGUÊS ou da 1.ª fase do barroco em Minas (até cerca de 1730). Os arcos são continuação de COLUNAS ou PILASTRAS, a cujo número geralmente correspondem. Exemplos: retábulos da Capela de Nossa Senhora do Ó e da Matriz de Sabará.

(Figs. 40, 53)

ARMAS

Insígnias ou emblemas oficiais ou de ordens religiosas, pintados ou esculpi-

dos em brasões ou ESCUDOS. As armas do reino de Portugal apresentavam desenho em cinco quinas e sete torres sob uma coroa, tal como ainda se pode ver na CARTELA do Chafanz de São José, em Tiradentes. Quanto às armas de ordens religiosas, são comuns em igrejas mineiras as de São Francisco — dois braços cruzados, de Cristo e do santo — e a do Carmo: o Monte Carmelo, entre nuvens e a trindade de estrelas, encimado por uma cruz.

(Foto 48)

ARQUIBANCO

Banco grande, dotado de ESPALDAR com ou sem vãos, geralmente usado nas SACRISTIAS ou em residências antigas, cujo assento é a tampa de uma espécie de ARCA com divisões internas.

ARQUITRAVE

Parte principal do ENTABLAMENTO entre o FRISO e o CAPITEL da COLUNA, sobre a qual assenta.

(Fig. 45)

ARQUIVOLTA

Ornato em contorno ou que acompanha a forma do arco. As arquivoltas concêntricas, presentes no COROAMENTO ou REMATE do RETÁBULO, são umas das características dos altares da 1.ª fase do barroco em Minas. Ver também o verbete ARCOS CONCÊNTRICOS.

(Figs. 40, 53)

ARRECADA

Ornato geralmente em feito de argola, aparecendo em forma encadeada.

(Fig. 49)

ARTESOADO

Diz-se de teto (ou de voltas de ARCOS e ABÓBADAS), com divisões entre molduras. As divisões, quando de desenho mais simples e formas retangulares, são chamadas comumente de CAIXOTÕES.

(Fig. 39)

ATLANTE

IGREJA DO CARMO — SABARÁ



FIG 38

ASSIMETRIA

Falta de simetria ou proporção entre desenhos em pintura ou escultura. A assimetria é um dos elementos definidores da ornamentação **ROCOCO** nas igrejas mineiras (a chamada 3.^a fase do barroco em Minas). O exemplo mais comum de assimetria é o do desenho das **ROCAILLES**.

ASTRÁGALO

Pequena moldura de secção circular, decorada às vezes com motivos de *contas-de-rosário*, que aparece como ornato na parte superior do **FUSTE** da **COLUNA**.

ATLANTE

Figura (ou meia figura) de homem, em escultura, que sustenta **COLUNA**, **PLÁSTRA**, **CORO**, etc. São notáveis em Minas os atlantes do **CORO** da Igreja do Carmo, em Sabará, da autoria do Aleijadinho. Atlantes podem ser vistos, com a mesma função de sustentação, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Congonhas. (Fig. 38)

ATRIBUTO

Símbolo, insignia ou qualquer elemento que, numa escultura, pintura ou gravura, servem para identificar determinado santo.

ARCADAS

MATRIZ DE SABARA

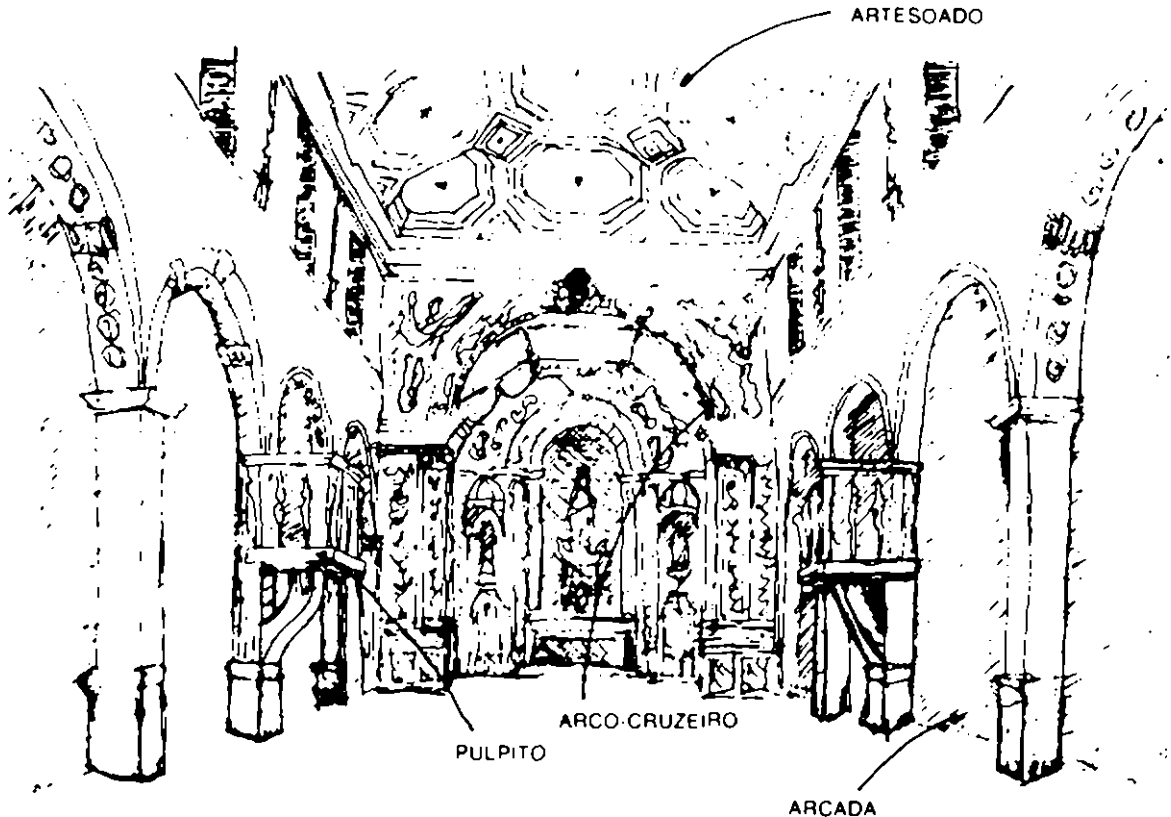


FIG 39

AZULEJO

Ladrilho de louça vidrado em sua face aparente, usado para revestimento, impermeabilização e decoração de PAREDES. No período colonial brasileiro, foi largamente utilizado em construções religiosas e civis, principalmente do litoral. Em Minas Gerais, seu emprego foi, no entanto, bastante restrito, podendo-se apontar, entre os poucos exemplos, os azulejos da CAPELA-MOR da Igreja do Carmo, em Ouro

Preto. Na mesma cidade, vêem-se também na fachada do Colégio Alfredo Baeta e em pequena faixa inferior de um sobrado ao lado do Chafariz dos Contos, na Praça Reinaldo O. Alves de Brito, edificações estas presumivelmente, porém, do século XIX. O uso nobre do azulejo levou à confecção de imitações, como a feita por Ataíde sobre madeira na capela-mor da Igreja de São Francisco de Assis, igualmente em Ouro Preto.

ARCO-CRUZEIRO

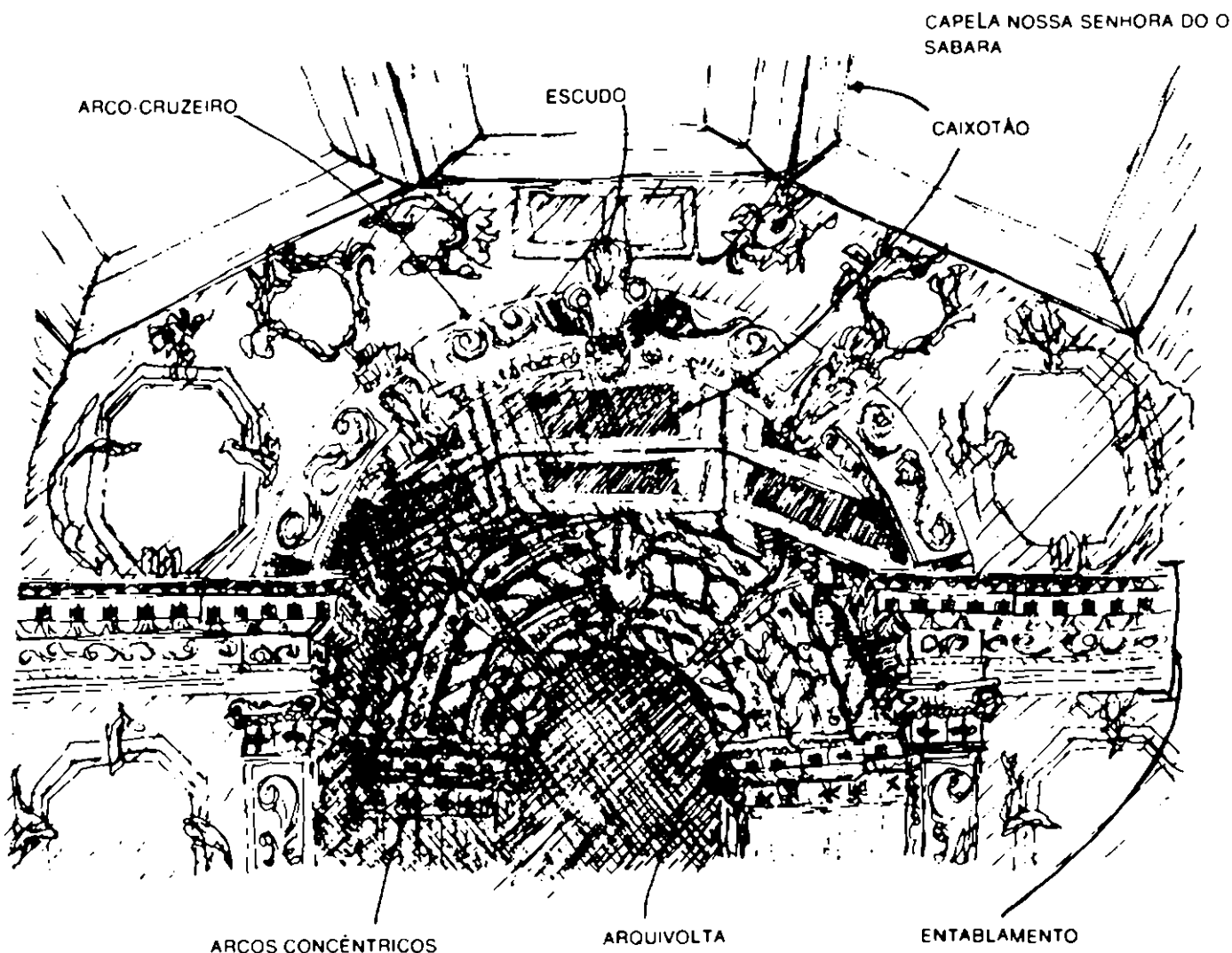
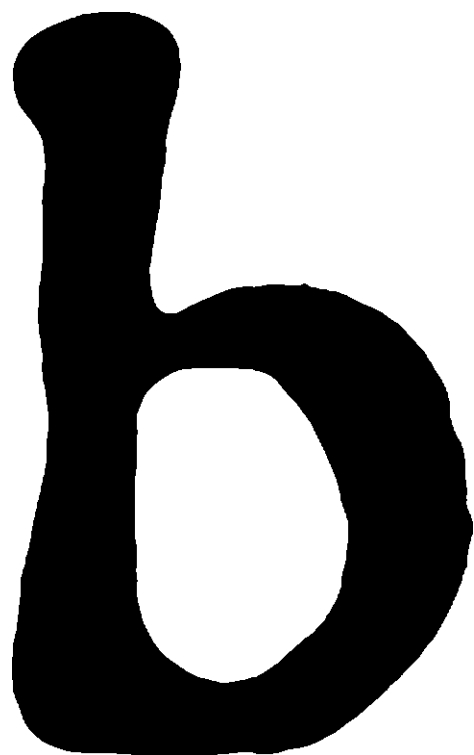


FIG 40



BACIA DO PÚLPITO

Peça em pedra ou madeira, sacada da PAREDE em que se firma o TAMBOR ou CAIXA do PÚLPITO. (Fig. 51)

BALDAQUIM (ou BALDAQUINO)

Peça acessória, sustentada por COLUNAS ou pendente junto às PAREDES, que aparece como proteção superior em alguns RETÁBULOS. O mesmo que SANEFA ou GUARDA-PÓ. Ver também o verbete DOSSEI. (Fig. 41)

BANQUETA

Primeiro degrau acima da mesa do altar, onde se colocam CASTIÇAS com velas de cera, tendo ao centro a cruz.

BARRA

A parte inferior de PAREDES, revestida de AZULEJOS ou simplesmente de pintura decorativa — lisa ou figura-

tiva. Exemplo: barra em azulejos da CAPELA-MOR da Igreja do Carmo, em Ouro Preto.

BARROCO

O estilo barroco floresceu na Europa durante o século XVII, correspondendo historicamente à ação contra-reformista da Igreja Católica e também à expansão colonizadora de Portugal e Espanha. Foi por essa mesma época introduzido no litoral brasileiro, marcando com suas formas o programa arquitetônico e ornamental de igrejas e conventos. Em Minas Gerais, o estilo vigorou praticamente durante todo o século XVIII, em cujo final viria a ocorrer o advento do ROCOCO (altares de 1760/1770) na capitania. A interação dos dois estilos justifica que se fale em "feição barroco-rococo" relativamente à arquitetura e ornamentação de algumas igrejas mineiras de fins daquele século.

BARROCO EM MINAS GERAIS — CARACTERÍSTICAS

O barroco em Minas Gerais, obedecendo às linhas gerais do estilo, se caracterizou

- a) pela exuberância do elemento ornamental na decoração interior das igrejas;
- b) pelo uso intenso da TALHA polícroma, com predominância do revestimento em ouro;
- c) pela gradativa tendência à movimentação e ao encurvamento das formas arquitetônicas, primeiro na arquitetura interna das igrejas (ex. Matriz do Pilar, em Ouro Preto), depois na própria arquitetura externa (ex. Igreja do Rosário, em Ouro Preto);
- d) pelo realismo das composições escultóricas e da IMAGINARIA;
- e) pela presença de elementos ornamentais profanos, ao lado de elementos de simbologia religiosa (ex. Capela do O e Matriz de Sabará).

Ver também os verbetes ARQUITETURA NO PERÍODO COLONIAL, MINEIRO, PINTURA NO PERÍODO COLONIAL MINEIRO E RETÁBULO.

BAÚ

Cofre ou caixa retangular, de tampa em forma de abóbada convexa e geral-

mente de madeira com cobertura de couro, ornada de PRÉFARIA. Ver também o verbete ARCA

BELA

Especie graciosa de ornato de arremate, que aparece em alguns tipos de construção, a exemplo das três "belas" espiraladas que encimam a VERGA do Chafariz dos Contos, em Ouro Preto. (Fig. 8)

BILRO

1. Peça de fazer renda. 2. Ornato, em forma de fuso, com que se adornavam os arremates de certos tipos de cama, de esmerado trabalho de marcenaria, característicos do século XVIII. As camas em bilros e TORNEADOS eram bastante comuns nas residências mais nobres do período colonial mineiro. (Foto 36)

BOCA DA TRIBUNA

Abertura da TRIBUNA DO TRONO em um altar ou RETÁBULO. A expressão aparece em contrato firmado, em 1754, por José Rodrigues Silva, para "pintura do PAINEL da boca da tribuna" da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto. Ver também os verbetes PANO e PERFIL DA TRIBUNA.

BOFETE (BUFETE)

1. Espécie de banca, secretaria ou escrivaninha com gaveta, geralmente em fino trabalho de marcenaria. 2. APARADOR.

BOLACHA

Ornatos TORNEADOS, de forma esférica e achatada, que aparecem em BALAUSTRES, grades, entravamento e suportes de moveis, etc.

BOLO ARMÊNIO

Argila vermelha que se emprega em pintura ou como base de preparação da obra de TALHA em madeira para receber o trabalho de DOURAMENTO. O mesmo que *almagre*.

BORLA

Ornato formado por um suporte em forma de campânula, do qual pendem inúmeros fios. Aparece, por exemplo, nas OMBREIRAS da PORTADA principal da Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em Caete. (Fig. 49)

BOSSAGEM

Trabalho de revestimento ou ornamentação que ressalta da superfície da construção.

BALDAQUIM

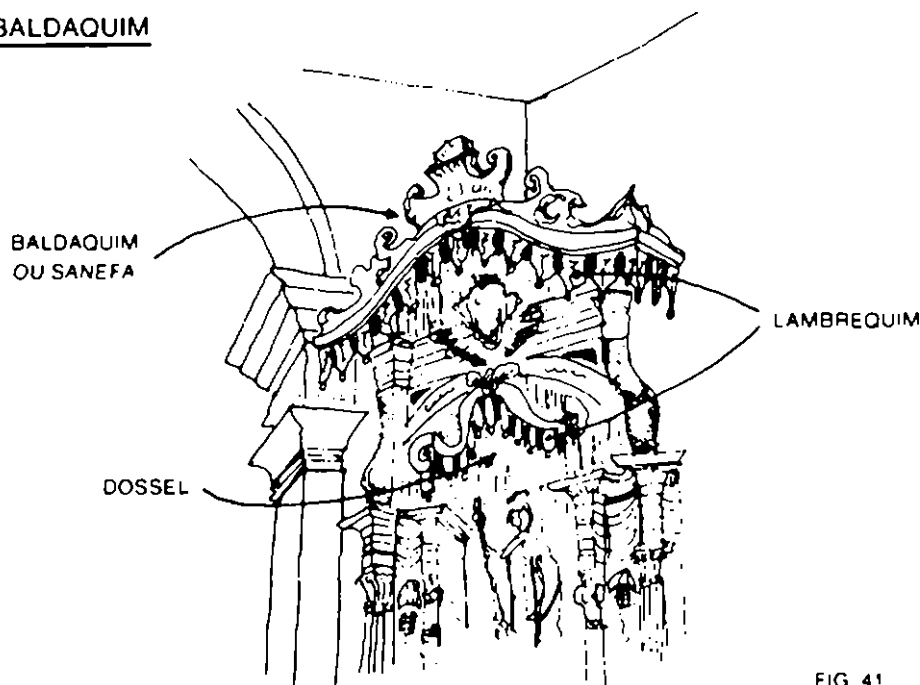
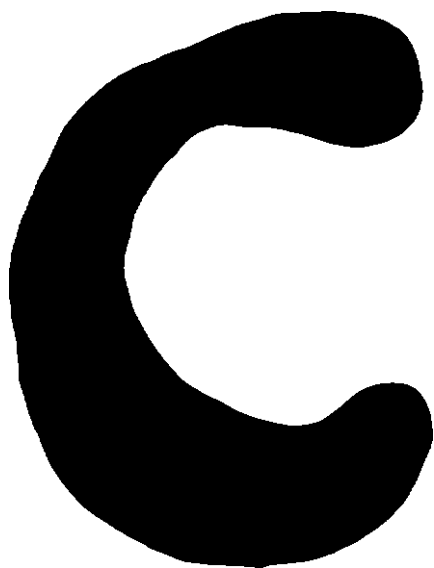


FIG. 41



CABIDE

Peça de madeira ou outro material, afilhada em PAREDES, destinada a pendurar roupas, utensílios, etc. Alguns cabides antigos eram de apurada feitura, com ornatos.

CADEIRAL

Serie de cadeiras, ligadas ou não entre si, geralmente de ESPAIDAR alto e encostadas a uma PAREDE, de uso em COROS, CONSISTÓRIOS, etc., de igrejas ou conventos. Exemplo: cadeiral da CAPELA-MOR da Sé de Mariana. (Foto 28)

CAIXA

GUARDA-CORPO ou PARAPEITO do PULPITO. Nas igrejas mineiras, ocorrem vários tipos de caixas de pulpitos, desde as caixas simples, fechadas ou vazadas, em madeira lisa pintada ou madeira recortada (ex. Capela do O, em Sabará), até as caixas em BALAUSTRÉS trabalhados (ex. Matriz de Sabará) e as fechadas com trabalhos de TALHA (ex. Matriz do Pilar, em Ouro Preto) ou esculturas em baixo relevo (ex. Igreja do Carmo em Sabará). Quando a caixa é fechada e abaulada,

costuma-se chamar também de TAM-BOR DO PULPITO (Fig. 51)

CAIXOTÃO

Vão, geralmente quadrado e artesoadado, com moldura simples ou em ornatos de RELEVO, entre o madeiramento de sustentação de tetos. Em várias igrejas mineiras, os caixotoes contêm pinturas de figuração ou simbologia religiosa, a exemplo dos forros da Capela do O e da Matriz de Sabará. Ver também o verbete ARTESOADO. (Fig. 40)

CAMARIM

Vão, por cima ou na parte interna do ALTAR-MOR ou de altares laterais ou do ARCO-CRUZEIRO, onde se arma o TRONO para exposição do Santíssimo ou da imagem de um santo. Nas principais igrejas mineiras, os camarins são geralmente delimitados por molduras ou PERFIS em TALHA trabalhada, com pintura ou talha em baixo-relevo nos PANOS (superfícies) laterais (laterais) ou de fundo. O camarim é também chamado TRIBUNA DO TRONO. (Figs. 53, 55)

CANCELO (É)

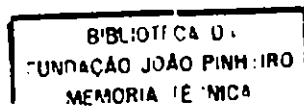
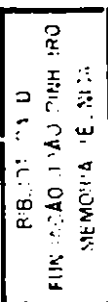
Grade nobre, em BALAUSTRÉS TORNEADOS ou trabalhados em TALHA, que separa a CAPELA-MOR do corpo da NAVE ou esta dos altares laterais. Costuma-se falar, de modo mais simples, em "grade de separação" ou "balaustrada de separação". Exemplos notáveis são a balaustrada em madeira torneada, da autoria do Aleijadinho, que antecede os altares do ARCO-CRUZEIRO e a capela-mor da Igreja do Carmo, em Sabará, e a da nave da Matriz de Conceição do Mato Dentro. (Fig. 42)

CANDEEIRO

Aparelho fixo ou portátil de iluminação, alimentado a gás ou óleo, com camisa ou mecha e envolto por um bojo ou MANGA. Ver também o verbete ILUMINAÇÃO.

CANDEIA

Pequeno aparelho de iluminação, dotado de pavio e recipiente em forma de



vaso de ferro, latão ou barro, que é alimentado a óleo ou querosene e que, geralmente, fica pendente das PAREDES. Ver também o verbete ILUMINAÇÃO.

CANELADO

Objeto ou ornato que apresenta formas em CANELURAS ou sulcos em MEIA-CANA

CANELEIRA

O mesmo que CANELURA.

CANELURA

Sulco aberto como MEIA-CANA, verticalmente, em COLUNAS ou PILASTRAS de RETÁBULOS. As colunas com caneluras ou ESTRIAS verticais são mais comuns nos RETÁBULOS DO PERÍODO ROCOCÔ (ou 3.^a fase do barroco em Minas). (Figs. 45, 45-A)

CANCELO

MATRIZ DE CONCEIÇÃO DO MATO DENTRO

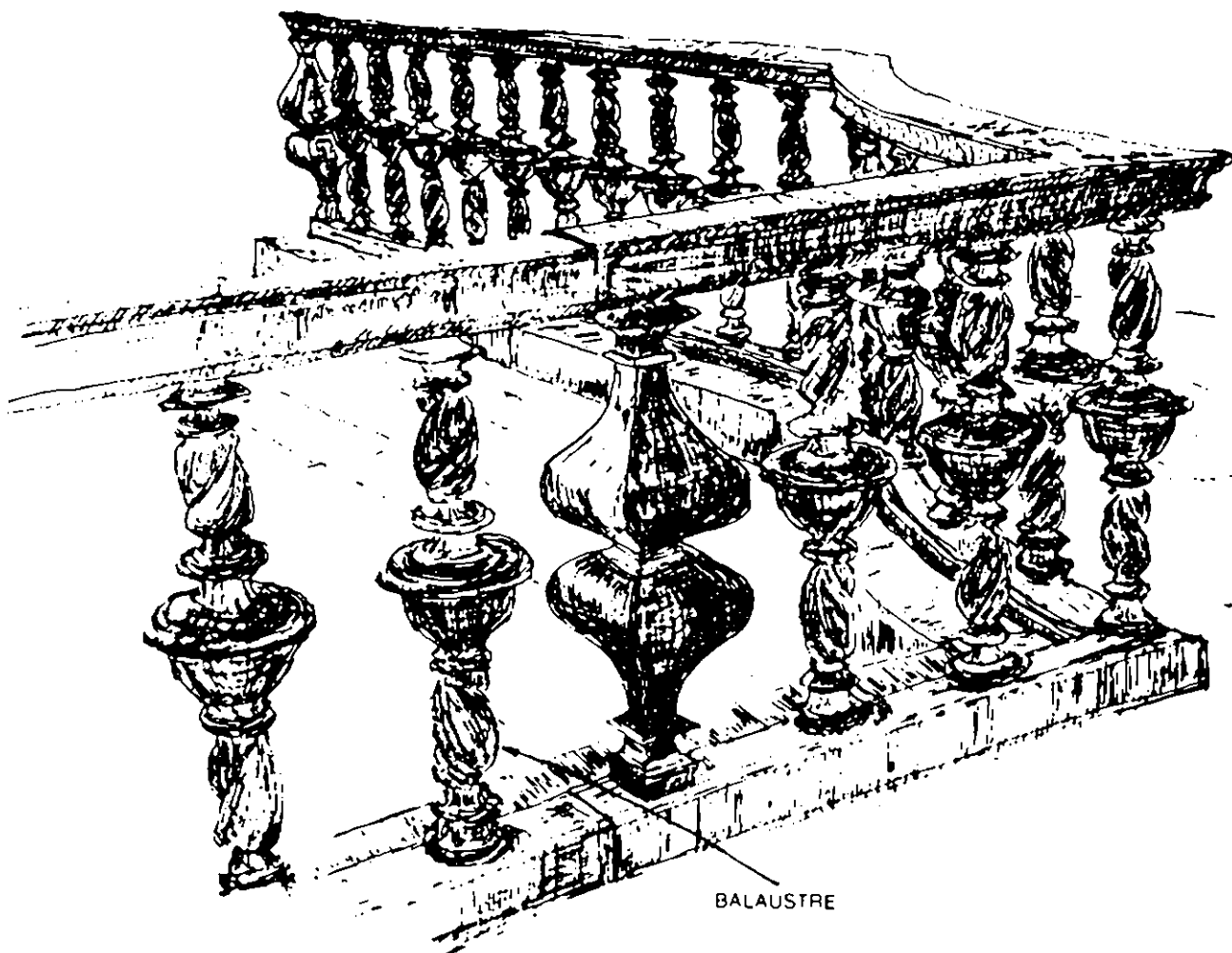


FIG 42

CAPITEL

Parte superior de uma COLUNA ou PILASTRA, que se eleva acima do FUSTE, ligando o fuste ao ENTALHAMENTO. Em Minas, o tipo de capitel mais usado é o COMPOSITO, de adoção caracteristicamente barroca e resultante da associação de elementos decorativos dos capiteis JÔNICO e CORÍNTIO.

(Figs. 45, 48, 50)

CARANTONHA

O mesmo que CARRANCA.

(Fig. 44)

CARIÁTIDE

Figura de mulher, de corpo inteiro ou meio-corpo, sobre a qual assenta uma CORNISA ou ARQUITRAVE. Pode-se falar em cariatides com relação às figuras das sílfides ou sereias que ornamentam os PÚLPITOS da Matriz de Sabará.

CARNAÇÃO

Pintura cor de carne aplicada na parte desnuda do corpo das imagens. Pode-se falar em carnção do Cristo crucificado, São Sebastião, etc. Nesse processo, a pintura era geralmente feita a óleo e polida. Opõe-se ao estofamento a técnica empregada para pintura dos demais elementos da imagem, como vestuário, barbas, cabelos, etc. Ver também o verbete ESTOFAMENTO.

CARRANCA

Cara ou cabeça de pedra, madeira ou metal com que se ornaram BICAS de CHAFARIZ ou LAVABOS, RETABULOS, argolas, ou ALDRAVAS de portas, etc. É interessante a carranca de feição indígena de um lavabo em madeira existente na sacristia da Capela de Santo Antônio, em Pompéu, município de Sabará, sendo mais comuns, no entanto, as carrancas em pedra de chafarizes.

(Fig. 44)

CARTAS DE FLANDRES

Denominava-se antigamente pelo nome de *carta* o papel contendo impressão de estampas ou imagens religiosas. A expressão *Cartas de Flandres* se referia às gravuras religiosas provenientes dos chamados Países Baixos.

CARTELA

Superfície lisa, geralmente à imitação de um pergaminho e colocada no meio de um FRISO ou um PEDESTAL, para se gravar uma inscrição ou para ornato. (Fig. 43)

CASTIÇAL

Piça com abertura na parte superior, destinada nas igrejas ou outros recintos para sustentar velas de iluminação. Nas principais igrejas mineiras do período colonial, os castiçais eram geralmente de prata ou de madeira entalhada e pintada. Ver também os verbetes ANJO TOCHEIRO e TOCHEIRO.

CATRE

Leito de acabamento tosco e pés baixos, trazendo em couro ou madeira rústicos a parte onde repousa o corpo.

CAVEIRA

Na simbologia ornamental religiosa, a caveira representa a morte. Aparece como ATRIBUTO nas imagens de São Francisco de Assis, que geralmente a traz numa das mãos.

CHAMBRANLE

(Francês). Ornato em OMBREIRAS de portas, janelas e outros VÃOS, aparecendo mais geralmente, em fachadas de igrejas. Exemplo: "chambranles" das OMBREIRAS da porta principal da Matriz de Caeté. (Fig. 49)

CHINESICE

1. Trabalho ornamental, geralmente pintado de vermelho, azul e ouro, à imitação oriental. Pode-se falar também em *chinesices* com relação aos painéis ou portas pintados com motivos da China, existentes em algumas igrejas mineiras, a exemplo da Capela do O, em Sabará, e da Matriz da mesma cidade. 2. Pintura de *charão*, verniz da China e do Japão, feito de laca e outros materiais. (Foto 29)

COLUNA

PILAR cilíndrico, dividido em base, FUSTE e CAPITEL, que serve de estrutura e ornato dos RETABULOS, alternando em geral com PILASTRAS.

Os tipos mais comuns de colunas das igrejas mineiras do século XVIII são: 1.ª fase do barroco em Minas (ESTILO NACIONAL PORTUGUÊS) — coluna TORSA ou SALOMÔNICA, espiralada, inteiramente em TALHA dourada, com sulcos ou ESPIRAS preenchidos com ornatos fitomorfos (cachos de UVA, folhas de parreira, ACANTO, etc) e zoomorfos (aves, geralmente FÊNIX ou PELICANOS); 2.ª fase do barroco em Minas (ESTILO DOM JOÃO V) — colunas torsas, com terço inferior estrinado e motivos ornamentais

mais discretos (folhagens, flores, etc.), em dourado ou policromia em branco e dourado, às vezes com a presença de ANJOS, que aparecem mais comumente nas PILASTRAS ou nos REMATES DO RETÁBULO; 3.ª fase do barroco em Minas (ESTILO ROCOCO) — colunas com CANELURAS ou ESTRIAS verticais, policromia em branco e FRISOS ligeiramente dourados, ornatos delicados em formas ROCAILLE e ausência de anjos.

(Figs. 45, 45-A, 53)

CARTELA

MATRIZ DO PILAR CAPELA-MOR —
SÃO JOÃO DEL-REI

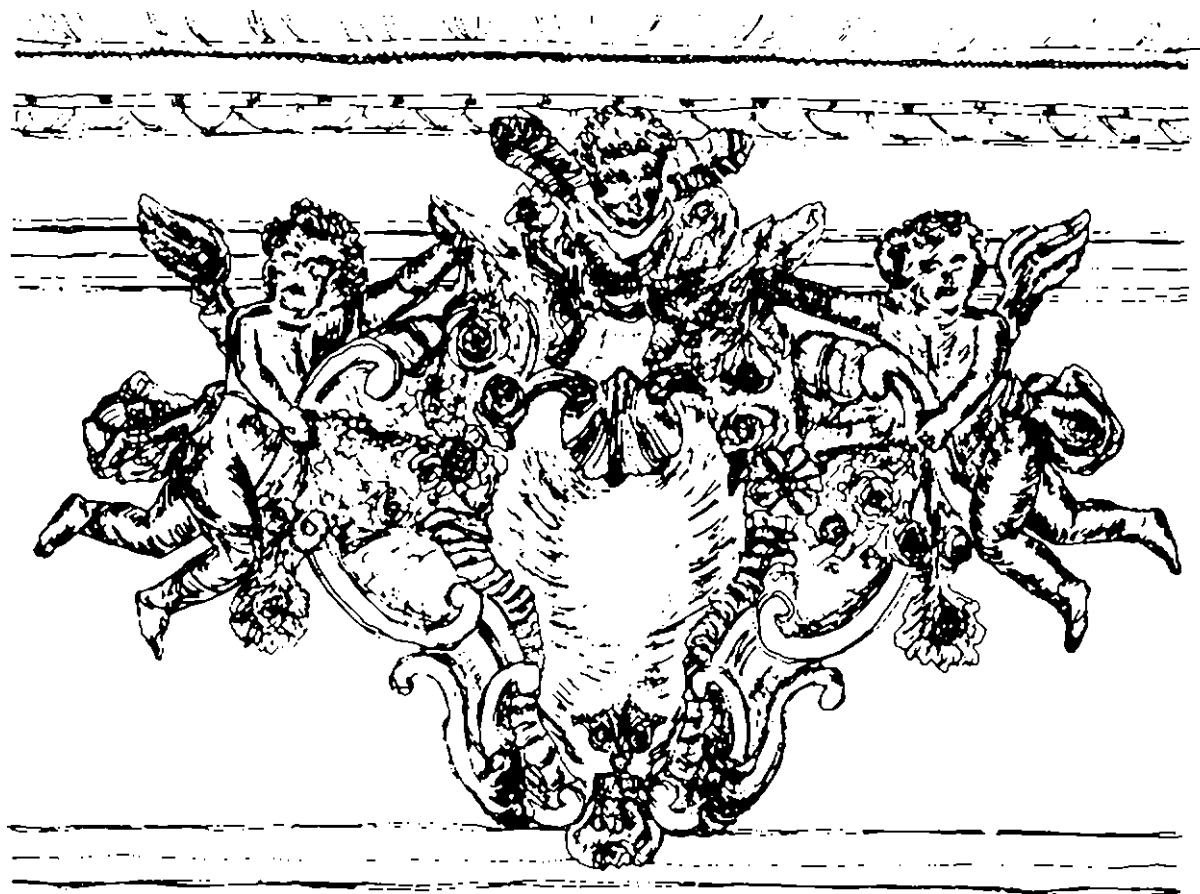


FIG. 43

CÔMODA

Espécie de mesa ou BOFETE, composta de gavetas e gavetões, geralmente da base ao tampo, para guarda de roupas ou outros objetos. A cômoda era geralmente de uso doméstico, preferindo-se a designação ARCAZ para móveis semelhantes usados nas SACRISTIAS de igrejas.

COMPÓSITA

Ordem clássica de arquitetura, caracterizada pelo CAPITEL constituído de adornos combinados das ordens JÔNICA e CORÍNTIA (VOLUTAS e folhas de ACANTO). FUSTE com CANELURAS e presença de BASE. Era uma das ordens de uso mais generalizado no chamado período barroco mineiro, especialmente pelas características dos capitéis.

Ver também os verbetes ENTABLAMENTO e ORDEM.

(Fig. 48)

CONCHA

Objeto ou ornato de feição análoga a concha. É um dos motivos decorativos predominantes na ornamentação barroca. Fala-se também em "conchoides" ou "concheados". Ver também o verbo ROCAILLE.

(Fig. 8, 49)

CONSOLO

1. Peça saliente e ornada, em pedra ou madeira, para sustentar estátuas, vasos, etc., ou para servir de apoio às CORNICIAS, SACADAS, etc. 2. Móvel de sala, de caráter geralmente ornamental, onde se colocam objetos de arte, adornos, etc.

(Fig. 51)

CONTADOR

Móvel antigo, espécie de armário com pequenas gavetas e firmado numa PEANHA ou em quatro pés. Ver também o verbo PEPELEIRA.

COQUILHO (CORDÕES DE)

Espécie de moldura ou guarnição de uma peça, em forma de pequenos cocos ou contas de rosário.

CARRANCA

OU
CARANTONHA



BICA OU GARGULA DO CHAFARIZ

FIG. 44

COLUNA

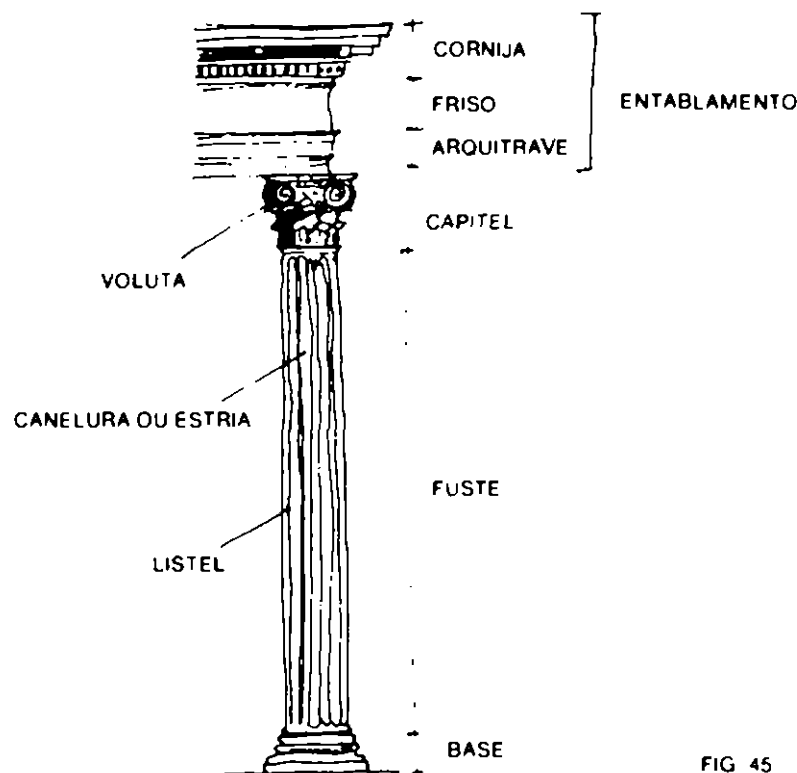


FIG 45

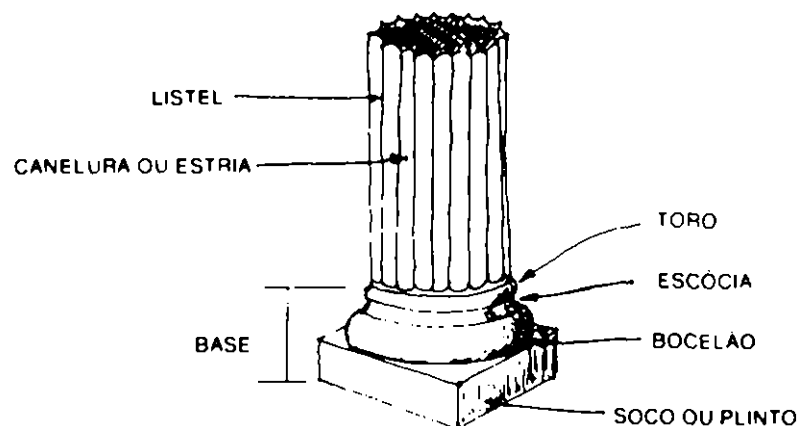


FIG 45-A

CORÍNTIA

Ordem clássica de arquitetura, caracterizada pelo adorno de folhas de ACANTO no CAPITEL e FUSTE com CANELURAS, apoiando-se a COLUNA sobre uma BASE. Ver também os verbetes ENTABLAMENTO e ORDEM.

(Fig. 48)

CORNIJA

No retábulo é a parte superior do ENTABLAMENTO que, em ornato sobre o FRISO, aparece em forma saliente com relação ao plano geral. A cornija aparece também na composição do FRONTISPÍCIO de algumas igrejas.

(Fig. 45)

COROAMENTO

A parte superior ou REMATE, geralmente ornado, de uma determinada construção, de um RETÁBULO, de um CHAFARIZ, etc.

CORTINA DO ALTAR

O mesmo que SANEFA, BALDAQUIM ou GUARDA-PÓ de altar ou RETÁBULO. A expressão "cortina de madeira do altar" é usada por Manuel da Costa Athaide nos Autos de Justificação das pinturas da Igreja do Rosário de Mariana (1826).

CREDÊNCIA

Pequena mesa ao pé do altar, onde se colocam as galhetas, o cálice e outros acessórios da missa.

CRUZ DA PENITÊNCIA

Diz-se da cruz de duas hastas que se constitui num dos símbolos da Venerável Ordem de São Francisco da Penitência. E, às vezes, chamada também *cruz patriarcal* ou *cruz de Lorena*.

(Fig. 34)

CRUZ PONTIFICAL

A cruz de três hastas, também chamada *papal*. No adro da Capela do Padre Farna, em Ouro Preto, é notável o monumental CRUZEIRO de pedra, em forma pontifical.

(Fig. 46)

CUSTÓDIA

Peça do culto católico, às vezes de grande trabalho artístico, em que se expõe à adoração na igreja a hóstia consagrada. Tem no centro um aro onde se coloca a hostia e é, geralmente, encimada por uma cruz.

CRUZEIRO

CAPELA DO PADRE FARIA —
OURO PRETO

CRUZ PONTIFICAL

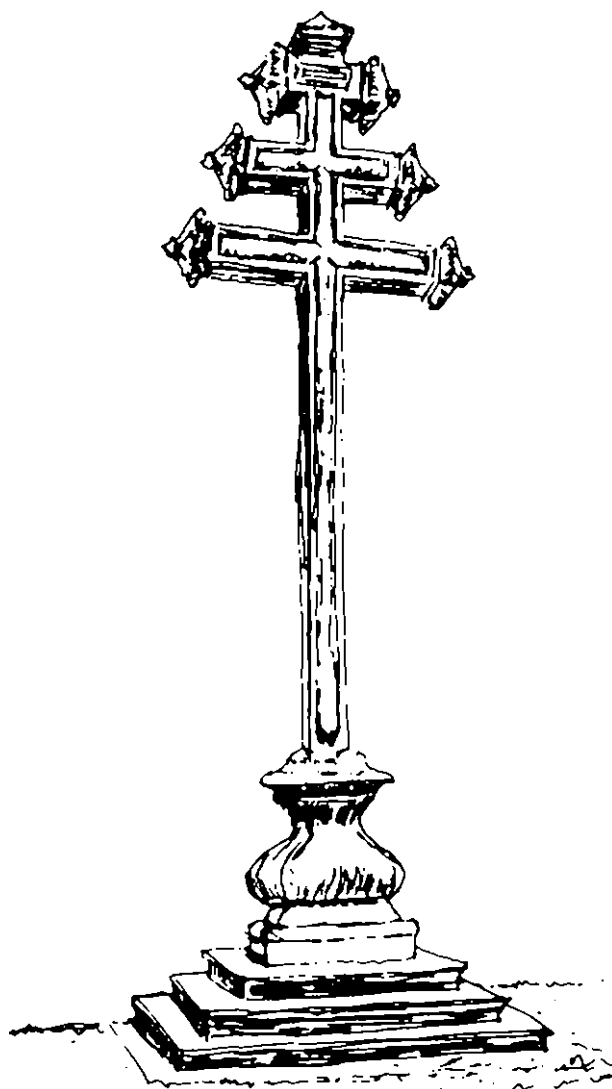
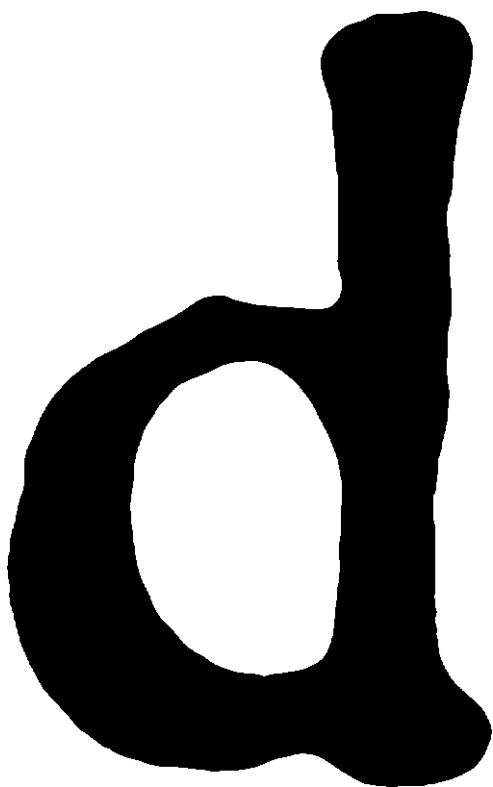


FIG 46



DEDEIRA

Pequena peça de ferro, geralmente circular, na parte exterior da porta, que, movendo uma alavanca interna, serve para abri-la. Ver também o verbete ALDRABA.

DENTICULADO

1. Guarnecido de denticulo, isto é, de ornato em forma de pequeno bloco quadrado, usado em série no FRISO de ORDEM JÔNICA ou CORÍNTIA. 2. Entalhe em forma de denticulos.

DIADEMA

Ornato em faixa circular ou em forma de coroa.

DORICA

Ordem clássica de arquitetura, caracterizada pelo CAPITEL destituído de ornato, FUSTE com CANELURAS e

diâmetros maior na parte inferior e menor na superior e ausência de BASE. A COLUNA dóica tinha no máximo oito diâmetro de altura. Pode-se falar em PILASTRAS dóico-romanas com relação às das fachadas das Igrejas do Carmo, em Sabará, e Rosário, em Ouro Preto. Ver também os verbetes ENTABLAMENTO e ORDEM. (Fig. 48)

DOSSEL

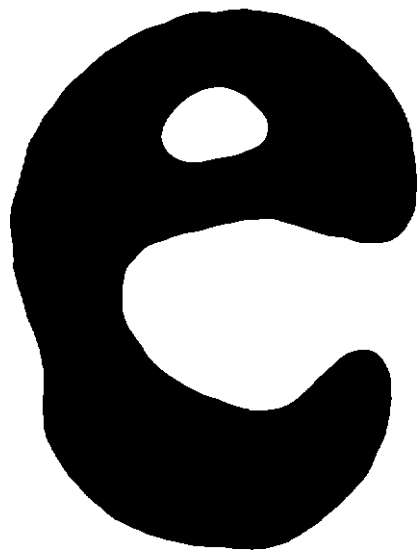
Armação saliente, em trabalho de TALHA e com hordas franjadas, que forma como que um pequeno teto incorporado ao CAMARIM ou TRIBUNA DO TRONO de um RETÁBULO. O dossel é o elemento mais característico do RETÁBULO ESTILO DOM JOÃO V (2.ª fase do barroco em Minas). Exemplo: altar-mor da Matriz do Pilar, em Ouro Preto, obra de Francisco Xavier de Brito (daí falar-se também em "estilo Brito", com relação ao retábulo desse tipo). O dossel é, às vezes, chamado SOBRECÉU. Ver também os verbetes BALDAQUIM e SANEFA. (Figs. 41, 54).

DOURAMENTO

Processo de revestimento em ouro, de peças ornamentais, RETÁBULOS, IMAGINÁRIA, etc. Segundo lição dos Autos de Justificação das pinturas da Igreja do Rosário de Mariana, subscritos em 1826 por Manuel da Costa Athaide, o processo consistia em raspagem e limpeza da madeira, colocação de GESSO grosso, cola de pelica, nova mão de gesso, tinta MATE ou fosca e não polida, lixamento desse material, aplicação do chamado BOLO ARMÊNIO e assentamento final dos folículos ou lâminas de ouro — os PAIS DE OURO, seguindo-se a respectiva brundura da peça. Ver também o verbete MORDENTE.

DUNQUERQUE

Pequeno armário, geralmente envidraçado, para exposição de objetos de uso ou adorno.



EMBRECHADOS

Pequenos pedaços ou cacos de louça, cristal, vidros, pedras e conchas, com que se formam e ornamentam grutas artificiais, CHAFARIZES, paredes, etc. Exemplo: CHAFARIZ em embrechados do antigo HOSPÍCIO DA TERRA SANTA, em Ouro Preto.

ENCARNAR

Dar cor de carne a pinturas ou imagens, aplicando polimento às partes do corpo que devem aparecer. Ver também o verbete CARNAÇÃO.

ENTABLAMENTO

1. Um dos elementos caracterizadores das ORDENS clássicas da arquitetura.
2. No RETABULO, é a parte superior das COLUNAS e PILASTRAS, compreendendo a ARQUITRAVE, o FRISO e a CORNUIA. Ver também o verbete ENTABLAMENTO na parte de ARQUITETURA deste Glossário. (Figs. 40, 45, 50)

EQUINO

Moldura curva ou arredondada, sob o ÁBACO do CAPITEL DÓRICO. Diz-se também da moldura recoberta de

OVULOS e dardos de um CAPITEL JÔNICO. Neste último exemplo, aparece nas COLUNAS da fachada da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto.

(Fig. 48)

ESCABELO

1. Banco com ESPALDAR comprido e largo e cujo assento serve de tampa a uma caixa formada pelo mesmo móvel.
2. Pequeno estrado para descanso dos pés.

ESCANINHO

Pequeno compartimento ou gaveta, geralmente secretos, em ARCA, CONTADOR, PAPELEIRA, etc.

ESCAPULÁRIO

Faixa de pano, que frades e freiras de certas ordens trazem pendente sobre o peito. O escapulário é um dos símbolos da Ordem Carmelita, aparecendo em pinturas ou esculturas alusivas a Nossa Senhora do Carmo, como as existentes na Igreja dessa invocação em Sabara.

ESCUDO

Na ornamentação de igrejas, peça onde se gravam os símbolos religiosos alusivos a determinado santo ou ordem. O escudo aparece geralmente em PORTADAS (SOBREPORTAS), eixo da volta do ARCO-CRUZEIRO ou COIROAMENTO de RETABULO. Ver também o verbete ARMAS. (Figs. 29, 40)

ESFERA

Ornato de forma redonda ou esférica, de pedra ou outro material, usado, por exemplo, em arremates de fachadas, muros, CHAFARIZES, amuradas de pontes, etc.

(Fig. 8)

ESFERA ARMILAR

Instrumento astronômico antigo, constituído de numerosos anéis metálicos, que representam os principais círculos da esfera celeste. A esfera armilar aparece como ornamento em TORRES ou FRONTÕES de algumas igrejas, a exemplo das que arrematam as torres da Igreja do Carmo, em São João del-Rei.

ESPALDAR

O encosto das cadeiras.

ESPELHO

Piça de metal exterior da fechadura. Nas construções antigas de Minas Gerais, os espelhos de fechadura eram, geralmente, trabalhados em forma de ornatos ou símbolos, alguns com desenhos bem originais.

(Fig. 15)

ESPIRA

Sulco disposto em forma de espiral numa COLUNA de RETABULO, ou em outras peças de ornamentação ou construção. Ver também os verbetes SALOMÔNICA, TORSO(A) e VOLUTA.

ESTATUÁRIA

A arte de esculpir estátuas. Diz-se também de determinado conjunto de estátuas, ou da maneira própria de esculpir de um dado artista. Exemplo: a *estatuária* do Aleijadinho no conjunto de Profetas do ADRO do Santuário do Bom Jesus de Matozinhos, em Congonhas. Ver também o verbete IMAGINÁRIA.

(Foto 30)

ESTILO BARROCO

Ver os verbetes BARROCO, RETABULO 1.ª FASE EM MINAS e RETABULO 2.ª FASE EM MINAS.

ESTILO DOM JOÃO V (ou JOANINO)

Ver os verbetes BARROCO e RETABULO 2.ª FASE EM MINAS.

(Fig. 54)

ESTILO NACIONAL PORTUGUÊS

Ver os verbetes BARROCO e RETABULO 1.ª FASE EM MINAS.

(Fig. 53)

ESTILO NEOCLÁSSICO

O estilo neoclássico aparece em Minas, com pouca expressão criativa, no curso do século XIX, embora já prenunciado na construção da Casa de Câmara e Cadeia de Ouro Preto. Algumas igrejas, a exemplo da Matriz do Pilar de São João del-Rei (hoje Catedral), tiveram suas fachadas reformadas ao gosto neoclássico.

Ver também os verbetes ARQUITECTURA DO PERÍODO COLONIAL, MINEIRO e RETABULO 4.ª FASE EM MINAS.

ESTILO ROCOCÓ

Ver os verbetes RETABULO 3.ª FASE EM MINAS e ROCOCÓ.

(Fig. 55)

ESTÍPITE

PILASTRA em forma de estípite, isto é, tronco ou caule de onde nascem os ramos. Exemplo raro desse tipo de PILASTRA, pode ser visto no coro da Matriz de Tiradentes.

(Fig. 47)

ESTOFAMENTO

Diz-se do processo de policromia usado para fingir a indumentária de imagens de santos e anjos. Pode consistir na aplicação de pintura sobre o douramento da peça.

ESTRIA

Cada uma das CANELURAS ou MEIAS-CANAS que ornarn uma COLUNA ou PILASTRA.

(Figs. 45, 45-A)

EX-VOTO

Quadro pintado, foto ou outro objeto que se oferece e expõe em determinada igreja ou capela, em memória de promessa ou graça alcançada. Exemplo: ex-votos da Sala de Milagres do Santuário do Bom Jesus, em Congonhas, ou quadro votivo da Capela do Ô, em Sabara.

ESTÍPITE

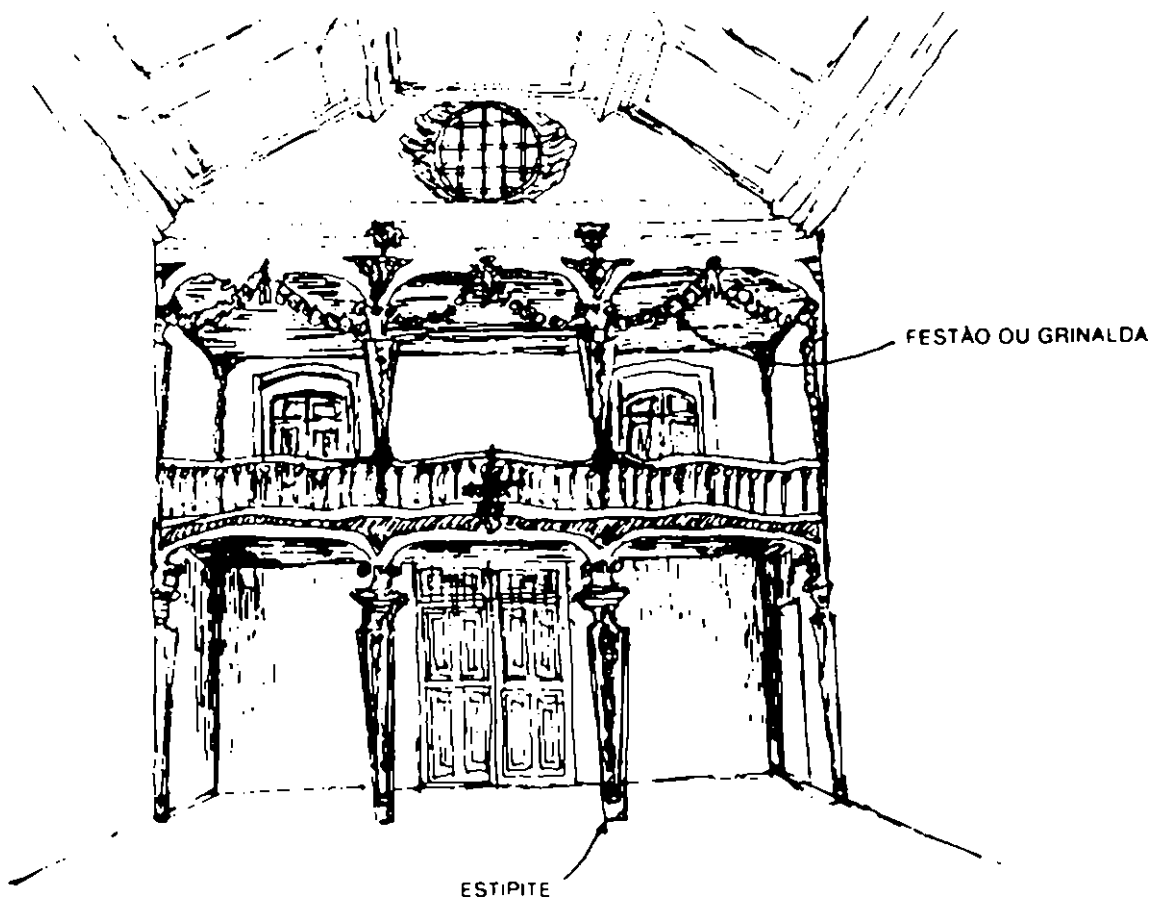
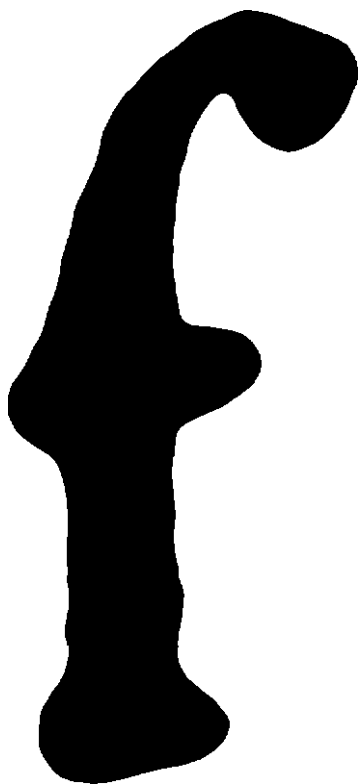


FIG 47



logia cristã, representa a Ressurreição e a eternidade. A ave Fênix aparece como um dos ornamentos mais comuns da TALHA da 1.^a fase do barroco em Minas.

FESTÃO

Trabalho de ornamentação em TALHA que imita os festões ou GRINALDAS de flores, quase sempre dispostos em formas pendentes. Ex.: ornatos no coro da Matriz de Santo Antônio, em Tiradentes.

(Fig. 47)

FEZES DE OURO

Escôna de ouro, usada no processo de DOURAMENTO de peças de madeira. Ver também o verbete PÃO DE OURO.

FILACTÉRIO

Espécie de pergaminho esculpido, desenhado ou pintado, com inscrições bíblicas ou outros dizeres de sentido religioso. Exemplo: *filacterios* dos Profetas do Aleijadinho, em Congonhas. Ver também os verbetes CARTELA, FITA FALANTE e TARJA.

FILETE

Ornato em forma de guarnição estreita ou pequenos fios.

FINGIMENTO DE PEDRA

O mesmo que FAISCADO ou MÁRMORE FINGIDO.

FITA FALANTE

Inscrição esculpida, desenhada ou pintada, à feição de fita, com dizeres alusivos ao motivo de determinado ornato. Ver também os verbetes CARTELA, FILACTÉRIO e TARJA.

FITÃO

O mesmo que TARJA.

FLORAIS (MOTIVOS)

São vários os ornamentos em motivos florais encontrados nas igrejas mineiras do período colonial, entre eles: folhas de ACANTO, margandas, rosas, girassóis, camelias, lírios, cravos, etc., podendo aparecer isolados ou em guirlandas nos RETÁBULOS, ARCOS-CRUZEIROS, PORTADAS, etc.

FAIANÇA

Louça de barro ou pó-de-pedra, fina e esmaltada, usada em aparelhos de serviço doméstico. No período colonial brasileiro, esse material chegou a ser utilizado como ornato do revestimento de algumas fachadas à maneira dos azulejos. Em Ouro Preto e Sabará, os chafarzes dos antigos Hospícios da Terra Santa ostentam incrustações de cacos de louça. Ver também o verbete AZULEJO.

FAISCADO

Pintura à imitação de mármore. Ver também o verbete MÁRMORE FINGIDO.

FÊNIX (AVE)

Ave que, segundo a mitologia, vivia muitos séculos e, depois de queimada, renascia das próprias cinzas. Na simbo-

FLORÃO

Ornato do feitiço de flor que aparece geralmente em teto, ABÓBADA, volta de ARCO-CRUZEIRO ou COROAMENTO de RETÁBULO.

FOLHAGEM

Trabalho em TALHA, escultura ou pintura representando folhas, usado como ornato em RETÁBULOS, ARCOS-CRUZEIROS, PAREDES, PAINÉIS pintados, etc.

FRISO

1. Nas COLUNAS e PILASTRAS do RETÁBULO, é o espaço que separa a ARQUITRAVE da CORNIJA. Usa-se, às vezes, a palavra no feminino — *frisa*, com o mesmo significado. 2. Qualquer ornato em forma de friso. Faixa estreita, decorada.

(Fig. 45)

FRONTAL

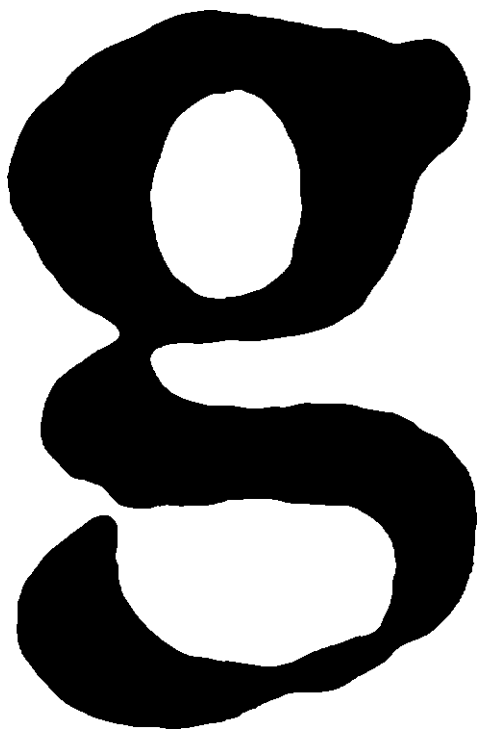
A parte da frente da mesa do altar, quase sempre revestida de trabalho ornamental.

(Fig. 55)

FUSTE

A parede ou tronco da COLUNA entre a base e o CAPITEI..

(Fig. 45)



GAMBIARRA

Renque ou rampa de luzes usadas nos palcos de teatro. Por extensão, qualquer renque de luzes sobre portas, janelas, etc.

GANZEPE

Entalhe ou furo em madeira, que se estreita de baixo para cima, para encaixe de outra peça. Ver também o verbete **MALHETE**.

GESSO

Material feito de gipsita e água e destinado a trabalhos de moldagem ou a preparação de superfícies de **TALHA** em madeira, para recebimento de douração. Ver também o verbete **DOURAMENTO**.

GLÓRIA

Composição, em **TALHA**, escultura ou pintura em que, circundando uma figura central de Deus ou de santos, aparecem

uma auréola de raios luminosos ou um conjunto de anjos. No período barroco, eram comuns as ornamentações do tipo **GLÓRIA** nos tetos de igrejas ou sobre o **ALTAR-MOR**.

GODRONS

(Francês). Ornatos de forma oval em obras de ourivesaria. Em arquitetura e escultura, trata-se de ornatos elípticos, talhados sobre molduras, em pregas ou plissados, ocorrendo mais geralmente no desenho das *rocailles*. Exemplo: "godrons" na **ROCAILLE** da **SOBREPORTA** (1) da **PORTADA** da Matriz de Santo Antônio, em Santa Bárbara.

GOIVA (FEITO A)

Processo de entalhamento, feito com o emprego da goiva, instrumento à maneira de formão, com corte em secção curva. Utiliza-se em trabalhos de marcenaria, escultura, gravura em madeira, etc.

GOMO

Em arquitetura, uma das oito partes em que se divide a **CÚPULA** de um octógono. Por extensão, qualquer ornato em forma de gomo.

GOTÁ

Ornato de forma redonda, quadrada ou cônica, que se coloca no **FRISO** das **COLONAS DÓRICAS**. Diz-se também de certo tipo de arremate, usado por sob as **CIMALHAS**.

GREGA

Ornato composto de uma série de linhas quebradas, formando ângulos retos e que apresentam formas reentrantes, umas nas outras.

GRIMPA

Ornato, geralmente de folha plana de metal, que aparece no remate das **TORRES** de igrejas ou outros edifícios, à maneira de catavento. Por extensão, a parte mais alta de um edifício.

GRINALDA

Ornato em forma de arranjo de folhas ou flores, à maneira de fita disposta verticalmente ou em ligeira curva. O mesmo que **FESTÃO** (Fig. 47)

GRUTESCO

Pintura ou escultura em que se representam grutas ou em que há ornatos de folhas, caracóis, penhascos, penedos, árvores, etc. Por extensão, ornatos que reproduzem objetos da natureza.

GUADAMECIM

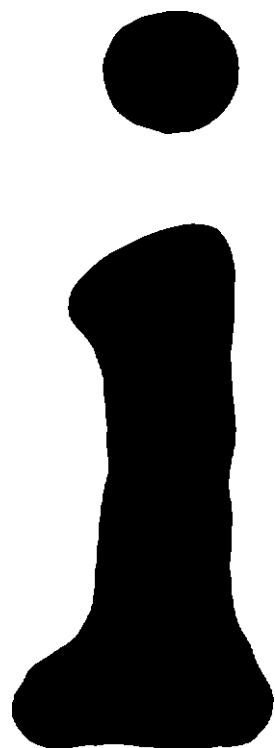
Espécie de tapeçaria antiga, de couros pintados e dourados.

GUARDA-PÓ

Peça de cobertura, protetora ou simplesmente ornamental, colocada acima de alguns RETÁBULOS. Tem comumente a forma retangular e fica pendente da PAREDE. O mesmo que BALDAQUIM ou, segundo determinadas interpretações, SANEFA ou DOSSEL.

GUILHOCHÊ

Ornato composto de linhas ou traços que se cruzam em simetria. Usa-se também a grafia *guiloché*.



ILHARGAS

Peças frontais de esteio de um RETÁBULO, ARCO-CRUZEIRO, etc. que aparecem lateralmente em relação ao vão central. Equivalem à OMBREIRA dos outros VAOS.
(Fig. 50)

ILUMINAÇÃO

A iluminação pública e particular no período colonial mineiro fazia-se, de início, com o uso de tochas feitas de certas madeiras, a exemplo da *canela de ema*. Aos poucos, se foi introduzindo o uso de CANDEIAS de barro, ferro ou latão com pavios alimentados por azeite ou sebo, às vezes colocadas nas fachadas de edifícios públicos e residências. Esta prática — as chamadas LUMINARIAS — era exigida pelos Senados da Câmara sempre que ocorriam festas públicas ou religiosas. Também eram utilizadas, principalmente nos recintos de igrejas e teatros, velas de cera prote-

gidas por MANGAS de cristal ou vidro, em CASTIÇ AIS ou não. Outros combustíveis usados eram os óleos de baleia e de mamona. Mais tarde, começou-se a importar o querosene e o carbureto, com que no século XIX se abasteciam os lampiões dos postes de rua de Ouro Preto e outras cidades, os candelabros, CANDEEIROS, lanternas, GAMBARRAS, ARANDELAS, etc.

ILUSIONISTA (PINTURA)

Pintura em que os objetos ou figuras adquirem, por efeito de perspectiva, a ilusão de serem reais ou palpáveis. Este, nesse caso, a PINTURA DE PERSPECTIVA arquitetônica dos painéis de teto das igrejas mineiras da 2ª metade do século XVIII. Exemplos: painéis de tetos da nave da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto; nave da Igreja do Carmo, em Diamantina; capela-mor da Igreja do Bom Jesus de Matozinhos, no Serro; e nave da Igreja do Carmo, em Sabará. Ver também o verbete PINTURA NO PERÍODO COLONIAL MINEIRO
(Fotos 40, 41, 42, 43)

IMAGINÁRIA

1. Arte de esculpir ou talhar imagens religiosas em madeira ou outros materiais.
2. Conjunto de imagens que constituem o acervo da espécie em determinado museu, igreja, etc. Pode-se falar, também, em imaginária, relativamente a obra de determinado artista. Exemplo: a imaginária do Aleijadinho. Ver também o verbete ESTATUÁRIA.
(Fotos 31, 32)



JÔNICA

Ordem clássica de arquitetura, caracterizada pelo CAPITEL ornado de VOLUTAS, FUSTE com CANELURA e presença de base. A COLUNA jônica tinha de altura nove vezes o seu diâmetro. Exemplo: COLUNAS da fachada da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto. Ver também os verbetes ENTABLAMENTO e ORDEM.

(Fig. 48)



LEI DA REPETIÇÃO

Diz-se, num determinado partido ornamental, da coincidência e repetição de um mesmo motivo decorativo em diferentes elementos ou peças de uma igreja, a exemplo de ARCO-CRUZEIRO, PILASTRAS, RETABULOS, etc.

LETRA

Letreiro, inscrição com dizeres de alusão religiosa, geralmente em algum ornato de igreja. Ver também os verbetes CARTELA, FILACTÉRIO, FITA FALANTE, FITAO e TARJA.

LISTEL

FILETE que delimita as CANELURAS ou ESTRIAS verticais de uma COLUNA.

(Figs. 45, 45-A)

LUMINÁRIAS

1. CANDEIAS ou quaisquer outros vasos de iluminação. 2. Chamavam-se também *luminárias* as luzes que se colocavam obrigatoriamente em fachadas ou janelas, por ocasião de festas oficiais ou religiosas no período colonial. Ver também o verbo ILUMINAÇÃO.

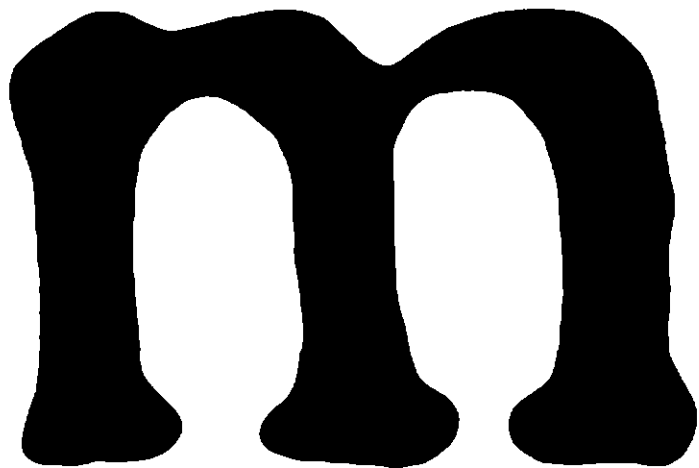
LAMBREQUINS

Ornatos de recortes de madeira ou de lâmina metálica para beira de TELHADOS ou que pendem em trabalho de TALHA recortada de BALDAQUINS, SANEFAS ou DOSSÊIS de RETABULOS. São, às vezes, chamados também de *sinhaninhas*. Seu uso para BEIRAIS foi introduzido em Minas, presumivelmente, na segunda metade do século XIX.

(Fig. 41)

LAMBRIS (ou LAMBRIL)

Revestimento para PARFDES, geralmente de folhas de madeira. Embora sem esta designação moderna, esse tipo de revestimento interno era largamente empregado em paredes de igrejas mineiras do período colonial, às vezes, alcançando, em construções mais antigas, toda a extensão da NAVE e da CAPELA-MOR, a exemplo da Capela do Ó, em Sabará, e da Igreja de Santo Amaro, na localidade de Brumal.



MANGA

Peça de cristal ou vidro, de forma geralmente bojuda, destinada a proteger velas ou CANDIEIROS. Ver também o verbete ILUMINAÇÃO.

MARCHETAR

Incrustar, embutir ou aplicar peças de madeira, marfim ou outros materiais em trabalhos de marcenaria, formando desenhos ou adornos.

MÁRMORE FINGIDO

Pintura imitando mármore, usada na madeira de RETÁBULOS ou na pedra de CANTARIA de ARCOS-CRUZEIROS, PILASTRAS, PAREDES, etc. Em Minas, esse artifício aparece, às vezes, em ornamentações de fins do século XVIII ou princípios do XIX. O mesmo que FAISCADO.

MÁSCARA

Ornato, em TALHA de madeira ou escultura de CANTARIA, figurando uma cara, a feição de máscara. Aparece em retábulos e outras peças, quase sempre em forma vazada. Ver também o verbete CARRANCA.

MATE

Tinta ou pintura fosca, não polida, usada no processo de DOURAMENTO da TALHA em madeira.

MEDALHÃO

1. Trabalho em baixo-relevo, de TALHA ou escultura de pedra, que é usado como ornato ao alto de ARCOS-CRUZEIROS ou em PORTADAS de igrejas, geralmente de forma oval ou circular. Exemplo: medalhão da PORTADA da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, da autoria do Aleijadinho. 2. Diz-se *mobiliário de medalhão*, aquele em cujas peças aparecem ornatos em baixo-relevo, sob forma de *medalhões*. Seu uso tornou-se frequente em residências mineiras de maior nobreza no período do império. (Foto 33)

MEIA-CANA

Moldura côncava. O mesmo que CANELURA.

MEIA-LUA

1. Qualquer objeto ornamental que apresenta essa forma. 2. Na simbologia católica, é insignia de Nossa Senhora da Conceição, aparecendo como um de seus ATRIBUÍDOS nas imagens que a representam.

MESA HOLANDESA

Mesa de pequenas dimensões, com gavetas, pernas arqueadas em recortes e entrelaçamento trabalhado, geralmente usada para serviços de copa e cozinha.

Segundo J. Wasth Rodrigues, esse tipo de móvel era encontrado com frequência em antigas residências mineiras, da área compreendida entre as cidades de Mariana e Santa Bárbara. Os portugueses costumavam denominá-la também *mesa espanhola*.

(Foto 37)

MISULA

Ornato em TALHA de madeira ou CANTARIA, estreito na parte inferior e largo na superior que, à maneira do CONSOLO, ressalta de uma superfície, geralmente vertical, para sustentação de imagens ou outras peças. Aparece em RETÁBULOS ou PAREDES. A misula pode ser do tipo invertida, mais larga na parte inferior e estreita na superior. Ver também os verbetes CONSOLO, PEANHA, PILASTRA MISULADA e QUARTELÃO.

MOBILIÁRIO

Ao lado da arte da TALHA, desenvolveu-se em Minas Gerais, no período colonial, uma arte do *mobiliário*, de grande apuro artesanal e apresentando, em alguns casos, características bem definidas de estilo. Excelentes exemplares de mesas, camas, ARCAS, armários, etc., que constituem o chamado mobiliário colonial mineiro, podem ser vistos nos Museus da Inconfidência (Ouro Preto), do Ouro (Sabará), Arquidiocesano (Mariana), do Diamante (Diamantina), dentre outros, bem como em igrejas, residências e coleções particulares.

(Fotos 34, 35, 36, 37)

MOCHETA

O mesmo que LISTEL. Em documentos do período colonial mineiro, aparece sob a grafia *muxeta*.

MOCHO

Banco sem encosto, de assento quadrado ou redondo, para uma só pessoa.

MODILHÃO

Ornato em forma de S invertido, às vezes com função de suporte ou CONSOLO, e pendente da CORNIJA.

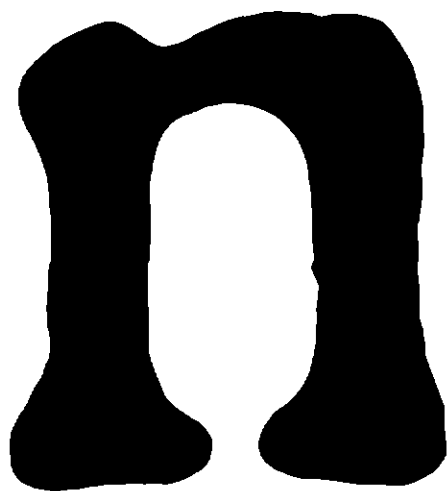
MORDENTE

Preparação adesiva de cores ou tintas grossas e cola, que os pintores assenta-

vam por baixo do DOURAMENTO de peças de madeira. Ver também os verbetes BOLO ARMÊNIO e PAO DE OURO.

MOSCÓVIA

Couro curtido, em cor geralmente roxa ou castanha, originariamente da Rússia, ou à sua feição, com que se cobriam ARCAS, cadeiras, tamboretas, etc., no antigo mobiliário mineiro.



NEOCLASSICO

Ver os verbetes ESTILO NEOCLAS-
SICO e RETABULO 4.^a FASE EM
MINAS

NICHO

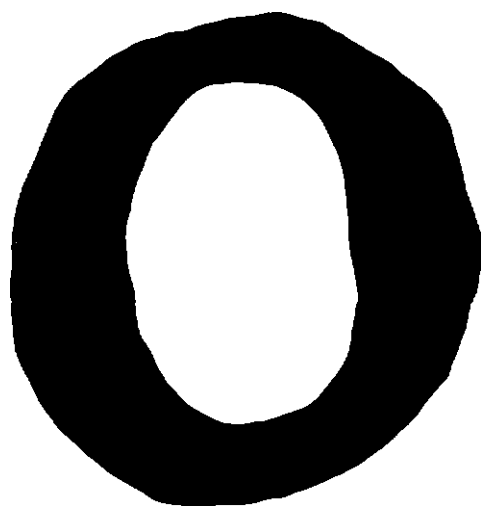
Cavidade ou vao em parede, muro,
RETABULO, ARCO-CRUZEIRO,
etc., para colocação de imagens ou ob-
jetos ornamentais.

(Fig. 54)

NICHOS EXTERNOS

Era costume nas antigas vilas e cidades
mineiras, a presença, nas fachadas ou
CUNHAIS esquinados, de algumas
casas residenciais, de pequenos vãos ou
saliências, a maneira de NICHOS ou
ORATORIOS, vedados por portinholas
de madeira ou vidraça, onde se coloca-
vam imagens da devoção de seus mora-
dores. Na cidade de Ouro Preto, ainda
se pode ver dois desses primitivos ora-
torios particulares, em prédio da Rua
Bernardo de Vasconcelos, esquina da
Rua dos Paulistas, e num muro de es-
quina da Rua Barão do Ouro Branco.
Exemplos da espécie também ocorrem
em Mariana e na localidade de São Bar-
tolomeu, no município de Ouro Preto

(Fig. 10)



OLHO DA VOLUTA

Círculo a partir do qual se desenvolve a espiral de uma VOLUTA

ORATORIO

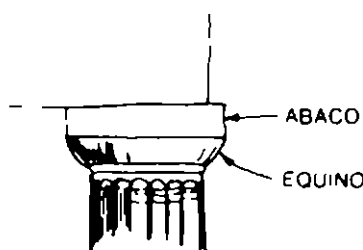
Ver o verbete NICHOS EXTERNOS. (Fig. 10)

ORDEM

Forma e disposição das partes salientes e sobretudo das colunas e do ENTABULAMENTO, que distinguem os diferentes processos clássicos de construção. Por extensão, a definição se aplica à estrutura do REFRABULIO. As principais ordens são: a DÓRICA, JÔNICA, CORÍNTIA, TOSCANA e COMPOSITA, figurando esta última entre as de uso mais generalizado, no chamado período barroco mineiro. (Fig. 48)

ÓRGÃO

Instrumento composto de tubos, cujo som é obtido pela introdução de ar através de um fole, acionado mediante pressão exercida sobre um teclado próprio. Em sua forma antiga, o instrumento exigia grande espaço para sua colocação, normalmente junto aos CORROS, recebendo seu conjunto ou caixa apurado trabalho ornamental. Restam



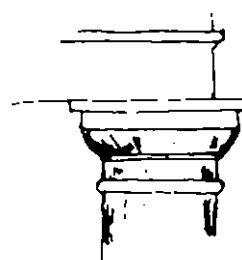
CAPITEL DORICO



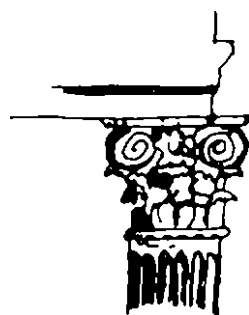
CAPITEL JÔNICO



CAPITEL CORÍNTIO



CAPITEL TOSCANO



CAPITEL COMPOSITO

em Minas alguns órgãos construídos no século XVIII, a exemplo dos existentes na Se de Mariana, Matriz de Tiradentes e Igreja do Carmo de Diamantina. (Foto 38)

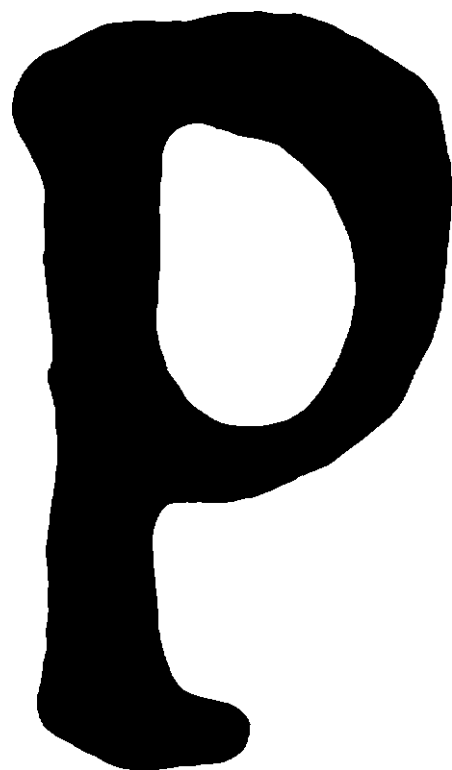
ORLA

Borda, cercadura, barra, guarnição, faixa ou FILETE em torno de trabalho ornamental em TALHA, pintura ou CANTARIA.

ÓVULO

Motivo ornamental, gravado ou talhado em forma de ovos. Aparece, por exemplo, em CAPITEIS das COLUNAS sob a SACADA CORRIDA, na fachada principal da Casa de Câmara e Cadeia (atual Museu da Inconfidência), em Ouro Preto.

FIG 48



PAINEL

Pintura de grandes proporções, em tetos e PAREDES de igrejas, SACRISTIAS, CONSISTÓRIOS, etc., a exemplo do painel do FORRO da nave da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, da autoria de Athaide. Pode-se falar também em painel em escultura, no caso de baixos-relevos como o existente na PORTADA da Igreja de Bom Jesus das Cabeças, em Ouro Preto, da autoria do Aleijadinho.

PALMA

Ornato em forma de palma. Palmeta.

PANEJAMENTO

Diz-se da roupagem de figuras pintadas ou esculpidas, com relação às dobras ou ondulações de suas vestes. A forma ou desenho do panejamento serve, às vezes, para identificação do estilo de determinado artista. Exemplo: o *pane-*

jamento típico da ESTATUÁRIA e IMAGINÁRIA do Aleijadinho.

PANO

1. Ornato imitando pano, quase sempre com dobras ou pregas. 2. Dá-se o nome de PANO também a uma superfície plana em PAREDE, RETABULO, ARCO-CRUZEIRO, etc. Daí falar-se em "pano de fundo" do CAMARIM ou TRIBUNA DO TRONO de um retábulo.

(Fig. 49)

PÃO DE OURO

Ouro batido em folhas delgadíssimas, para trabalhos de DOURAMENTO de peças de madeira. Ver também os verbetes BOLO ARMENIO e MORDENTE.

PAPELEIRA

Especie de secretaria ou escrivaninha, com tampa inclinada, gavetas e reparamentos para guardar papéis.

PARAMENTO

Face de uma PAREDE, geralmente coberta, parcial ou inteiramente, de madeira ou outro material, com função impermeabilizante ou decorativa. Ver também o verbete LAMBRIS.

PARAMENTO (S)

Panos e vestes litúrgicos ou ALFAIAS de uma igreja.

PARA-VENTO

Anteparo de madeira que se coloca, geralmente, atrás da porta principal de uma igreja, entre o VESTIBULO e a nave central, para resguardo do vento. Exemplo notável em Minas é o para-vento da Se de Mariana, com trabalhos em baixo-relevo.

(Foto 39)

PAVILHÃO

O *pano* ou *cortina* com que se cobre o SACRÁRIO.

PEANHA

Especie de pequena peça saliente de PAREDES, RETABULOS, etc., sobre a qual se colocam imagens, crucifixos, etc.

DETALHE DA OMBREIRA DA PORTA PRINCIPAL —
MATRIZ DE CAETE

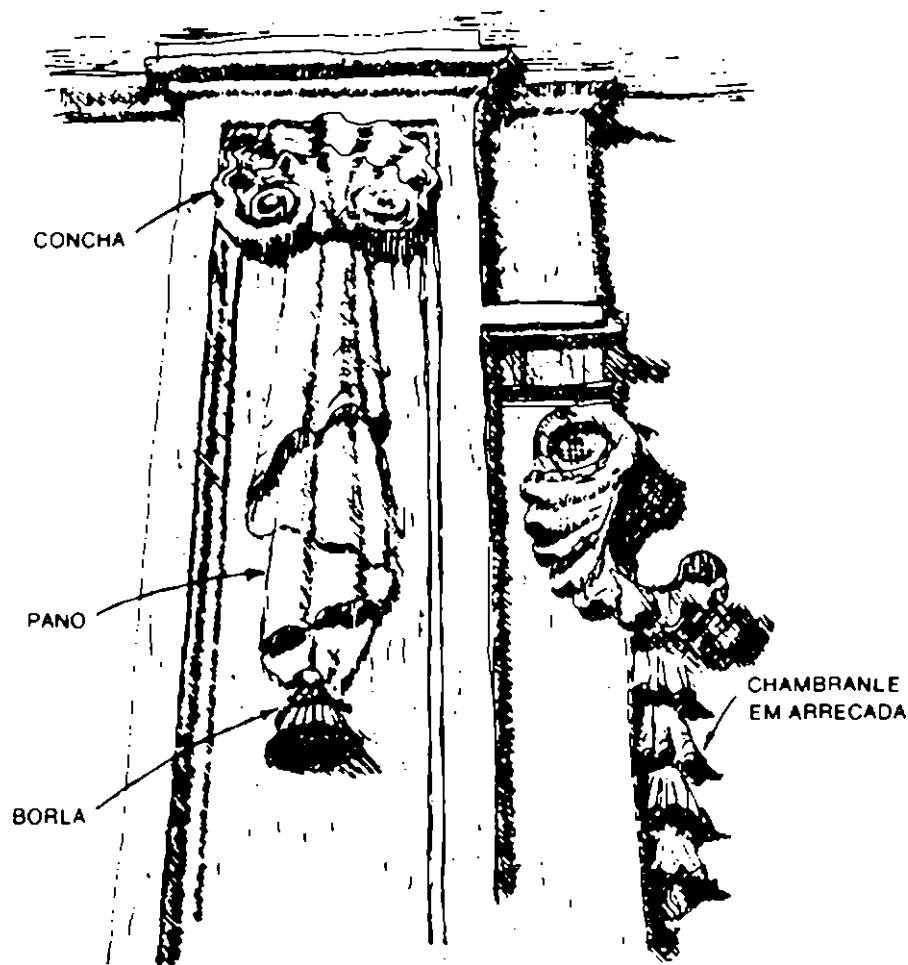


FIG 49

PELICANO

Ave aquática palmípede, que, segundo a lenda, abre o próprio peito para dar as entranhas como alimento aos filhotes. Na simbologia ornamental religiosa, representa, por analogia, a instituição da Eucaristia. Trata-se de um dos motivos ornamentais mais usados na TALHA do primeiro período do barroco mineiro. Diferencia-se da FÊNIX (ave) pela forma do bico e dos pés.

PENACHO

Omato em forma de penacho, com uma ou mais penas postas em ramo ou espécie de leque.

PERFIL DA TRIBUNA

Contorno ou ORLA que delineia o vão do CAMARIM ou TRIBUNA DO TRONO de um RETÁBULO, quase sempre em TALHA de desenho bordado ou recortado.

PERSPECTIVA (PINTURA EM)

Pintura que busca representar num plano os objetos ou figuras tais como se apresentam a vista, ocorrendo variedades de perspectivas, de acordo com os diferentes ângulos em que se coloque o observador. Ver também o verbete ILUSIONISTA (PINTURA). (Fotos 40, 41, 42, 43)

PÊS DE GARRA

Extremidade de apoio dos móveis, banheiras antigas, etc., apresentando forma de garras ou unhas aguçadas e curvas.

PÉTALAS DE MARGARIDA

1. Diz-se da forma ornamental dos CAIXILHOS de vidro, à imitação de pétalas de margarida, que aparecem com frequência nas BANDEIRAS de portas e janelas de construções antigas.
2. Por extensão, qualquer ornato com essa forma.

PIA BATISMAL

Grande pia ou BACIA, geralmente colocada à entrada da igreja, ou em cômodo especial chamado BATISTÉRIO, destinada ao ato do batismo. Nas igrejas mineiras do período colonial, as pias batismais eram comumente esculpidas em belos trabalhos de PEDRA-SABÃO, a exemplo da peça de apurado

acabamento, existente no batistério da Matriz de Sabará.

PIA DE ÁGUA-BENTA

Pequeno vaso, comumente em formato de BACIA a CONCHA, colocado junto a PAREDES de igreja, contendo água que recebeu bênção especial e com a qual se aspergem os fiéis. Nas igrejas mineiras do período colonial, as pias de água-benta eram geralmente feitas em cuidado trabalho de PEDRA-SABÃO.

PILASTRA

PILAR de quatro faces, que se alterna com as COLUNAS na estrutura dos RETÁBULOS. Há tipos de retábulos, principalmente do período ROCOCÓ (3.ª fase do barroco em Minas), bastante simplificados, que só possuem pilstras, a exemplo do existente na SALA-CAPELA INTERNA da Prefeitura de Sabará. O ARCO-CRUZEIRO também é apoiado em pilstras.

(Fig. 50, 53)

PILASTRA MISULADA

PILASTRA com RELEVO em forma de MÍSULA, também chamada QUARTELÃO. Nas igrejas mineiras, aparece mais comumente em RETÁBULOS DO ESTILO DOM JOÃO V (2.ª fase do barroco em Minas) e também em RETÁBULOS ROCOCÓ (3.ª fase do barroco em Minas).

(Fig. 52)

PINHA (ou PINHÃO)

Ornato imitando o fruto do pinheiro. Muito usado em Diamantina, Ouro Preto e outras cidades antigas de Minas, na ornamentação exterior de residências, em VARANDAS, portões, TELHADOS, etc.

PINTURA NO PERÍODO COLONIAL MINEIRO

A pintura do período colonial mineiro ainda se ressen-te da falta de estudos atualizados e abrangentes, que venham a fundamentar, relativamente às suas várias manifestações, não só uma classificação tipológica de caráter definitivo, como ainda a identificação correta da autoria de muitas obras de reconhecida importância. No que tange à pintura religiosa de caráter monumental ou

PILASTRA

MATRIZ DE CAETE — ARCO-CRUZEIRO

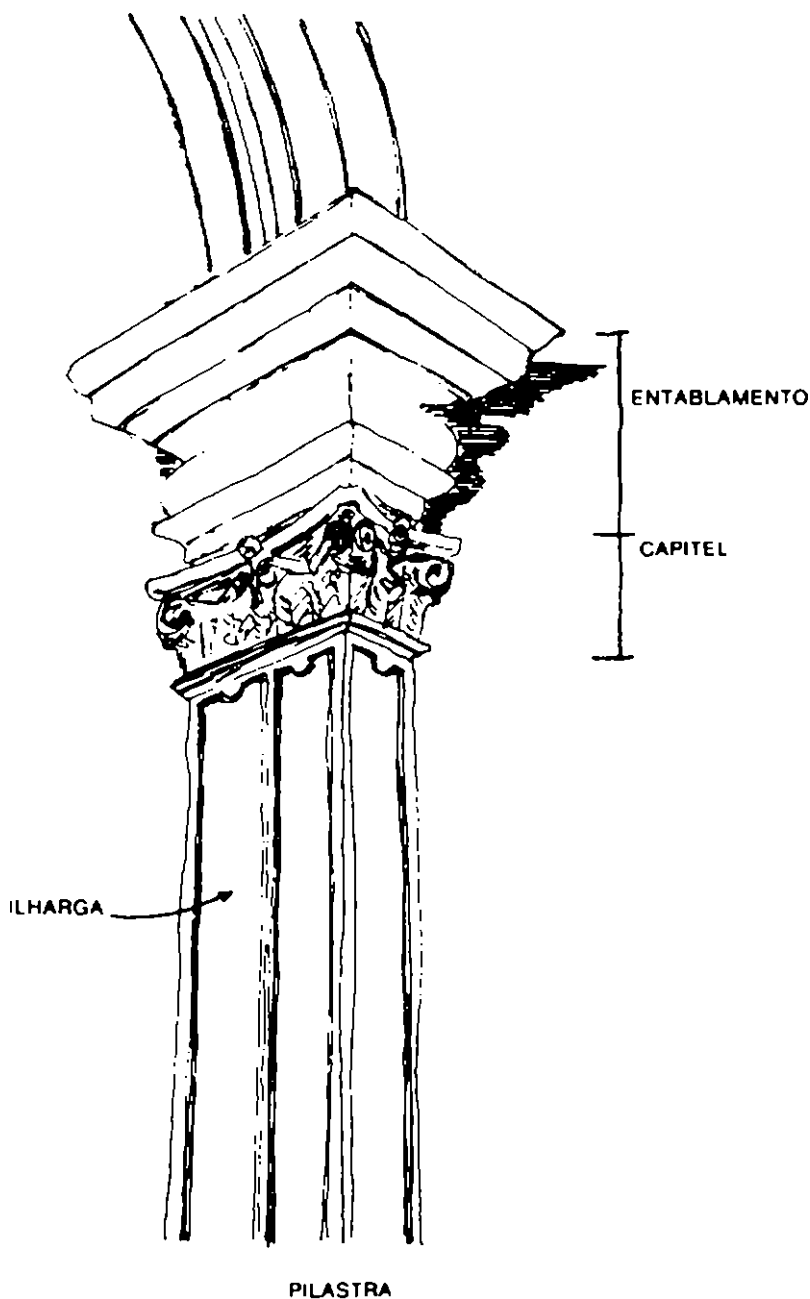


FIG. 50

decoração arquitetônica, pode ela, no entanto, ser sumariamente agrupada em duas fases principais, em correspondência com a própria evolução da arquitetura religiosa no período

a) 1.^a fase — Até cerca de 1755 — A pintura é condicionada pela primitiva disposição dos FORROS em PAINÉIS retangulares ou CAIXOTÕES. Representa de certa forma a continuidade em Minas, na primeira metade do século XVIII, das características gerais do estilo litorâneo seiscentista. Tanto no que se refere a pintura dos caixotões propriamente ditos, quanto ao seu prolongamento em painéis paneis, as composições permanecem restritas às dimensões do quadro no qual se inserem, apresentando sentido pictórico autônomo, sem ligação ou fusão plástica de conjunto, apesar de integradas na organização arquitetônica. São geralmente de caráter estático e arcaizante, sem profundidade ou perspectiva na relação de volumes, predominando o uso de cores em tonalidades graves. Exemplos: pinturas paneis ou em caixotões da Capela de Nossa Senhora do O e da CAPELA-MOR da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Sabará, bem como o forro da NAVE da Matriz do Pilar, em Ouro Preto, em caixotões ricamente emoldurados.

b) 2.^a fase — A partir de cerca de 1755 — Introdução em Minas da chamada pintura de PERSPECTIVA, ligada à representação arquitetural ILUSIONISTA, cujo protótipo é o teto do Pe. Pozzo na Igreja de Santo Inácio, em Roma (1694). O modelo português, inaugurado no Brasil por volta de 1733 no Rio de Janeiro e 1735 na Bahia, difere do protótipo romano pelo tratamento dado à cena central. Ao invés do desenvolvimento em profundidade dos espaços celestes, a perspectiva arquitetônica é simplesmente rematada por um quadro, tratado de forma independente, ou seja, não sujeito aos pontos de fuga da estrutura arquitetural. Em Minas, este quadro central, também chamado de "visão", é geralmente pintado a óleo, sendo a têmpera empregada para a perspectiva arquitetônica.

Acompanhando a evolução da arquitetura religiosa a partir de meados do século XVIII, os forros em caixotões cedem lugar aos forros de TABUADO CORRIDO, especialmente concebidos para receber o novo gênero de pintura, que tem a sua primeira manifestação no teto da capela-mor da Matriz de Cachoeira do Campo, executado em 1755 por Antônio Rodrigues Belo.

Num complemento natural da arquitetura religiosa mineira, em sua terceira fase evolutiva (barroco-rococô), os tetos com pinturas de perspectiva se disseminam rapidamente nas últimas décadas do século XVIII e princípios do XIX, engendo, acima da arquitetura real interna de igrejas e capelas, a representação ilusória de um novo andar com BALCÕES, PILASTRAS, COLUNAS, ENTABLAMENTOS, etc. Na profusão de estilos e modelos adotados nas diversas regiões da antiga capitania, três partidos fundamentais podem ser distinguidos:

Partido A — Desenvolvido em Diamantina e imediações e aí introduzido pelo guarda-mor José Soares de Araujo, artista de origem portuguesa, e depois continuado na região por seus discípulos. Caracteriza-se pelo tratamento cerrado da trama arquitetônica, simetricamente disposta em horizontais e verticais, por estruturas sucessivas e compactas, e pelo colorido predominantemente sombrio e penumbrista, sem grandes variações de tonalidades. Muito próximo ainda do partido da pintura de índole barroca do litoral brasileiro, principalmente do adotado na Bahia, por José Joaquim da Rocha.

Partido B — Próprio da região da antiga Vila Rica e tendo como ponto de culminância a obra de Manuel da Costa Athaide (forros da Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto e das Matriz de Santa Bárbara e Itaverava), bem como nos trabalhos de pintores da sua escola. O tratamento pesado e sombrio, próprio do BARROCO, cede lugar à clareza e graciosidade do ROCOCÔ, em suas formas esvoaçantes e plenas de luz e cor. Caracteriza-se pela leveza da trama arquitetônica, reduzida a suportes vazados e seus arcos e entablamentos, deixando, às vezes, ver o céu

nos interstícios. O quadro central, magnificamente emoldurado de ornatos ROCAILLE, completa a composição a maneira de um DOSSEL.

Partido C — Elaborado paralelamente ao partido B e provavelmente na mesma região, mas tendo como principal área de expansão as zonas de Sabará, Santa Luzia e rota do Serro. Seus representantes mais notáveis são: Joaquim Gonçalves da Rocha (forro da nave da Igreja do Carmo, em Sabará) e Silvestre de Almeida Lopes, com atividade na região do Serro e Diamantina (forro da capela-mor da Igreja do Bom Jesus de Matozinhos, do Serro). Este partido elimina a trama arquitetônica sustentante, em favor de um muro-parapeito contínuo, que nasce imediatamente acima da CIMALHA que remata as PAREDES. Atrás do muro-parapeito, vêem-se, frequentemente, figuras de santos e doutores da igreja em PULPITOS e balcões, separados por composições ornamentais diversas (enrolamentos rocaillê, querubins e arranjos florais). O quadro central, no meio da composição, pode receber ou não, TARJA de ornatos rocaillê, sendo no caso negativo simplesmente emoldurado pelas nuvens que circundam a "visão" (forros das naves da Igreja do Carmo, em Sabará, e da Matriz de Santa Luzia).

Ao lado da pintura erudita, se desenvolveu também uma pintura de feição primitivista, popular ou ingênua, sem apuro de técnica ou padrões formais definidos, que ocorre, principalmente, em igrejas e capelas mais modestas (exemplo: cenas alusivas à vida do santo na capela-mor da Capela de Santo Antônio, em Pompéu, município de Sabará). Há igualmente exemplos de pintura decorativa de feição profana em meio à ornamentação religiosa, como as chamadas "chinescoas" da Capela de Nossa Senhora do Ó, em Sabará, e as pinturas "galantes" recentemente restauradas na capela-mor da Igreja de Santa Efigênia, em Ouro Preto. Foi, do mesmo modo, bastante disseminado o gosto pela pintura decorativa em casas residenciais, restando ainda hoje alguns tetos pintados em salas de construções de maior requinte arquitetônico, tais como no prédio do atual Colégio São

Joaquim, em Conceição do Mato Dentro, na antiga casa do inconfidente Padre Toledo (atual Museu), em Tiradentes, ou na casa que pertenceu ao inconfidente Abreu Vieira, em Belo, dentre muitos outros exemplos. (Fotos 40, 41, 42, 43)

PLINTO

1. SOCO ou base, de forma quadrangular e chata, sobre o qual se assentam um PEDESTAL de COLUNA ou estatua. 2. Na ORDEM IOSCANA, e a parte superior do CAPITEL. (Fig. 45-A)

PLUMAGEM

Ornato imitando plumagem ou feixes de plumas. Na simbologia cristã, as plumas simbolizam a fé e a contemplação. Ver também o verbete PENACHO.

POLICROMIA

Trabalho de revestimento em pintura ou DOURAMENTO de TALHA, imagens, etc., em que aparecem duas ou mais cores.

PONTA DE DIAMANTE

Ver verbete correspondente na parte de ARQUITETURA deste Glossário.

PREGARIA

Conjunto de pregos, de função ao mesmo tempo utilitária e ornamental, que, em variados desenhos, se salientavam nas superfícies de portas, janelas, assentos de cadeiras, ARCAS, BAUS, etc.

PULPITO

Tribuna destinada nas igrejas às pregações ou sermões do sacerdote. As igrejas mineiras possuem geralmente dois pulpitos: o do lado do Evangelho (à esquerda de quem entra na igreja) e o da Epístola (lado direito). Na função das predicas, e utilizado apenas o pulpito do lado do Evangelho. O outro parece ocorrer apenas como elemento composicional ou ornamental. Ver também os verbetes BACIA, CAIXA e TAMBOR DO PULPITO. (Figs. 39, 51)

PÚLPITO

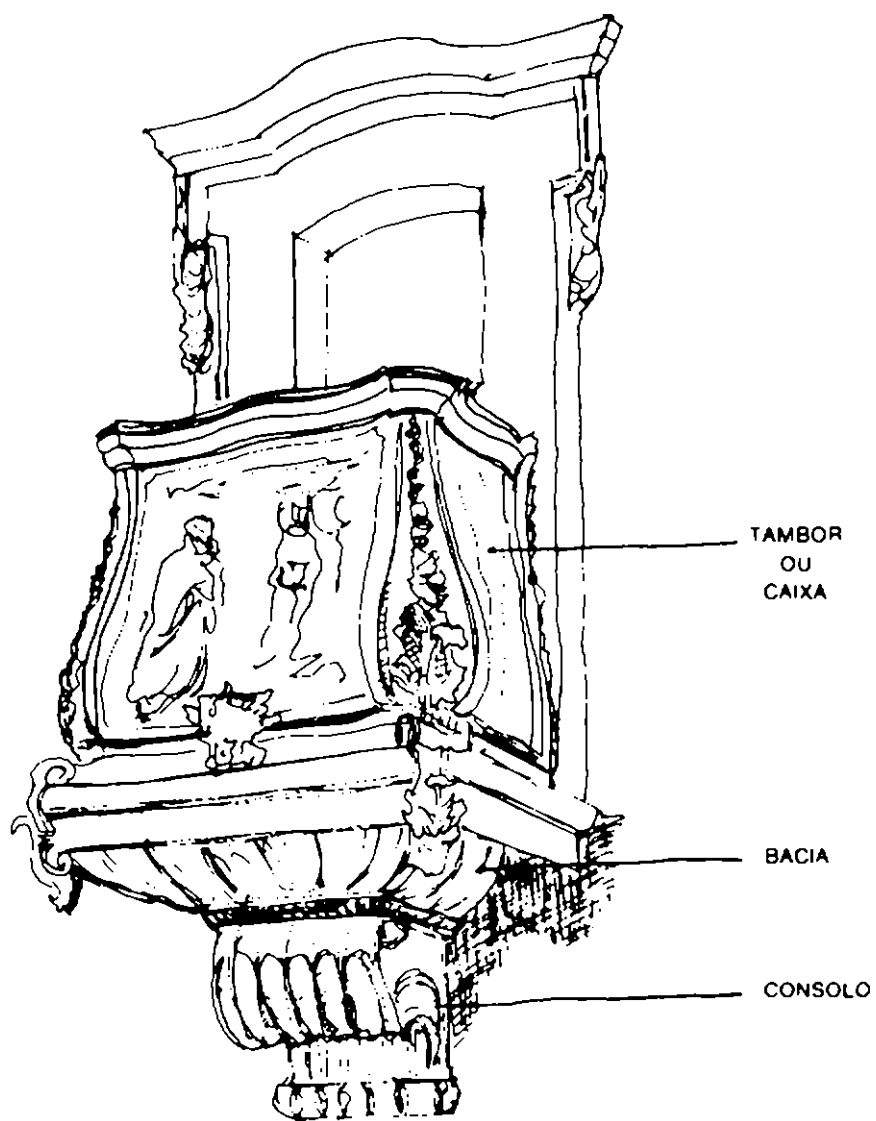


FIG 51

q

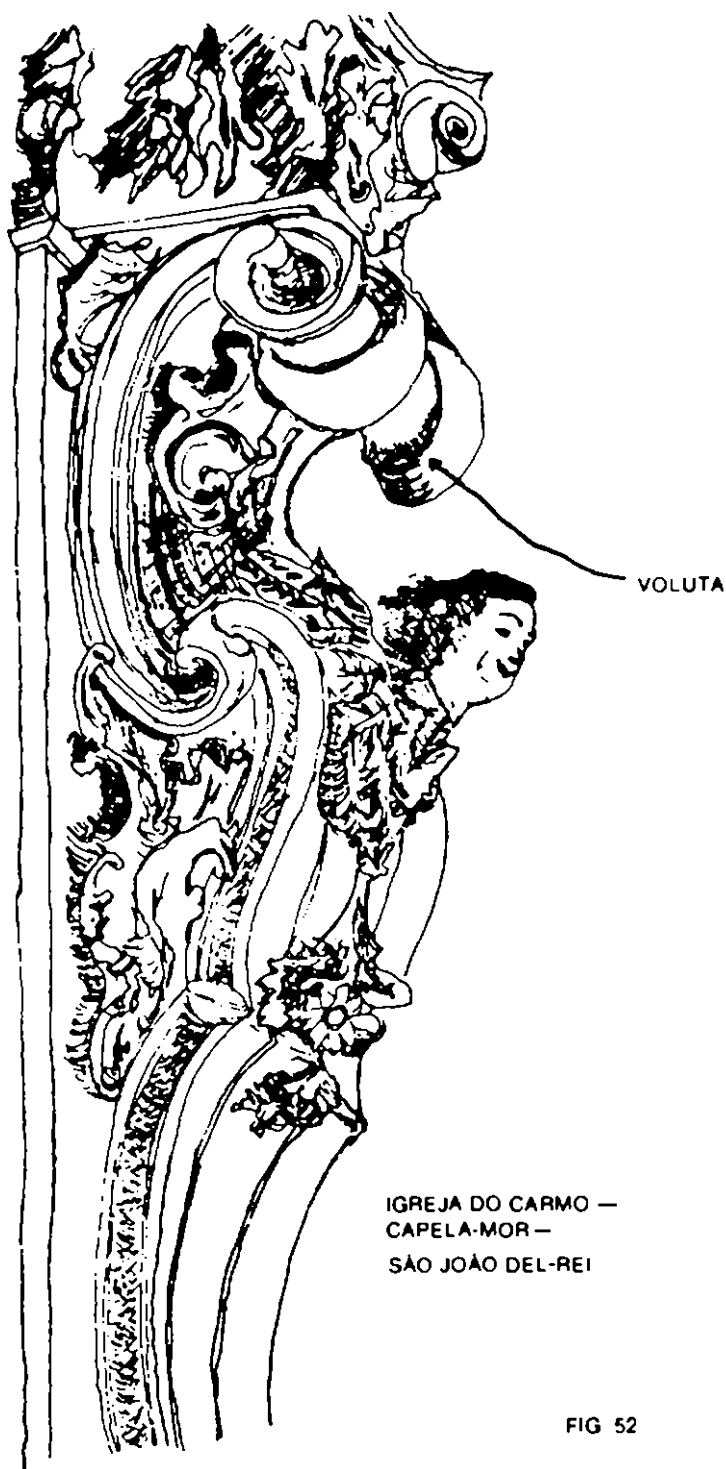
QUARTELA

Peça que, numa estrutura ornamental, serve de sustentação a outra. Ver também os verbetes CONSOLO, MÍSULA, PEANHA, PILASTRA MISULADA e QUARTELÃO.

QUARTELÃO

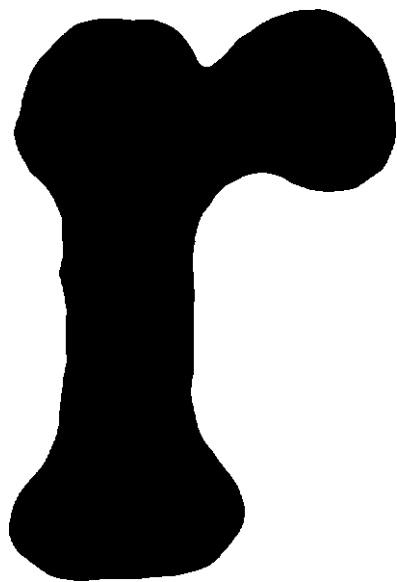
PILASTRA com RELEVO em TALHA trabalhada, que em igrejas mineiras aparece, geralmente, em RETÁBULOS ESTILO DOM JOÃO V — (2.ª fase do barroco em Minas) e ESTILO ROCOCÓ (3.ª fase do barroco em Minas). Ver também o verbete PILASTRA MISULADA.

(Fig. 52)



IGREJA DO CARMO —
CAPELA-MOR —
SÃO JOÃO DEL-REI

FIG 52



RAIOS

Peças que cruzam, vertical ou diagonalmente, os ARCOS ou ARQUIVOLTAS no COROAMENTO ou REMATE DO RETÁBULO, ligando e estruturando as suas ADUELAS ou peças encurvadas. (Fig. 53)

RAMAGEM

Ornato em forma de ramos e folhas. Ver também o verbete FOLHAGEM.

REGRAXO

Processo de pintura em que um elemento dourado ou prateado é recoberto de tinta transparente, deixando que se entreveja, por baixo, o ouro ou a prata. O processo, com a grafia "regrache", é referido no Auto de Justificação das pinturas da Igreja do Rosário de Mariana, subscrito por Manuel da Costa Athaide (1826).

RELEVO

Qualquer trabalho de escultura ou TALHA mais ou menos saliente ou ressaltado da superfície natural de PAREDE ou PANO de RETÁBULO, ARCO-CRUZEIRO, etc. (Foto 33)

RELICÁRIO

Caixa, quase sempre com trabalho artístico, destinada a guarda de relíquias nas igrejas.

REMATE

O coroamento do RETÁBULO. (Fig. 54)

RENDA

Qualquer trabalho ou motivo ornamental à imitação de renda.

RESPLENDOR

Circulo ou auréola com raios de metal, que se põe na cabeça das imagens de santos ou em crucifixos, CUSTODIAS, etc.

RETÁBULO

Estrutura ornamental, em pedra ou TALHA de madeira, que se eleva na parte posterior do altar. Às vezes, é chamado genericamente de altar. Nas igrejas mineiras do século XVIII, os retábulos obedecem genericamente a seguinte classificação tipológica ou estilística:

- 1.º — ESTILO NACIONAL PORTUGUÊS (até cerca de 1730);
- 2.º — ESTILO DOM JOÃO V (m/m 1730/1760);
- 3.º — ESTILO ROCOCÓ (a partir de cerca de 1760).

No século XIX, aparecem alguns exemplares do ESTILO NEOCLASSICO. Esta classificação não deve ser rígida, servindo antes como distinção básica. Ver os verbetes específicos. (Fotos 44, 45, 46)

RETÁBULO 1.ª FASE EM MINAS (ESTILO NACIONAL PORTUGUÊS)

Nas primeiras igrejas e capelas mineiras, os retábulos obedeceram ao modelo mais tradicional de linhas barrocas, que Robert Smith denomina "estilo nacional português". Esse tipo de retábulo, que apareceu em Portugal, ainda no século XVII, prevaleceu em Minas até cerca de 1720/1730, época em que começou a evolução para um novo gosto ornamental. As características principais do retábulo da 1.ª fase do barroco em Minas são as seguintes:

RETÁBULO - 1.ª FASE

ESTILO NACIONAL PORTUGUÊS

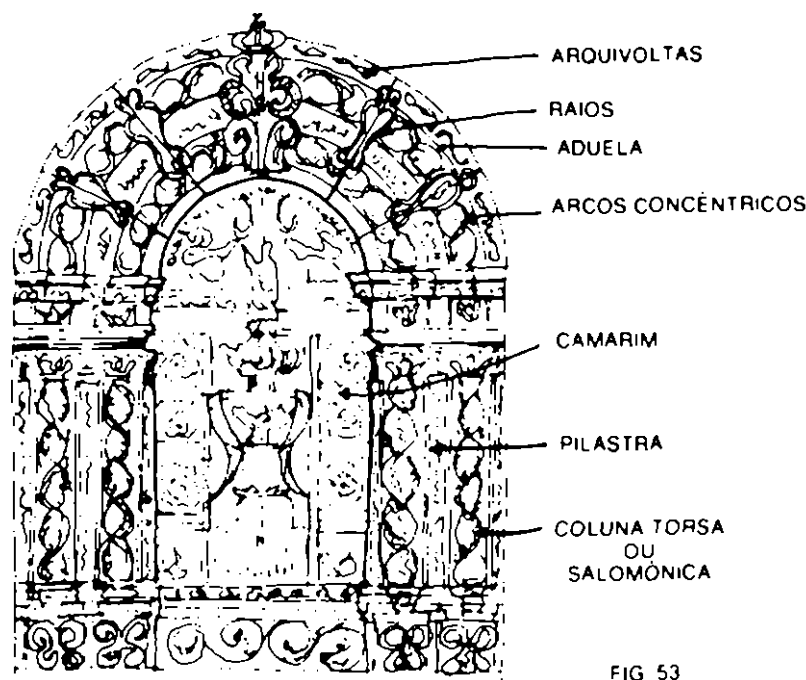


FIG 53

a) COLUNAS TORSAS ou SALOMÔNICAS, com sulcos ou ESPIRAS preenchidos de ornatos profusos, alternadas com PILASTRAS também profusamente ornadas.

b) coroamento ou remate em ARCOS ou ARQUIVOLTAS CONCÊNTRICAS;

c) revestimento inteiramente em TALHA dourada e com ocorrência de POLICROMIA em azul e vermelho;

d) presença predominante de ornatos fitomorfos (cachos de UVAS, folhas de parreira, ACANTO, etc.) e zoomorfos (aves, geralmente FÊNIX ou PELICANO);

e) TRONO geralmente em forma de cântaro;

f) ESCUDOS simbólicos ao centro do COROAMENTO ou REMATE. Em exemplares mais evoluídos, surge a presença ainda discreta de ANJOS, e a adoção no ALTAR-MOR, de NICHOS laterais ao CAMARIM ou TRIBUNA DO TRONO.

(Fig. 53, foto 44)

RETÁBULO - 2.ª FASE

ESTILO D. JOÃO V

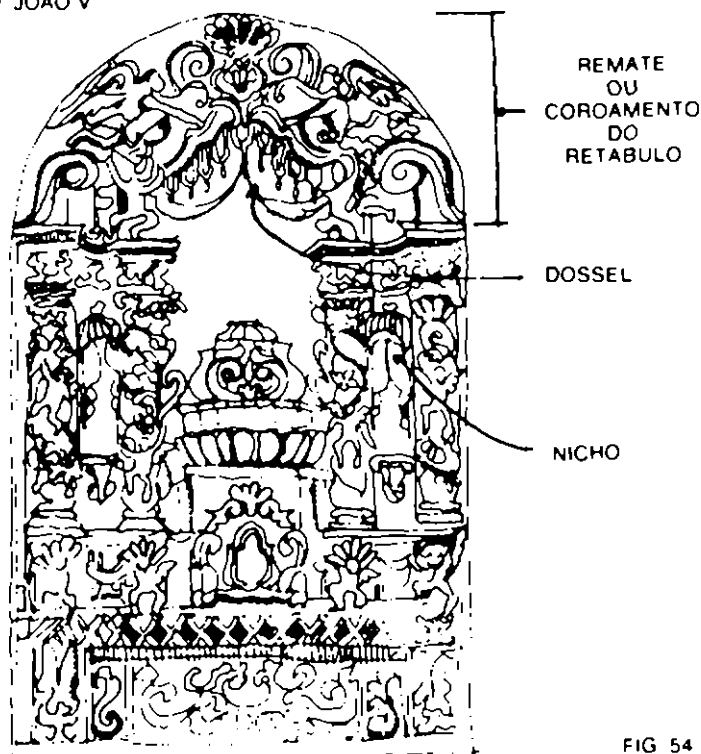


FIG 54

RETÁBULO 2.ª FASE EM MINAS (ESTILO DOM JOÃO V)

O retábulo de ESTILO DOM JOÃO V corresponde à 2.ª fase do barroco de Minas, onde é introduzido por volta de 1720/1730, prevalecendo até cerca de 1760. Durante esse período, o retábulo Dom João V experimenta algumas alterações, especialmente depois que Francisco Xavier de Brito realiza o ALTAR-MOR da Matriz do Pilar, em Ouro Preto (1746-1751). Dai falar-se num sub-estilo "Brito". As características principais do retábulo da 2.ª fase do barroco em Minas são as seguintes:

a) COROAMENTO ou REMATE em DOSSEL;

b) COLUNA de terço inferior geralmente em ESTRIAS diagonais e FUSIL, ou parte superior TORSAL;

c) uso de PILASTRAS com QUARTILHOS de grande ressaltos;

d) POLICROMIA predominantemente em dourado e branco;

e) menor ocorrência de ornatos fitomorfos ou zoomorfos;

f) presença de ANJOS, especialmente na pilastra e no coroamento ou remate, junto ao dossel;

g) maior tendência, em geral, para o caráter escultórico da ornamentação.
(Fig. 54; foto 45)

RETÁBULO 3ª FASE EM MINAS (ESTILO ROCOCÔ)

O retábulo de ESTILO ROCOCÔ, introduzido na Capitania por volta de 1760, é também chamado, para efeitos meramente didáticos, de retábulo da 3ª fase do barroco em Minas. Suas principais características são as seguintes:

a) maior dignidade arquitetônica do que escultórica ou simplesmente ornamental;

b) simplificação da estrutura e revalorização, no ALTAR-MOR, do arco-pleno do COROAMENTO ou REMATE, encimado, as vezes, por uma grande composição escultórica;

c) abandono da COLUNA TORSA, em favor da coluna direita (reta);

d) em vez do antigo DOURAMENTO integral, o uso de uma POLICROMIA com os ornamentos de ouro em leves cinzeladuras sobre um fundo branco ou azul e vermelho;

e) abandono praticamente geral de toda a decoração antropomorfa, zoomorfa ou fitomorfa dos retábulos das fases anteriores;

f) concentração no uso do ornamento rococô, de uma estilização mais abstrata (ROCAILLES ou CONCHAS estilizadas em desenhos esgarçados, laços, flores, FOLHAGENS, etc.);

g) composição assimétrica dos desenhos ornamentais.

Os principais representantes da talha de retábulo em estilo rococô são o Aleijadinho (exs. altar-mor da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto, e o da Capela da Jaguara, hoje na Matriz de Nova Lima) e Francisco Vieira Servas (ex. Igreja do Carmo, em Sabará). As mais notórias diferenças entre os dois entalhadores residem no coroamento dos retábulos, de caráter mais complexo e escultórico nos exemplos do Aleijadinho.

(Fig. 55; foto 46)

RETÁBULO 4ª FASE EM MINAS (ESTILO NEOCLASSICO)

O retábulo de estilo NEOCLASSICO aparece em Minas durante o século XIX. Suas principais características são a absoluta simplificação das linhas de PILASTRAS e COLUNAS e o abandono dos elementos de ornamentação tradicionais na TALHA mineira do século XVIII. Exemplo: altares da Matriz do Divino Espírito Santo, em Datas.

ROCA (IMAGEM OU SANTO DE)

Imagem de grande ocorrência nas velhas igrejas mineiras, apresentando apenas a descoberto, parte do corpo — rosto, busto, braços, mãos ou, por extensão, meio corpo, ficando o restante da figura revestido de roupagem em pano natural.

RETÁBULO - 3ª FASE

ESTILO ROCOCO

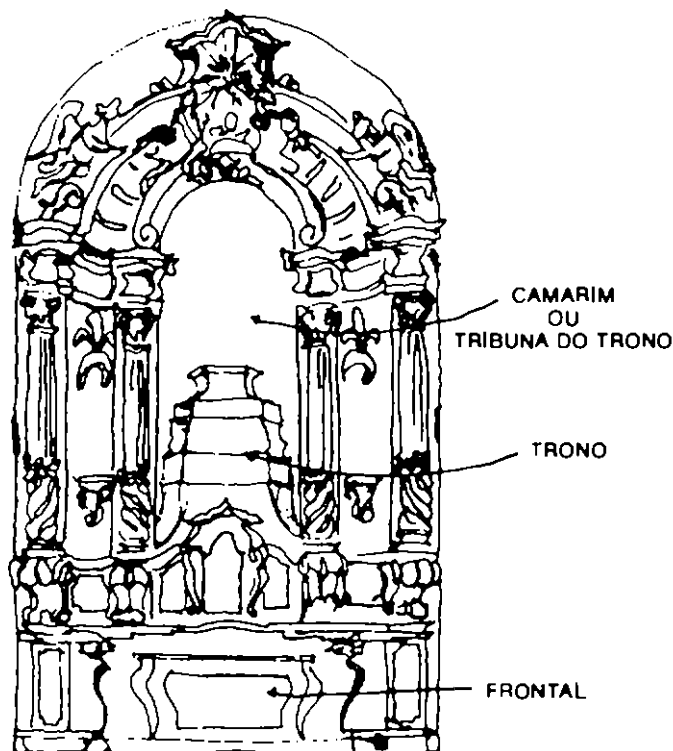


FIG 55

ROCAILLE



FIG 56

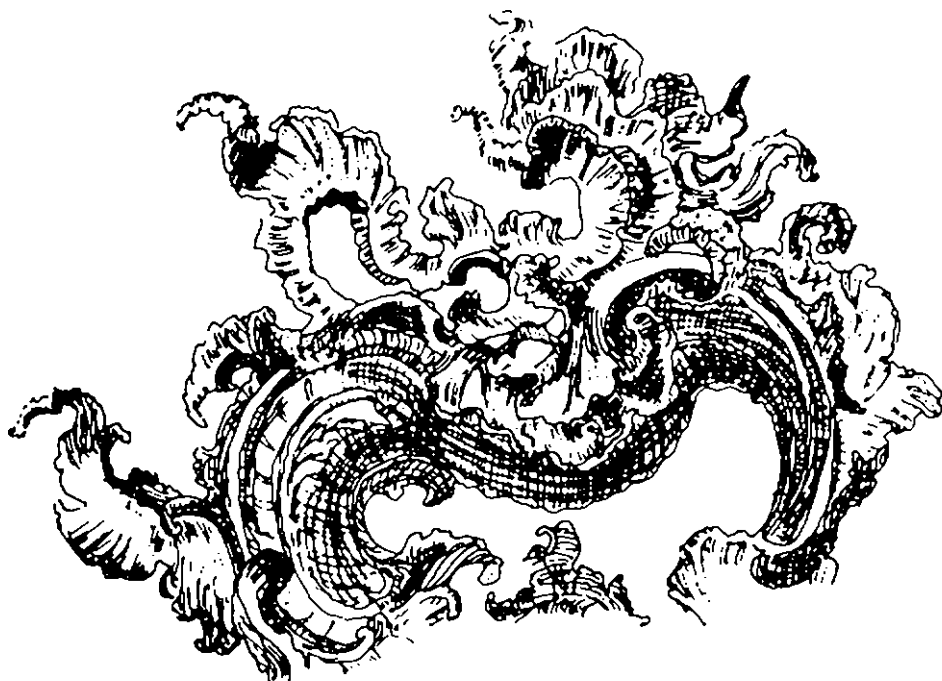


FIG 56-A

ROCAILLE (ROCALHA)

Elemento ornamental, derivado inicialmente do uso de pedrinhas e CONCHAS na decoração de grutas artificiais, ABOBADAS, COLUNAS, PAREDES, etc., que acabou se introduzindo na ornamentação de PORTADAS, ARCOS-CRUZEIROS, RETÁBULOS, PAINÉIS de pintura, molduras, etc., de igrejas. O elemento rocaille mais característico é uma estilização da CONCHA. As rocailles aparecem geralmente em composições assimétricas, dentro do espírito representativo do ESTILO ROCOCO. Costuma-se falar indistintamente em gosto *rocaille* ou gosto *rococo*, embora, originariamente, o termo *rococo* se ligue à arquitetura e ornamentação religiosas e o *rocalha* à arquitetura civil. (Figs. 56, 56-A)

ROCOCO

Estilo ornamental surgido na França durante o reinado de Luis XV (1710-1774) e caracterizado pelo uso de curvas caprichosas e formas assimétricas e pela delicadeza dos elementos decorativos, como CONCHAS estilizadas (ROCAILLES), laços, flores, FOLHAGENS, etc., que tendiam a uma elegância requintada. Predominando inicialmente na decoração de mobiliário e interiores de palácios, passou depois a ser francamente adotado na ornamentação de igrejas. A introdução do ESTILO ROCOCO em Minas, ocorre entre 1760/1770, sendo seus principais representantes o Alejadrinho, na talha, e Athaide, na pintura.

ROSACEA

Vitral de formato circular subdividido por nervuras ou CAIXILHOS entrelaçados.

ROSETA

Designação de ornatos cuja forma lembra a da rosa.

ROTUNDA

Construção circular terminada em CÚPULA. O 2.º vereador de Mariana, Joaquim José da Silva, se refere em 1790 à Igreja do Rosário de Ouro Preto como "delineada ao gosto da *rotunda* de Roma".



SACOS DE BATATA

Diz-se da forma anatômica das costas musculosas na escultura ou na TALHA de ANJOS e outras figuras.

SACRA

Pequeno quadro, contendo orações, que se encosta à BANQUETA do altar para leitura do celebrante durante a missa.

SACRÁRIO

Caixa ou vão com porta, quase sempre ao centro do altar, onde se guardam as hóstias. Nas igrejas mineiras do século XVIII, os sacrários são geralmente em talha trabalhada, apresentando forma de globos ou outras formas ornamentais. O mesmo que *tabernáculo*.

SALOMÔNICA

Diz-se da COLUNA TORSA ou lavrada em espiral. Foi a forma mais usada de coluna dos RETÁBULOS, da primeira fase do barroco em Minas. (Fig. 53)

SANEFA

Peça saliente de proteção e ornamento, colocada ao alto do RETÁBULO à

maneira de sanefa de cortina. O mesmo que BALDAQUIM ou GUARDA-PÓ. Ver também o verbete DOSSEL. (Fig. 41)

SANTEIRO

Escultor ou entalhador dedicado à confecção de imagens religiosas; imaginário. Ver também o verbete IMAGINARIA.

SEDA FINGIDA

Ornato em pintura, fingindo a aparência de seda.

SÍMPLICES

Ingredientes que entram na composição das tintas.

SITIAL

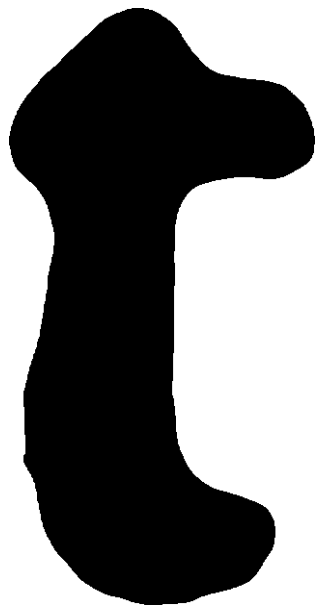
Banco ou genuflexório, com PARAMENTO e almofada, destinado nas igrejas a pessoas de maior distinção.

SOBRECEÚ

Cobertura de leitos ou camas antigos, de maior luxo, à maneira de cortinado. Ver também o verbete DOSSEL.

SUPEDÂNEO

1. Estrado de madeira existente nas igrejas, junto ao altar, onde o sacerdote coloca os pés nas cerimônias religiosas.
2. Base, PEDESTAL, PEANHA.



TABATINGA

Argila ou terra argilosa, de cores variadas, usada às vezes em processo de pintura rudimentar. Trata-se de um tipo de ocre ou oca, mais geralmente amarela e branca.

TALHA

Trabalho ornamental, em alto ou baixo-relevo, feito geralmente na madeira. Por extensão, o conjunto de obras de talha de uma época, uma região, uma igreja, um autor, etc. Ver os verbetes RETABULO e RETABULOS — 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª FASES EM MINAS. (Fotos: 44, 45, 46)

TAMBOR DO PÚLPITO

Caixa de GUARDA-CORPO ou PARAPEITO do púlpito, fechada e abaulada. Ver também o verbete CAIXA. (Fig. 51)

TARJA

Peça de pintura, escultura ou TALHA, quase sempre com ornamentos em forma de ramos, flores, FESTÕES, etc., cercando um claro onde se vê um

ESCUDO, símbolo ou alguma inscrição.

(Foto 48)

TINTAS

O processo de pintura nas construções religiosas e civis do período colonial mineiro valia-se, geralmente, de materiais locais. Para a pintura de peças de madeira—portas, janelas, CAIXILHOS, etc., as resinas corantes eram adicionadas ao óleo de linhaça ou mamona e cola de couro. Os corantes tinham, comumente, origem vegetal, predominando, conforme as tonalidades pretendidas, o anil, a assafrão, cochonilha, ipe mulato, pau de braúna, sangue de drago, urucum, etc. As pinturas simples de parede recorriam à cal, à TABATINGA, ao GESSO e ao alvarado. Sobre o processo de pintura de RETABULOS e outras peças ornamentais de madeira, ver o verbete DOURAMENTO.

TOCHEIRO(A)

Castiçal para tochas, usado em igrejas ou certas solenidades religiosas. Por extensão, diz-se de um ornato em forma de tocheira. Ver também os verbetes ANJO TOCHEIRO e CASTIÇAL.

TORCIDOS

Diz-se de ornatos sob forma espiralada, usados na guarnição de móveis, na estrutura de RETABULOS, balaustradas, GRADIS, etc.

TORNEADO

Diz-se das peças trabalhadas no torno. A madeira torneada era de largo uso ornamental em BALAUSTRÉS e grades das igrejas coloniais mineiras, bem como no acabamento de móveis de estilo mais apurado.

TORSO (A)

Diz-se de COLUNA, peça ou ornato de forma espiralada ou torcida. Ver o verbete SALOMÔNICA. (Fig. 53)

TOSCANA

A mais simples das ordens clássicas de arquitetura, caracterizada pela COLUNA constituída de CAPITEI, sem ornato e FUSTE e BASE lisos. Fala-se em *portal toscano* com relação a

PORTADA do antigo Palácio dos Governadores, em Ouro Preto. Ver também os verbetes **ENTABLAMENTO**, **ORDEM** e **PORTAL**.

(Fig. 48)

TREMÓ

1. Espécie de **CONSOLO** ou **APARADOR** ou espelho que se coloca no **PANO** da **PAREDE** entre duas janelas.
2. Por extensão, diz-se desse espaço entre as janelas.

TRIBUNA DO TRONO

Vão ou abertura ao centro do **RETABLELO**, onde fica o **TRONO** para exposição de imagem, crucifixo, etc. O mesmo que **CAMARIM**.

(Fig. 55)

TRIGLIFO

Ornato arquitetônico no **FRISO** de **ORDEM DÓRICA** e que se compõe de três sulcos

TRIGO

O ornato em forma de espigas de trigo, presente em algumas igrejas, simboliza a Eucaristia ou o pão da Comunhão.

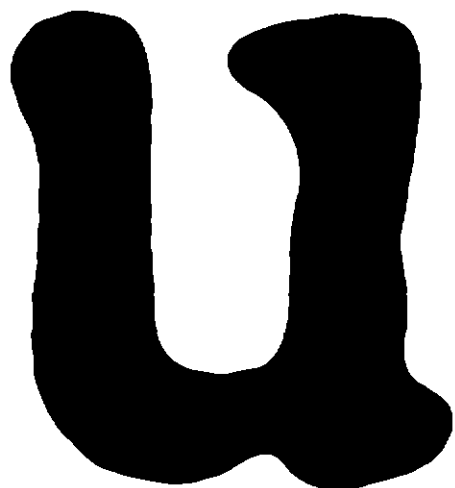
TROMPE L'OEIL

Ilusão de ótica. A expressão é usualmente referida com relação à pintura ilusionista. Ver o verbete **ILUSIONISTA (PINTURA)**.

TRONO

Espécie de **PEDESTAL**, colocado no vão da **TRIBUNA DO TRONO** ou **CAMARIM** do altar, onde se expõem imagens ou crucifixos. Nas igrejas mineiras do século XVIII, o trono apresenta, comumente, a forma de cântaro ou de degraus.

(Fig. 55)

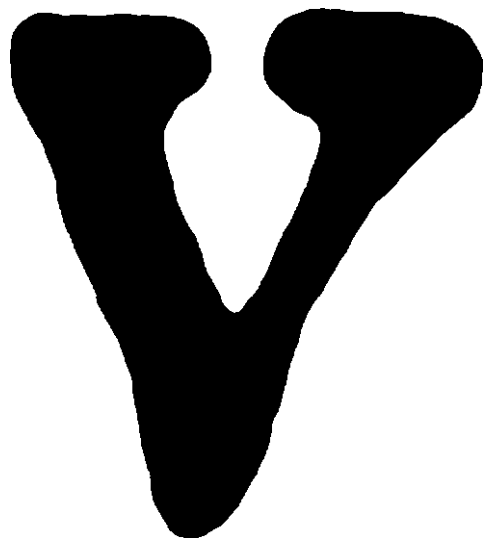


UMBELA

Pálio pequeno, em forma de guarda-sol, franjado, sob o qual o sacerdote leva o sacramento da Eucaristia em certas cerimônias religiosas.

UVAS

O ornato em forma de cachos de uva simboliza o vinho eucarístico ou o sangue de Cristo. É um dos motivos mais usados na TALHA da 1.ª FASE DO BARROCO EM MINAS.



VARAL

Peça de suporte do SOBRECÊU ou DOSSEL na guarnição de camas antigas de mais rico acabamento.

VINHA

O ornato em forma de vinha ou folhas de parreira representa, na simbologia católica, um emblema do Cristo ou a relação entre Deus e seu povo. É um dos motivos mais usados na TALHA da 1.^a FASE DO BARROCO EM MINAS

VOLUTA

Ornato enrolado em forma de espiral, em trabalho de TALHA ou escultura *em pedra*, bastante usado na ornamentação externa e interna das igrejas mineiras do século XVIII.

(Figs. 45, 52)

ORNAMENTAÇÃO

Documentação Fotográfica

26. OURO PRETO — Igreja de São Francisco de Assis
— Altar-mor (Aleijadinho)



27. OURO PRETO — Igreja do Carmo — Arcaz da sacristia



28. MARIANA — Sê catedral — Cadeiral





29. SABARÁ — Capela de Nossa Senhora do Ô
— Pinturas em chineses



30. CONGONHAS — Adro do santuário do Bom Jesus — Profetas
(estatuária do Aleijadinho)





31. SABARÁ — Igreja do Carmo — São Simão Stock
(imaginária do Aleijadinho)

32. SABARÁ — Igreja do Carmo — São João da Cruz
(imaginária do Aleijadinho)



33. OURO PRETO — Igreja de São Francisco de Assis
— Medalhão e sobreporta em relevo (Aleijadinho)





34. SABARÁ — Museu do Ouro — Arca pintada

35. SABARÁ — igreja de Nossa Senhora do Rosário
— Armário da sacristia, com pintura





36. SABARÁ — Museu do Ouro — Cama de bilros

37. SABARÁ — Museu do Ouro — Mobiliário, vendo-se arcas e mesa tipo holandesa (sala com piso em seixos rolados)



38. TIRADENTES — Matriz de Santo Antônio — Órgão





39. MARIANA — Sé catedral — Para-vento

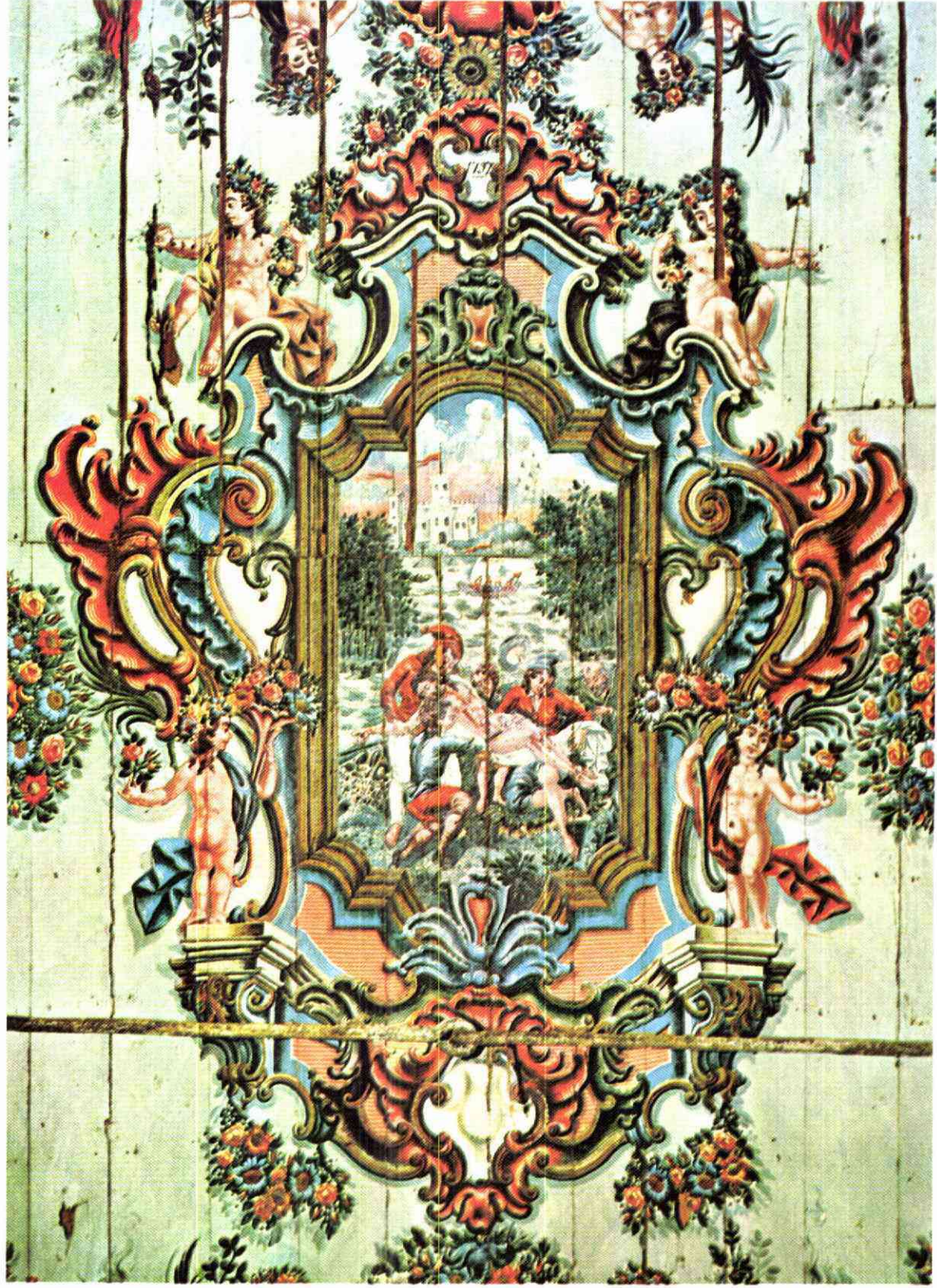
40. DIAMANTINA — Igreja do Carmo — Pintura do forro da nave
(Guarda-mor José Soares de Araujo — Partido A)





41. OURO PRETO — Igreja de São Francisco de Assis — Pintura do forro da nave (Manuel da Costa Ataíde — Partido B)

42. SERRO — Igreja do Bom Jesus de Matozinhos — Pintura do forro da capela-mor (Silvestre de Almeida Lopes — Partido C)





43. SABARÁ — Igreja do Carmo — Pintura do forro da nave
(Joaquim Gonçalves da Rocha — Partido C)

44. CACHOEIRA DO CAMPO — Matriz de Nossa Senhora de Nazaré
— Retábulos da capela-mor e do arco-cruzeiro
(1.^a fase — Estilo Nacional Português)

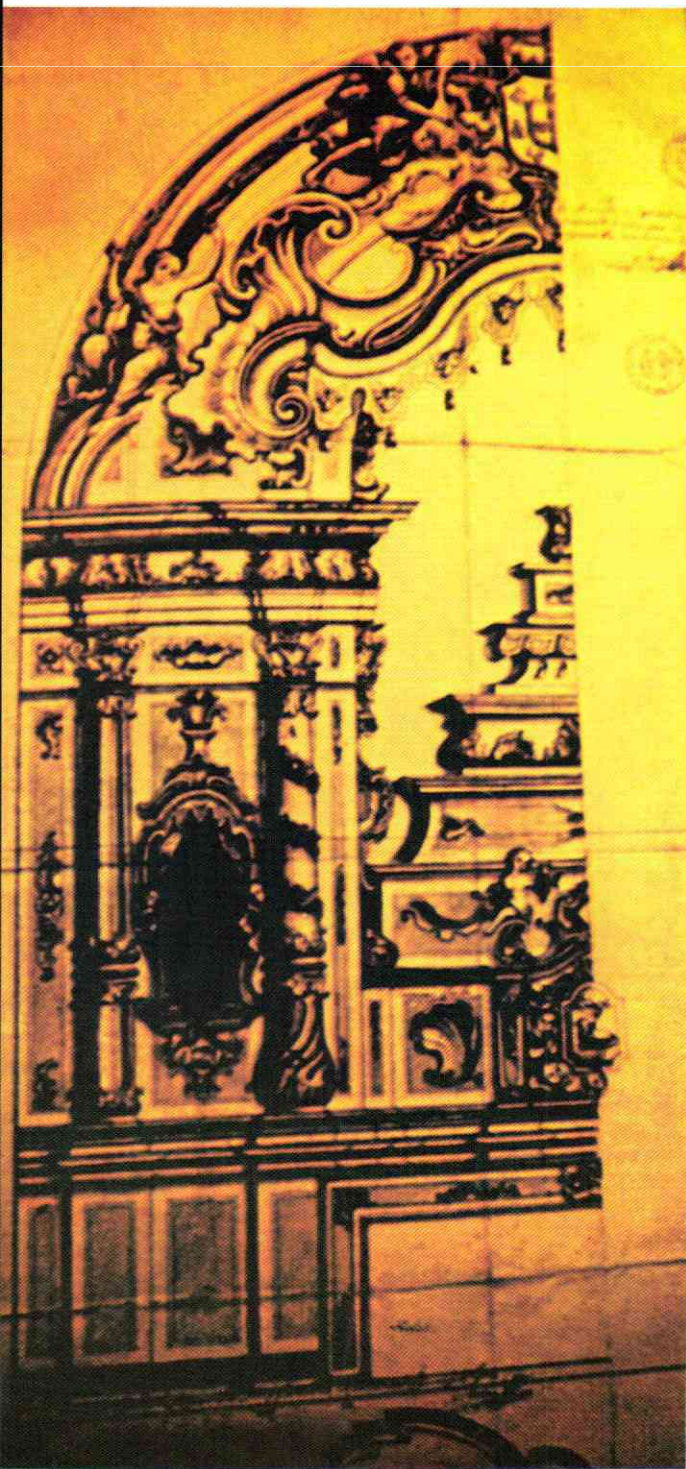




45. OURO PRETO — Matriz de Nossa Senhora do Pilar
— Retábulo da capela-mor (2.^a fase — Estilo Dom João V
— Francisco Xavier de Brito)

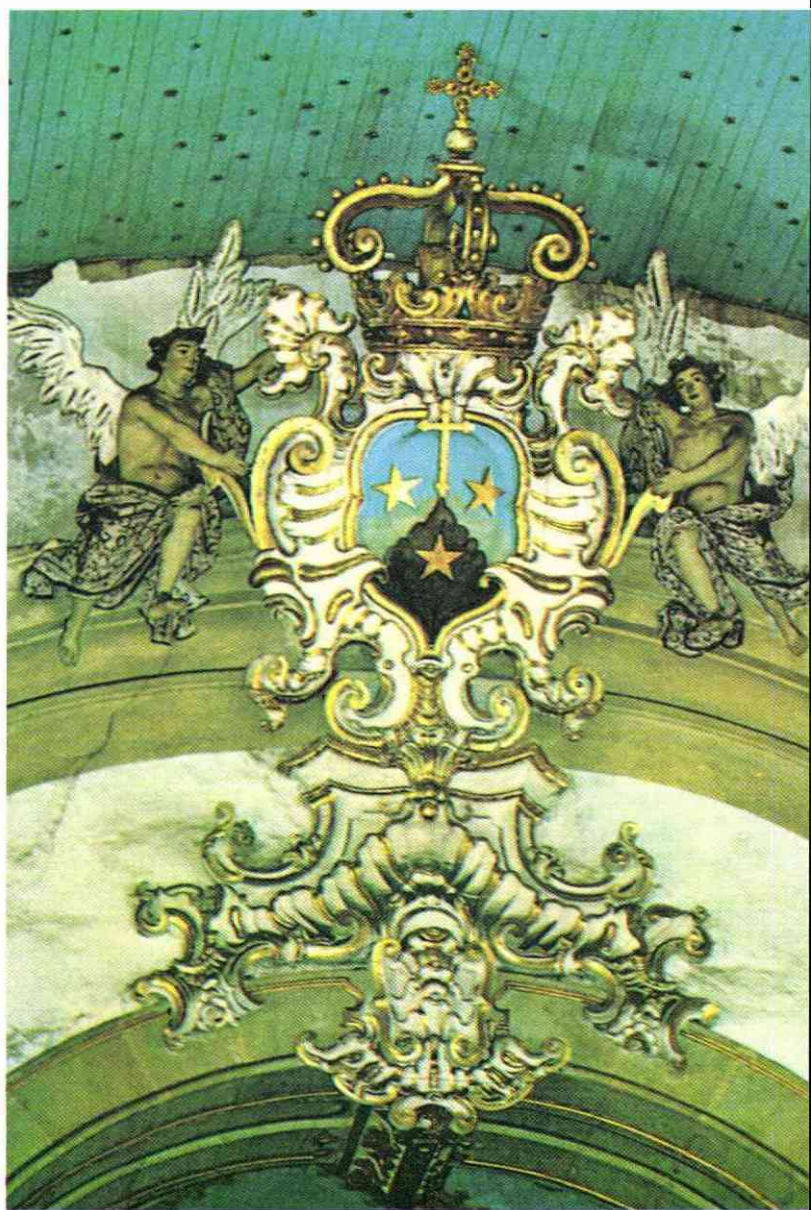
46. NOVA LIMA — Matriz de Nossa Senhora do Pilar — Capela-mor
— Retábulo da antiga capela da Fazenda da Jaguará
(3.ª fase — Estilo Rococó — Aleijadinho)





47. Risco de retábulo para a matriz de Santo Antônio de Itaverava (cerca de 1788 — Original do Arquivo Histórico Colonial — Lisboa)

48. OURO PRETO — Igreja do Carmo — Tarja do arco-cruzeiro, com armas da Ordem Carmelita



APÊNDICE

Medidas de Comprimento e de Peso



Os sistemas de medição utilizados no período colonial foram extremamente diversificados, variando os valores de algumas unidades, tanto segundo o objeto da medição, como segundo a localidade ou região em que essa se realizava.

Exemplar desta situação era a medida denominada ALNA utilizada no comércio de tecidos, a qual variava seu comprimento desde o que hoje vem a ser 57,3 centímetros (Alna de Hamburgo para tecidos de seda e algodão) até 114,3 centímetros (Alna de Londres). Ainda em Hamburgo, a Alna utilizada para medir tecidos de lã corresponderia a 69,1 centímetros do sistema atual. Por sua vez, as diversas medidas de um sistema não guardavam uma proporção constante como no sistema métrico decimal.

Deste modo, na elaboração deste Glossário se adotou sempre, dentre os diversos valores apontados para cada medida por vários autores, aquele geralmente aceito ou, ainda, aquele valor que demonstrava uma relação aritmeticamente exata entre duas medidas do mesmo sistema.

Considerando-se a especificidade deste Glossário de Arquitetura e Ornamentação, reduziu-se a listagem dos verbetes àquelas medidas de citação corrente nos AUTOS DE REMATAÇÃO ou nos RISCOS que ainda se conservam.

ALQUEIRE

Medida antiga de área, equivalente a 48.400 m². O ALQUEIRE PEQUENO, também chamado ALQUEIRE PAULISTA, equivale a 24.200 m². O uso destas medidas ainda hoje subsiste em alguns Estados brasileiros.

ARRATEL

Medida de peso portuguesa, também utilizada no Brasil colonial. O arrátel equivale à LIBRA, isto é, 459 gramas. Ver também os verbetes LIBRA e MEDIDAS DE PESO.

ARROBA

Medida de peso equivalente a 14.688 Kg. ou seja, 32 LIBRAS. Ver também o verbete MEDIDAS DE PESO.

ANEL DE ÁGUA

Medida equivalente a quatro penas de água.

BRAÇA

Medida de comprimento equivalente a 2,20 m. No sistema antigo de medidas correspondia a duas VARAS. Ver também o verbete MEDIDAS DE COMPRIMENTO.

BRAÇA QUADRADA

Antiga medida agrária de área, equivalente a 3,052 m². Diz-se, também, *Braça em Quadro*. Ver também o verbete BRAÇA.

CÔVADO

Medida de comprimento equivalente a 68 centímetros ou 3 palmos. Há indicações de que valeria em Lisboa 66 centímetros e, no Porto, 66,41 centímetros. Ver também o verbete MEDIDAS DE COMPRIMENTO.

DRACMA

Medida de peso equivalente a cerca de 3,58 gramas. O mesmo que OITAVA. Ver também os verbetes OITAVA e MEDIDAS DE PESO.

ESCRÓPULO

Antiga medida de peso, equivalente a 1,19531256 gramas. Ver também o verbete MEDIDAS DE PESO.

GRÃO

Medida de peso equivalente a 0,04980469 gramas. Também chamado GRÃO PEQUENO, em diferenciação do GRÃO GRANDE, cujo peso equivale a cerca de 0,7968750 gramas. Ver também o verbete MEDIDAS DE PESO.

JEIRA

Medida de área derivada da dimensão de terreno que é possível arar, em um só dia, com um único arado. Equivale no sistema métrico atual a 19,36 hectares.

LÉGUA

Medida de comprimento, equivalente a 5.555,55 metros. Ver também os verbetes LÉGUA DE SESMARIA e MEDIDAS DE COMPRIMENTO.

LÉGUA DE SESMARIA

Medida de comprimento equivalente a cerca de 6.600 metros. Correspondia no sistema antigo de medidas a 3.000 braças. Ver também os verbetes LÉGUA e MEDIDAS DE COMPRIMENTO.

LIBRA

Medida de peso equivalente a 459 gramas, segundo a maioria dos autores. Roberto Simonsen, in "História Econômica do Brasil", lhe atribui o valor de 460,80 gramas. Ver também o verbete MEDIDAS DE PESO.

LINHA

Medida de comprimento equivalente a 2,29 milímetros. Subdividia-se em 12 pontos. Ver também o verbete MEDIDAS DE COMPRIMENTO.

MARCO

Medida de peso equivalente a 229,50002304 gramas. Roberto Simonsen, in "História Econômica do Brasil", adota o valor de 230,40 gramas. Ver também o verbete MEDIDAS DE PESO.

MEDIDAS DE COMPRIMENTO

As diversas medidas de comprimento adotadas no Brasil colonial, nem sempre se interrelacionaram como subdivisão ou multiplicação exata, sendo, por isso, impossível estabelecer uma delas como base da qual se derivam as demais. Em

alguns casos a relação entre duas medidas assumiu valores irracionais, por exemplo, a BRAÇA valeria 3,333 ... CÔVADOS. Entretanto, foi possível estabelecer o quadro abaixo, que relaciona algumas medidas entre si e a maioria delas com a POLEGADA, restando de fora apenas a LÉGUA, que valeria 202.020,2020 ... polegadas, e a VARA CASTELHANA, isto é, 30,83636 ... polegadas.

1 ponto	
1 linha	= 12 pontos
1 polegada	= 12 linhas ou 144 pontos
8 polegadas	= 1 palmo
12 polegadas	= 1 pé ou 1,5 palmos
24 polegadas	= 1 côvado ou 2 pés ou 3 palmos
30 polegadas	= 1 passo ordinário ou 2,5 pés
40 polegadas	= 1 vara ou 5 palmos
60 polegadas	= 1 passo geométrico ou 2 passos ordinários ou 5 pés
80 polegadas	= 1 braça ou 10 palmos ou 2 varas
240.000 polegadas	= 1 légua de sesmaria ou 3.000 braças

Nota: o valor de cada medida, segundo o sistema métrico decimal, se encontra explicitado nos verbetes respectivos.

MEDIDAS DE PESO

O sistema de medição de peso utilizado no Brasil colonial, embora com variação de valores de algumas medidas, tinha por base a unidade denominada GRÃO, da qual as demais derivavam por multiplicação. As divergências dos diversos autores, quanto à equivalência entre as unidades antigas e o atual sistema decimal, provavelmente decorre da inexatidão do cálculo do valor do GRÃO, uma vez que todos estão de acordo com o quadro que se segue.

grão (menor unidade de peso)	
4 grãos	= 1 quilate
16 grãos	= 1 grão grande ou 4 quilates
24 grãos	= 1 escrúpulo ou 6 quilates
72 grãos	= 1 oitava ou 18 quilates ou 3 escrúpulos
576 grãos	= 1 onça ou 144 quilates ou 8 oitavas
4.608 grãos	= 1 marco ou 8 onças
9.216 grãos	= 1 libra ou 16 onças
	32 libras = 1 arroba
	128 libras = 1 quintal ou 4 arrobas

OITAVA

Medida de peso equivalente a 3,58583768 gramas. Seu nome deriva de ser esta medida a oitava parte da ONÇA. Roberto Simonsen, in "História Econômica do Brasil", aproxima seu valor para 3,6 gramas. O mesmo que DRACMA. Ver também o verbete MEDIDAS DE PESO.

ONÇA

Medida de peso equivalente a 28,68750144 gramas. Ver também o verbete MEDIDAS DE PESO.

PALMO

Medida de comprimento equivalente a vinte e dois centímetros, ou seja, ao palmo da mão aberta. Subdividia-se, no sistema antigo de medidas, em oito polegadas. Diz-se PALMO CRAVEIRO aquele correspondente a doze polegadas ou trinta centímetros e meio. Em especificações antigas apareciam também as expressões PALMO LIMPO e PALMO ESFORÇADO. Ver também o verbete MEDIDAS DE COMPRIMENTO.

PASSO GEOMÉTRICO

Medida de comprimento correspondente a 1,65 m ou 60 polegadas. Ver também o verbete MEDIDAS DE COMPRIMENTO.

PASSO ORDINÁRIO

Medida de comprimento equivalente a 82,5 centímetros. Correspondia no sistema antigo a 30 polegadas. Ver também o verbete MEDIDAS DE COMPRIMENTO.

PÉ

Medida de comprimento equivalente a 33 centímetros. Correspondia no sistema antigo de medidas a um palmo e

meio. A medida anglo-saxônica de mesmo nome equivale a 30,48 centímetros. Ver também o verbete MEDIDAS DE COMPRIMENTO.

PENA DE ÁGUA

Antiga medida usada na partilha de água, aproximadamente da grossura de uma pena de pato.

POLEGADA

Medida antiga de comprimento equivalente a 2,75 centímetros. Subdividia-se em 12 linhas. No sistema inglês, a polegada vale 25,40 milímetros. Ver também o verbete MEDIDAS DE COMPRIMENTO.

PONTO

Medida de comprimento equivalente a 0,190833 ... milímetros. Era a menor medida do antigo sistema. Ver também o verbete MEDIDAS DE COMPRIMENTO.

QUILATE

Medida de peso equivalente a 0,199 gramas, utilizada para pesar pedras preciosas. O termo quilate, quando aplicado aos metais preciosos, tem porém outro significado, indica o seu grau de pureza. A designação *quilate métrico* significa peso ou massa de dois decigramas. Ver também o verbete MEDIDAS DE PESO.

QUINTAL

Medida de peso correspondente a cerca de 58,752 quilos, ou seja, 4 ARROBAS. Sobre esta medida divergem os diversos autores, como se explicita abaixo.

Roberto

Simonsen = 1 quintal = 58,982 kg

Lejeune

para o Brasil = 1 quintal = 58,72 kg

para Portugal = 1 quintal = 58,75 kg

Hoppe = 1 quintal = 58,725 kg

Tacchini = 1 quintal = 58,745306 kg

Existe também a expressão *quintal métrico* que significa 100 quilogramas. Ver também o verbete MEDIDAS DE PESO.

TAREFA

Medida antiga cuja denominação provavelmente decorre da área ocupada

pela porção do canavial, suficiente para alimentar as moendas durante um dia de trabalho. A dimensão de uma tarefa variava segundo a região do Brasil. Parece ter sido mais geral considerá-la uma área de 30 BRAÇAS em quadro, equivalendo, então, a 4.356 m². No Ceará, equivalera a 3.630 m². Em Sergipe e Alagoas, equivalera a 3.052 m².

VARA

Medida de comprimento equivalente a 1,10 m pela medição do padrão em depósito, na Câmara de Thomar, dada por D. Sebastião. Na Bahia e no Rio de Janeiro parece ter sido uma medida equivalente a 1,087 m. Ver também o verbete MEDIDAS DE COMPRIMENTO.

VARA CASTELHANA

Medida de comprimento equivalente a 84,8 centímetros. O padrão depositado em Burgos era igual a 83,5 centímetros. Buenos Aires, Montevideu e outros pontos da América Hispânica, em contato com o Brasil, utilizavam um padrão de 84,796 centímetros. Ver também o verbete MEDIDAS DE COMPRIMENTO.

BIBLIOGRAFIA

Esta bibliografia inclui obras consideradas básicas para o estudo e conhecimento do Barroco/Rococó Mineiro e seu contexto histórico, bem como do Barroco em geral. Os títulos nela relacionados possuem, em sua maioria, farta e bem informativa ilustração.

1. BARROCO EM GERAL. TEORIA. OBRAS DE REFERÊNCIA.

Actas do Congresso "A Arte em Portugal no Século XVIII". I Secção – Belas Artes. Braga, Bracara Augusta Revista Cultural, Vol. XXVII, Ano de 1973, n.ºs 63/75.

ALEWYN, Richard. *L'Univers du Baroque*. Trad. Danièle Bohler, Bibliothèque Médiations. Genève, Éditions Gonthier, 1964.

AMARAL, Aracy (Coord.). *Arquitectura Neocolonial. América Latina/ Caribe/ Estados Unidos*. São Paulo, Fundação Memorial da América Latina/ Fondo de Cultura Económica, 1994.

ARGAN, Giulio Carlo. *La Arquitectura Barroca en Italia*. Trad. Victor Magno Boyé. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1960.

ATTWATER, João. *Dicionário de Santos*. São Paulo, Art. Ed. Ltda., 1991.

AVILA, Affonso (intr. e org.). *Barroco. Ensaio de Teoria e Análise*. Diversos Autores. São Paulo, Editora Perspectiva. Coleção Stylus (a sair).

ÁVILA, Affonso. *O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971. Coleção Debates, 35. 2ª ed. revista, 1980; 3ª ed. ampliada, atualizada e desdobrada em dois livros – I - *Uma Linguagem* a dos Cortes, *Uma Consciência* a dos Lúces, II - *Áurea Idade da Áurea Terra* –, 1994.

ÁVILA, Affonso. *O Poeta e a Consciência Crítica*. Petrópolis, Editora Vozes, 1969. Coleção Nosso Tempo, 7; 2ª ed. ampliada: São Paulo, Summus Editorial, 1978.

BAZIN, Germain. *Barroco e Rococó*. Trad. Álvaro Cabral, rev. Hildegard Feist. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

BAZIN, Germain. *Classique Baroque et Rococo*. Paris, Librairie Larousse, 1965.

BAZIN, Germain. *Le Langage des Styles. Dictionnaire des Formes Artistiques et des*

Écoles d'Art. Paris, Somogy, 1976.

BERTELLI, Sergio. *Rebeldes, Libertinos y Ortodoxos en el Barroco*. Trad. Marco Aurelio Galmarini. Barcelona, Ediciones Península, 1984.

BILLER, Josef H. *Bayerischer Barock*. München, F. Bruckmann, 1965.

BOTTINEAU, Yves. *Baroque Ibérique: Espagne-Portugal-Amérique Latine*. Fribourg, Office du Livre, 1969.

CANNON-BROOKES, P. and C. *Great Buildings of the World Baroque Churches*. London, Paul Hamlyn, 1969.

CASTEDO, Leopoldo. *Historia del Arte y la Arquitectura Latinoamericana. Desde la Época Precolombiana hasta Hoy*. Madrid, Pomaire, 1970.

CHARPENTRAT, Pierre. *L'Art Baroque*. Paris, Presses Universitaires de France, 1967.

CHICÓ, Mario e Outros. *História da Arte em Portugal*. Vol. II. Porto, Portucalense Editora, 1970.

CORONA E LEMOS. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo, Editora Edart.

CROCE, Benedetto. *Storia Dell'Età Barocca in Italia*. Bari, Gius. Laterza & Figli, 1967.

DÍEZ BORQUE, José Maria e Outros. *Teatro y Fiesta en el Barroco – España e Iberoamérica*. Barcelona, Ediciones del Serbal, 1986.

D'ORS, Eugenio. *Du Baroque*. Versión de Mme. Agathe Rouart – Valéry. Paris, Gallimard, 1968.

Era do Barroco (A). Autores Diversos. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes, 1982.

GASPARINI, Graziano. *América, Barroco y Arquitectura*. Caracas, Ernesto Armitano Editor, 1972.

GÉO-CHARLES. *Art Baroque en Amérique Latine*. Paris, Librairie Plon, 1954.

HANSON, Carl A. *Economia e Sociedade no Portugal Barroco 1668-1703*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1986.

HAIZFELD, Helmut. *Estudios sobre el Barroco*. Versión castellana de Angela Figuera, Carlos Claveria y M. Miniatti. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid, Editorial Gredos, 1964. - Trad. brasileira: São Paulo, Editora Perspectiva. Coleção Stylus, 8.

HAUSER, Arnold. *Historia Social de la Literatura y el Arte I*. Trad. A. Tovar y F. P. Varas-Reyes. 3ª ed. Madrid, Ediciones Guadarrama, 1964.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. Trad. Eugenio Imaz. Buenos Aires, Emecé Editores, 1957. Edição portuguesa: Lisboa, Editorial Azar, 1943. Biblioteca Conocimiento del Hombre, dir. José Ortega y Gasset.

KELLMEN, Pál. *Baroque and Rococo in Latin America*. 2 vols, 2ª ed. New York, Dover Publications, 1967.

KITSON, Michael. *Barock und Rokoko*. Umschlag: Wolfgang Zill und Georg Stiller. München/ Wien, Verlagsgruppe Bertelsmann GmbH Gütersloh, 1974.

LACERDA, Aarão de. *História da Arte em Portugal*. Vol. I. Porto, Portucalense Editora, 1942.

LEZAMA LIMA, José. *A Expressão Americana*. Trad., intr. e notas de Irleamar Chiampi. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.

MÂLE, Emile. *L'Art Religieux de la Fin du XVIe. Siècle, du XVII Siècle et du XVIII Siècle. Étude sur l'Iconographie après le Concile de Trente*. Paris, Armand Colin, 1951.

MARTIN GONZÁLEZ, Juan José. *Escultura Barroca Castellana*. Madrid, Fundación Lázaro Galdiano, MCMLIX.

MELLO, Suzy de. *Barroco*. Coleção Primeiros Vãos, 17. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.

Mostra Barroco Latino Americano.

Catálogo e Coordenamento Mostra a cura di Vittorio Minardi. Roma, Istituto Italo-Latino Americano, 1980.

OROZCO DIAZ, Emilio. *El Barroquismo de Velazquez*. Madrid, Ediciones Rialp, 1965.

OROZCO DIAS, Emilio. *Introducción al Barroco I e II*. Edición al cuidado de Jose Lara Garrido. Granada, Universidad de Granada, 1988.

PEREZ-RIOJA, J. A. *Diccionario de Símbolos y Mitos*. Madrid, Editora Tecnos, 1971.

PEVSNER, Nikolaus e Outros. *Dicionário Enciclopédico de Arquitetura*. Rio de Janeiro, Artenova, 1977.

RAFOLS, J. F. *Historia Universal del Arte*. Barcelona, Ramon Sopena, 1974.

REAL, Regina M. *Dicionário de Belas Artes-Termos Técnicos e Matérias Afins*. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1962.

REAU, Louis. *Iconographie de l'Art Chrétien. Iconographie de la Bible*. 6 vols. Paris, Press Universitaires de France, 1955.

SANTOS, Reynaldo dos. *História da Arte em Portugal*. Vol. III. Porto, Portucalense Editora, 1953.

SARDUY, Severo. *Barroco*. Trad. Maria de Lurdes Júdice e José Manuel de Vasconcelos. Lisboa, Vega Limitada, 1988.

SIMÕES, J. M. dos Santos. *Azulejaria em Portugal no Século XVIII*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

Simpósio Internazionale sul Barocco Latino Americano. Atti vol. I. Edizione diretta da Vittorio Minardi. A cura di: Elena Clementelli/Fatiana Seghi. Roma, Istituto Italo-Latino Americano/ UNESCO, 1980. (Comunicações de Bernardino Bravo Lira, Manuel Migone, José Antonio Portuondo, Leopoldo Zea, Eugenio Battisti, Marcelo Fagiolo, Piero Maria Bardi, Lygia Martins Costa, Francisco Stastny, Myriam Andrade

Ribeiro de Oliveira, Elisa Vargas Lugo, Damián Bayón, Guillermo Tovar de Teresa, Diego Angulo Iniguez, Fernando Chueca Goitia, José García Bryce, Erwin Walter Palm, Antonio Bonet Correa, Mário Barata, Pavel Štěpánek, Julia Alessi de Nicolini, Maurice Piazola, Paolo Portoghesi, Mario Sartor, Jorge Alberto Manrique, Josefina Plá, Alberto Raúl Nicolini, Alberto Corradini Angulo, Jesús Aguirre Cárdenas, Ramón Gutiérrez, Graziano Gasparini, Santiago Sebastián López, Romolo Trebbi del Trevigiano, Héctor Schenone, Luis Luján Muñoz, José María Vargas, Ximena Escudero de Terán, Jorge Bernalles Ballesteros, Leonardo Ramírez Uribe, Marco Díaz e Jorge E. Homa).

SITWELL, Sacheverell. *Southern Baroque Revisited*. London, Weidenfeld and Nicolson, 1967.

SMITH, Robert. *A Talha em Portugal*. Lisboa, Livros Horizonte, 1962.

TAPIÉ, Victor. *Barroco e Classicismo I e II*. Trad. Lemos de Azevedo. Lisboa, Editorial Presença, 1974.

TAPIÉ, Victor-L. *O Barroco*. Trad. Armando Ribeiro Pinto. São Paulo, Editora Cultrix/ Editora da USP, 1983.

TEIXEIRA, Luís Manuel. *Dicionário Ilustrado de Belas Artes*. Lisboa, Editorial Presença, 1985.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vocabulário Arquitetónico*. Belo Horizonte, Escola de Arquitetura da UFMG.

VILLARI, Rosario e Outros. *O Homem Barroco*. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa, Editorial Presença, 1995.

WACKERNAGEL, Martin. *Barroco II e Rococó*. Trad. Maria do Céu Guerra de Oliveira. Lisboa, Editorial Verbo, 1969. Coleção "Ars Mundi".

WACKERNAGEL, Martin. *Renascimento e Barroco I*. Trad. Maria Teresa Pereira Viana. Lisboa, Editorial Verbo, 1969. Coleção "Ars Mundi".

WEISBACH, Werner. *El Barroco - Arte de la Contrarreforma*. Trad. y ensayo preliminar de Enrique Lafuente Ferrari. 2ª ed., Madrid, Espasa-Calpe, 1948.

WOLF, Robert F., MILLER, Ronald et ANDERSEN, Liselotte. *L'Art de la Renaissance et du Baroque*. Trad. Thérèse Henrot et Sonia de la Brélie. Paris/ Bruxelles, Éditions Elsevier Séquoia, 1980.

WÖLFFLIN, Enrique [Heinrich]. *Conceptos Fundamentales de la Historia del Arte*. 3 ed., Madrid, Espasa-Calpe, 1952; 5ª ed., trad. José Moreno Villa, Madrid, Espasa-Calpe, 1970.

WÖLFFLIN, Heinrich. *Renascença e Barroco*. Trad. São Paulo, Editora Perspectiva. Coleção Stylus, 7.

2. BARROCO NO BRASIL. ASSUNTOS CORRELATOS.

AMARAL, Aracy. *A Hispanidade em São Paulo. Da Casa Rural à Capela de Santo Antônio*. Separata de *Barroco 7*, Belo Horizonte, 1975. - Ed. definitiva: São Paulo, Livraria Nobel/EDUSP, 1981.

ANDRADL, Mário de. *Padre Jesuino do Monte Carmelo*. Rio de Janeiro, Publicações do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 14, 1945.

Arquitetura Civil I. Textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Diversos autores. São Paulo, MEC/IPHAN/ USP/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1975.

Arquitetura Civil II. Textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Diversos autores. São Paulo, MEC/IPHAN/ USP/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1975.

Arquitetura Civil III. Mobiliários e Alfaias. Textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Diversos autores. São Paulo, MEC/IPHAN/ USP/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1975.

ÁVILA, Affonso. *Do Barroco ao Modernismo. O Desenvolvimento Cíclico do Projeto Literário Brasileiro*. In *O Modernismo* (Coordenação e Organização). São Paulo, Editora Perspectiva, 1975. Coleção Stylus, I.

ÁVILA, Affonso. *Festa Barroca. Ideologia e Estrutura*. In *América Latina. Palavra, Literatura e Cultura*. Vol. I. *A Situação Colonial*. Org. Ana Pizarro. São Paulo, Fundação Memorial da América Latina, 1993.

ÁVILA, Affonso. *MINOR Livro de Louvores*. Belo Horizonte, Rona Editora, 1996. Memórias de Ofício I.

BARATA, Mário. *Igreja da Ordem 3ª da Penitência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1975.

BARREIRO, Paulo Thedim. *Casas de Câmara e Cadeia*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. XVI, Rio de Janeiro, 1947, p. 9 a 195.

BAZIN, Germain. *L'Architecture Religieuse Baroque au Brésil*. Paris, Librairie Plon, tomo I, 1956, tomo II, 1958. - Ed. brasileira: *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*, 2 vols. Trad. Glória Lúcia Nunes e revisão técnica de Mário Barata. Rio de Janeiro, Editora Record, 1983.

Bens Culturais Arquitetônicos no Município e na Região Metropolitana de São Paulo. São Paulo, SNM/EMPLASA/ SEMPLA, 1984.

BORGES, Ana Maria e PALACIN, Luiz. *Patrimônio Histórico de Goiás*. Goiânia, J. Câmara S/A, s/d.

BURY, John. *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*. Organização de Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo, Nobel, 1991.

CAMPIGLIA, G. Oscar Oswaldo. *Igrejas do Brasil. Fontes para a História da Igreja no Brasil*. São Paulo, Edições Melhoramentos, s/d.

CAMPOS, Haroldo de. *O Sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira. o Caso Gregório de Mattos*. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

CARDOSO, Joaquim. *Um Tipo de Casa Rural do Distrito Federal e Estado do Rio*. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. VII, Rio de Janeiro, 1943. Reproduzido in *Arquitetura Civil II*, cit., p. 1 a 46.

CARVALHO, Benjamin de A. *Igrejas Barrocas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1966.

CASTEDO, Leopoldo. *A Constante Barroca na Arte Brasileira*. Rio de Janeiro, MEC/CFC, 1980.

COSTA, Lúcio. *A Arquitetura dos Jesuítas no Brasil*. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. V, Rio de Janeiro, 1941, p. 9 a 103.

COSTA, Lúcio. *Documentação Necessária*. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. I, Rio de Janeiro, 1937. Reproduzido in *Arquitetura Civil II*, cit., p. 89 a 98.

COSTA, Lúcio. *Notas sobre a Evolução do Mobiliário Luso-Brasileiro*. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. III, Rio de Janeiro, 1939. Reproduzido in *Arquitetura Civil III Mobiliário e Alfaias*, cit., p. 133 a 146.

DEI NEGRO, Carlos. *Do Ornamento*. Rio de Janeiro, Universidade do Brasil, 1961.

ETZEL, Eduardo. *Arte Sacra Berço da Arte Brasileira*. São Paulo, Melhoramentos, 1986.

ETZEL, Eduardo. *O Barroco no Brasil Psicologia Remanescentes em São Paulo, Minas, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul*. São Paulo, Melhoramentos/USP, 1974.

FERRER, Anêmona Xavier de Basto. *Monumentos Construídos pelos Portugueses no Brasil*. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. XV, Rio de Janeiro, 1961, p. 231 a 272.

FRAGOSO, Danilo. *Velhas Ruas do Recife*. Recife, Imprensa Universitária/UFP, 1971.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Desenvolvimento da Civilização Material no Brasil*. Rio de Janeiro, Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 11, 1944.

FREIRE, Laudelino. *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. 5 volumes, 3ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1957. Consultar esp. verbetes sobre nomenclatura e semântica arquitetônico-artísticas.

FREYRE, Gilberto. *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1961.

FREYRE, Gilberto. *Olinda*. 2ª Guia

Prático, Histórico e Sentimental da Cidade Brasileira. 4ª ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1968.

GÉO-CHARLES. *L'Art Baroque au Brésil*. Paris, Les Editions Internationales, 1956.

HERTAL, Stanislaw. *Imagens Religiosas do Brasil*. Trad. Elisa Schaffinan e Pontes de Paula Lima. São Paulo, Ed. do Autor, 1956.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Coordenação e Organização. História Geral da Civilização Brasileira*. 9 vols. São Paulo, DIFEL, s/d.

Inventário de Proteção do Acervo Cultural Vol I Monumentos do Município do Salvador - Bahia. Coord. Paulo Ormindo D. de Azevedo. Salvador, Secretaria da Indústria e Comércio/Coordenação de Fomento ao Turismo, 1975.

Inventário de Proteção do Acervo Cultural Vol II Monumentos e Sítios do Recôncavo, I Parte - Bahia. Coord. Paulo Ormindo David de Azevedo. Salvador, Secretaria da Indústria e Comércio/Coordenação de Fomento ao Turismo, 1978.

Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia Vol III Monumentos e Sítios do Recôncavo, II Parte. Coord. Paulo O. D. de Azevedo. Salvador, Secretaria da Indústria e Comércio, 1982.

Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia Vol IV Monumentos e Sítios da Serra Geral e Chapada Diamantina. Coord. Paulo O. D. de Azevedo. Salvador, Secretaria da Indústria e Comércio, Convênio SPHAN/Estado da Bahia, 1980.

KNOFF, Udo. *Azulejos da Bahia*. Revisão histórico/documental de Olímpio Pinheiro. Rio de Janeiro/Salvador, Livraria Kosmos/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986.

LEMOS, Carlos A. C. *Arquitetura Brasileira*. São Paulo, Edições Melhoramentos/EDUSP, 1979.

LEMOS, Carlos A. C. et alii. *Arte no Brasil*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, vol. 1.

LISANTI FILHO, Luis. *Negócios Coloniais (Uma Correspondência Comercial do Século XVIII)*. Brasília, Ministério da Fazenda; São Paulo, Visão Editorial, 1973, vol. I, p. LXXIX a XCVI.

MACHADO, Julio Cesar. *O Barroco Carioca*. Rio de Janeiro, Rio Arte e GRD, 1987.

MARIANO FILHO, José. *Estudos de Arte Brasileira*. Rio de Janeiro, Mendes Júnior, 1942.

MARX, Murillo. *Cidade Brasileira*. São Paulo, Edições Melhoramentos/ EDUSP, 1980.

MEIRA Filho, Augusto. *O Bi-Secular Palácio de Landi*. 3ª ed, Belém, Fundação Cultural do Estado, 1974.

Mobiliário, Vestuário, Jóias e Alfaias dos Tempos Coloniais - Notas para uma Nomenclatura Baseada em Documentos Coevos. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. IV, Rio de Janeiro, 1940. Reproduzido in *Arquitetura Civil III - Mobiliário e Alfaias*, cit., p. 157 a 175.

PERES, Fernando da Rocha. *Memória da Sé*. Bahia, Edições Macunaima, 1974.

PIANZOIA, Maurice. *Brésil Baroque*. Genève, Les Editions de Bonvent, 1974.

PINTO, Estevão. *Muxarabis e Balcões*. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. VII, Rio de Janeiro, 1943. Reproduzido in *Arquitetura Civil II*, cit., p. 47 a 88.

PIO, Fernando. *A Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento do Bairro de Santo Antônio e sua História*. Recife, Editora Universitária da UFP, 1973.

PIO, Fernando. *A Ordem Terceira de São Francisco do Recife e suas Igrejas*. 4ª ed. Recife, Imprensa Universitária da UFPe., 1967.

PIO, Fernando. *História da Matriz da Boa Vista e seu Monumental Frontispício*. Recife, Imprensa Universitária da UFP, 1967.

PONTUAL, Roberto. *Dicionário das Artes Plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1969.

RODRIGUES, José Wasth. *A Casa de Moradia no Brasil Antigo*. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. IX, Rio de Janeiro, 1945. Reproduzido in *Arquitetura Civil I*, cit., p. 283 a 318.

RODRIGUES, José Wasth. *Documentário Arquitetônico Relativo à Antiga Construção Civil no Brasil*. 2ª edição. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo/Livraria Martins Editora, 1975. - 4ª ed.: Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/ USP, 1979.

SAIA, Luiz. *Notas sobre a Evolução da Morada Paulista*. São Paulo, Editora Acrópole, 1957.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. *A Singularidade da Obra de Veiga Valle*. Goiânia, Universidade Católica de Goiás, 1983.

SANTOS, Reinaldo dos. *As Artes Plásticas no Brasil, Antecedentes Portugueses e Exóticos*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1968.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 9ª edição, 2 volumes, Lisboa, Editora Empresa Litteraria Fluminense, s/d. - Tratando-se do primeiro dicionarista brasileiro e de Dicionário que teve sua 1ª ed. em Lisboa, 1789, é fonte importante de consulta para a nomenclatura e a semântica relativas ao período barroco no Brasil e, especificamente, em Minas Gerais.

SILVA-NIGRA, Dom Clemente Maria da. *Convento de Santa Teresa. Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia*. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1972.

SIMONSEN, Roberto. *História Econômica no Brasil*. 1500 - 1820. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1937, 2 vols. - Brasileira, 100 e 100-A.

SMITH, Robert C. *Alguns Desenhos de Arquitetura Existentes no Arquivo Histórico Colonial Português*. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. IV, Rio de Janeiro, 1940, p. 209 a 249.

SMITH, Robert C. *Arquitetura Civil no*

Período Colonial. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. XVII, Rio de Janeiro, 1969. Reproduzido in *Arquitetura Civil I*, cit., p. 95 a 190.

TELLES, Augusto C. da Silva. *Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1969.

TELLES, Augusto C. da Silva. *Vassouras Estudo da Construção Residencial Urbana*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. XVI, Rio de Janeiro, 1967. Reproduzido in *Arquitetura Civil II*, cit., p. 115 a 247.

TELLES, Augusto Carlos da Silva. *Atlas dos Monumentos Históricos e Artísticos do Brasil*. Rio de Janeiro, MEC/DAC/FENAME, 1975.

TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão Pará Instantes e Evocações da Cidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963.

VALADARES, Clarival do Prado. *Aspectos da Arte Religiosa no Brasil Bahia, Pernambuco, Paraíba*. Rio de Janeiro, Odebrecht, 1981.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil - Sistemas Construtivos*. Belo Horizonte, Escola de Arquitetura da UFMG, 1959.

VAUTHIER, L. L. *Casas de Residência no Brasil*. Introdução de Gilberto Freyre. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. VII, Rio de Janeiro, 1943. Reproduzido in *Arquitetura Civil I*, cit., p. 1 a 94.

ZANINI, Walter e Outros. *História Geral da Arte no Brasil*. 2 vols. São Paulo, Instituto Walther Moreira Salles/Fundação Djalma Guimarães, 1983.

3. BARROCO/ROCOÇÓ MINEIRO. ASSUNTOS CORRELATOS.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Passeio a Diamantina*. Ilustrações de Guignard. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1960.
ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Passeio a Ouro Preto*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1971.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Passeio a Sahará*. Ilustrações de Guignard. 2ª ed. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1956.
ANDRADE, Mário de. *O Aleijadinho e Alvares de Azevedo*. Rio de Janeiro, R. A. - Editora, 1935.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos das Artes Plásticas no Brasil*. São Paulo, Martins Editora, 1965. - Com a reprodução do estudo sobre o Aleijadinho.

ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. *Pintura Colonial em Minas Gerais*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 18. Rio de Janeiro, IPIHAN, 1978.

ARAÚJO, José de Souza Pizarro e. *Memórias Históricas do Rio de Janeiro [1822]*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948. Vol. 8, tomo 2. - Referências às Igrejas da Capitania de Minas Gerais subordinadas ao Bispado do Rio de Janeiro antes da criação do Bispado de Mariana.

ÁVILA, Affonso. *Áurea Idade da Áurea Terra*. Livro II de *O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco*. 3ª ed. São Paulo, Editora Perspectiva, 1994. Coleção Debates, 35.

ÁVILA, Affonso. *Igrejas e Capelas de Sahará*. Separata da revista *Barroco*, nº 8. Belo Horizonte, UFMG, 1976.

ÁVILA, Affonso. *Iniciação ao Barroco Mineiro*. Com a colaboração da historiadora Cristina Ávila. São Paulo, Nobel, 1984.

ÁVILA, Affonso. *Minas Gerais/Monumentos Históricos e Artísticos - Circuito do Diamante* (Coordenação e redação definitiva). Belo Horizonte, co-edição revista *Barroco* 16/Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e

Culturais. Coleção Mineiriana, Série Municípios e Regiões, 1, 1ª ed., 1994; 2ª ed., 1995.

ÁVILA, Affonso. *O Teatro em Minas Gerais Séculos XVIII e XIX*. Ouro Preto, Secretaria Municipal de Turismo e Cultura/ Museu da Prata, 1978.

ÁVILA, Affonso. *Resíduos Seiscentistas em Minas*. Com a edição crítica e fac-similar do *Triunfo Eucarístico* (Lisboa, 1734) e do *Aureo Trono Episcopal* (Lisboa, 1749). 2 volumes. Belo Horizonte, Centro de Estudos Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais, 1967.

ÁVILA, Affonso, GONTIJO, João Marcos Machado e MACHADO, Reinaldo Guedes. *Barroco Mineiro/Glossário de Arquitetura e Ornamentação*. Rio de Janeiro, Fundação João Pinheiro/Fundação Roberto Marinho, 1979. 2ª ed., São Paulo, FJP/FRM/Cia. Editora Nacional, 1980; 3ª ed., Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, Coleção Mineiriana, Série Obras de Referência, 1, 1996. Ensaio introdutório de Affonso Ávila.

ÁVILA, Cristina. *Relação Texto-Imagem no Barroco Mineiro. A Arte das Iluminações*. Excerto da dissertação de Mestrado, sob o mesmo título, São Paulo, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/ USP), 1993. – In *Sociedade e Estado*, vol. VII, Brasília, Universidade de Brasília, 1ª ed., 1993; 2ª ed., 1995.

BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Livraria – Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1957. Novas edições: Rio de Janeiro, Edições de Ouro.

BARRETO, Paulo Thedim. *Análise de Alguns Documentos Relativos à Casa de Câmara e Cadeia de Mariana*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. XVI, Rio de Janeiro, 1967, p. 219 a 251.

BAZIN, Germain. *Aleijadinho et la Sculpture Baroque au Brésil*. Paris, Les Éditions du Temps, 1963. – Ed. brasileira: *O Aleijadinho e a Escultura Barroca no Brasil*. Trad. Marisa Murray. Rio de Janeiro, Editora Record, 1971.

BOSCHI, Caio C. *Barroco Mineiro Artes e Trabalho*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.

BOSCHI, Caio César. *Fontes Primárias para a História de Minas Gerais em Portugal*. Belo Horizonte, Conselho Estadual de Cultura, 1979.

BOXER, C. R. *A Idade de Ouro do Brasil*. Trad. Nair de Lacerda. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1963.

CALDAS, José Antônio. *Notícia Geral de Toda esta Capitania da Bahia Desde o seu Descobrimento Até o Presente Ano de 1759*. Reprodução fac-similar. Salvador, Beneditina, 1951. – Com referências às Igrejas de Minas Gerais à época (1759) subordinadas à Capitania e/ou Bispado da Bahia.

Campos das Vertentes. O Brasil na Fonte. Coord. editorial de Ângela Gutierrez, roteiro e criação gráfica de José Alberto Nemer, fotografia de Rui Cezar dos Santos, texto de Ângelo Oswaldo de Araújo Santos e assistente de layout & design Sérgio Luz. Belo Horizonte, Construtora Andrade Gutierrez/ Janela Gráfica, 1989.

CARRATO, José Ferreira. *Igreja, Iluminismo e Escolas Mineiras Coloniais. Notas sobre a Cultura e Decadência Mineira Setecentista*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1968. Coleção Brasileira, 334.

CARVALHO, Feu de. *Ementário da História Mineira*. Belo Horizonte, Edições Históricas, 1933.

CARVALHO, Feu de. *Pontes e Chafarizes de Villa Rica de Ouro Preto*. Belo Horizonte, Edições Históricas, 1935.

DEL NEGRO, Carlos. *Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira*. Rio de Janeiro, Publicações do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 20, 1958.

DEL NEGRO, Carlos. *Escultura Ornamental Barroca do Brasil. Portadas de Igrejas de Minas Gerais*. 2 vols. Belo Horizonte, Edições Arquitetura, 1967.

DEL NEGRO, Carlos. *Nova Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira (Norte de*

Minas). *Pinturas dos Tetos de Igrejas*. Rio de Janeiro, MEC/IPHAN, 1978.

DIAS, Hécia. *O Mobiliário dos Inconfidentes*. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. 3, Rio de Janeiro, 1939. Reproduzido in *Arquitetura Civil III - Mobiliário e Alfaias*, cit., p. 147 a 156.

ENGRACIA, Padre Julio. *Relação Chronologica do Sanctuario e Irmandade do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo, Salesianas, 1908.

FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo*. São Paulo, Gráfica Revista dos Tribunais, 1962. *Brasiliensia Documenta*, vol. 3.

FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *Nas Paragens do Aleijadinho (Guia das Minas Gerais)*. Textos em português, castelhano, francês, inglês e alemão. Ilustrações de J. Wash Rodrigues. São Paulo, Gráfica da "Revista dos Tribunais", 1955.

FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *Relíquias da Terra do Ouro*. São Paulo, Graphicar F. Lanzara, 1946. *Brasil Pitoresco, Tradicional e Artístico*, 5.

FERNANDES, Orlandino Seitas. *Ciclo de Conferências sobre Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho - Época, Vida e Obra Artística*. Belo Horizonte, Universidade Católica de Minas Gerais, 1971.

FROTA, Lélia Coelho. *Ataide*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

FROTA, Lélia Coelho. *Tiradentes Retrato de uma Cidade*. Prefácio de Francisco Iglésias. Rio de Janeiro, Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1993.

FURTADO, Tancredo. *O Aleijadinho e a Medicina*. Belo Horizonte, Centro de Estudos Mineiros, 1970.

GRAVATÁ, Hélio. *Bibliografia sobre Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho*. Separata de *Barroco*, 2. Belo Horizonte, Centro de Estudos Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais, 1970 (Com a reprodução fotografada de *Traços*

biographicos relativos ao finado Antonio Francisco Lisboa, de Rodrigo José Ferreira Bretas, em "Correio Oficial de Minas", Ouro Preto, 19 e 23 de agosto de 1858).

GRAVATÁ, Hélio. *Iconografia Mineira do Período Colonial*. Introdução de Affonso Ávila. Separata de *Barroco* 13, Belo Horizonte, 1984/5. Com a reprodução fotográfica de 58 desenhos, gravuras, mapas e outros documentos iconográficos do século XVIII e duas primeiras décadas do século XIX.

Guia dos Bens Tombados de Minas Gerais. Coordenação e pesquisa de Wladimir Alves de Souza. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1984.

JARDIM, Márcio. *Aleijadinho Uma Síntese Histórica*. Belo Horizonte, Stellarum, 1995.

JULIÃO, Carlos. *Riscos iluminados de figurinhos de brancos e negros dos uzos do Rio de Janeiro e Serro do Frio, aquarelas por Carlos Julião* [artista italiano, ativo no Brasil entre 1764 e 1795]. Introdução e organização de catálogo descritivo por Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1960.

LATIF, Miran de Barros. *As Minas Gerais*. Rio de Janeiro, Agir Editora, 1978.

LOPES, Francisco Antônio. *História da Construção da Igreja do Carmo de Ouro Preto*. Rio de Janeiro, Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 8, 1942.

LOPES, Francisco Antônio. *Os Palácios de Vila Rica*. Belo Horizonte, 1955.

MACEDO, Epaminondas de. *Relatórios sobre Restaurações em Ouro Preto - 1935/7*. In *Documentário da Ação do Museu Histórico Nacional na Defesa do Patrimônio Tradicional do Brasil*. Anais do Museu Histórico Nacional, vol. V, 1944, Rio de Janeiro, 1948.

MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco Mineiro*. Introdução e organização de Francisco Iglésias. São Paulo, Editora Perspectiva, 1969. Coleção Debates, 11.

MACHADO, Lourival Gomes. *Reconquista de Congonhas*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, MCMLX.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *Araraial do Tyuco, Cidade Diamantina* 2ª ed. São Paulo, Martins Editora, 1957.

MARTINS, Judith. *Dicionário de Artistas e Artífices dos Séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. 2 vols. Rio de Janeiro, Publicações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 27, 1974.

MELLO, Suzy de. *Barroco Mineiro*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

MENEZES, Furtado de. *A Religião em Ouro Preto*. In *Bi-Centenário de Ouro Preto - 1711-1911*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, p. 205 a 308. - Nova ed.: *Igrejas e Irmandades de Ouro Preto. A Religião em Ouro Preto*. Belo Horizonte, IEPHA/MG, 1975.

MENEZES, Ivo Porto de. *Arquitetura Sagrada*. Ouro Preto, Bernardo Alvares, 1962.

MENEZES, Ivo Porto de. *Fazendas Mineiras*. Belo Horizonte, Escola de Arquitetura da UFMG, 1969. Documentário Arquitetônico, 6.

MENEZES, Ivo Porto de. *Manuel da Costa Athaide*. Belo Horizonte, Edições Arquitetura, 1, 1965.

MENEZES, Ivo Porto de. *O Palácio dos Governadores de Cachoeira do Campo*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. XV, Rio de Janeiro, 1961. Reproduzido in *Arquitetura Civil III - Mobiliário e Alfaias*, cit., p. 107 a 132.

MENEZES, Ivo Porto de. *Vãos na Arquitetura Tradicional Mineira*. 2ª ed. Belo Horizonte, Edições Arquitetura, 1964.

MIRANDA, Selma Melo. *Arquitetura Religiosa no Vale do Piranga*. Belo Horizonte, Separata de *Barroco* 13, 1984/5.

Museu da Inconfidência (II). Prefácio de Rui Mourão. Vários colaboradores. São Paulo, Banco Safra, 1995.

Objetos da Fé - Oratórios Brasileiros.

Coleção Ângela Gutierrez. Apresentações de Ângelo Oswaldo de Araújo Santos e Ângela Gutierrez. Textos de pesquisa e análise de Cristina Ávila, Silvana Cançado Trindade e Adriano Ramos. Belo Horizonte, 1991; 2ª ed., revista e ampliada, 1994; 3ª e 4ª eds., 1994.

OLIVEIRA, Franklin de. *Morte da Memória Nacional*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *A Pintura de Perspectiva em Minas Colonial*. Belo Horizonte, Separata de *Barroco* 10, 1978/9 - *A Pintura de Perspectiva em Minas Gerais - Ciclo Rococó*. Belo Horizonte, Separata de *Barroco* 12, 1982/3. (As pesquisas e definições da autora foram úteis para a descrição de fases e partidos no verbete PINTURA NO PERÍODO COLONIAL MINEIRO deste Glossário).

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *Aleijadinho - Passos e Profetas*. Belo Horizonte, Itatiaia/EDUSP, 1985.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *Capitais das Minas no Século XVIII: Ouro Preto e Mariana*. Fotografias de Hugo Leal. Rio de Janeiro, SAMITRI/SAMARCO, 1987.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O Santuário de Congonhas e a Arte do Aleijadinho*. Belo Horizonte, Edições Dubols, 1981.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *Passos da Paixão (Comentários)*. Rio de Janeiro, Edições Alumbramento, 1984.

Ouro Preto Tempo sobre Tempo. Coord. editorial de Ângela Gutierrez, criação gráfica de José Alberto Nemer, fotografia de Rui Cezar dos Santos e texto de Ângelo Oswaldo de Araújo Santos. Rio de Janeiro, Construtora Andrade Gutierrez/ Spala Editora Ltda., 1985.

PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em Torno da História de Sabará - A Ordem 3ª do Carmo e a sua Igreja - Obras do Aleijadinho no Templo*. Rio de Janeiro, Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 5, 1940.

PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em Torno da História do Sabará*, vol. 2. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1942.

PIRES, P. Heliodoro. *Nas Galerias da Arte e da História*. Petrópolis, Editora Vozes, 1944.

PIRES, P. Heliodoro. *O Aleijadinho Gigante da Arte no Brasil*. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1942 - Nova ed.: *Vida e Obra de Antônio Francisco Lisboa, o Gigante da Arte no Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1961.

RODRIGUES, José Wasth. *Móveis Antigos de Minas Gerais*. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. VII, Rio de Janeiro, 1943. Reproduzido in *Arquitetura Civil III - Mobiliário e Alfaias*, cit., p. 177 a 194.

ROIG, Adrien. *Blaise Cendrars, o Aleijadinho e o Modernismo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1984.

SALLES, Fritz Teixeira de. *Associações Religiosas no Círculo do Ouro*. Coleção Estudos, 1. Belo Horizonte, Centro de Estudos Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais, 1963.

SALLES, Fritz Teixeira de. *Vila Rica (Um Roteiro de Ouro Preto)*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1965.

SANTOS, Paulo F. *Subsídios para o Estudo da Arquitetura Religiosa em Ouro Preto*, I. Rio de Janeiro, Livraria Kosmos, 1951.

SENNA, Nelson de. *Anuário de Minas Geraes*. Vols. 1 a 6. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1906/1918.

SMITH, Robert C. *Congonhas do Campo*. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1973.

SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do Ouro - a Pobreza Mineira no Século XVIII*. Rio de Janeiro, Graal, 1982.

SOUZA, P. Joaquim Silverio de. *Sítios e Personagens*. S. Paulo, Typographia Salesiana, 1897 (Com referências e documentação especiais sobre a construção do

Mosteiro de Macaúbas, Santa Luzia).

TRINDADE, Cônego Raimundo. *A Casa Capitular de Mariana*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. IX, Rio de Janeiro, 1945, p. 217 a 250.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *A Igreja de São José, em Ouro Preto (Documentos do seu Arquivo)*. Rio de Janeiro, Separata da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. 13, 1956.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *Archidiocese de Mariana - Subsídios para a sua História*. Vols. I e II. São Paulo, Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1928; 2ª ed., Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1953/1955.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *Igreja das Mercês de Ouro Preto - Documentos do seu Arquivo*. Rio de Janeiro, Separata da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. 14, 1959.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana*. Rio de Janeiro, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1945. Publicação nº 13.

TRINDADE, Cônego Raimundo. *São Francisco de Assis de Ouro Preto*. Rio de Janeiro, Publicações da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1951.

VASCONCELLOS, Diogo de. *As Obras de Arte - In Bi-Centenário de Ouro Preto - 1711-1911*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas Geraes, p. 133 a 184. Nova ed.: *A Arte em Ouro Preto*. Belo Horizonte, Academia Mineira de Letras, 1934.

VASCONCELLOS, Salomão de. *Ataide Pintor Mineiro do Século XVIII*. Belo Horizonte, Editora Paulo Bluhm, 1941.

VASCONCELLOS, Salomão de. *Mariana e seus Templos (Era Colonial) 1703-1797*. Belo Horizonte, Graphica Queiroz Breynner, MCMXXXVIII.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *A Arquitetura Colonial Mineira*, in *I Seminário*

de Estudos Mineiros. Belo Horizonte, Universidade de Minas Gerais, 1957. p. 59 a 77. - Reproduzido em *Barroco* 10, Belo Horizonte, Conselho de Extensão da UFMG, 1978/9.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil. Pintura Mineira e Outros Temas*. Belo Horizonte, Edições Escola de Arquitetura, 1959.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Capela Nossa Senhora do (I)*. Belo Horizonte, Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais, 1964.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Mineralidade Ensaio de Caracterização*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1968. - 2ª ed., 1981.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Roteiro para o Estudo do Barroco em Minas Gerais*. Arquitetura. Revista do Instituto de Arquitetos do Brasil, nº 78, Rio de Janeiro, dez. de 1968, p. 14 a 18.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica - Formação e desenvolvimento Residências*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1956. - Nova ed.: São Paulo, Editora Perspectiva, 1977. Coleção Debates, 100.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica - Formação e desenvolvimento Residências*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1956. - Nova ed.: São Paulo, Editora Perspectiva, 1977. Coleção Debates, 100.

VASCONCELLOS, Sylvio de e LEFÈVRE, Renée. *Minas - Cidades Barrocas*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1968.

4. PERIÓDICOS ESPECIALIZADOS.

ANUÁRIO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA. 1952. Coleção.

BARROCO. Revista. 1969. Coleção.

REVISTA DA ESCOLA DE ARQUITETURA DA UFMG. Coleção.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. 1896. Coleção.

REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. 1938. Coleção.

DOCUMENTOS:

Apontamentos para a obra q se pretende fazer por conta da Real Fazenda em Vila Rica na casa forte. (Palácio dos Governadores, atual Escola de Minas, em Ouro Preto). Villa Rica, 13 de junho de 1741. José Frz. Pinto Alpoym. Doc. 28. Revista do Arquivo Público Mineiro, vol. VI, Belo Horizonte, 1901, p. 573 e segs.

Condições com que se há de fazer a Casa Capitular que manda fazer S. Magestade Fidelíssima que Deus guarde para o Ilustríssimo e Reverendíssimo Cabido desta Cidade (Mariana) Segue-se ao Auto de arrematação, datado de 27 de maio de 1770 (Assinado: Vicente Gonçalves Jorge de Almeida/ Francisco Xavier da Silva/ José Botelho Borges/ Francisco Ribeiro da Silva/ José Pereira Arouca). Transcrito in TRINDADE, Cônego Raimundo. *A Casa Capitular de Mariana*, cit., p. 228 a 237.

Documentos diversos alusivos à construção da Igreja da Ordem 3ª do Carmo de Ouro Preto. Transcritos in LOPES, Francisco Antônio, ob. cit.

Documentos diversos alusivos à construção da Igreja da Ordem 3ª do Carmo de Sabará. Transcritos in PASSOS, Zoroastro Vianna, ob. cit.

Documentos diversos alusivos à construção da Igreja da Ordem 3ª de São Francisco de Assis de Ouro Preto.

Transcritos in TRINDADE, Cônego Raimundo. *São Francisco de Assis de Ouro Preto*, cit.

Pinturas da Igreja do Rosário (Mariana) 1826. Autor: O. Alf's Manoel da Costa Athaide Reos. Os Mezaros da Irm e da Sra e do Rosário desta Cidade. Libello Escrito em Costa, traslado dos proprios autos qu vão por appellação p a a Sup am da Corte. Anuário do Museu da Inconfidência, ano III, Ouro Preto, 1954, p. 149 a 158.

*Registro das condições com que se rematou a nova obra da Cadeia e casa da Câmara desta cidade segue-se ao Auto de arrematação, datado de 20 de outubro de 1782 ("e rematou o Alferes José Pereira Araujo, na forma das condições, e usco"). Livro 6º de termos de arrematações da Câmara Municipal de Mariana, fls. 191 e 192 v. e segs. Transcrito in BARRETO, Paulo Thedim. *Análise de alguns documentos relativos à Casa de Câmara e Cadeia de Mariana*, cit., p. 226/7 e 231 a 242.*

Risco para a Casa de Açougue de Vila Rica. Recibo de Antônio Francisco Lisboa. Arquivo Público Mineiro. Delegacia Fiscal. Códices 209 (pagamento) e 361 (desenho).

Fontes Primárias para apoio ao estudo do Barroco em Minas Gerais:

- Arquivos da SPHAN no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Ouro Preto, Mariana, etc

- Documentação levantada pela Fundação João Pinheiro para projetos na área de Cidades Históricas.

- Arquivo do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA-MG).

- Coleções de jornais antigos do Arquivo Público Mineiro e outros acervos similares.

- Códices e avulsos da Secretaria do Governo, de Senados das Câmaras ou

de Câmaras Municipais e outros papéis oficiais, integrantes das seções Colonial e Provincial do Arquivo Público Mineiro.

- Relatórios, instruções e memórias referentes aos governos da Capitania e da Província, existentes no Arquivo Público Mineiro.

- Arquivos das Cúrias de Mariana, Diamantina, Belo Horizonte e outros arquivos eclesiásticos das sedes de Bispados em Minas, Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, Goiás e Pernambuco.

- Arquivos paroquiais das Igrejas Matriz de Minas

- Arquivos de Ordens Terceiras, Irmandades e outras associações religiosas de Minas.

- Documentação cartorial ou municipal ainda não recolhida ao Arquivo Público Mineiro.

- Documentação recolhida a arquivos de Museus e órgãos de pesquisa universitários.

- Arquivos particulares de pesquisadores e especialistas.

- Arquivo Municipal de Belo Horizonte

- Outras fontes de interesse, localizadas em outras partes do País e no Exterior, especialmente o Arquivo Histórico Nacional e a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e o Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa e outros Arquivos oficiais ou de Universidades ou entidades de pesquisa em Portugal.

NOTA:

Na elaboração de alguns desenhos que ilustram este GLOSSÁRIO, foram utilizados como fontes os seguintes trabalhos:

COSTA, Lúcio. *A Arquitetura Jesuítica no Brasil*. cit. Figs. 53, 54 e 55.

REIS, Galileu. *Inventário, levantamento e vistoria de Bens Culturais (Edificações). Metodologias*. Belo Horizonte, Centro de Desenvolvimento Urbano da FJP, 1974, (texto para circulação interna). Figs. 2, 7, 7-A, 7-B, 13, 14, 16, 19, 20, 20-A, 26-A, 26-B, 30 e 30-A.

RODRIGUES, José Wasth. *Documentário Arquitetônico*, cit. Figs. 5, 10 e 15.

SANTOS, Paulo F., ob. cit. Figs. 18, 28 e 29.

SMITH, Robert. *A Talha em Portugal*, cit. Fig. 56-A.

Capa
Risco de Antônio Francisco Lisboa,
o *Aleijadinho*, para o frontispício da Igreja
de São Francisco de Assis,
em São João del-Rei
(Museu da Inconfidência - Ouro Preto)

Capa Interna
Recibo firmado por Antônio Francisco Lisboa,
o *Aleijadinho*,
(Museu da Inconfidência - Ouro Preto)

Letras Capitulares
do livro *Aureo Trono Episcopal* (Lisboa - 1749)

Este livro foi impresso em papel Alta Alvura 120 g (miolo),
couchê fosco 120 g (fotos) e kraft 110 g.
Texto principal em Times New Roman e títulos dos verbetes
em Univers, corpo 10,5. Tiragem de 2.000 exemplares.
Fotolitos Fotoprint e impressão Editora Gráfica Formato.

Belo Horizonte
Primavera de 1996
FJP/CEHC

Recebi do Cíndico
Normas do Procurador
alopta da obra do 2º
estar devido para este
V. Rica 22 de

da Orde 3. del. Fran.
Porenta Oytava de ouro
do da Capeta mor por
dem. Letravelinal
n.º 81792

Fr. Fran. ~~de~~ ~~de~~

1. NAME _____



